Barbara Gancia

A SAIDEIRA

Uma dose de esperança depois de anos lutando contra a dependência

"QUANDO O MUNDO ESTIVER UNIDO NA BUSCA DO CONHECIMENTO, E NÃO MAIS LUTANDO POR DINHEIRO E PODER, ENTÃO NOSSA SOCIEDADE PODERÁ ENFIM EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."

A SAIDEIRA

Barbara Gancia

A SAIDEIRA

Uma dose de esperança depois de
anos lutando contra a dependência

Planeta

18-1697

Índices para catálogo sistemático:
1. Alcoólatras - Autobiografia

Para Marcela, o maior presente
que a recuperação me deu.

Concedei-me, Senhor, a serenidade necessária
para aceitar as coisas que eu não posso modificar,
coragem para modificar aquelas que posso e
sabedoria para reconhecer a diferença.

Oração da serenidade

Sumário

É dose

Como é que eu fui parar em Cotia?

Há anos colecionava suspeitas informais de que minha picada na trilha da vida me conduziria até aquela sala, naquele dia inespecífico do mês de maio de 1988, no período mais danado de um daqueles outonos que pegavam São Paulo de surpresa quando o derretimento das calotas polares ainda não era manchete.

Sabia que alguma coisa me impelia, desde o primeiro dia em que me reconheci por Barbara, a viver perigosamente e a chegar às últimas consequências de todas as emoções, sobretudo as mais baratas.

Até a presente temporada em Cotia, na Grande São Paulo, eu tinha sido uma mulher com uma missão, e a agitação, a minha bússola. Ainda que, àquela altura, não soubesse especificar o quanto havia de delito intencional nas minhas práticas diárias, eu me via como uma mulher-bomba, circulando por aí de colete explosivo e com o dedo no detonador. Muito difícil, no meio de minha existência de fervura contínua, de noitada atrás de noitada, auferir o quanto de autoria minha havia ali ou o quanto eu era produto do meio em que cresci.

Naquele domingo gelado, os internos da clínica Recanto Maria Tereza estavam agitados. A rotina da semana seria quebrada depois do café da manhã pela chegada dos parentes que viriam nos visitar e participar das terapias de grupo. Terminada a limpeza dos quartos (cada um tinha de dar conta do seu), íamos para a varanda, de onde se avistava o portão de

entrada, para esperar nossos familiares enquanto fumávamos um cigarro atrás do outro tentando debelar a angústia e o frio.

Eu era recém-chegada à clínica e não conhecia o procedimento domingueiro ou as normas que regiam aquele tipo de convívio.

Nunca tinha ouvido falar em autoajuda nem sido apresentada ao tal programa de 12 Passos.

Minha mãe veio cedo, trazida pelo Carlito, nosso motorista, a quem eu acertadamente já tinha apelidado na época de “Conduzindo Miss Daisy”, em razão de sua devoção à patroa. Em junho de 2016, depois de 41 anos trabalhando conosco, Carlito ajudou a se despedir de minha mãe. Arrisco a dizer que, na cerimônia de cremação, ele estava bem mais emocionado do que meus irmãos e eu.

Um dos médicos de plantão se apresentou para levar minha mãe a outro local onde, segundo ele, se daria a reunião “exclusiva para familiares”.

“Cuma?”

Tinha tido a impressão de que minha progenitora viera de São Paulo para compartilhar a intensidade da experiência comigo, que iríamos juntas assistir ao que eu imaginava ser uma palestra.

Não seja por isso. Para compensar a ausência inesperada de dona Lulla Gancia naquele ritual tão aguardado pelo povo da clínica, e para não deixar o pobre do Carlito na mão no dia de folga que ele gentilmente nos cedeu, eu lancei. “Vamos lá pra reunião dos dependentes comigo, Carlito? É logo ali, na capela da clínica, topa?”

Diga-me, quando foi que o Carlito me negou alguma parada?

A sala estava lotada, muita gente vinda sabe-se lá de onde, habitantes da região sem nenhuma conexão com a clínica se confundiam com os meus colegas de internação: o Peter, descendente de poloneses, um Shrek em matéria de delicadeza, que trabalhava como motorista de caminhão na Petrobras; o Miguel, “pleiba”, herdeiro de “papi” industrial; o PeGê, funcionário-padrão do metrô de São Paulo… Eu conseguia

identificá-los espalhados pela plateia enquanto avançava entre as pessoas à procura de lugar para sentar.

Um sujeito, que eu nunca vira mais gordo, já estava falando lá de cima de uma espécie de palanque improvisado ao lado do púlpito.

Era um cidadão negro, encolhido, 30 e tantos anos, aparentando cinquenta de trabalhos forçados em alguma ilha da Guiana Francesa. O rosto havia adquirido uma textura topográfica e fazia dele o clássico camarada surrado pelas intempéries da vida, das quais recolheu maneirismos identificáveis a milhas de distância, se milhas usássemos, como sendo farta rodagem em bares, botecos, panificadoras ou onde quer que haja quórum para uma rodada de birita.

“Hoje é dia 26 de maio de 1988”, proclamou. “No mesmo dia 26 de maio de outro ano, 1981, eu tomei um fogo fenomenal num churrasco e fui dirigindo levar minha família para casa…”

Quem nunca? O pavio da minha impaciência começou a esquentar. “O que é que eu estou fazendo aqui ouvindo isso?”

O “amizade” do palanque seguia firme no seu relato: “Eu tinha uma Kombi… Velocidade… Capotou… Minha sobrinha morreu…”.

O quê?

A sobrinha dele... o quê?

Gente.

Boca escancarada cheia de dentes, dirijo-me ao Carlito para comunicar que, tchau e bênção, vou indo, até mais, quando me dou conta de que ele está mais pasmo do que eu. Só que por motivo distinto.

“Você ouviu o que ele disse?”

“Hein?”

“Você ouviu o que ele disse, Barbara?”

O sujeito da Kombi continuava matraqueando suas lamúrias indigentes, e eu só querendo me mandar dali.

“Barbara, você ouviu? Ele contou que se acidentou no dia 26 de maio de 1981.”

“Sei. E daí?”

“Esse não foi o mesmo dia que você perdeu a vista naquele acidente na avenida Paulista?”

Sempre soube que, mais cedo ou mais tarde, eu terminaria participando de uma reunião de Alcoólicos Anônimos (AA) igualzinha àquela, do jeito que a gente vê nos filmes. Mas nunca me ocorrera que, na minha primeira ida a uma sala do AA, logo de cara seria confrontada com os demônios que habitavam o âmago do meu ser.

Como bem lembrou Carlito, no dia 26/05/1981, cruzei a avenida Paulista no sinal vermelho a toda velocidade, atingi em cheio um mirrado fusquinha bege, e meu Fiat 147 saiu rodando feito busca-pé. O impacto do meu rosto (naquele tempo o cinto de segurança não era obrigatório) arrancou o espelho retrovisor e eu mergulhei pelo vidro dianteiro de encontro ao asfalto. Quando percebi o tamanho da encrenca, estava sentada descabelada na calçada da rua Peixoto Gomide, em frente ao parque Trianon, olhando para meu ex-carro, que imitava um cãozinho pedindo afago com as quatro rodas no ar e tinha a frente inteiramente destruída. Com a injeção de adrenalina, o porre homérico em que me encontrava um segundo antes de furar o sinal evaporou.

Com o olho esquerdo, podia ver o sangue jorrando do meu supercílio direito. O sujeito do outro carro não parecia machucado nem demonstrava disposição em promover o meu linchamento. Ótimo. Mas o jeito assustado com que ele me esquadrinhava começou a me preocupar. Então eu me dei conta de que estava sentada numa lagoa de sangue.

Foram seis horas de operação para reconstruir meu rosto, mais três para tentar recuperar o olho direito, que, desafortunadamente, encontrou destino irremediável. Tal e qual o da sobrinha do companheiro de clínica.

Aquele cara e eu, nós tínhamos causado um *strike* movidos pelo mesmo desatino, no mesmo dia, em locais diferentes da cidade. Não éramos tão estranhos um ao outro quanto eu imaginara. Resolvi ficar para ouvir o resto.

Bye–bye, *happy hour*

Deu-se um tempo na minha vida em que comecei a perceber uma estranha sincronicidade: toda vez que eu estava bêbada, acontecia alguma grande cagada. E toda vez que, por ventura, eu cometia uma grande cagada, era porque tinha bebido.

Uma parcela expressiva das pessoas do meu convívio também se dava conta dessa coincidência intrigante que insistia em me perseguir. De cabeça, fiz uma lista dos que estariam por dentro dos pungentes acontecimentos que se referiam a mim.

Perceba o drama: 1) toda minha família, incluindo sobrinhos recém-nascidos; 2) meus empregadores; 3) minha funcionária; 4) todos os meus amigos e os meus conhecidos, incluindo os vizinhos; 5) a quase totalidade dos comissários de bordo da ponte aérea; 6) garçons de inúmeros estabelecimentos dentro e fora do Brasil (inclusive aqueles que trabalham a bordo de navios de cruzeiro); e também 7) alguns colegas de trabalho.

Bem, talvez o círculo que conhecia a minha situação periclitante fosse um pouco maior do que eu me dava conta na época. A título de exatidão, melhor aumentar o espectro para as folhas corridas de pagamento da Folha de S.Paulo, do “Caderno 2” do *Estadão* e de todos os andares do prédio da Editora Abril, empresas pelas quais passei. Essa era a real quantidade de colegas que podiam perceber as minhas constantes alterações.

Foi por esse motivo que não fiquei muito abalada quando soube formalmente, oficialmente e oficiosamente que eu tinha um problema que a Organização Mundial da Saúde (OMS) define no protocolo da Classificação Internacional de Doenças (CID) como “Fenômeno comportamental cognitivo e fisiológico após repetido

consumo do álcool, associado ao forte desejo de beber, dificuldade de controlar o consumo e a utilização persistente apesar das consequências nefastas, com prejuízo das atividades e obrigações, aumento da tolerância e, às vezes, abstinência física”. Na cultura do AA, irmandade que apresenta alguns dos melhores resultados no tratamento e na recuperação de dependentes, o alcoolismo é uma doença “incurável, progressiva e fatal”. Ora, eu bem que desconfiava que ambos os acontecimentos, embora exclusivos (fazer “cagada” e beber), não poderiam estar interligados com tamanha intimidade e por tanto tempo, em repetidas oportunidades das mais diversas, se não houvesse uma forte conexão entre eles.

Já tinha construído uma carreira de sucesso como alcoolista ruidosa quando o mentor e *brother*, o jornalista e biógrafo Ruy Castro, me ligou para pedir um favor num sábado qualquer, que eu situo, pelas minhas parcas contas, no mês de maio de 1988.

Ruy não dirige nem sequer patinete. Queria que eu o transportasse no meu possante Fiat 147 até Cotia, onde havia sido internado recentemente por 28 dias para tratar do alcoolismo que praticamente o estava matando. Em outras circunstâncias, eu teria chiado ou até recusado a carona. No meu sabadão, pôxa! Ocorre que Ruy tinha saído da clínica tinindo de sóbrio e permanecido sem beber durante vários dias após receber alta. Fazia por merecer a deferência.

Ele nunca mais tomaria outro porre na vida depois daquela internação, mas, àquela altura, nem ele sabia disso.

Nós todos, que gostávamos muito de Ruy, pessoal da redação da *Folha*, amigos do *Estadão* e do semidefunto *Jornal do Brasil*, estávamos entusiasmados com sua recuperação. Ninguém nunca imaginou que ele conseguiria sair daquela encrenca pra lá de complicada em que a vodca o metera.

Urge que eu deixe registrado na pedra que Ruy Castro foi grande companheiro de prosa e de copo. Todo dia dávamos um perdido na redação da *Folha* (à época, eu escrevia para a “Ilustrada” e ele atuava como repórter especial. Isso foi antes de a *Folha* nos dar, a ele e a mim, colunas assinadas para escrever as bobagens que nos conviessem e antes de eu passar quinze

anos fazendo um suplemento dominical chamado “Revista da Folha”).

Sem falta, fosse na hora do almoço ou no meio da tarde, pouco antes do fechamento do jornal ou logo depois dele, nós seguíamos para o “mosca frita”, boteco frequentado por jornalistas nas imediações da Folha. Também fizemos história no hotel Jandaia, esquina da avenida Rio Branco com a alameda Barão de Limeira, a poucos metros do prédio do jornal, onde era servida uma vodca-tônica com chorinho dos mais generosos do país.

Para efeito de glossário, “mosca frita” é o apelido dado aos estabelecimentos de parcas estrelas equipados com aquele aparelho luminoso que descarrega eletricidade matando muriçocas, percevejos, pernilongos e moscas que se atrevam a pousar na luz. E “chorinho” vem a ser aquele ato de generosidade cristã do garçom quando ele adiciona, a seu critério, um gole de bebida além da dose, a fim de compensar o líquido derramado no ato de servir.

O Jandaia era um típico hotel dos anos 1970 no centro de São Paulo. Graduado com uma solitária estrela, monumento à decadência e mesmo assim “funcionante”, gente a granel circulando para cima e para baixo naquele carpete esgarçado, elevador sem manutenção e paredes com manchas muito suspeitas por todos os lados. No mezanino, garçons com pinta de funcionários de clube, terno branco desestruturado, toalha no braço, gravata preta e muita expediência no *métier*, comandavam a bagunça.

Para quem encara o beber com método, como era o caso do Ruy e também o meu, esse é o tipo de garçom nos braços de quem você deseja dar seu último suspiro. Salve Borba, do São Paulo Golf Club! Salve o Pandoro e seu triunfante esquadrão! Salve a churrascaria Rodeio, onde eu dava expediente diário e cuja conta pagava mensalmente só para imitar o publicitário-sensação Washington Olivetto e o picante – *lato sensu* – colunista Tarso de Castro.

O Jandaia tinha cicatrizes bem visíveis, mas não deixava de ser “bombado”. Uma batelada de artistas da MPB se hospedava

lá, por algum motivo que presumo estar vinculado à tirania consumada das gravadoras da época, que tratavam artista feito escravo e eram tão mãos-de-vacas quanto aquele cara que não penteia o cabelo para não ter de repartir.

Sempre havia algum famoso indo ou vindo pelo saguão do Jandaia.

Uma vez entrevistei o Tim Maia por telefone: eu nervosíssima e ele simpático demais para ser verdade. A um dado momento, ele interrompeu a entrevista para me fazer uma pergunta bizarra: “Vem cá, porque você está perdendo tempo falando comigo? Por que não desce e vai até o número 423 da Barão de Limeira, pega um fumo, dá uma relaxada e depois vai ao Jandaia dar um rolê?”.

Eu estava em um hiato de dois anos sem beber quando essa conversa se deu – e creio que o Jandaia já tinha até mudado de nome –, mas o Tim Maia era um safado condecorado com honrarias militares. Como o prédio da Folha de S.Paulo está localizado no número 425 da mencionada rua, assim que desligamos o telefone, obviamente, por dever de ofício ou pelo meu faro para a encrenca, fui correndo ver do que se tratava.

Dei com uma lojinha em um corredor escuro, que abrigava uma lavanderia na parte da frente e um balcão ao fundo, onde o freguês fazia apostas no jogo do bicho. Eu passei diante desse lugar todo santo dia, durante séculos, e nunca tinha me dado conta de que aquilo era uma “boca”.

Olha só que danado esse Tim Maia? Na mesma entrevista, ainda mandou a secretária anotar meu nome, endereço e telefone, jurando que me enviaria todos os seus discos lançados em CD. Adivinha se eu recebi?

Retomando o assunto interrompido pelo parêntese feito ao glorioso Tim Maia, lá fomos nós, o hoje consagrado e 100% “limpo” biógrafo e eu, tomar o rumo da clínica Maria Tereza, onde Ruy iria fazer seu retorno médico.

Chegamos ao lugar mais lôbrego e cheio de eucaliptos que pudesse haver em toda a extensão da BR-116. (Eu sei, eu sei. Usar “lôbrego” para descrever um entorno de eucaliptos parece pleonasmo.) Mal chegamos e o Ruy já foi encaminhado para sua

consulta. Puxa, quanta eficiência. Médicos costumam dar cada chá de cadeira. Sobrei ali na recepção, uma espécie de jardim de inverno, e logo voltei meu radar para o zanzar que acontecia do lado de fora.

Devia ser a hora do recreio ou de os internos vagarem e falarem sozinhos. O que eu poderia saber sobre esse assunto, não é mesmo? Grupos de pacientes se juntavam para fumar e conversar embaixo das árvores. Que oportunidade fascinante para ver, de perto, a cara de um maluco beleza. Inspecionei um a um sem conseguir disfarçar. Pela minha mente, um *streaming* de preconceito corria solto. "Então é assim que eles se comportam em grupo? Não parecem muito diferentes de não dependentes", concluí, de cima do meu salto alto, que estava prestes a quebrar.

Um sujeito veio puxar conversa comigo.

Não achei nada demais, sou conversadeira nata, daquelas tão gregárias que me divirto genuinamente até nas eventuais idas à farmácia para comprar um antigripal.

O camarada se abriu, disse que tinha chegado à clínica como paciente, depois trabalhou como médico e agora era supervisor. *Ah tá, sorte sua*. Do nada, perguntou: "Você quer fazer nosso teste padrão que ajuda a saber quem é dependente de álcool?".

Claro que queria, como não? Quem não aproveitaria oportunidade tão perfeita? Quem não iria querer ter em mãos um documento que pudesse até ser plastificado e depois usado para esfregar na fuça de policiais civis, policiais rodoviários, agentes alfandegários, PMs, padres, rabinos, delegados, recepcionistas, seguranças, leões de chácara, juízes (de futebol e outrem), enfermeiros, porteiros, entregadores de pizza e assim por diante? Achei que a ideia daquele homem vinha muito a calhar.

Imediatamente respondi que sim, que queria muito fazer o tal teste. Tinha certeza de que conseguiria dominar a situação. Não seria um teste de uma clínica cheia de eucaliptos que me derrubaria, não é mesmo?

Em paralelo, corria outro pensamento assaz contraditório.

O convite do médico me deu um alívio inesperado, como se alguém estivesse me convidando para participar de um jogo

cujas regras eu já conhecia.

Ele me deixou ali sentada e, em menos tempo do que você levaria para soletrar “alcoólicos anônimos”, voltou com um papel sulfite impresso e me entregou.

As perguntas eram bem objetivas, do tipo: Nos últimos doze meses você tentou parar de beber por uma semana ou mais sem conseguir atingir seu objetivo?

Nos últimos doze meses você invejou as pessoas que podem beber sem criar problemas?

Nos últimos doze meses você discutiu com algum amigo ou parente por causa de bebida?

Nos últimos doze meses você tentou controlar sua tendência de beber demais trocando uma bebida por outra?

Nos últimos doze meses você experimentou apagamento (blecaute), ou seja, acordou sem se lembrar dos acontecimentos da noite anterior?

Nos últimos doze meses você faltou ao trabalho por causa da bebida?

Nos últimos doze meses você foi multado por embriaguez ou teve problemas com a polícia?

Naquele tempo, o questionário tinha vinte ou mais perguntas; hoje, é mais sucinto. Se você respondesse “sim” a quatro ou mais, explicou-me o doutor supervisor quando terminei, é porque apresentava grandes chances de ser alcoólatra. Eu respondi “sim” a todas elas.

Assim que devolvi o questionário para o sujeito, Ruy Castro surgiu triunfal, tal e qual a sua biografada Carmen Miranda; ele veio vindo na minha direção com aquele seu sorriso de gato de Cheshire que lhe ocupa metade do rosto: “Aposto que você respondeu ‘sim’ a todas elas. Eu fiz a mesma coisa!”.

Só me aparece piadista, fala sério!

Bebo porque líquido é

Não sei explicar em todos os detalhes o que me fez parar numa clínica de alcoolismo por um motivo prosaico: eu não lembro. Se há uma coisa que a bebida fez por mim, foi zerar o *software* da minha memória de boa parte do peso das lembranças que eu poderia carregar até hoje pelos danos causados a mim e ao resto da humanidade.

O outro lado dessa moeda é que eu também não me lembro de grande parte dos fatos positivos que possam ter ocorrido por ao menos trinta anos da minha vida.

A conta é alta mesmo, trinta anos. Disse-me minha mãe que a primeira vez que levei um copo de bebida alcoólica à boca eu tinha 3 anos. Isso mesmo, 3 anos.

Numa das tantas festas em nossa casa da avenida República do Líbano, no Jardim Paulista, as quais eu veria encenadas centenas de vezes no decorrer das décadas de 1960 e depois 1970, reza a arqueologia da vida alheia (aquela garimpada a cada vez que você dá um passo em falso que chame a atenção de sua família) que eu teria surpreendido o Alberto, um copeiro divino que trabalhou lá em casa. Era um japonês com modos de mordomo inglês. Ficou conosco, egresso da casa da Hélène Matarazzo, amiga da minha mãe, por quem havia sido estupendamente treinado.

Realmente não me lembro dessa história, pelo amor de Deus, eu mal sabia falar. Mas parece que o Alberto me pescou do chão da copa tomando restos de bebida dos copos que ele havia empilhado num carrinho – desses que também servem como bar – e trazido da sala.

Pelo que me relataram décadas mais tarde, minha mãe ficou assustadíssima com a ocorrência, mas não consta que alguém da família tenha se exaltado a ponto de chamar ambulância, bombeiros ou camburão. E, assim, a vida prosseguiu alegremente.

O Alberto acabou deixando nossa casa contra a vontade dos Gancia depois de contrair dívidas astronômicas no Jockey Club, as quais ele jamais conseguiria saldar. Retirou-se em desgraça para o interior do estado. Minha família tentou ajudar, mas ele tomou chá de sumiço.

Concedo que talvez esteja me atendo ao Alberto e aos problemas dele relativos ao jogo, às mulheres e ao álcool a fim de desviar a sua atenção, excelentíssimo leitor. Não que eu deva satisfações a quem quer que seja, mas me parece óbvio que o que me moveu a beber alcoólicos aos 3 anos não foi a curiosidade pela sensação de euforia causada nem a necessidade de afogar mágoas, tampouco o estresse da vida moderna.

Seja lá o que foi que aconteceu ali, a questão é que não estamos falando de um fato isolado. Há registros de uma nova manifestação exótica dessa natureza quando eu tinha 6 anos. Isso mesmo, 6 anos.

Em São Paulo, muita gente tão antiga quanto eu está familiarizada com a fábrica de chocolates Kopenhagen, cuja sede ficava na rua Joaquim Floriano, no Itaim Bibi, por acaso bem pertinho da nossa casa. A Kopenhagen ainda confecciona um bombom contendo no seu interior uma cereja banhada por um daqueles vinhos dulcíssimos e licorosos. A embalagem, nunca esqueço, era uma caixa vermelha redonda com os bombons embrulhados em papel prateado, algo apuradíssimo – definitivamente não se tratava de material para a primeira infância. Você (eu, no caso) comia o bombom segurando o talo da cereja que estava no interior do chocolate, era um negócio extraordinário. Experiência que eu consegui aprimorar. Minha mãe costumava comprar essa caixa de bombons e deixar no quarto de vestir dela, em cima de um pufe quadrado ao qual eu

tinha acesso livre, afinal se tratava de um pufe e não do Fort Knox.

Para que ninguém mais tarde viesse me reprimir por gulodice ou percebesse que o monstro da compulsão já tinha virado inquilino da emoção daquela simpática menininha, eu desenvolvi um método original de desfrutar do bombom e, ao mesmo tempo, transmitir a impressão de que ele continuava intacto. Minha técnica consistia em abrir o papel laminado e fazer um furinho junto ao talo da cereja que saía de dentro do bombom. Efetuada a delicada operação, eu virava o doce feito *shot* de uísque e sugava o líquido. Depois, recolocava a fita de papel que embrulhava o chocolate sobre o furo e todos os bombons sugados de volta na caixa.

Ainda hoje tenho a impressão – você poderá dizer que se trata de excessiva generosidade minha comigo, e eu lhe mandarei às favas –, mas acredito piamente que fazia aquilo para saciar meu gosto pelo doce – e não para tomar um porre. Devia ser vazio existencial já àquela altura, concordo. Mas era um vazio que buscava ser preenchido pelo conforto do açúcar – e não do álcool.

Não foi pela via do chocolate misteriosamente desprovido de licor que eles me flagraram em franco delito. Acontece que fui pega trançando as pernas no corredor.

Houve mais um episódio, e desse me lembro muito bem. Aconteceu num domingo e, no dia seguinte, pela primeira vez, senti a mais terrível das sensações, pior do que qualquer dor de cabeça, mais estridentemente humilhante do que qualquer vergonha que você possa passar na vida e fomentadora de uma impotência tão paralisante que o faz ter vontade de sumir da vida. Refiro-me à ressaca moral.

Depois da missa na igreja São Gabriel, meu pai levou minha irmã e eu a um churrasco nos arredores de São Paulo, algum lugar tipo Pirapora. Ele ia jogar bola com os amigos do automobilismo, e nós íamos ficar na piscina.

Mas eu encontrei um obstáculo que iria impedir que a programação se cumprisse. O empecilho surgiu na forma de um balde enorme de ponche, cheio de maçãs, laranjas, pêssegos,

abacaxis e folhinhas de hortelã mergulhados num líquido de cor atraente.

Não dei a menor bola se era ou não alcoólico. Quando ninguém estava prestando atenção, ia lá e me servia de uma concha generosa.

Foram me encontrar já no escuro, deitada no meio de uma estrada de terra secundária, olhando para a Lua cheia e cantando. Eu tinha 9 anos. Isso mesmo, 9 anos. Antes que meu mundo viesse abaixo, cheguei a sentir aquele zumbido do qual depois passaria praticamente uma vida correndo atrás, aquela sensação de relaxamento e animação imediatos, uma euforia que marca todas as suas células de maneira tão indelével que elas nunca mais vão deixar você em paz.

Antes que você pergunte “Onde andavam os responsáveis por essa criança, que não viam que ela estava ultrapassando todos os limites?”, eu lhe respondo prontamente que aqueles eram outros tempos; que por ter farta ajuda em casa e observar um código tácito de culpas herdadas, no qual a disciplina passa a ocupar o primeiro lugar, e o prazer, o último, tenho a impressão de que a elite, todas as elites, mantêm algum distanciamento em relação aos seus rebentos. Meus pais conheceram distância ainda maior dos seus. Há de se considerar também que sou temporã (seis e sete anos mais moça do que minha irmã e meu irmão, respectivamente) e que, por ter chegado à família quando meus pais já tinham se estabilizado no Brasil, nunca me senti cobrada a ocupar um papel com roteiro sacramentado. O meu sempre foi um script próprio, não sou livre de forma tão obscena porque cavei minha liberdade. Eu nasci para ser assim.

A vida inteira pude – mais ou menos – fazer o que me deu na telha. Sendo europeus, meus pais não eram do tipo de bancar viagem de criança para a Disney World nem davam mesada astronômica. Na escola, eu mendigava mordida de chocolate ou hot dog das outras crianças porque não tinha dinheiro para comprar minhas porcarias preferidas: salgadinho de milho da Kellogg’s, pastilha Garoto, picolé de limão e chocolate Prestígio.

Por outro lado, eu era aquela mimadinha a quem era dada a liberdade de ligar do telefone interno do meu quarto para a

cozinha, no meio da tarde, para pedir à Brandina, nossa cozinheira da vida inteira, que preparasse almôndegas com batata palha ou, quem sabe, pastéis. Serviço *à la carte* para a pirralha: eu deveria morrer de vergonha, não? E teve uma época de ouro em que minha mãe cedeu aos meus caprichos e deixou que o motorista fosse até a escola, todo dia na hora do almoço, para me levar um cheese salada bacon quentinho, oriundo da lanchonete Joaquin's, do bairro do Itaim. Serviço delivery para a caçula, a quem minha mãe ironicamente se referia como "a filha única".

Piero e Lulla Gancia, meus pais, ambos nascidos em Turim, no Piemonte (Itália), na década de 1920, ambos já falecidos, chegaram de navio ao porto de Santos em 1954. Eu vim mais tarde, em outubro de 1957, parto normal realizado no hospital Matarazzo, na alameda Rio Claro, ao lado da avenida Paulista. Era onde nasciam os filhos da italianada naquela época. Minha irmã Eleonora, dita Kika, não teve esse enorme privilégio e nasceu em Montevidéu, em 1951. Foi lá que a família morou de junho de 1951 até aportar no Brasil.

Filho mais velho de uma família de produtores de vinho, Piero tinha 18 anos quando Hitler invadiu a Polônia e causou aquele estrago todo. Estava no segundo ano da faculdade de economia.

Minha mãe, Lulla, filha de uma longa linhagem de nobres que se desobrigou do trabalho ou de qualquer outra atividade que compreendesse o dispêndio vulgar de energia, tinha 16 anos em 1939 – veja se isso lá é idade para ter quando um maluco invade o mundo ao seu redor com soldados armados dispostos a dar um tiro na sua cabeça a cada vez que você vai para a fila do racionamento de mantimentos? Assim que começou a guerra, as fábricas pararam de produzir e o comércio não funcionou pelos seis anos seguintes.

A empresa familiar do lado paterno manteve algum semblante de normalidade por dois anos depois de a Itália entrar em guerra. Durante esse tempo, sem produzir uma só garrafa, os salários dos funcionários continuaram a ser pagos em dia. No fim

das contas, no entanto, a paralisação da indústria e do comércio levaram a economia e a infraestrutura do país à ruína.

Observando a cronologia dos acontecimentos naqueles trágicos anos vividos na Europa, conseguimos deduzir que meus avós foram veteranos da Primeira Guerra Mundial, conhecida como a Grande Guerra em razão da carnificina promovida pelas invenções geradas pela Revolução Industrial, notadamente o avião, a metralhadora e o gás mostarda.

Durante a Segunda Guerra Mundial, ou seja, a guerra que mudou a vida dos meus pais e que esteve presente à mesa do jantar e nas broncas durante todo o tempo em que convivemos, a Itália foi cúmplice da Alemanha até que Hitler e Mussolini desfizessem a parceria e os italianos se juntassem aos Aliados. Meu pai acabou capturado pelos alemães. Fugiu do campo de prisioneiros algum tempo depois, após um bombardeio. Minha mãe, que por ser mulher não precisava vestir o uniforme de soldado com a faixa (origem do termo "fascismo"), andava para lá e para cá levando bombas em cestos de piquenique para ajudar os *partigiani*, guerrilheiros hoje considerados heróis, que lutaram bravamente na clandestinidade.

Como ser criança ou adolescente nascido de pais que passaram por isso?

Meu irmão Carlo, o primogênito, nasceu em 25/06/1950, dia que marca o início da Guerra da Coreia. Ele comemorou seu primeiro aniversário a bordo do navio que levou a família para longe das guerras (meus pais achavam que aquela poderia se transformar numa Terceira Guerra Mundial), até a América do Sul. Feitas as contas, minha mãe já estava grávida da Kika quando o transatlântico cruzou a linha do Equador.

Não duvido que eu tenha sido negligenciada na infância e que os mimos a que fui submetida até deixar de viver com meus pais tenham contribuído para agravar toda sorte de compulsão advinda da angústia ou de um vazio existencial do tamanho do Grand Canyon que veio com minha placenta.

Mas há de se dar um desconto aos meus velhos. Na nossa vida no Brasil, nós não tivemos a figura do avô, da avó, dos tios, dos primos; eles chegaram aqui sem conhecer ninguém.

E, naquela época, ainda não era comum a discussão sobre dependência de drogas, bêbados ainda eram confinados em hospitais sob a pecha da insanidade. Na cabeça do Piero e da Lulla, eu bebia porque era louca, quando, a bem da verdade, a coisa se dava justamente ao contrário: eu queria mais era beber para ficar louca.

Opiáceos naturais

Será que sou alcoólatra? O que é o alcoolismo? Como se dá a transição de bebedor frequente para alcoólatra? Existe predisposição ao alcoolismo? Se bebo demais de vez em quando, isso representa um problema? Será que corro o risco de me tornar um bebedor serial?

E meu marido/minha mulher, meu pai/minha mãe, meu colega/minha colega, meu tio ou minha tia ou qualquer outra pessoa que desperte sua desconfiança: Será que ela está em apuros ou precisa de ajuda? Será que sabe que tem um problema?

São perguntas objetivas que devemos, sem dúvida, levantar se quisermos começar a entender o alcoolismo.

Mas lamento informar que respostas diretas não existem. Mais: mesmo que houvesse um modo de endereçar com simples “sim” ou “não” as questões que envolvem o alcoolismo, isso não serviria para saciar a curiosidade de quem pergunta, já que estamos lidando com um assunto complexo, que envolve biologia e psicologia, passa por moralidade e crença religiosa e, ainda, outros componentes que transformam cada caso num universo particular a ser avaliado.

Eu mesma, experiente em ambas as áreas – beber e parar de beber –, não saberia lhe dar respostas cabais para algumas das perguntas mais prementes sobre a dependência, por vários motivos: o principal é que não sou especialista, nem diplomada, nem estudiosa, tampouco tenho as credenciais necessárias para realizar diagnósticos. Só sei discutir o meu problema pessoal e intransferível, só posso descrever como consegui abandonar, à

minha maneira, a fixação pelo mais famoso produto de exportação da Escócia.

Durante trinta anos, minha bebida de escolha foi o uísque escocês. De preferência, copo longo, muito gelo (daquele “quadradão” de fôrma de geladeira antiga, que derrete com relutância estoica e desconhecida por esses gelinhos insignificantes de máquina de hoje) e dois terços de água gasosa; sendo club soda, melhor. Nunca gostei de uísque maltado ou envelhecido em tonéis disto e daquilo.

Como exímia compulsiva e ansiosa por natureza, sempre estive ligada mais na quantidade do que na qualidade do que virava para dentro. Dava preferência às marcas mais vendidas pelo *duty free* do aeroporto: J&B, Dewar’s, Black & White, Cutty Sark ou Johnnie Walker.

Também não posso esclarecer suas dúvidas mais prementes sobre assunto tão controverso porque as respostas podem parecer diferentes conforme a doença vai progredindo. As coisas são relativas. E, ainda por cima, tudo depende da postura que o bebedor problemático tomará diante do seu problema – e, até mesmo, se ele irá tomar a decisão de tentar parar ou se, depois de recair, o que é normal, irá tentar de novo a recuperação.

Descobri ao longo desses trinta anos às voltas com meu drama que é o próprio bebedor quem deve decidir em que estágio do problema ele se encontra. Pode procurar ajuda na busca pela verdade, mas, no fim das contas, só ele consegue responder à interrogação primordial: “Será que tenho problemas com o álcool?”.

A minha realidade, que aprendi aos tropeços e ao custo de mil hematomas, é que, quando o abuso de substância passa a ser qualificado como dependência, não há mais como escapar. Tive problemas recorrentes do consumo excessivo em todas as áreas da minha vida. E sei que os abacaxis, no meu caso, nunca desapareceram por inércia. Se eu voltasse a beber agora (*toc*, *toc*, *toc*!), eles dariam as caras novamente, um por um, como se nunca tivessem ido embora. Pior: as aflições voltam mais agudas caso o consumo contínuo e desmesurado de sua droga de escolha (melhor seria a expressão “falta de escolha”), seja ela

qual for: cocaína, álcool, crack, ecstasy, cola, alpiste, sei lá…, não seja definitivamente interrompido.

No início dos anos 1950, o alcoolismo deixou de ser considerado distúrbio mental e passou a ser uma doença crônica.

Foi só em 1967 que a OMS incorporou o alcoolismo à classificação internacional das doenças. O álcool ficou no segundo grupo das substâncias mais perigosas de uso contínuo, junto com os barbitúricos e atrás de ópio e derivados, como a morfina e a heroína.

Nesse período, um parâmetro foi adotado para designar o alcoólatra. A descrição não mencionava limites. Dizia-se apenas, em linhas gerais, que beber em excesso e com frequência poderia levar o indivíduo a apresentar degeneração física, como lesões no fígado (cirrose hepática), no pâncreas (pancreatite), cheiro de amônia no suor devido ao mau funcionamento dos rins ou alucinações (*delirium tremens*) quando a ingestão alcoólica era interrompida.

De lá para cá, os conceitos foram aprimorados. Hoje, medimos em doses os limites que o indivíduo deve respeitar para não ter problemas. Uma dose representa 330 ml de cerveja, 140 ml de vinho ou 40 ml de destilado. Segundo o limite estabelecido pela OMS, o consumo individual não pode superar o equivalente a três copos de chope, três taças de vinho ou duas doses de uísque ao dia, quatro vezes na semana.

A ênfase hoje está menos na frequência (beber diariamente) do que nos limites que cada um de nós consegue respeitar.

Existem níveis de tolerância, inclusive para quem progride na doença, mudando de patamar e aumentando a quantidade ingerida para obter o mesmo efeito inebriante dos primórdios de sua estrada etílica.

Devo admitir que minhas estatísticas passam muito ao largo do padrão aceitável por essas cartilhas. Digamos que, se beber fosse um esporte olímpico, eu seria o Usain Bolt. Quatro cervejas ou três doses de uísque era o que eu tomava antes de sair para a igreja. Imagine, então, para ir à balada…

Mas vou terminar de expor o panorama mais abrangente antes de revelar os sórdidos pormenores da minha vida de

recordista olímpica.

Por uma questão de massa corpórea, as mulheres metabolizam o álcool de maneira mais lenta que os homens.

Mulheres podem se tornar alcoólatras cerca de cinco a oito anos após começar a beber frequentemente, enquanto os homens, muitas vezes, levam mais de dez anos bebendo reiteradamente antes que seu metabolismo se altere a ponto de precisar da bebida para repor as endorfinas e as dopaminas que a hipófise deixa de produzir quando você ingere álcool com regularidade.

Essa questão, sobre como o álcool destrói sua capacidade de produzir, via hormônios, os chamados opiáceos naturais, sempre me fascinou.

Em parte, ela explica por que é tão difícil parar de beber. E também desvenda os meandros de por que você corre sérios riscos de recair se tomar qualquer coisa, mesmo depois de anos e anos sem ingerir uma única gota de álcool.

No grupo de AA que frequento para me manter sóbria, nós sempre recorremos à imagem de uma vela para explicar o que acontece com a progressão do hábito.

Quando você inicia sua carreira de bebedor contumaz, digamos que a vela começa a derreter. Ela vai queimando até o dia em que você decide parar. Guarde essa imagem na sua cabeça. Nesse ponto, a chama se extingue e a vela fica de um tamanho devido, bem menor do que era quando você começou a beber compulsivamente. Digamos que você, então, pare de beber por dois anos e depois retome o hábito. A vela não recomeça a queimar de novo do zero, como se fosse nova. Não. É sempre a mesma vela que vai derreter de novo a partir de onde parou. Você retoma a quantidade e o padrão de beber de onde parou, não de quando começou a beber. Não há renovação possível, suas células já foram carimbadas pela memória alcoólica, sua hipófise já foi irreversivelmente traumatizada. O registro permanecerá mesmo depois de décadas sem consumir uma só gota.

Conheço um senhor, grande amigo da minha família, ex-CEO de uma multinacional, fundador do grupo de AA do bairro

de Santo Amaro, em São Paulo, que estava sem beber havia vinte e cinco anos.

Um dia, ele já estava meio estressado fazia um tempo, tomou um avião rumo à Itália para uma reunião de trabalho. Sentado na primeira classe da Alitalia, ele se encontrou no assento adjacente ao de uma loiraça arrasa-quarteirão. Antes mesmo de decolar, a aeromoça passou oferecendo champanhe. Ele aceitou uma taça. Tamanha foi a sua recaída que, cerca de um mês depois desse episódio, estava novamente internado em uma clínica de reabilitação.

Como o corpo trabalha sempre em regime de dispêndio mínimo de energia, as células acostumadas ao bombardeio constante de álcool adquirem memória de elefante, elas nunca mais esquecem.

Basta o organismo perceber que você ingeriu álcool para sua central nervosa soar o alarme. E as células imediatamente interrompem a produção dos opiáceos naturais.

Sem dopamina, serotonina etc., o que sobra é a angústia mais tenebrosa. Do tipo que você só cura rapidamente com um trago no boteco.

Daí a combinar a ingestão de bebida com mais bebida, é um passo.

Precisamos falar sobre dependência

Interromper a odisseia entre noitadas de estupor alcoólico intercaladas por manhãs de apagão de memória e arrependimento não é fácil.

Você pode fazer isso por alguns dias, semanas ou quem sabe até por semestres inteiros.

Conseguir domar a fera e voltar a ter controle da sua vida, não se sentir mais dominada por uma substância poderosa e traiçoeira que passou a escravizá-la, é outra coisa totalmente diferente.

De vez em quando alguém lançava no ar a suspeita de que eu não demonstrava ter plenos poderes sobre meus hábitos etílicos.

Esse papinho não era comigo. Olha só: não venha me contar aquilo que não quero saber. No começo, imaginava que bebia quando queria e parava se precisasse. Quantas vezes eu já não tinha parado por alguns dias, até por dois ou três meses?

Não me dava conta sequer de que, apesar de gulosa, nunca comia sobremesa ou chocolates. O açúcar de escolha era aquele da caloria vazia processado pelo álcool. Não é à toa que você nunca viu um bar que ofereça porções de *petit fours* ou pedaços de bolo para acompanhar o seu drinque, no lugar das batatas chips e dos amendoins que sempre estão espalhados pelo balcão.

Comecei a notar que meu padrão de ingestão alcoólica tinha se alterado numa época em que precisei fazer um exame médico

que exigia a interrupção do consumo de álcool durante setenta e duas horas.

O que são setenta e duas horas, não é mesmo? Quem não consegue ficar sem beber por três dias?

Me dei conta de que estava deixando o tal exame médico para o dia seguinte. Na primeira semana, adiei para a outra, mais uns dias e deixei escapar novamente, depois tinha aquela festa seguida de um coquetel que eu não podia perder, e daí, no dia seguinte, já era sexta-feira, dia de relaxar e se entregar à gandaia – lá vem o Brasil descendo a ladeira, levando a Barbarica agarrada na rabeira!

Ficava sempre para a semana que vem. Esse episódio aconteceu lá pela metade dos anos 1990, quando eu já estava bem ciente em relação às debilidades do meu calcanhar de aquiles. Já tinha alternado vários períodos de bebedeira e abstinência e, por algumas vezes, até conhecera a abençoada "sensação de sobriedade", expressão usada por quem conhece o riscado para designar a manutenção, no longo prazo, da convicção de que a bebida irá derrotá-lo se você resolver desafiar a máxima "só por hoje, eu não vou beber".

Descobri que a sobriedade está a léguas da abstinência. A diferença é tão gritante quanto comparar a primeira classe da Emirates com a classe econômica da Siberian Airlines.

Sem exagero. Não beber quando sentia necessidade demandava uma energia além das minhas possibilidades, o que sempre acabava se traduzindo em frustração e sofrimento.

Hoje, sóbria já há um tempo considerável, empenho zero esforço para me manter distante da bebida. A questão da "força de vontade" nem sequer entra no mérito da minha sobriedade.

Com a evolução no meu tratamento, passei a vivenciar uma condição que não tenho mais como refutar: eu não posso beber. Caso contrário, coloco em xeque a minha estabilidade, bem pelo qual não existe nada neste mundo que eu me disponha a comprometer.

Não consigo pensar em situação hipotética na qual eu viesse a interromper minha sobriedade em troca de algum tipo de

compensação ou de celebração que valesse a pena. Isso não faz mais sentido na minha vida.

Hoje, associo a bebida a coisas das quais me arrependo, que me envergonham, a tempo jogado no lixo. Não guardo recordações que gostaria de repetir.

Não houve brinde do qual eu não participasse, não houve gole derramado, não há champanhe ou vinho de safra especial que ficou faltando no meu currículo.

Teve um tempo em que eu bebia quando o Corinthians ganhava; bebia quando o Corinthians perdia e bebia quando o Corinthians empatava. E olha que eu nem sou corintiana. Torço, desde sempre, pelo Santos.

Em sua autobiografia, Eric Clapton, exímio guitarrista e blueseiro que hoje é proprietário de uma clínica de reabilitação de sólida reputação chamada Crossroads, no Caribe, afirma: “Minha sobriedade é a coisa mais importante que tenho na vida. Mais importante que meus filhos, minha esposa, minha carreira. Sem minha sobriedade, eu não teria nenhuma das outras coisas”.

Não se entristeça por mim porque meu padrão de bebida sem limite me levou a parar de beber completamente. Tenha certeza de que hoje meu organismo não é exposto a uma só gota de álcool por livre e espontânea vontade, que esse desejo vem movido por sentimentos de augusta felicidade.

Depois de minha primeira internação em Cotia, resultado daquela emboscada perpetrada por Ruy Castro, devo ter ficado quase três anos sem beber.

Como já expliquei, só consigo refazer a cronologia por aproximação, sem dados precisos, porque minha memória me trai.

Beber para entrar em órbita

Segundo normas estabelecidas pela OMS, há cinco grupos específicos de pessoas que não devem ingerir bebidas alcoólicas.

São eles:

1. Menores de idade (porque ainda não têm as sinapses plenamente formadas e não desenvolveram espírito crítico que só a maturidade confere).
2. Grávidas.
3. Pessoas que fazem uso de remédios de tarja preta.
4. Quem vai dirigir automóvel ou manejar equipamento pesado.
5. Quem, como eu, tem histórico de dependência de álcool, drogas ou químicos.

Já se vão bem mais de trinta anos desde que dei início ao que viria a ser uma bem-sucedida carreira de bebedora, aquela que me levaria a desenvolver inequívoca dependência do álcool.

O que terá dado errado? Aliás, por que calhou a mim essa bênção? O que meu beber tinha de diferente do jeito de beber da maioria?

Perceba a ironia: carrego dois “bares” no primeiro nome, “Bar-Bar-a”, e tenho sobrenome de bebida, uma vez que meu tataravô, Carlo Gancia, introduziu na Itália, em 1865, um vinho espumante chamado Asti, usando uvas brancas moscatel, mais

doces, e o método *champenoise* de fermentação, aquele que produz as bolhas no champanhe.

Trata-se de um vinho de sobremesa que inaugurou a empresa familiar Fratelli Gancia. Durante muitos anos, nós produzimos vermutes e vinhos na região do Piemonte e também em Mendoza, na Argentina.

Em 2011, o ramo italiano da Gancia foi vendido a um russo produtor de vodca, e a empresa voltou a florescer. Em viagem recente à Rússia, dei com a garrafa estampada com meu sobrenome em tudo o que era "birosca". E lá eles ainda pronunciam corretamente: "Gántxia".

Minhas primas Monica, Anna e Vicky continuam a tocar o ramo argentino da empresa.

A convivência estreita com a produção de vinho não foi capaz de refinar meu paladar. Não entendo rigorosamente patavina de vinho. Sou uma cavalgadura nesse tema.

Admito que nunca bebi para sentir o gosto da bebida, as sutilezas do vinho ou o malte do uísque. Desgraçadamente, sempre me ative ao fator quantidade, era só isso o que importava.

Muito antes de tomar conhecimento da expressão, eu já praticava o chamado *binge drinking*, tão popular hoje em dia. Trata-se do hábito de sorver grandes quantidades no menor intervalo de tempo com o objetivo específico de chegar às alturas rapidamente.

O *binge drinking* é muito relacionado a adolescentes do sexo feminino. Nos meus priscos tempos, não me lembro de outra bebedora voraz. Entre as meninas, só dava eu.

Hoje, com a interligação digital promovida pelas redes de informação, não se permite mais que pais, mestres, médicos e autoridades se mantenham no escuro.

Todos nós temos o dever de nos informar, conhecer os parâmetros utilizados pela OMS, colocar em prática as políticas de prevenção, informar a molecada e ficar de olho.

A indústria da bebida também não pode mais se omitir. Deveria inclusive ser motivada pela legislação a promover uma

regulamentação maior do manejo de um produto que apresenta risco intrínseco ao ser consumido pela população.

O ritmo ainda é lento, e oxalá não haja nenhum retrocesso brusco no caminho; aos poucos a ficha parece cair. O mundo caminha para a responsabilidade social.

A indústria não parece ter como escapar dos ditames da filosofia sustentável, que passou a dominar um mercado atento aos desejos do consumidor e temeroso de retaliações ou de ter de desembolsar eventuais indenizações.

Só fui me dar conta da existência desse universo paralelo de tomada de consciência bem depois de ter parado de beber.

Na “ativa” (termo usado no AA para definir quem está consumindo álcool), meu foco sempre foi o barato que a bebida me proporcionava.

Não sabia a diferença entre destilado e fermentado, não gostava de vinho tinto, vodca me causava engulhos, sentia repugnância por conhaques e dos uísques maltados eu queria distância. Mas isso nunca me impediu de ingerir quantidades cavalares até mesmo desse tipo de bebida. A única bebida alcoólica com a qual eu nunca brinquei foi o gim.

Desde pequena, meu pai, que era enólogo, me colocou na cabeça, pela graça de Nosso Senhor do Bafômetro, que gim é sinônimo de veneno. Hoje, médicos de dieta, nutricionistas e endocrinologistas de meia-pataca recomendam aos jovens que tomem gim quando forem beber, porque tem bem menos calorias do que, digamos, um vinho. Assim fica difícil, não é mesmo?

Quanto a mim, para disfarçar o sabor das bebidas mais fortes, que menos me agradavam, fazia toda sorte de mistura que facilitasse a trajetória do “goró” pelo meu esôfago.

Lembro-me dos clássicos screwdriver, vodca com suco de laranja (ou Fanta), e do rum com Coca-Cola, o popular cuba-libre.

Não sei em que raio de categoria alcoólica eu me encaixo, mas chegava a fazer aquela careta do *emoji* de boca de serrinha só de pensar na sensação pungente de um trago de uísque na boca ou na acidez da cerveja descendo goela abaixo. E certamente não seria exagero dizer que, na maioria das vezes

em que ia começar a beber, era dureza botar para dentro a quantidade necessária para causar alteração de humor.

Acontece que, quando você consome grande quantidade de bebida, obriga seu corpo a metabolizar grandes volumes de álcool, e isso desencadeia importantes modificações metabólicas. Depois de alguns anos encharcando o seu organismo, você fatalmente sofrerá as consequências de mudanças irreversíveis no metabolismo e nas funções cognitivas do cérebro.

Comecei a beber sistematicamente entre os 16 e os 17 anos. Enquanto o organismo do homem pode levar até dez anos para efetuar essa reconfiguração celular, a mulher pode se tornar dependente em metade desse tempo. O efeito de uma cerveja no corpo de uma mulher equivale ao efeito de duas cervejas para um homem do mesmo peso. E os danos biológicos do álcool são expressivamente maiores nas mulheres do que nos homens.

Aos 23 ou 24 anos, eu já estava bebendo regularmente ao menos uma ou duas vezes por semana. Daí você poderá especular livremente o que bem entender. Que eu bebia porque sofri alguma negligência na infância; que usei a bebida para me libertar da timidez ou como método para socializar com o sexo oposto; para ficar mais corajosa ou por pura porra-louquice.

Não saberia ao certo contar os motivos que me levaram a beber, posto que muitas outras pessoas usam a bebida para esses mesmos fins sem se tornar dependentes do álcool.

Faço parte de várias minorias e nem sempre concordo com o modo pelo qual elas se definem. Feminismo, a questão LGBTQI+, o mito do *plus size* e outras características ou tipificações correntes das quais tenho lá as minhas dúvidas. Mas aprendi a não questionar o que diz a OMS e me insiro na descrição de alcóolatra sem chiar.

Sou compulsiva mesmo, tenho baixa tolerância à frustração, fui mimada como a mais mimada das filhas caçulas, sempre fui poupada nos escorregões que dei, mesmo aqueles em que eu poderia ter me encrencado com a lei, como no caso dos acidentes de carro em que me envolvi.

Mas não sou criminosa nem mau-caráter. Poderia atribuir meu alcoolismo a uma série de fatores, mas, diante da informação disponível, considero que a mudança ocorrida no meu metabolismo em razão da insistência em saciar desesperadamente a minha compulsão configura, no mínimo, uma patologia. Ninguém sabe dizer melhor do que quem já passou por uma síndrome de abstinência o tanto que o alcoolismo não tem a ver com força de vontade.

Também sei que poderia atribuir meu alcoolismo à minha carência crônica abissal e sem explicação palpável, à falta de limites estabelecidos desde cedo ou à hereditariedade, posto que existem outros alcoólatras na minha família.

Ué, vai dizer que na sua não tem ninguém que destoe?

Meu meio social também pode ter influenciado a evolução para bebedora compulsiva. Pertenço à geração *baby boomer*, que consegue se manter em situação de eterna imaturidade sem necessidade de usar formol ou qualquer outro conservante.

Certa vez, um médico me disse que meu metabolismo também teria ajudado a moldar a minha dependência.

Nos primeiros anos, eu mal sentia ressaca, nunca tinha dor de cabeça depois de uma noitada nem me lembro de cometer os *strikes* típicos daqueles que vomitam a alma depois de beber.

O doutor me falou: “Se sua irmã ingerisse três quartos de uma garrafa de uísque, como você é capaz de fazer numa única noite, ela na certa morreria ou entraria em coma alcoólico”. Kika, minha irmã, pasme, nunca colocou um gole de uísque na boca. Diz ela que só a ideia desse gesto já a faz sentir a enxaqueca chegando.

Mas, se você me pedir para isolar apenas um motivo pelo qual comecei a beber e só fui parar definitivamente mais de trinta anos depois, eu diria que é porque beber é bom. Ou que me fazia sentir um tremendo bem-estar, ao menos nos primeiros anos. E que, depois, passei todos os outros em busca daquele *frisson* inicial e à mercê da sensação de alívio que o primeiro drinque proporciona naquela meia horinha em que você abre o bar.

Aquilo de ficar meio zureta, entre o céu e a terra, era atraente demais para mim. Posso dizer que bebi e quase morri

pelo prazer que sentia naquilo.

Porque eu não media consequências, não via o pesadelo chegar. Não tinha ideia do tamanho da encrenca em que estava me metendo.

Depois de atingir a sobriedade e lá permanecer por alguns anos, fiz um trabalho para a Ambev (Companhia de Bebidas das Américas) em cima de uma cartilha para prevenção e informação de jovens em relação ao beber responsável.

Na fila do cinema de um dos shoppings mais bem localizados de São Paulo, onde acontecia a estreia do filme de apresentação da cartilha, que usa os personagens da Turma da Mônica para ensinar como falar com os jovens sobre o álcool, eu entrevistei cerca de trinta adultos.

Perguntei a pais e avós qual eles consideravam ser a idade ideal para começar a tratar com as crianças sobre o consumo de álcool. Nenhum dos entrevistados soube dar resposta adequada.

De novo, segundo a OMS, que define parâmetros internacionais para que os governos tracem suas próprias políticas de saúde e educação, a idade para começar a prevenir o abuso do álcool e educar sobre o consumo de substância que envolve tantos riscos sociais e pessoais é quando a criança começa a perceber a diferença entre certo e errado: ou seja, aos 6 anos.

Quanto mais tarde o jovem experimentar qualquer substância alteradora de humor, menos chances terá de desenvolver um problema.

Ninguém sabe ao certo como remediar a dependência, e já se tentou um pouco de tudo: suprimir a publicidade, fiscalizar os locais de venda, políticas de aumento de preço e taxação, horários menos flexíveis nos pontos de venda – nada disso surtiu efeito. Os índices de alcoolismo na população tendem a crescer, não a ficar estáveis.

A única coisa que ainda não foi testada a longo prazo e está sendo implementada agora em vários países são as políticas de prevenção e educação.

Sim, sempre de volta à estaca zero: a educação como base do desenvolvimento humano e da preservação da saúde, com

menos sofrimento e desperdício, além do comprometimento da nossa produtividade.

É na prevenção, baseada na educação, que as políticas precisam ser traçadas se quisermos ver a diminuição da violência doméstica, do crime por motivo fútil, da gravidez indesejada e do contágio de doenças sexualmente transmissíveis, das doenças como cirrose, ataque do coração, câncer no esôfago e pancreatite, e se desejamos estancar a epidemia de acidentes de trabalho e mortes nas estradas do país.

Não é não

Se eu nunca tivesse bebido, onde teria colocado minha energia destrutiva?

A pergunta é cabeluda, e eu apostaria uma fábrica de picolés de limão como é próxima de zero a chance de que tivesse me tornado uma monja meditativa. Muitas vezes penso em como teria sido minha juventude e minha entrada na vida adulta sem a necessidade contínua de buscar emoções fortes a cada esquina.

Minha mãe me visitou durante minha primeira internação, na clínica Recanto Maria Tereza, em Cotia. Nunca esqueço uma conversa que presenciei dela com mães de outros internos.

“Quando não bebe, meu filho é um anjo, a pessoa mais prestativa, carinhosa e atenciosa do mundo”, contou a mãe de um senhorzinho de meia-idade que aparentava visíveis sequelas mentais e que se manteve calado durante todas as sessões de terapia a que assistimos juntos. “Bastou tomar um copo de qualquer coisa, ele se torna um bicho”, emendou. “Fica agressivo e descontrolado, só me dá problema, tenho medo de que se machuque ou a outras pessoas.”

Todas as mães se identificaram com o relato de alguma forma, inclusive a minha.

Nunca fui do tipo “mineirinho” ou “bebe quieto”, aquele bebedor que fica num canto – literalmente – entornando o caldo sem causar prejuízo a qualquer outra pessoa que não a si mesmo.

O camarada fica na dele, quem vê nem sequer se dá conta do quanto está alterado. Não ofende ninguém, por que então não

pode beber na boa e ser deixado na santa paz de Deus fazendo aquilo de que mais gosta?

Por incrível que pareça, uma das sortes que tive na vida foi a de não ser uma bebedora desse tipo.

Se é para escolher entre o menor dos males, opto por ser uma dependente espalhafatosa e barulhenta, uma Madame Min de modos dramaticamente contrastantes com a princesa pré-rafaelita que desperta lânguida na manhã seguinte.

Não tem como fugir – depois de anos dando trabalho a amigos, familiares, namoradas e até aos meus animais domésticos – da constatação de que eu havia perdido o controle sobre a minha vida.

Concedo que também ofereço farto material para ser trabalhado no divã do analista, mas uma coisa não exclui a outra. Minha personalidade bombástica foi exaustivamente lapidada no álcool.

A Barbara pacata ficou quietinha por décadas, dobrada numa gaveta, embrulhada em papel de seda. Temo que ela apenas se manifestasse quando eu estava a sós com meu pai, sujeito delicioso de conviver e amoroso até demais, nas vezes em que saíamos para jogar golfe ou viajar. Ou quando eu estava com minha irmã, que sempre exerceu controle natural sobre mim. Tenho ainda quatro amigas com a cabeça no lugar, as melhores da vida, a quem sempre respeitei e ouvi atentamente: Francesca Mascaretti, Daniela Crespi, Ciça Marra e May Street. Com elas, ouso dizer, nunca houve nenhum incidente merecedor de menção neste livro – mesmo que a Francesca jure o contrário.

Em contrapartida, com os amigos de infância, na companhia do meu irmão Carlo ou da minha mãe, e especialmente com autoridades ou estranhos, atendentes de loja e funcionários de empresas públicas, com quem menos deveria ter me mostrado inconveniente ou espalhafatosa, eu já chegava abrindo a porta do galinheiro e botando fogo no poleiro. Era pena pra todo lado.

A primeira vez em que retirei a Barbara versão florzinha da gaveta depois de muitos anos de rompantes noturnos intensos foi logo que saí da minha primeira internação na clínica de reabilitação Recanto Maria Tereza.

Fiquei sóbria, sem sorver um só gole, pelos dois anos e oito meses seguintes. No começo, foi uma sensação surreal.

Depois de um período de cautela, sem sair para grandes eventos em que circularia bebida, comecei, aos poucos, a frequentar os velhos ambientes.

Era só chegar a uma festa que algum desavisado vinha correndo me oferecer um drinque. Garçom, então, nem se fala. Por algum motivo, sempre fui xodó de garçom. E em São Paulo existem destacadas empresas de bufê que usam os serviços dos melhores profissionais. São sempre os mesmos em tudo que é ambiente classe A. O Tito, o sr. José, gente que já me viu fazer de tudo um pouco, até ficar brava e virar bandeja de café, lançando todas as xícaras fumegantes ao ar, espetáculo digno de *A Bela e a Fera*, e depois atirar meu sapato na direção do anfitrião da festa, errar o alvo, acertar a janela aberta e ir para casa mancando num pé só.

Para me defender de quem, a fim de me agradar ou, quem sabe, querendo ver a Barbara veloz e furiosa em ação, tentava de todo jeito me fazer aceitar um drinque, aprendi que um "Não, obrigada" não basta.

Ser apenas taxativa e negar a bebida não surte efeito. Ninguém aceita que você não está bebendo. Pior: a recusa parece quase uma ofensa. Ainda mais entre amigos de longa data que se comportam como numa confraria de bebedores profissionais, a negação da bebida pode ser encarada como ameaça. A lógica condescendente é a de que, se todo mundo bebe demais, é como se ninguém bebesse além da conta.

Se quebrar essa lógica, você desequilibra uma suposta harmonia. Sobretudo no meu caso, eterna palhaça da turma.

Incrível como quem mais precisa de informação sobre o alcoolismo é quem mais foge do assunto – mesmo entre pessoas presumidamente esclarecidas.

Até hoje, os velhos amigos sempre esperam que eu os divirta. Esse foi o meu papel por muitos anos. Vem aquele monte de gente "bafuda" e suada dar abraço de urso, é uma coisa de louco.

Antigamente eu encarava esses afagos com alegria. Hoje sinto vontade de sair correndo na direção da floresta Amazônica. A Barbara não é mais aquela.

Depois de tentar mil argumentos verdadeiros (“Parei de beber”; “Não estou afim”; “Estou dando um tempo”; “Não posso beber”) para recusar drinques, adotei a sugestão ovo de Colombo de um colega de sala de autoajuda, que funciona lindamente. Sou desajeitada para mentir, mas essa lorota eu aperfeiçoei, já que minha vida passou a depender da sobriedade.

“Estou tomando um remédio que não combina com bebida.” Pronto, acabou, não se fala mais nisso. Essa ninguém tem como contestar.

Para quem está em tratamento, especialmente nos primeiros noventa dias sem beber, a insistência soa como emboscada. Por melhores que sejam as intenções. Desestrutura. O que acontece é que a pessoa provavelmente ainda está muito fragilizada, com vergonha, intimidada, não quer abrir publicamente o drama que vive.

Depois dos primeiros anos, o pessoal começa a se acostumar e para de encher. Hoje, falo da minha situação com toda a naturalidade, sinto firmeza de ter dominado o monstro da dependência e o pessoal respeita porque viu que é sério. No máximo, chega alguém na hora do jantar e diz: “Você se incomoda que eu beba na sua frente?”.

Claro que não. Dou a maior força. A maioria das pessoas não tem com que se preocupar, pois então que bebam. Não sou uma carola arrependida, tenho horror a moralista, continuo a gostar de sair e dar risada e até de ver os outros se esbaldando na minha frente.

Quando algum garçom ainda insiste em me vender bebida, eu monto no cume do meu salto e mando ver, sem a menor piedade: “Melhor não insistir, sabe? Se eu aceitar o que você está me oferecendo, daqui a meia hora você terá de chamar os bombeiros, a defesa civil, a polícia, os ministros do STF, um padre, uma ambulância e até um adestrador de leões para me deter, é sério, sou capaz de quebrar esse restaurante inteiro”.

Quanto ao “mineirinho”, o “bebe quieto”, esse está frito. Ele é o tipo de bebedor com mais chances de chegar ao último estágio da degradação alcóolica em péssimas condições mentais e físicas. Ele é o maior candidato à pancreatite, câncer difícil de tratar, e a experimentar o *delirium tremens*, quadro de confusão mental, alucinações e agitação em que o paciente chega a ter ilusões vívidas e pesadelos com monstros e animais peçonhentos.

Como a doença é incurável, progressiva e mortal, quem bebe na moita vai beber mais e por mais tempo antes que os danos causados pelo álcool sejam percebidos. É uma encrenca do tamanho de um bonde voltar desse ponto para a sobriedade. Vivi anos aterrorizada por estar me aproximando dessa fase.

O próprio “bebe quieto” terá mais dificuldade em se tocar do problema e aceitar entrar num programa de recuperação. Ele levará mais tempo para receber a ajuda de parentes, amigos ou da assistência social da empresa.

Considerações sobre minha condição, os estragos que impus ao meu corpo e o ponto a que cheguei me fazem especular: quem eu seria hoje, aos 60 anos, se não tivesse me embrenhado nesse caminho da incessante busca pelo prazer?

Provavelmente, se não tivesse me tornado dependente, eu agora me perguntaria o que seria de mim se eu tivesse ido por outro caminho. Não é sempre assim?

Você é o acumulado das suas escolhas. As que eu fiz talvez tenham me deixado com o pavio mais curto, mais ansiosa, mais instável e com certa desconfiança em relação aos outros. Porém, apesar de ter marretado meu organismo como uma bigorna por anos a fio, não sofri nenhuma lesão definitiva no fígado, nos rins ou no pâncreas. E, à parte minha memória, que foi à padaria lá pelos idos de 2009 e nunca mais deu as caras, minha dependência está sob gestão diplomada pelo certificado ISO 9000. É um dia depois do outro, um melhor que o outro. A cada giro da Terra sobre seu eixo, fico mais distante daquela confusão toda.

Em 1983, a Marinha dos Estados Unidos realizou um estudo entre seus oficiais dependentes recuperados (ou seja, quem

bebeu e parou com sucesso) e comparou a performance deles com a de outros oficiais que não tinham problemas com o álcool.

O estudo é interessante porque a prevalência de bebedores problemáticos entre marinheiros é mais acentuada do que entre a população em geral, uma vez que eles passam muito tempo isolados no mar e, quando voltam, encontram nos portos um ambiente de promiscuidade que favorece a adição.

O padrão que se observou foi que os oficiais que conseguiram controlar a dependência e voltaram ao trabalho levavam larga vantagem na quantidade (e na velocidade) das promoções alcançadas.

Pois para mim também valeu a pena demais parar.

Sem exagero, no início de meu caminho de "bom copo" (odeio essa expressão) e pelas duas décadas que se seguiram, eu mal conseguia segurar o primeiro drinque da noite na mão, tamanha a ansiedade que sentia da minha esquisitice não se encaixar na sala.

Muita gente disputaria a afirmação de que sou tímida. A Barbara? Imagina, ela é bonachona, extrovertida, mandona, esquentada e muito espaçosa. Um cúmulo-nimbo carregado de eletricidade e trovões com tendência a desenvolver furacão, levantar maremoto e deixar vários ciclones em seu rastro.

Aos 15 anos, de tanto matraquear, desenvolvi um calo nas cordas vocais e fiquei impossibilitada de falar. Foi preciso que eu andasse para lá e para cá durante semanas me comunicando por meio de um bloquinho de papel e uma caneta.

O professor do meu colégio St. Paul's School entrava na classe e dizia: "Puxa, que tranquilidade! Vocês também percebem o estranho fenômeno?". A classe inteira batia palmas e celebrava. Eu permanecia ali, em silêncio na minha carteira, que, por exigência dele, ficava grudada na mesa do professor. Mr. Bill W. Mitchell, meu mestre ao estilo *Sociedade dos poetas mortos*, foi uma das pessoas que mais me incentivou, despertou meu gosto pela leitura e pelas palavras e ajudou a dar corpo ao meu senso de humor.

Ainda sou um pouco aquela que fala sem parar. De nervoso, para não deixar o ambiente desconfortável. Falo muitas vezes

para afastar meu próprio constrangimento, num esforço de tentar ser cordial. Mas, geralmente, o que acontece é que, assim que me ponho a tagarelar para me mostrar interessada pelo outro, a constatação de que estou falando bobagens homéricas me deixa aflita e me faz falar ainda mais.

Tem mais. Numa conversa, sinto-me constrangida de entrar em terreno de intimidades alheias, às quais não me foi dado acesso, mas que, no passado – por causa da desinibição gerada pela bebida –, cansei de invadir a torto e a direito. O resultado, convenhamos, não me abona. Deve estar cheio de gente que não vê esse meu desempenho com simpatia. Mas é o que temos no cardápio. Hoje me abstenho de fazer perguntas sobre a vida dos outros, mesmo as mais amenas. Em vez de perguntar “Como vai seu pai?”, desando a falar de mim. E voltamos à estaca zero.

Minha explicação tem tanto de justificativa quanto de intenção de esclarecer. Minha eterna descompensação verbal pode ter sido um dos fatores que me levaram a colocar tudo em xeque: saúde, convívio social, vida profissional e até integridade física. Depois que você descobre em plena adolescência que, de fato, existe remédio instantâneo para a timidez, como evitar recorrer ao álcool para adquirir coragem?

Parar de beber me deu uma boa dose da confiança que eu buscava lá atrás, em algum lugar da adolescência mais disfuncional que uma menina nascida para ser o que bem entendesse na vida poderia ter tido.

Hoje, sinto-me apta a superar qualquer dragão que a vida me apresente; ganhei força e confiança.

Aos 52 anos, larguei o cigarro com a facilidade de quem amassa e joga no lixo um papel de bala. Fiz isso com o pé nas costas. Perto de parar de beber, qualquer dificuldade ganha outra dimensão.

Não sei ao certo quem eu seria hoje se não tivesse impregnado meu destino de álcool. Só posso dizer que saí dessa, senão ilesa, com marcas com as quais sou capaz de chegar a termo. Há ainda aquelas cicatrizes que despertam orgulho. É mesmo intricada a vida.

Vou ter de mudar minha vida inteira?

"Hábitos, lugares e pessoas." Quando ouvi essa frase na minha chegada à clínica de reabilitação, junto com a sugestão de que eu teria de modificá-los radicalmente, foi como se alguém anunciasse que ia arrancar meu molar, ali mesmo, a seco. *Os caras devem estar de brincadeira comigo*, pensei.

Estou familiarizada com a ideia de que se você fizer tudo sempre igual não terá por onde promover mudanças. Os resultados serão os velhos conhecidos de sempre.

Só que, na chegada à clínica, é tudo muito inesperado. Você mal entrou e logo vão te bombardeando com propostas que parecem mirabolantes. De uma vez só mudar "hábitos, lugares e pessoas" soa como acinte. *O que é que vai sobrar de meu na minha vida?*

De cara, pensei nos amigos que iriam sair de cena, me imaginei perdendo contato e ficando muito só. Foi o pior medo. *Hábitos*, pensei comigo, *bem, os meus não são lá os mais salutares, uma arejada até que me faria bem*. Quanto aos lugares, também poderia fazer o esforço, já não aguentava mais inferninho disputado para ouvir sempre a mesma música de inspiração *disco trash* que nunca tocava no meu *pick–up*.

Mas não seria pedir demais mudar tudo ao mesmo tempo?

Há de se conceder que fica meio difícil querer parar de beber e continuar frequentando a *happy hour* do escritório, as baladas de fim de semana ou aquele boteco descontraído com mesinhas na calçada ao lado de casa.

De que assunto eu pretendia tratar em locais em que a maior atração era a bebida? Já viu alguém fazer regime frequentando docerias e sorveterias?

Não teria tido a menor condição, ao menos durante aquele interminável primeiro ano de recuperação, de encontrar a sobriedade entre os escombros da farra. Trata-se de ilusão, cabeça de bacalhau, chester vivo: nunca vi, é coisa improvável.

O segredo para realizar o milagre da transformação da volta do vinho para a água está na substituição de um prazer por outro, desde que a escolha seja construtiva. Num primeiro momento, substituí as noitadas pela então pioneira invenção do vídeo em VHS (você pensou que eu ia dizer exercício, né?), depois, pelo DVD e, mais tarde, pela Netflix e o YouTube. Também voltei a me aprofundar nos assuntos que sempre me interessaram e que o estado perene de zoeira mental tinha obliterado.

Adoraria escapar pela tangente e dizer aqui que eu, jornalista, muito “cabeçuda”, fui salva da dependência de álcool pelos livros, que mergulhei de cabeça na *Divina Comédia* assim que parei de beber.

Não foi o caso. Nem haveria condição espiritual ou neurológica de isso acontecer. Nos sete dias iniciais da minha primeira internação, fiz uma descoberta: eu não conseguia mais dormir sem ser embalada pelo álcool, tinha me acostumado a apagar na base do colapso. Nessas condições, quem teria espírito para realizar mudanças tão eloquentes de uma só vez?

Foi um outono marrento o que eu peguei na clínica Recanto Maria Tereza quando lá cheguei. Para piorar, fui encaminhada a um dormitório feminino com doze camas, o qual ocupei sozinha. Sem pregar o olho, só tinha à disposição a literatura sobre alcoolismo para me distrair, textos que hoje manejo com intimidade, mas que naquele momento via como complicadíssimos e pessimamente redigidos, a leitura menos atraente do planeta. Convenhamos: a literatura do AA não é exatamente Camões.

O tratamento em clínicas de reabilitação não é fácil. As que seguem os 12 Passos à risca costumam proibir a entrada de

celulares, tablets, jornais, revistas, livros e qualquer tipo de remédio; mais condenado ainda é o paliativo envolvimento emocional entre pacientes. É vetado tudo que venha a distrair, exaltar ou desencaminhar do propósito do tratamento.

Digamos que o interno leia o jornal na clínica e descubra que suas ações na Bolsa despencaram. Ele vai sentir vontade de beber. Pense na hipótese de a mulher, que ameaçou largar o camarada se ele não se internasse, começar a ligar para o paciente a fim de informar que o está corneando. Adeus serenidade, vamos todos correndo para o bar mais próximo.

Largada pela namorada, internada contra a vontade dos pais, sem saber se meu emprego me esperaria na volta, passei uma semana sentada na cama olhando para a parede sem conseguir pregar o olho e me sentindo um réptil. Para piorar, o plantonista da noite me receitou um tranquilizante para dormir que para mim agiu como se fosse Red Bull na veia. Pilhada e de olhos arregalados, eu me dava conta de que a vida estava de cabeça para baixo. De onde viria o incentivo que me ajudaria a querer parar?

Comecei a enxergar embaçado e pelo retrovisor aquele momento prazeroso da minha semana, dar uma passada na casa do meu amigo Fernando Zarif para tomar uma coisinha e fumar um descompromissado “cigarrinho do demônio”. *Será que nunca mais?*

Aí é que está a graça, o tratamento funcionou para mim como aprendizado, tipo curso de sobrevivência na selva. Aos poucos, assimilei ensinamentos como o de que a verdadeira amizade transcende hábitos, pessoas e lugares. Tinha muitos amigos que não se acanhavam em cair na farra. Fernando era um deles. Eu parei, ele nunca. Era capaz de capotar uma betoneira diante da sugestão de que tinha algum tipo de descontrole em relação a substâncias. A despeito disso, conseguia ser impecável e generoso comigo quando eu lhe dizia que estava sóbria. Sem nunca parar de tomar seus dry martínis antes do almoço, me vigiava como se fosse meu leão de chácara.

Continuamos a vida toda a nos ver com a frequência de sempre, mesmo depois de minha terceira e efetiva tentativa de parar de beber. Ele chegou a testemunhar a virada que minha vida deu quando consegui finalmente atingir a sobriedade, depois de tanto tempo tentando.

Os últimos anos do Fernando foram duríssimos. Dava entrada no hospital entre a vida e a morte e, quando todos nós achávamos que sua vez chegara, eu recebia um telefonema alarmado do Sérgio Kalil, que é dono do restaurante Spot; ou do Fabrizio Fasano, patriarca do grupo de restaurantes e hotéis; ou do Chagas; ou do Josafá, do Rodeio – sempre para informar que o Zarif tinha fugido do hospital e dado as caras no estabelecimento deles exigindo que alguém cortasse a pulseirinha de identificação do paciente e lhe servisse imediatamente um dry martíni.

Fernando partiu em 24/12/2010. Por uma jogada de dados ao acaso, não mudou hábitos, pessoas e lugares.

Deixou para sempre um lugar sem possibilidade de consolo no meu coração. A falta que você me faz, meu amigo.

Minha geração de mimados *baby boomers* pegou pesado. Muita gente ao meu redor foi embora antes da hora por doenças relacionadas ao álcool. Dos boêmios que sobrevivem, a maioria já começou a dar sinais de fadiga do motor. Mesmo os que têm bala para, em teoria, pagar por tratamentos de prolongamento da vida ou, quem sabe, até bancar uma criogenia não dão pinta de que conseguirão ultrapassar a barreira dos 80.

Do pessoal da minha escola, a britânica St. Paul's School, em São Paulo, então, já perdi a conta dos que morreram precocemente. Só da minha turma já foi um punhado.

Viver é uma viagem de mudança de perspectiva em relação à estrada. Hoje sei que, aos 20 anos, tinha o futuro aberto diante de mim, tudo estava na minha frente. Aos 30, ainda havia ali uma obra inteira a ser construída. Aos 40 anos, sabia que, se me desse na telha, podia criar um atalho.

Aos 50, a coisa muda um pouco de figura. A pavimentação já foi deitada e estruturada, todos podem ver a qualidade do piche usado para asfaltar o caminho. Fica tudo muito evidente.

Seu percurso já tem começo e meio, e os recursos para a criação de desvios começam a escassear.

Dos 60 em diante, é uma divertida ladeira abaixo com vista panorâmica, sem espaço para improvisos. Você é o que é.

Bebi praticamente dos 17 aos 47; foram décadas sem enxergar o percurso à minha frente. Tempo, espaço, agora, futuro, nada fazia muita diferença, tudo tinha o mesmo valor para mim. Meu tempo não era planejado nem racionalizado; viver ou morrer, tanto fazia. Meu cérebro encharcado de álcool perdera a função organizacional.

Não tenho a menor ideia de como, estacionada no modo de espera, consegui manter uma agenda mínima de compromissos, um emprego, dentes, conta bancária, essas coisas que vêm no pacote da existência.

Só sei que, cedo ou tarde, minha verdade chegou batendo à porta depois de armar um barraco na portaria e quebrar o elevador. No fim das contas, somos mesmo a somatória das nossas escolhas.

“Hábitos, lugares e pessoas” é só o começo.

Corra que o prefeito Covas vem aí

Na minha vida, o programa de 12 Passos provou ser o único método capaz de me dobrar e me convencer a parar de beber no longo prazo.

Sim, porque ficar sem beber por dois, três ou até seis meses é o tipo de meta que qualquer baiacu descerebrado é capaz de alcançar sem precisar fazer nenhum tipo de planejamento ou grande revolução.

A isso se dá o nome de abstinência. Todas as vezes que parei de beber de supetão, que interrompi do dia para a noite a ingestão de alcoólicos por períodos consideráveis, o estopim se deu por alguma ocorrência dramática.

Não sei como acontece com as outras pessoas. Comigo era assim: toda vez que meus pais ficavam extremamente decepcionados com as consequências do meu beber, a cada porre meu seguido de fato grave, tipo confusão no Natal da família ou terminar a madrugada com um meganha me apontando uma arma na entrada da favela do Buraco Quente, eu me dispunha a parar de beber.

E não fazia isso para agradar a tucanos, petistas, paramilitares, oportunistas do PMDB ou a máfia sindicalista. Nada disso.

Meu comportamento seguia sempre o mesmo padrão: eu bebia de forma absolutamente despreocupada, como se não houvesse amanhã e, uma vez inebriada, me metia em algum tipo de confusão ou entrave que me faria morrer de vergonha e arrependimento assim que o estupor alcoólico se dissipasse.

Nunca foi malandragem minha jurar de pés juntos que iria parar, que nunca mais chegaria perto de uma garrafa.

Em todas as vezes que a situação escapou violentamente do meu controle (ou seja, progressivamente, na maioria dos casos), eu realmente queria me livrar da bebida, inúmeras foram as situações em que desejei fervorosamente mudar meu comportamento.

Não seria justo dizer que eu não tentei parar um milhão de vezes, pois a bebida me causava grande humilhação e arrependimento.

E, no entanto, eu continuava a beber.

Aquela montanha-russa de emoções era desgastante demais, eu sentia que minha vida corria perigo, que algo de muito, muito grave poderia acontecer a qualquer momento em quase todas as vezes que estava encachaçada.

Foi preciso que eu me magoasse profundamente e a todos ao meu redor para que, pouco a pouco, me conscientizasse de que não existe possibilidade de acordo entre mim e o álcool.

Conheço uma piada que me faz rir de nervoso até hoje, verdadeira expiação das minhas culpas:

Todo dia, uma mulher entrava no boteco, apoiava o cotovelo no balcão e dizia ao garçom: “Me vê uma Brahma gelada”. O garçom servia a bebida no capricho, a mulher dava um trago, caía dura e preta estendida no chão, e o bar inteiro ia lá e comia a bunda dela.

E assim a coisa foi se desenrolando. Finzinho da tarde, a mulher entrava no bar, se debruçava no balcão e pedia: “Me serve uma Brahma”. O garçom acedia, ela bebia, caía desmaiada no chão, e o bar inteiro comia a bunda dela. Daí ela acordava sem mais e ia embora.

Dia seguinte, a mesma rotina, na mesma hora. “Me dá uma Brahma”, pedia. Depois desmaiava, e o bar inteiro comia a bunda dela.

Fizesse sol ou chuva, finzinho da tarde, lá estava ela: “Por favor, me serve uma Brahma?”. Assim que dava o primeiro gole, ela caía, e, sabe como é, o bar inteiro comia-lhe o fiofó.

Até que, um dia, a mulher entra no bar, olha para o garçom e pede: “Por gentileza, me vê uma Antarctica?”.

Espantado, o garçom pergunta: “Ué, mas a senhora não vai querer Brahma?”.

E a mulher responde: “Sabe o que é, seu garçom? Vou de Antarctica porque Brahma está me dando uma dor no cu que eu não sei lhe dizer”.

Apuros não faltam no meu currículo. Depois de beber, eu perdia o controle de tal forma que era capaz de virar a noite numa balada e levar para um compromisso profissional um traficante que acabara de conhecer.

Certa vez, eu tinha acabado de entrar na Folha para ocupar o lugar que pertencera ao queridíssimo colunista social José Tavares de Miranda, quando João Dória Jr., nas vestes de presidente da Paulistur, órgão que cuidava do turismo de São Paulo, me convidou para ser jurada do concurso de Rei Momo paulistano.

O evento estava programado para às 19 horas. E eu passara a tarde inteira tomando Brahmas e Antarcticas na casa de uma de minhas amigas mais queridas, Carole Shorto Civita, minha vizinha no bairro Alto da Boa Vista. Sempre brincávamos que Carole morava na Chácara Flora, e minha família, na “chácara fora”. Ou seja, do lado de fora da Chácara Flora. Ela tinha 16 anos a mais do que eu, uma casa deslumbrante e um quarto sempre pronto para mim. Carole foi muito amiga da minha família, conhecemos os Shorto em meados dos anos 1960, em Gstaad, o vilarejo mais bonito do mundo, um dos *resorts* de esqui mais fantásticos da Suíça.

As coisas já não iam muito bem entre mim e meus pais, eu já tinha perdido a visão de um olho no acidente que causei na esquina da avenida Paulista com a rua Peixoto Gomide, vivíamos às turras, e Carole me dava guarida sempre que eu lhe pedia socorro, com inteiro consentimento dos meus pais, que ficavam agradecidos pelos cuidados dela comigo.

Acontece que, nesse dia particular, bebi tanto que, a certa altura, abri a porta da geladeira da Carole e dei de cara com um *tupperware* contendo arroz, carne e cenoura. Mandei ver, comi quase a vasilha inteira antes que Carole pudesse interromper minha *grande bouffe*.

“Barbara, essa comida é do cachorro! Você acabou com o estoque que preparei para a semana inteira!”

Bronca dada, recado recebido, tomei um banho e nos mandamos para o outro lado da cidade, ginásio do Corinthians, no parque São Jorge, onde iria rolar o concurso de Rei Momo.

Sentei no centro da arena, numa longa mesa ao lado da passarela junto dos outros jurados. Carole ficou atrás de mim, na primeira fileira da arquibancada, aquela que bordeia a arena.

Ao meu lado esquerdo, sentou-se um jurado importante, o prefeito de São Paulo naquele longínquo ano 1984, que vinha a ser Mário Covas, político conhecido pelo mau humor e pela tolerância zero com macaquices.

Tentei puxar papo com ele, estava visivelmente alegrinha, o prefeito não me deu a menor bola.

Começa o desfile. E entra um concorrente e entra outro e mais outro e outro… Cada um mais "balanguento" que o anterior. E eu, que só me sentia atraída pelo lado mais pagão e terreno do Carnaval e tripudiava todos os seus rituais, comecei a ficar de saco cheio.

Aqueles mastodontes suados se sacudindo e sorrindo muito (do quê?) na minha frente, e eu não estava vendo motivo para coroar ninguém ali.

Seguem os trabalhos sobre a passarela, e o Covas ao meu lado, de cara amarrada. Entra um gordo, pessoal bate palma. A gorda que vos fala já estava no limite. A certa altura, cansei da brincadeira. Não sei direito em que parte do concurso estávamos, eu me virei para trás e ordenei aos altos brados: "Carole, vamos embora daqui já, esse negócio tá muito chato".

Senti a carranca do prefeito Covas crescer. Não ia tentar falar com ele pela enésima vez. Mas quis marcar a minha despedida com um gesto que desse o meu depoimento definitivo sobre o evento. Peguei a caneta esferográfica que estava usando para marcar as notas dos candidatos e a enfiei cuidadosamente no ouvido do peessedebista.

Ficou aquela coisa esdrúxula, uma esferográfica pendurada na orelha do prefeito, cena alucinante.

Dei uma risadinha, saltei da cadeira executando uma acrobacia de Errol Flynn, ultrapassando a mureta que separava o palco da arquibancada num só arremesso. Nada mais se fez do assunto, o prefeito ficou lá com cara de azedume, e a Carole e eu fomos jantar no restaurante Massimo, uma das grandes glórias paulistanas nos anos 1980.

Na segunda-feira seguinte, logo na primeira hora, meu patrão, Otavio Frias Filho, mandou me chamar. Na hora não liguei os fatos, inconsequência em pessoa, dei uma de apóstolo

perdido em meio à multidão que não entende o que está ocorrendo à sua volta. *Hein? Pães? Peixes? Barbudo? Por que tamanha comoção?*

Antes que pudesse dar um bom-dia, Otavio me chamou à razão. “Onde você esteve na noite de sábado?”

Não consegui produzir uma resposta que fizesse sentido, pois eu realmente não lembrava. Percebendo meu desconforto, Otavio deu-me um recado curto e grosso, que nunca mais esqueci. “De hoje em diante, saiba que em todas as suas saídas de casa você está representando a Folha.” E fechou a porta atrás de mim.

Celebridades não se drogam

A principal razão para que eu resolvesse revisitar meu passado inglório e registrar no papel a parte mais dolorosa e emblemática da minha vida foi a vontade de reforçar minha sobriedade prestando serviço a quem ainda sofre em razão da dependência.

Não sou nenhuma santa, minha decisão foi pragmática. Com essa atitude, na verdade, acabo matando dois coelhos "com uma caixa-d'água só", como dizem por aí.

A ajuda a quem ainda sofre é uma etapa importantíssima na recuperação proposta pelo famoso programa de 12 Passos, documento, diz a lenda, redigido de uma só tacada por um dos fundadores do AA, Bill, sem sobrenome, como convém a quem participa de grupos que contêm o adjetivo "anônimo" no título.

O AA foi fundado em 1935 por Bill W., um ex-operador da Bolsa de Nova York, junto com o médico Bob, ambos alcoólatras.

O 12º e derradeiro passo reza que quem consegue atingir a bênção da conscientização deve levar a mensagem adiante para que outros possam encontrar a sobriedade.

É muito bem bolado esse programa. Enquanto está tratando de pensar, falar e ajudar os que ainda não chegaram lá, você também reforça o seu propósito de não beber, ao relembrar reiteradamente as vezes em que pisou na bola. Dessa maneira, revivendo os atos que o levaram até o fundo do poço, você reforça as razões pelas quais é muito bom acordar sem dor de cabeça, sem remorso e sabendo exatamente onde esteve na noite anterior.

Nesse sentido, é lamentável como nós, no Brasil, trocamos os pés pelas mãos. Explico: quantas pessoas famosas você já

viu enfrentarem publicamente os seus fantasmas? Quantos ídolos e pessoas que servem de exemplo se dispõem a falar sobre, digamos, a perna perdida em um acidente de trem, com o propósito de ajudar outras pessoas que sofrem por ter tido um membro amputado e se sentem à margem? Quantos vêm a público admitir problemas com drogas ou falar sobre sua homossexualidade?

Sabemos da nossa hipocrisia. Nelson Rodrigues já falava em nossa formalidade forjada para fins escusos. Quantos que atuam na TV não admitem ser LGBTQI+ para não perder contratos de publicidade ou cachês de bailes de 15 anos que serão efetivamente cancelados caso saiam do armário? Pelo mesmo motivo, quantos com problemas de dependência não vivem aterrorizados com a possibilidade de ver sua condição exposta publicamente?

A situação é diferente nos países que tratam a dependência como questão de saúde pública e adotam programas para lidar com o problema. Nos EUA, o famoso sofre um revés e imediatamente monta uma fundação ou lança um livro para tentar melhorar a vida de quem se identifica com seu drama.

Michael J. Fox, do filme *De volta para o futuro*, fez toda a diferença para quem tem Parkinson com a divulgação da doença que o acometeu tão cedo. Robin Williams sempre discutiu publicamente seus excessos com o álcool e a cocaína. Robert Downey Jr. é exemplo a ser seguido. O público acompanhou sua trajetória até o fundo do poço, a prisão e as clínicas de recuperação e, mais tarde, sua superação rumo ao superestrelato como herói da Marvel. O Superman, Christopher Reeve, foi outro bom exemplo de dedicação à sua causa, depois do acidente hípico que o deixou tetraplégico. Ajudou muita gente e angariou dinheiro nunca antes reservado à pesquisa médica para lesões neurais.

Conosco não funciona assim. Participei do conselho da fundação de um amigo queridíssimo, Patrice de Camaret, de apoio a disléxicos – dislexia vem a ser a dificuldade no aprendizado de leitura. Não conseguimos encontrar uma só celebridade brasileira que se dispusesse a falar publicamente

sobre o problema na primeira pessoa. Para nós, a imagem pública ainda precisa ser protegida, como se a humanidade de cada um servisse mais para nos separar do que para nos unir.

Somos muito mais parecidos do que podemos imaginar. O silêncio dos famosos, daqueles que poderiam fornecer exemplo de superação, não é apenas um problema restrito à decisão pessoal das celebridades.

Durante quatro anos, depois que vim a público falar sobre minhas dificuldades com a bebida, fiz parte do elenco de um programa de televisão de debates entre mulheres, o *Saia Justa*. E pude observar que minhas colegas eram sempre recrutadas para todo tipo de trabalho fora do programa: palestras, apresentações de produtos e medicamentos, mediação de conversas em eventos de empresas, programas de TV e outros tantos convites.

Durante todo tempo de vigência do meu contrato e exposição vigorosa no programa mais assistido do canal GNT, nunca fui chamada para endossar nenhuma causa. Nenhuma empresa arrisca abraçar alguém que possa ser considerado indesejável. Não é bom para a marca, acreditam. Não percebem que, se abrissem caminho, começariam ajudando muitos dos seus próprios funcionários, além de formar networks inteiras de pessoas a quem os problemas dizem respeito direta e indiretamente.

Por hipocrisia, desconhecimento ou pura negligência incentivada pela cultura da aparência, nosso país parece não enxergar o potencial da ajuda mútua. Poucos são os casos de empresas ou indivíduos de destaque que se situam com firmeza e responsabilidade diante de causas espinhosas, por mais urgente que seja falar delas.

Exceções existem, claro. Imagino quantas meninas que se percebem lésbicas na imensidão do nosso Brasil, ou mesmo em plena avenida Paulista, na região central de São Paulo, não tenham crescido em dignidade perante a família, o trabalho e a escola quando Daniela Mercury celebrou publicamente que estava amando uma mulher.

A divulgação pública nos ajuda a normalizar (colocar na norma) aquilo que é temido por ser desconhecido. Se começo a me informar sobre a dependência, se tomo contato com um casal do mesmo sexo, fica bem mais fácil desvendar certos fantasmas e realizar que somos todos humanos, passíveis de paixões e dúvidas, capazes de gestos nobres e atos impensáveis.

Faço um esforço redobrado para não subestimar o medo que o ser humano sente de se enxergar como alguém capaz de alguma atrocidade. Maluco, mau-caráter, fraco e nocivo é sempre o outro, nunca alguém da nossa família ou nós mesmos.

Da mesma forma que a dependência não é desvio de caráter, crianças que entram em contato com gays e lésbicas não correm o risco de “pegar” homossexualidade como se pega uma virose.

Os únicos famosos de quem conhecemos a dependência pelo álcool e as drogas são aqueles que foram desvendados a contragosto. Não há ninguém que tenha resolvido falar sobre seu problema antes que se ventilasse alguma informação em revistas de amenidades ou nas redes sociais.

Em junho de 2017, durante um episódio etílico, Fábio Assunção foi capturado em vídeo feito por celular e replicado no YouTube dezenas de milhares de vezes. O ator já tinha se metido em outras situações delicadas. Em vez de se esconder ou negar os fatos, Fábio resolveu pedir desculpas. Decerto, diante do flagrante das câmeras presentes, não havia como negar o ocorrido.

No dia seguinte à divulgação das imagens mostrando o ator sendo detido e recolhido por uma viatura policial enquanto xingava, gritava e esperneava – o tipo de situação que mais me atormentava viver na minha época de ativa –, percebi um movimento de gente iniciando na internet um massacre contra a reputação do ator, de quem me considero amiga de bons e maus momentos.

Redigi o seguinte texto, postei na minha página oficial e repliquei na página particular, exclusiva aos amigos:

A dependência é uma doença dificílima de lidar em âmbitos familiar, social e profissional.

Você perde amores, amigos, você machuca a sua família de maneira a deixar cicatrizes profundas, você perde dinheiro, empregos e a confiança em si mesmo.
Mas são poucos os que conseguem se recuperar por longos períodos e menos gente ainda pelo resto da vida.
A dependência vai ficando pior com o tempo. Se a pessoa não consegue parar, a vida começa a virar um pesadelo e o calvário invariavelmente acaba muito mal.
As vezes em que o indivíduo consegue ficar limpo são quase uma exceção no penoso percurso do dependente de álcool ou drogas.
Eu levei mais de vinte anos, depois de entrar para o AA, em 1986, antes de conseguir ficar completamente sóbria.
E, mesmo assim, se não for constantemente vigilante, corro o risco de recair.
É assim com todos os que veem a dependência se instalar, alterando o metabolismo.
E olhe que eu já estou há onze anos sem tocar em bebida.
Agora pense na situação de alguém que está em evidência, que tem sua vida, sua história e os episódios mais tristes de sua dependência expostos publicamente.
Alguém que, por conta dessa exposição, está sujeito ao julgamento moral de um público que, muitas vezes, não tem conhecimento nenhum sobre o que é a doença da dependência.
Coloque-se por um momento na pele de quem já está fragilizado por conta dessa realidade e ainda vê sua vida profissional e a possibilidade da sua demissão ser discutida de forma inconsequente em redes sociais.
Tente imaginar a disposição de quem foi filmado em alguns dos piores momentos do fundo do seu poço e depois exposto em sites de fofocas e manchetes de jornal.
Tente se concentrar na vergonha e na humilhação de quem não consegue lidar com uma dependência que será jogada na cara de seu filho, sua mãe e de todos os que confiaram no dependente – e que irão se arrepender de ter dado a ele um voto de esperança.
Fábio, querido, eu sei como você se sente. Sei também da pessoa aberta, leal e adorável que você é. Sei do seu imenso talento e da paixão que você dedica aos projetos nos quais se envolve, muitos deles completamente voltados para ajudar quem teve menos sorte do que você.
Continuo confiando em você e na sua vitória nessa guerra que é a dependência. Tamo junto, *bro*. Força *ae*.

Meia hora depois da minha postagem, quando metade do mundo já tinha caído violentamente em cima do ator, comecei a sentir o vento mudar de direção. Uma pessoa aqui e outra ali resolveu me acompanhar e também sair em defesa dele. Para encurtar a história, o post passou dos 190 mil likes e teve mais de mil compartilhamentos.

No fim das contas, a onda de ódio foi revertida. Transformou-se em lufada de fresca solidariedade. Minha página no Facebook acabou entupida de comentários positivos, retratações de quem pouco antes havia xingado, muita gente deliberando que não se deve julgar apressadamente, outras reafirmando sua admiração pelo trabalho do ator, que, convenhamos, sempre foi amado pelo país inteiro e que, quando não está “sob efeito”, é um dos

camaradas mais decentes da sua profissão, um famoso “gente como a gente”, de verdade.

No dia seguinte, Fábio pediu publicamente para que a enfermeira demitida do hospital para o qual ele havia sido encaminhado pela polícia, autora da filmagem das cenas embaraçosas que o mostravam embriagado, fosse readmitida. Depois postou uma mensagem num grupo de WhatsApp de que ambos fazemos parte dizendo-se grato e inspirado pela força que tinha recebido.

É evidente que a solidariedade das pessoas não diminui a distância entre certo e errado. E é claro que todos nós devemos ser responsabilizados pelos nossos atos. Se não fosse assim, beber seria considerado pela lei como atenuante, não agravante, para quem comete um ato criminoso sob a influência.

Seria exagero dizer que a maioria dos acontecimentos da minha vida me desabona. De forma alguma. A maioria me favorece. Sempre fui de relacionamentos longos, sou uma profissional com carreira reconhecida e me dou muito bem com familiares, amigos de infância e pessoas que trabalharam comigo a vida inteira.

Se resolvi expor o lado escuro da minha existência neste relato foi para mostrar que ninguém deveria sofrer humilhação ou passar a vida inteira batendo a cabeça por causa de um problema cuja solução está ao alcance da mão.

Poça de sangue

Pancreatite, hepatite, câncer de bexiga, câncer no esôfago, ataque cardíaco, engasgar no próprio vômito: ao longo do caminho essas são algumas das atrações reservadas ao bebedor compulsivo.

Outra possibilidade é a de perder a vida sem nem se dar conta. Morte no trânsito, por arma de fogo e armas brancas, acidentes no banheiro e na cozinha e suicídio são algumas das ocorrências policiais com as quais eu fatalmente iria me deparar se continuasse me expondo por mais tempo.

Beber descontroladamente também aumentava minhas chances de jogar dinheiro (que eu não tinha) pela janela e perder o assoalho debaixo dos meus pés de uma hora para a outra.

Entrei na fase do pânico noturno. O rol das desgraças disponíveis só aumentava, e não restava mais dúvida de que ia ser difícil sair imune daquela armadilha, se é que eu sairia um dia.

Chegando aos 50 anos, intercalava surtos de medo e remorso. Fazia cálculos mentais repetidos, um tipo de cacoete, do contingente considerável de amigos, ex-colegas de escola ou de gente que passou pelo mesmo balcão de bar e perdeu a vida à toa sem nem se dar conta de que estava doente.

Uma vantagem eu levava sobre eles nessa luta: sabia muito bem do mal que me afligia e o que tinha de fazer para interromper a degradação se quisesse sair viva.

Outro aliado que passei anos ignorando, mas que estava sempre ali a postos, era o meu anjo da guarda “fodão” de titânio,

primo do Incrível Hulk, batalhador incansável e amoroso. As coisas que ele teve de enfrentar…

Um dia acordei deitada numa poça de sangue no tapete da sala. Deviam ser umas 2 da tarde. Estava sozinha e não fazia ideia do que tinha acontecido. Sentia-me como se tivesse duelado com uma britadeira. Apalpando com cuidado, constatei um talho fundo no couro cabeludo.

O impacto deve ter sido cinematográfico, a julgar pelo tamanho da mancha de sangue no tapete.

Há quantas horas eu estava deitada ali?

Um monte de pensamentos catastrofistas, indicadores da degeneração em que me sentia envolta, invadiu minha mente.

Pensei na vez em que dormi na fazenda de amigos com uma moça com quem jamais transaria não fossem os poderes ilusionistas da bebida. Acordei toda molhada. Levei alguns minutos para me dar conta de que havia feito xixi na cama.

O ator William Holden e a desenhista têxtil Laura Ashley vieram-me à mente. Ambos perderam a vida em acidentes domésticos causados pela bebida. Sempre me lembrava desses dois casos e ficava aterrorizada com as infinitas possibilidades de estar sozinha e me machucar por algum descuido etílico.

Sentada no chão da sala num lago de sangue, achei melhor pedir ajuda, coisa que sempre relutava em fazer para não chamar atenção da minha família para o meu problema.

Uma amiga com experiência em enfermagem chegou minutos depois e constatou que não dava mais para costurar a cabeça, o sangue já estava todo pisado, a cicatrização em andamento, tinha passado tempo demais desde o acidente. Tempo demais? Mas quanto?

Levei horas para lavar o ferimento, de tão empastelado que estava o cabelo. Nunca desvendei o mistério. Já são mais de vinte anos desde esse dia e ainda não conheço os detalhes da imprudência que rendeu a pronunciada cicatriz que carrego até hoje no cocuruto.

Graça e desgraça

Nem tudo é cicatriz e sangue no tapete.

Sou uma mulher engraçada, rodeada por pessoas hilárias. O humor é um valor venerado na minha família, sempre tão dada à desenvoltura social. Significa elegância, leveza e reflete uma filosofia cheia de sabedoria. A vida é isso, e não muito mais; drama existencial não vai mudar o fato de que somos todos tão perecíveis quanto um pastel de palmito.

Logo depois que minha mãe morreu, em julho de 2016, cheguei a termo com essa minha necessidade exasperada de chamar atenção e fazer rir. Lulla era uma mulher de gargalhada fácil, deliciosa. Daquelas gargalhadas que servem de claque para a piada e multiplicam a graça por dez.

Vivia louca para me fazer notar pela minha mãe. Não posso negar que o fascínio que ela exercia sobre mim (e o resto do mundo) foi um dos motivos que contribuíram para que eu escancarasse meu coração de amores pelas mulheres. Tudo bem, até concordo que o charme do meu pai me fez ficar muito a fim dos inúmeros homens que passaram pela minha história, a maioria sem deixar qualquer legado que valha ser mencionado. Mas sempre me chamou a atenção o fato de que mulher que gosta de mulher costuma ter mãe diva.

Então eu fazia minha mãe rir, fazia os professores e os colegas da escola rirem, fazia rir na peça da escola, rir entre os amigos do bairro e os pais deles – e os amigos da minha irmã eu fazia morrer de rir. Estes, diga-se, chegavam a me pagar em espécie, um ou dois cruzeiros, para que eu não fosse dormir e

continuasse a fazer graça na sala. Eu dava a volta fazendo a coleta, enquanto minha irmã virava uma onça.

Por causa desse traço de personalidade, este meu relato está recheado de histórias engraçadas. Só não vá você pensar, meu nobre leitor, que essa graça é necessariamente sinônimo de alegria e felicidade. Muitas vezes, ela foi apenas um recurso usado para me fazer suportar a mim mesma, lidar com a vida ou com minhas próprias dificuldades, muitas das quais foram produzidas por mim e podiam ter sido abreviadas, não fosse minha porra-louquice.

Dizem que todo palhaço é triste, e eu não sou exceção. Anos e anos castigando minha hipófise e, consequentemente, deprimindo minha produção de dopamina e outras substâncias fizeram com que eu adquirisse uma angústia residual e eternamente presente, uma agitação que me faz ficar permanentemente plugada, feito um tubarão que nunca para de nadar. Se você me examinar de perto, verá que essa minha angústia é uma forma, mesmo que branda, de depressão. Foi a bebida que gravou em mim essa característica; não me iludo de que não tenha sido.

Continuo uma pessoa alegre e vibrante. Mas é só descuidar um pouco do meu estado de espírito que volto a entrar em parafuso e a falar baixinho, a esmo, sem nem mesmo me dar conta: *Vou dar um tiro na cabeça… tiro na cabeça, tiro na cabeça…* Mais do que um desespero ou uma ameaça à minha integridade, essa repetição representa um cacoete dos tempos em que eu vivi minha – GRANDE RESSACA MORAL –, assim mesmo, em capitulares –, a derradeira e que, no fim das contas, me fez parar de beber de uma vez por todas.

Mas, antes de falar sobre essa etapa importante, vamos aos casos mais palatáveis.

Monstro do pântano

Manhã de domingo, como de praxe naquela época da minha vida, acordei sem me lembrar direito o que havia sido da noite anterior. Mas, naquela manhã igual a tantas outras, uma coisa era especialmente indecifrável: o que eu estava fazendo com uma camiseta estampada com as letras DPZ e uma cueca samba-canção que nunca tinha feito parte do meu guarda-roupa?

O publicitário José Zaragoza foi dos grandes festeiros que conheci. A casa dele, cravada no umbigo do Jardim Europa, estava sempre cheia de gente. Celebravam-se ali datas nacionais brasileiras, espanholas – homenagem à sua origem –, francesas – à de sua mulher, Monique; aniversários de filhos, de netos; farras dançantes; coquetéis: sempre havia motivo para festejar e dançar loucamente. Era muito divertido, poucas coisas me encantam como festas que juntam várias gerações familiares. Mesmo agora, depois de tanto tempo sem tocar em água que passarinho não bebe, continuo fã de casamentos e de festas de arromba com música ao vivo.

As de Zaragoza, e as da emblemática agência de publicidade que ele fundou com os sócios Duailibi e Petit, ninguém de bom senso perderia. Elas estavam entre as mais animadas da cidade.

O domingo em que acordei de cueca devia ser um 15 de julho qualquer. Fazia um frio de rachar – certos detalhes a gente nunca esquece. Lembro vagamente que o tema da festa tinha sido vermelho-azul-e-branco, em homenagem à queda da Bastilha. Além disso, minha memória não arquivou nenhum outro

acontecimento. Blecaute. Branco total. Só pode ser essa a origem do nome "Black & White"... Será?

Como de hábito, logo notei que uma legião dos meus valorosos neurônios havia sido abatida pela ingestão de álcool em rodadas de brindes homenageando Marianne e *les enfants de la patrie*.

O simples esforço de reavivar a memória já ligava o alarme para me informar de que tinha excedido a conta. Fiquei encafifada: *Por que estou com essa cueca gigante?*.

Alguma anomalia no percurso ocorreu para que eu acordasse fantasiada daquele jeito.

Minha primeira reação foi rir para não chorar. E fazer a piada, de uso estritamente interno, que costumava repetir para mim mesma nessas ocasiões surreais: "Meu cu está doendo? Não? Então estamos a salvo", dizia, apalpando a bunda e esticando um sorriso amarelo na boca, disfarçando não sei para quem. A dura realidade é que eu temia não ter controle sobre mais nada.

Não conseguia me lembrar do momento em que tinha deixado minha roupa para trás, então minha namorada foi me contando. No jardim da casa do Zaragoza existia um tanque de carpas coberto por vitórias-régias, um deleite arquitetônico típico das casas dos endinheirados tapuias.

Como se sabe, de noite todos os pisos são pardos. Dizem as boas e as más línguas que eu estava de costas para o tal tanque, muito animada contando alguma história cabeluda.

Bastou um passo para trás e… "catapimba"! Ressurgi com uma vitória-régia se equilibrando na minha cabeça tal e qual o tabuleiro da baiana.

Longe de apresentar a destreza de Esther Williams, e ainda por cima intoxicada e aparvalhada, eu ainda teria afundado algumas vezes antes de ser socorrida pelos gentilíssimos anfitriões.

José e Monique me resgataram e me emprestaram aquela roupa improvisada no acervo pessoal da família.

Qualquer pessoa com um mínimo de recato teria pegado seu chapéu e ido embora para casa, encerrando o expediente. Eu

não. Cabelo molhado, frio, aparência desmazelada, cambaleante… Nenhuma dessas ocorrências me demoveu da ideia de terminar a história que estava contando. E daí vai outro drinque e vem outra história e eu fui ficando na festa vestida como um adolescente que vai dormir na casa do amigo e se esquece de levar o pijama.

Naquela noite, a história do monstro do pântano ganhou uma nova versão.

Juntando os cascos

Uma das tantas perdas da minha vida, o fim do relacionamento com a Ana Lúcia – com quem estive praticamente casada por onze anos –, foi resultado de uma jamanta lotada de desrespeito e outros tantos carregamentos do escracho com os quais eu tratava todas as coisas na reta final da minha vivência como rainha do alambique.

Os anos que passamos juntas, de agosto de 1995 a outubro de 2006, os derradeiros da minha experiência como alcoolista, são aqueles que eu menos guardo na memória. Não pelas más lembranças, ao contrário, foi um relacionamento muito bom até não mais ser. Problema é que esse tempo coincide com aquele em que minha atividade etílica, tabagista e narcótica foi a mais pronunciada de toda a vida.

Sobraram impressões vagas, como se eu tivesse pegado um esboço a lápis e colocado sobre ele uma folha de papel vegetal e agora só conseguisse deduzir vagamente suas formas, sem de fato identificá-las com precisão.

Por causa da falta de confiança nas recordações de sua vida como dependente químico, quando resolveu escrever sua biografia, David Carr, ex-adicto e colunista do jornal *The New York Times*, achou por bem entrevistar todos aqueles com quem convivera em seus anos na ativa.

Juntou documentos legais e médicos a sessenta entrevistas gravadas em vídeo e mais de três anos de pesquisa para compilar *A noite da arma: um repórter e ex–viciado investiga a história mais tenebrosa de sua vida. A sua própria*. Talvez o mais

cândido e brutal relato que eu tenha lido, entre tantos outros na preparação deste livro.

O título da obra de Carr diz respeito a um episódio de excessos cometidos que o afastou do melhor amigo. Numa das entrevistas, o autor visita esse amigo que não via havia vinte anos e que se dispõe a falar com ele por causa da biografia. Os dois tinham rompido porque o camarada apontara uma arma na cara de Carr e o expulsara de sua casa.

Ao longo da conversa, descobre-se ter sido o autor quem apontou a arma para o outro e que os eventos tinham sido bem mais radicais do que indicava a vã lembrança do dependente.

Nunca apontei uma arma na direção das “ventas” de ninguém. Ao contrário, tenho pavor de armas de fogo, tanto é que participei ativa e publicamente da campanha do desarmamento. E continuarei participando de quantas forem necessárias.

Aliás, só fui me dar conta do motivo da distância mantida de armas letais quando um convite feito a mim e ao mitológico narrador esportivo Silvio Luiz, com quem apresentei um programa chamado *Dois na Bola* (parodiando o nome *Dois na Bossa*, do disco do programa da Elis com Jair Rodrigues) por oito anos no canal de TV BandSports.

O apresentador de TV Otávio Mesquita inventou de fazer uma reportagem em que Silvio e eu formaríamos um time e guerrearíamos contra ele e a apresentadora Bárbara Koboldt em um jogo de *paintball* numa quadra oficial no bairro de Perdizes, em São Paulo.

Ocorre que, naquela época, eu estava pelas tampas com o Silvio, a quem – deixo claro – adoro de paixão e considero um amigo para a vida toda. Não por algum motivo específico, mas porque ele é a encarnação do personagem Zangado da *Branca de Neve*. Não é à toa que seu apelido nos bastidores da TV é Iogurte. Ele é “branco, pequeno e azedo”. Não é fácil fazer dupla com o Zangado por tantos anos.

A certa altura do *paintball*, encontrei-me emparelhada com Silvio atrás da linha inimiga. Ele estava a uns 10 metros de distância, lado a lado comigo, e o Otávio e sua aliada estavam de

frente para nós, escondidos em algum *bunker*. De repente, atrás de uma muretinha, avistei apenas uma bochecha da buzanfa do meu *partner* (como ele costumava me apresentar na tela). Não tive dúvida. Descarreguei o lote inteiro de pelotas de tinta em cima da sua bunda enquanto ele pulava feito busca-pé e me suplicava para parar.

Relato esse episódio de saudosa memória para mostrar que não levo nenhuma vantagem moral sobre David Carr. O que aconteceu com ele podia muito bem ter ocorrido comigo. E, como ele, eu também não teria a menor ideia de mais essa vergonha carimbada no currículo, mais um perigo absurdo, iminente e totalmente desnecessário experimentado por causa da ingestão contínua de alteradores de humor.

Sabendo-me devedora nestas páginas de um registro minimamente coeso e honesto sobre nosso tempo juntas, imitei o colega de infortúnios Carr e fui entrevistar a Ana Lúcia com um gravador digital à mão.

Hoje somos amigas. Melhores amigas. Para mim, a fila andou. Para ela, bem… A fila andou por linhas tortas, posto que ela me trocou pela minha ex-ex, ou seja, mudou o encadeamento dos fatos na minha cabeça.

A ex-ex vem a ser uma espécie de Silvio Luiz de seios exuberantes, atração fatal com cabeça de carranca.

Sem maiores rancores. Sei que mereci o que me foi reservado. Estou bem ciente de que ninguém consegue conviver com quem bebe. Muito menos com alguém que “sai de giro” e “espana” a cada quatro ou cinco dias, até menos, como eu fazia. A ex-ex, a quem chamaremos aqui de Nádia, posto que ela prefere não ser identificada, também viveu momentos difíceis ao meu lado.

Mesmo sóbria, percebo que o pessoal diz que não sou fácil e que, comigo, cada mergulho é um *flash*.

Marcela, minha mulher atual e, espero, daqui para a eternidade, que me conheceu sóbria e nunca presenciou nenhuma alteração dramática de comportamento, costuma dizer que, mesmo de cara limpa, eu não sou para principiantes e que comigo não há um momento de tédio.

Logo que nos encantamos uma pela outra, em 2009, eu discuti com um sem-teto no meio da rua. Em Nova York. Sem querer, Marcela investiu contra o tal do *homeless* armada de quatro sacolas de compras que tentava equilibrar ao mesmo tempo em que acenava para um táxi. O indivíduo reagiu com um: “You fucking cunt!” [Sua puta do cacete].

Ora, pra quê?

Derramei um caminhão de esterco e cobras em forma de insultos e danações para cima dele, aos berros, no meio da rua 45.

Assim que terminei meu abuso verbal, deu-se o seguinte diálogo: Ele: “Ah, a lesbian!” [Ah, uma lésbica]

Eu: “Your mother is a lesbian!” [Sua mãe é que é uma lésbica, numa tradução literal de “É a mãe”].

Ele: “My mother is dead!” [Minha mãe está morta]

Eu: “Well, thank God she’s dead, so she doesn’t have to testify to your outcome!” [Graças a Deus sua mãe está morta, assim ela não precisa tomar conhecimento da porcaria em que você se transformou – ou algo assim].

Isso tudo enquanto ele nos perseguia de bicicleta e nós corríamos pela calçada carregando metade da loja da GAP.

Note que eu já não bebia havia uns três anos quando esse embate se deu.

Por aí o dileto leitor pode imaginar o que eu não deva ter sido com trinta anos a menos e turbinada por álcool e outros aditivos. “Pelo amor dos meus filhinhos; pelas barbas do profeta”, como diria o Silvio Luiz…

***

Não existiu “o dia em que a Ana e eu nos conhecemos” pelo simples motivo de que trabalhávamos na mesma redação junto a outras 150 pessoas, no 4º andar da Folha de S.Paulo, na rua Barão de Limeira, 425, Campos Elíseos, em São Paulo.

Mas teve uma “primeira noite” em que conversamos e depois saímos para jantar naquilo que os gringos chamam de *blind date*.

Ficamos juntas rapidinho e, sem maiores delongas, fomos fazer um cruzeiro proporcionado pela editoria de Turismo da Folha.

Viagem de jornalista é uma coisa deprimente. Todo tipo de empresa realiza convites que, à primeira vista, parecem superatraentes, para que os profissionais testem serviços, produtos, hotéis, roteiros de viagem, restaurantes e afins. Mas não há vez em que o “jabaculê” (como os jornalistas chamam esses mimos aparentes) não revele ser uma gigantesca roubada. Nem sequer convites para ilhas paradisíacas ou castelos encantados escapam dessa norma, creia.

Costumo comparar as viagens jabá com plateias de programas de auditório. Camarada pensa que está recebendo um convite exclusivo para ver de perto seus ídolos da TV, quando, na verdade, em troca de horas de espera e uma lata quente de guaraná, será obrigado a obedecer às ordens estritas do diretor de plateia e a trabalhar como figurante sem receber.

É mais ou menos isso que acontece com o jornalista quando ele aceita viajar a convite de uma agência de turismo para escrever uma reportagem.

Acontece que nunca me vi na obrigação de agradar a ninguém, a não ser ao meu leitor e ao departamento jurídico do jornal em que trabalhei por mais de três décadas.

E, por conseguinte, ao longo dos anos, deixei de ser convidada para todos os jabás possíveis e imagináveis, uma vez que, por um motivo ou por outro, minha sinceridade sempre acabava causando problemas para quem me convida.

Não foi diferente nessa viagem pelo Caribe com a Aninha, que acabou sendo mais uma celebração do que uma viagem de trabalho.

Com seu delicioso sotaque pernambucano, minha querida amiga Carole tentou prevenir a Ana em um almoço no dia em que partimos: “Menina, presta atenção, você percebe que corre o risco de ser atirada aos tubarões?”.

Parece que ela previa o que estava por vir.

No voo para Miami, cidade de onde partiria o navio, aconteceu o diabo. Eu me embriaguei no avião e, não sei bem explicar a sequência dos fatos, mas, quando me dei conta, as

luzes da aeronave estavam apagadas, todos dormiam, inclusive a Ana, e eu beijava de forma animada uma belíssima amostra de comissário de bordo, dentro de um dos banheiros da classe executiva do avião.

Teve também o episódio em que, já no navio, eu levantei da mesa no jantar com o comandante – dos rituais mais tediosos de qualquer cruzeiro – na hora do antepasto e só voltei para o cafezinho.

Também teve a cena em que eu corri de *topless* na praia, gritando “Livre! Livre!”, para divertimento da Ana, que àquela altura já estava perdidamente apaixonada por mim e cega quanto ao futuro escandaloso que eu iria lhe proporcionar. Parecia que nada do que eu fazia poderia deixá-la preocupada. Dos primeiros anos de nossa convivência, aquilo de que mais me lembro da Ana é a sua gargalhada retumbante, transbordando de alegria.

Na volta do tsunami, digo, passeio pelas ilhas de Aruba, Curaçao, Barbados, Antígua e ilhas Virgens, coube a mim conhecer a irmã da Ana, que estava a postos para dar seu aval sobre minha humilde pessoa.

Com a palavra, Ana Lúcia Ribeiro:

A gente saiu pra jantar com meu cunhado e minha irmã. Tínhamos acabado de voltar do Caribe, e eles passaram para nos buscar. Você já tinha bebido. Fomos ao restaurante, que tinha uma suntuosa escadaria de mármore, e, lá pelas tantas, você subiu para ir ao banheiro. Quando voltou, continuou descendo quando a escada terminou: ficou de joelhos e depois deitou e dormiu ali mesmo, no chão. No meio do restaurante. Eu tive de ir lá e falar “Barbara, levanta”. Minha irmã ficou assustadíssima e me perguntou se eu queria mesmo namorar aquela mulher.

Eu havia recém-recaído quando comecei a conviver com a Ana, coisa que aconteceu imediatamente, uma vez que ela mudou para minha casa poucos dias depois de nossa volta da viagem. Dizem que é por isso que a gente não vê muitos casais de lésbicas pela rua. Assim que se juntam, as mulheres já saem casando e vão criar gato, periquito e cachorro de adoção enfiadas dentro de casa.

Ana e eu viramos logo um casal. Ela era a mais animada: não tinha tentação que recusasse. E lembra:

Eu estava apaixonada por você, pela sua originalidade, pelo seu entusiasmo.
Achava que tudo fazia parte de uma festa interminável que a gente estava vivendo. Naquele momento, eu não conseguia entender que para você beber não era uma diversão, era autodestruição. A gente saía muito, a gente bebia, a gente se divertia, no

dia seguinte eu voltava para a minha capacidade normal de viver e você ia se afundando.

Convites não faltavam. Para a turma que eu frequentava naquela época, tudo era motivo para celebrar. A Naomi Campbell estava na área para a Fashion Week: festa. O Lenny Kravitz está fazendo show em São Paulo: festa. O amigo artista plástico está abrindo exposição: festa. O Ron Wood (sim, dos Rolling Stones) aterrissou na cidade: festa.

Nossa própria casa virou o “bar da moda”. A instrução era a seguinte: se a luz da sala estivesse acesa, os amigos podiam subir a qualquer hora. E as pessoas iam chegando. Teve gente que chegou no meio da noite de terno, com a namorada de vestido longo, saindo de um casamento ou de uma formatura. Tinha quem chegasse com o amigo do amigo, gente que nós nem sabíamos quem era. Para quem entrava e saía, devia ser uma delícia. Mas a gente morava lá. Aquela era a nossa casa.

A Ana escrevia para uma revista de amenidades, saía todo dia de manhã para trabalhar. Eu trabalhava em casa e podia ficar escrevendo de pijama, se quisesse. Ou de *topless*. Ou de chinelo de coelho de pelúcia. Cor-de-rosa. Ou bebendo. E era isso (tudo) o que eu fazia muitas vezes. Quando ela voltava do trabalho, eu já estava nas alturas. E ainda de pijama, com banho por tomar. Não dá pra ficar muito em dúvida do porquê, a certa altura, ela ter dado no pé.

Foi aí que o doce batumou.

Fala a Ana Lúcia: “Eu tentava te tirar de casa, te interessar por algum show, alguma estreia de teatro. Você não aceitava nada. Só queria ficar em casa aprontando. Chegou uma hora em que eu vi que você não estava mais casada comigo, e sim com a bebida. E fui embora”.

Bati o carro duas vezes com a Ana. Uma logo no primeiro encontro, quando estatelei meu Santana em um poste na esquina de casa depois de (várias) rodadas de caju amigo num bar de bebedor profissional, o extinto Pandoro. A outra foi na *highway* 95, que vai praticamente do Canadá a Cuba, no trecho entre Fort Lauderdale e o aeroporto de Miami.

Nic Duailibi, meu amigo de infância que nos hospedou em Fort Lauderdale, ofereceu um churrasco de despedida e eu

mandei ver, como se não estivesse nos Estados Unidos, como se não fosse dirigir, como se não tivesse de pegar um avião. O Chrylser alugado sofreu perda total. Por sorte, e protegidas pelo coitado do santo que olha pelos entornadores de manguaça (aquele que é primo do Hulk), nós saímos perfeitamente ilesas dos dois acidentes.

***

Aqueles foram os primeiros anos de redes sociais, e eu já começava a perceber o perigo que era dar algum tipo de vexame na presença de celulares com câmeras.

Alguns colegas, jornalistas de prestígio, acabaram tropeçando pela falta de vigilância em relação ao “ao vivo perene” da era da hiperexposição. Diante do público das redes sociais, o pessoal acabava cometendo alguma indiscrição da qual se arrependeria para sempre.

Lá pelo ano 2002, na iminência do surgimento de ferramentas como o YouTube, eu já era acometida por ataques de pânico imaginando o tipo de situação em que poderia ser filmada, flagrada, pega no pulo.

Esse temor me tirava o sono, pois eu tinha certeza de que fatalmente acabaria exposta dando piti em algum ambiente mundano de pouca reputação.

Nessa mesma época, comecei a trabalhar cada vez mais na TV, o que ia multiplicando esses riscos.

Dava sinais de estar prestes a parar com aquela vida que não me proporcionava mais o mesmo prazer de antes e que só fazia aumentar a minha angústia, mas continuava bebendo. Cada vez mais, eu morria de saudades dos períodos em que tinha conseguido me manter sóbria por mais de seis ou oito meses.

Mas eis que uma entrevista no programa do Clodovil praticamente selou o meu destino.

A coisa se deu da seguinte forma. Clodovil, que já tinha arrumado bagunça em todos os canais de TV pelos quais havia passado, conseguira um programa na Gazeta, em São Paulo. Foi o derradeiro de sua carreira.

Ele conduzia suas entrevistas em um cenário que reproduzia o ambiente de uma sala de estar com cozinha anexa. Enquanto rolava o bate-papo, o genial mas peçonhento apresentador preparava uma comidinha e, para amainar a conversa, servia uma bebida de acompanhamento.

Eu já conhecia havia tempos o Clodovil quando ele me chamou para ser sua entrevistada da noite.

Corria a virada do século XX para o XXI, e eu ainda guardava bem a lembrança do Clodovil dos anos 1970, figura exótica da moda surgida na esteira do costureiro Dener.

Na época, minha família morava na avenida República do Líbano, no Jardim Paulista, e ele, a um quarteirão de distância, na esquina das ruas Oliveira Pimentel e Henrique Martins.

Eu e meus amigos do bairro estacionávamos a bicicleta na calçada do costureiro à espera de que ele surgisse de roupão de seda dando escândalo porta afora devido a qualquer comoção que acontecesse na rua.

Ele era costureiro famoso, e minha mãe, uma mulher a quem costureiros famosos idealizavam e queriam a todo custo empetecar. Já o tinha visto dezenas de vezes antes dessa entrevista marcante.

Passei metade da vida sem entender direito o fascínio que minha mãe exercia sobre toda a comunidade gay do planeta, dos pré-socráticos em diante.

Atesto apenas que, no dia em que nasci, 10/10/1957, os decoradores Zé Duarte Aguiar e Germano Mariutti e o badaladíssimo Aparício Basílio da Silva, dono da loja de perfumes Rastro, todos gays e todos conhecidos pelo extremo bom gosto, resolveram celebrar minha chegada ao mundo espocando garrafas de champanhe em plena maternidade do hospital Matarazzo.

Clodovil fazia parte dessa turma de elegantes e charmosos que, por sua vez, integrava o café society frequentado por meus pais na Jundiaí que compreendia a São Paulo glamorosa daqueles tempos.

Voltando ao programa que consistia de um sofá, uma cozinha e um entrevistado por dia. Não me pergunte por que,

mas um dia recebi um convite para participar.

Sopa no mel, o convidado era encaminhado ao camarim e, na hora da maquiagem, chegava um garçom oferecendo champanhe.

Entrei no ar animadíssima. E o Clodovil, disposto a capitalizar o investimento. Trocamos as primeiras amenidades: eu a conheço desde menina, tão talentosa, engraçada e coisa e tal. Primeira pergunta: “Você usa cueca?”. Lancei um olhar glacial na direção da deputada costureira bicha antiga. Naquela época, era preciso mais para me tirar o gingado do que me surpreender com uma grosseria preconceituosa. Dei uma pausa e um sorriso, já tinha a resposta na ponta da língua, não precisava ficar aflita.

“Clodovil, me diz uma coisa: de que tribo sua mãe o adotou? Pela voracidade que sempre demonstra, imagino que seus antepassados tenham sido canibais, os bororós, talvez?”

O apresentador caiu na risada e, partir daí, fez uma entrevista gentilíssima, diria até deliciosa, comigo.

Nosso encontro deu o que falar. Roberto de Oliveira, presidente do Grupo Bandeirantes à época, assistiu ao programa e achou graça.

Estava lançando um canal esportivo na TV paga e viu em mim a pessoa certa para estrelar a principal atração da programação, o *Dois na Bola*, que eu apresentaria junto com mestre Silvio Luiz pelos oito anos seguintes.

Vira–latas

O boteco ao lado de casa, a padaria mais próxima, a vendinha. Por mais decrépitos que sejam, para quem bebe esses estabelecimentos estão entre os melhores lugares do mundo.

Eu, bebedora compulsiva, sabia que atrás de todo balcão havia sempre uma alma caridosa disposta a ceder um “choro” a cada dose servida.

Por sua vez, quem trabalha vendendo álcool também está ciente de que existe toda uma psicologia por trás do ritual de atender aos mais sedentos. E que é preciso muita paciência e muito ouvido, mas, no fim das contas, que são esses os bebedores que vão deixar ali o grosso do dinheiro para cobrir custos e desaguar em lucro.

Vários botecos passaram pela minha vizinhança imediata nos 23 anos em que morei naquele prédio de cantos curvos e janelas arredondadas que compõem o tal “estilo mediterrâneo”, tipo de arquitetura que não encontra similar em nenhum local próximo ao mar mediterrâneo e que, curiosamente, só sobrevive em São Paulo.

Enquanto vivi no prédio, vários comércios –, um restaurante, um boteco, depois outro boteco e, finalmente, a extensão da padaria da esquina –, ocuparam o espaço físico colado ao edifício Sônia – aparentemente batizado em homenagem à mãe do engenheiro.

Todos eles eu frequentei, nas mais diversas horas da madrugada. Fiz lá muitos amigos e comi, bebi e proseei até que todos os tonéis de uísque da Escócia secassem.

Até hoje cruzo gente bem mais jovem que eu dizendo ter me conhecido no estabelecimento ao lado de minha antiga moradia.

Uma aquisição memorável que fiz ali foi a Tutuca.

Numa tarde ensolarada de abril, o ipê-roxo da frente do prédio começava a florir, eu desci para tomar uns tragos no boteco, que, à época, tinha sido batizado com o nome do anjo da guarda Lelahel.

Como de hábito, meu cão e *personal trainer*, Pacheco Pafúncio, que viveu dezoito anos, me acompanhou na caminhada que selou o destino de Tutuca.

Meu dachshund Pacheco teve uma existência tão plena e ilustre que, quando foi desta para o paraíso dos cães, ganhou até um obituário na primeira página da *Folha de S.Paulo*.

Minha mãe ficou indignada: “Quando seu pai morreu”, comentou, “ganhou um parágrafo no obituário interno. Como o salsicha foi parar na capa?”.

O porteiro do edifício Sônia, o para mim lendário Alves, resumiu bem: “É a primeira vez que vejo um cachorro aqui do prédio morrer e sair na primeira página do jornal”.

Alves tinha um jeito particular de encarar a vida. Sempre que eu passava na portaria e perguntava se estava tudo bem, ele tascava: “Tá ruim… mas tá bom, né?”.

Pois é.

Meu cãozinho Pacheco Pafúncio, que por dezesseis anos frequentou as páginas da *Folha* como personagem de minhas colunas, assim tinha sido denominado em homenagem a um grande amigo, também ele cachorrão.

Pacheco era um salsicha sapeca como todos os outros, sem grandes qualidades além do talento de recolher as bolas de tênis espalhadas pela quadra durante meu treino. Maluco para agarrar a bola que viria voando do meu lado da rede, ficava posicionado atrás da linha de saque se sacudindo de um lado para o outro feito o Federer quando recebe o saque. Com a diferença de que o Federer não balança o rabo como metrônomo ao fazer o seu gingado.

Tirando esse seu talento esportivo, o Pacheco não apresentava nenhum outro traço marcante. Não era ágil como o

Rin Tin Tin, nem amoroso como a Lassie, nem intricado como o Snoopy, tampouco dotado de superpoderes como o Bolt.

Como personagem da minha coluna, porém, servia luxuosamente ao propósito de incrementar críticas que eu fazia contra o poder, os políticos, a administração municipal, os serviços públicos, a classe artística, os cartolas, o engodo da cultura, os intelectuais e, particularmente, a elite do país, nas mais de três décadas em que assinei coluna semanal na *Folha de S.Paulo*.

O uso do bom nome do Pacheco se prestava a reduzir os criticados à estatura de um cãozinho de companhia, as ironias ganhavam equiparação animal.

Naquela tarde de abril, ele ainda estava no auge da juventude. Deixei a Ana com o pessoal no bar e fui dar a providencial volta no quarteirão na qual ele diariamente demarcava o bairro do Itaim Bibi como seu território.

Uma cadelinha extremamente vivaz, não devia ter mais de 6 meses, começou a nos seguir. Olhando melhor, percebi que ela estava maltrapilha e que certamente morava no matagal próximo de casa que hoje virou parque de grã-fino.

O temperamento contrabalanceava as aparências, ela fazia de tudo para se aproximar. Foi nos seguindo ao longo do passeio. Quando completamos a volta, subi para deixar o Pacheco e ia voltando para o bar a fim de continuar a “bebelância” interrompida, quando percebi que a cadelinha continuava do lado de fora do portão do prédio. Subi outra vez e peguei dois biscoitos caninos. Ofereci a ela e recebi como agradecimento várias lambidas e abanadas de rabo. Caminhei em direção ao boteco, e ela atrás de mim com expressão de gato do Shrek. Resolvi fazer um teste. Voltei ao meu prédio, subi de novo e fui até a janela da minha sala. Olhei para baixo e lá estava ela, no portão, à minha espera.

Motivada pela bondade que costumava me impregnar depois de três ou quatro chopes acompanhados de mais três ou quatro Steinhaegers, catei a cachorrinha e a levei para o meu apartamento. Coloquei um maiô e entrei com ela no chuveiro,

enquanto o Pacheco nos inspecionava do lado de fora do box, tentando decifrar o que estava acontecendo.

Foram cinco enxagues de xampu até que a água que escorria pelo ralo deixasse de ser encardida. O pelo, que antes parecia uma mistura de cinza, marrom e preto, adquiriu as tonalidades de um border collie malhado de preto e branco.

A pelagem pareceu dobrar de volume. Sequei-a com secador, passei colônia canina e dei-lhe uma coleira. Estávamos prontas para enfrentar a fera.

Entrei no boteco carregando a cadela e anunciei: “Olha só, Ana, que lindo border collie eu encontrei na rua, podemos ficar com ele?”.

Ana não entendeu nada: “Que cachorro é esse?”.

Sou forçada a abrir aqui um parêntese para contextualizar a dificuldade em que eu estava me metendo.

Ocorre que a Ana vem a ser uma de três lésbicas que conheci na vida – três lésbicas, veja bem – que não amam perdidamente os cachorros.

Isso por si só configura uma aberração, onde já se viu lésbica não gostar de cachorro? Se fosse pelo desejo coletivo e safo da comunidade oriunda da milenar ilha grega, todos os cães sarnentos e de três pernas que saltitam por aí ganhariam um lar e um destino lambuzado de amor.

Uma lésbica que não gosta de animais equivale a um gay que não gosta de estar impecável, ou seja, se encontra no mesmo departamento dos unicórnios e das fadas do dente.

Por fatalidade, veja se eu posso, me casei (uso o termo de forma descompromissada, uma vez que o casamento de papel passado, por motivo de claustrofobia, não existe como alternativa no meu repertório) com as únicas três mulheres homossexuais do cosmos que taxativamente se recusam a conviver com bichos – excetuando-se, talvez, o peixe betta, espécie da qual já tive quatro exemplares, três deles chamados Ronaldo Fenômeno e um de nome Ozzy, que a Ana ganhou da Rita Lee e que conheceu triste destino em uma desastrada eutanásia usando uma faca de pão na tentativa de deter a decomposição causada por fungo.

Muito bem. Que cachorro era aquele?

Encorajada pelo álcool, respondi com firmeza: “Esta é a Tutuca, e ela quer morar com a gente”.

Veja bem. Eu disse “Tutuca”.

O bicho era realmente uma graça, e a Ana entrou na minha onda. Beber altera a perspectiva, dirão todos aqueles que já acordaram com uma “baranga” ao lado.

Na manhã seguinte, a casa amanheceu lotada. Tutuca era uma cachorra de rua, um dos passatempos dela era lanchar os pernilongos e as eventuais moscas que entrassem pela janela do apartamento. Era certeira: pulava e apanhava a mosca em pleno voo.

Percebi que tinha sido precipitado acolher no apartamento um animal de 7 quilos ou mais acostumado a grandes espaços. Duas semanas depois de chegar, e já com a Ana plenamente sóbria e praguejando sobre quando eu ia me livrar do bicho, a Tutuca (sim, eu já tinha me arrependido do nome melífluo) já tinha quase dobrado de peso.

Encastelada nos 100 metros quadrados do meu apartamento, ela foi ficando triste. Passava a tarde no terraço olhando para a rua e uivando. Ao mesmo tempo, eu não tinha coragem de devolvê-la para a condição de sem-teto.

Dois amigos que adoro, Conrado Malzoni e Esther Giobbi, foram me visitar e, sem se compadecer com aquele estado de coisas, ainda resolveram me sacanear.

Contaram que, a caminho da minha casa, tinham visto uma faixa amarrada num poste: “Procura-se filhote de cadela preta e branca perdida no Itaim – criança doente”.

A alegação era de que eu tinha roubado a Tutuca de alguém. Bebendo e aprendendo, não é mesmo?

A brincadeira me transtornou de tal forma que meus amigos resolveram me ajudar. Conrado – que só poderia ser descrito por uma enciclopédia inteira dedicada a ele – sugeriu que convidássemos um casal amigo, que havia recém-mudado para um casarão com jardim, para conhecer a Tutuca.

A cachorra tinha de ir.

Assim que o casal chegou, abri uma garrafa de vinho italiano para recebê-los e depois outra e mais outra, e eles ficaram encantados, até o momento em que, como quem não quer nada, ofereci o cão. Convencê-los não foi missão muito difícil: a simpatia tinha sido mútua entre Luís Gelpi, sua mulher Adriana Mattos e a vira-latinha que passaria a se chamar Tuca.

Tuca assumiu de vez sua vocação para border collie. Viveu o resto de sua vida de bandana vermelha amarrada no pescoço numa casa imensa, com outros cães, na qual foi muito feliz.

Um, dois, três, quatro, *ploft*!

Por muitos anos, dei carona para o trabalho a uma péssima influência na minha vida, criatura que virou uma espécie de mentor de tudo o que um ser humano não deve fazer, mas, no meu caso, acaba fazendo, porque eu preguei uma peça no destino, não o contrário.

Se for perguntar a ele, Eduardo Logullo dirá que a má influência sou eu. Vamos deixar que o leitor decida. Eu só gostaria de fornecer algumas informações sobre essa pessoa, a quem José Simão chamava de “o mais talentoso de nós”; por outro lado, também o que mais contestava a autoridade.

Quando trabalhava na coluna de Joyce Pascowitch, na *Folha*, Logullo costumava deslizar feito uma iguana que quer passar despercebida para dentro da redação a uma hora do fechamento do jornal. Joyce ficava enfurecida com sua falta de disciplina e cobrava, coberta de razão: “Logullo, você está atrasado!”. Ao que ele respondia: “Ora, não estou me sentindo atrasado”. Então, sentava serenamente diante do computador e fechava a coluna em dois minutos.

Era difícil conter o Logullo. Na “Revista da Folha”, sentávamos um diante do outro. Lá pelas 17 horas, ou quando lhe dava na telha, ele executava um plano de fuga que sempre se mostrava infalível: colocava a mochila em cima da cadeira de rodinhas que usava para trabalhar e ia empurrando o conjunto até porta. Dali ele agarrava a mochila e dava no pé, sem que nosso editor, Caio Túlio Costa, se desse conta do que havia acabado de acontecer.

Fomos grandes companheiros de bar, Logullo e eu. Éramos uma dupla conhecida nos estabelecimentos ao redor do Itaim, onde ambos morávamos, alguns deles já extintos porque o dono morreu de cirrose ou por terem cedido lugar a um desses edifícios insuportáveis de nomes edulcorados que brotam sem parar na região.

O ano talvez fosse 1994 ou 1995. Logullo e eu fizemos um passeio até Paraty. Ele de namorado novo, um ator japonês a quem eu amava. Aliás, Logullo só namorava orientais, o que, de certa feita, fez com que eu o mandasse consultar a minha psicóloga a fim de escrutinar o que eu presumia ser algum tipo de tara. Não deu dois dias e ela lhe deu alta, afirmando que não havia absolutamente nada errado.

Bem, ia dizendo sobre nossa viagem a Paraty, na qual Logullo se portou muito mal. Mas, veja só, analisando melhor, ele estava em fase comportadíssima, de namorado novo, foi dormir cedo, bebeu quase nada. Quem na verdade aprontou fui eu.

Estava sozinha, sem namorada nem namorado (sou eclética, você já deve ter percebido, tipo letra enigmática da sigla LGBTQI+) e sentindo falta, furacão que fui nos meus "dias de salada", como diria a Cleópatra de Shakespeare, nos tempos em que era "verde em julgamento" e "o sangue que corria em minhas veias, frio" querendo esquentar. Fomos visitar um amigo do Logullo de quem não lembro mais a cara nem qualquer informação, mesmo fazendo descomunal esforço.

No dia seguinte, acordei com o sol ardendo a pino. Minha cabeça latejava mais do que a bateria da Padre Miguel. Queria colocar meus óculos escuros para ir até o quarto do Logullo. Vasculhei meu aposento e nada. Saí na rua, sôfrega, e comprei um Ray-Ban paraguaio num camelô na porta da pousada. Paguei R$ 30, lembro como se fosse hoje. Voltei para o quarto e ia me deitar, mas percebi um objeto encapado pelo lençol. Eram meus óculos superestilosos Persol, de um zilhão de liras. Como foram parar ali? Pensei, pensei e, quando a resposta me veio à mente, comecei a suar frio.

Eu tinha ficado no bar e voltado para o quarto com o amigo do Logullo quando começava a amanhecer. A última cena de que

me lembro é de mim, desnuda e montada sobre o amigo do Logullo feito uma Lady Godiva. De óculos escuros. Os perigos a que me expunha nesse tipo de situação não diziam respeito apenas ao ato de escancarar a minha intimidade com pessoas conhecidas meia hora antes, mas de contrair alguma doença sexualmente transmissível ou mesmo de engravidar. Os índices de gravidez indesejada e de contaminação pelo vírus da Aids nesse tipo de situação não me deixam mentir.

Se tivesse de ser absolutamente sincera, diria que, nos meus piores momentos, o Logullo sempre tomou conta de mim. Minha mãe o adorava.

Deixo que ele mesmo, usando de sua verve abençoada, se lembre de uma história que vivemos juntos.

Com a palavra, Eduardo Logullo:

> Em meados dos anos 1990, a estilista inglesa Vivienne Westwood veio ao Brasil pela primeira vez. Seu nome começara a ribombar como autora de rupturas voltadas a segmentos que buscavam inovação e radicalismos na moda. Por cá, sua chegada foi saudada como uma emissora de ideias intergalácticas. A empresária Costanza Pascolato, dona da tecelagem Santa Costanza, consultora de moda e então considerada referência máxima pelos setores fashionistas, decidiu oferecer uma recepção a Vivienne, no apartamento de seu namorado Jua Hafers, na praça da República, região central da capital paulistana. Os convidados, em torno de cinquenta pessoas da moda e da área cultural, espumavam de deslumbramento por estarem próximos da nova musa dos *modettes*. Todos se considerando *chics*. Todos com seus melhores "modelitos". (O melhor foi que *miss* Westwood ignorou toda a pompa e a circunstância. E, sem pensar duas vezes, tirou suas sandálias de plataforma, passando a perambular descalça pelo apartamento. Muitos ficaram chocados. A estilista nem aí pra nada nem pra ninguém. Certa, ela.) Fui a esse jantar com Barbara Gancia, com quem trabalhava na "Revista da Folha", recém-lançada pelo jornal e editada por Caio Túlio Costa. Naquele período, andávamos tipo Batman e Robin – sempre em busca de diversão, muitas risadas, além de aprontarmos barbaridades e extravagâncias. E Barbara chegou, como diria Humphrey Bogart, vários uísques acima da humanidade. *High high high no high society*. *Hic hic hurra*. De repente, ouviu-se um barulho: Barbara caíra ao chão. Levantou-se meio torta e fingiu que nada acontecera. Passaram-se uns vinte minutos, outro *rataplam*: Barbara no chão, mais uma vez. Então, uma apresentadora de televisão comentou com seus amigos: "Tenho muita pena dessa moça". Afinal, a fama etílica de minha amiga Barbara já era notória na cidade.
>
> Serviram o jantar, em sistema de bufê. Quando todos estavam com seus pratos nas mãos, ouviu-se outro barulho estranho e ruidoso: Barbara caíra pela terceira vez no assoalho. As pessoas fizeram um "ohhhhh", em uníssono moralista. Percebi, então, que seria melhor encerrar aquela noite e levá-la embora de táxi.

Avisei-a para batermos logo em retirada – e à francesa. Ela concordou. Pois bem, enquanto me despedia rapidamente de alguns amigos, ouviu-se outro estrondo, desta vez no saguão de entrada do apartamento. Barbara havia caído, pela quarta vez, agora dentro de uma grande escultura em mármore de Waltercio Caldas. E ficara entalada, sem conseguir sair. Tive que resgatá-la, perante olhares incrédulos de vários convidados. Dei tchau e saímos sem olhar para trás. Afinal, cinco quedas na mesma noite seria algo de quinta. E o jantar era numa sexta. Pegamos o táxi, rimos muito, e ela ainda queria parar num bar para tomar várias e boas. Mas seguiu para casa, porque as pernas deviam estar em estado de calamidade. Tipo palafitas inundadas de álcool. *The end*. E *ploft* para todos.

Se beber, não tose

Acordei meio aérea, mas, desta feita, estranhamente, sem sentir culpa.

Estava lépida e "cantarolante" naquela manhã. O cachorro pardo da ressaca moral não dera as caras. Levantei da cama tomando todo o tempo do mundo sem nenhum pensamento sombrio sobre minhas ações da noite anterior. Em ritmo desacelerado de sabadão, caminhei até a porta para pegar o jornal. Espiei a manchete e fui até a geladeira, a qual abri sem me dar conta do que estava fazendo. Fiquei ali em transe pensando na vida, fitando *tupperwares* como era meu costume.

Se, no último dia da minha vida, eu for descontar o tempo gasto pensando na morte da bezerra diante da porta da geladeira aberta, facilmente chegarei à conta de mais de mês de vida jogado fora por motivo fútil. Além das dezenas de arrobas adquiridas com esse hábito inútil.

Devo ter consumido todos os restos graxos e picantes pelos quais a minha ressaca costumava implorar, mesmo quando não vinha acompanhada de dor de cabeça nem da onipresente ansiedade causada por arrependimento.

Justo quando eu já estava acomodada no trono, abrindo o jornal para ler o "Painel do Leitor" da *Folha*, a seção das cartas dos leitores que, durante longos 32 anos, foi a minha leitura matutina prioritária – eu lia antes até da primeira página do jornal a fim de me certificar de que não havia sido demitida por justa causa –, o telefone tocou.

Era minha amiga Daniela querendo notícias da noite anterior.

Pois então.

Branco. Não me lembrava de onde nem com quem tinha estado.

"E você, novidades?", desconversei, tentando ganhar tempo.

Por descuido, olhei em direção ao espelho e dei com a minha fuça: um frio cortante percorreu-me a espinha.

"Daniela, SOCORRO!", urrei.

Do outro lado, minha amiga não entendia patavina.

"Meu Deus, o quê?", perguntou, para lá de assustada.

"Não, não! Não pode ser…" Comecei a piar um choramingo agudo, que foi num crescendo até virar um choro lamentoso e grave.

"Meu cabelo, Daniela! Meu cabelo… O que foi que eu fiz?"

"Não sei. Diga-me: o que foi que você fez?", perguntou, com indisfarçada curiosidade.

"Ele está todo repicado, não sobrou uma ponta igual à outra… Eu estou parecendo a Emília do *Sítio do Picapau Amarelo*… Buáááááá*…"*

Àquela altura, meu choro era tão alto que já devia interferir com o acasalamento das baleias no hemisfério Norte.

Daniela moralizou: "Quem mandou beber?".

Choraminguei feito boneca de pano retalhado. O que poderia ser mais patético?

Tentei me concentrar e lembrar onde tinha estado na noite anterior. O que poderia ter feito para merecer aquela sorte? Seria castigo de algum inquisidor moderno, um Torquemada paulistano a querer me grelhar numa pira?

Entre soluços, finalmente tive um *flashback* de mim mesma, animadamente colocando a cabeça embaixo de uma torneira de cozinha. Que cozinha do raio que o parta seria essa?

Aos poucos, minha memória foi pegando no tranco. Eu tinha ido jantar com um casal simpaticíssimo, meu amigo Paulo Bittencourt, *marchand* e colecionador carioca, ótimo de prosa, inteligentíssimo, e sua mulher, Mitsuko, uma japonesa com pinta de Yoko Ono. Ela mal falava português e era dona de um salão de beleza perto de casa.

Era uma graça, diga-se. Sorridente, delicada, e eu costumava chamá-la de "Mitsuko Maguary", olha que

sacanagem…

Um segundo *flashback* despertou-me outras imagens mentais: me veio a Mitsuko e eu revirando o pescoço de tanto gargalhar. Ela com um uísque na mão e eu com outro. O meu, o “aguadão” comprido de sempre, o dela num copo baixo e mais colorido.

Aquela devotada cabeleireira gueixa estilosa mãos de tesoura, infalivelmente na estica, de preto Yohji Yamamoto, havia trucidado o meu cabelo. E cometera essa proeza muito a contragosto, por insistência minha, eu mesma, Barbara Gancia, inebriada, vítima e cúmplice, quando não artífice de meu próprio calvário. Ela bem que tentou me advertir de seu estado alterado, que não seria indicado manusear uma tesoura depois de beber. Minhas súplicas foram tão incisivas que a Mitsuko cedeu.

Depois me confessou que poderia ter decepado minhas orelhas por engano. E também que tinha usado uma tesoura comum, dessas bem toscas, porque as suas de trabalho, bacanérrimas, moravam lá no seu salão, para o qual eu apelei na primeira hora do dia seguinte, a fim de tosquear minhas madeixas de forma simétrica e, pasme, na faixa, em um gesto de compaixão da querida Mitsuko.

Levou ao menos um ano até o meu cabelo ficar inteiro de novo.

Take your shoes off, George

Minha família é plugada em esporte, e eu sempre fui na onda. Além de fazer parte do *entourage* da escuderia dos Alfa-Romeos do meu pai, chamada de equipe Jolly, que levava a nossa família a Interlagos um fim de semana sim e outro também, vivi a década de 1970 como barata de arquibancada de todos os eventos esportivos realizados no ginásio do Ibirapuera, em São Paulo.

Do basquete feminino, nunca me esqueço da Uliana Semionova, jogadora de porte impressionante e vagamente reminiscente dos Budas de Bamiyan, aquelas estátuas colossais destruídas pelo Talibã. Junto ao meu amigo Alberto, que durante décadas nutriu paixão platônica pela Nadia Comaneci, assisti a vários torneios de ginástica olímpica naquele estádio friorento, cheio de goteiras e com acústica deplorável, mas de adorável lembrança da infância e da juventude. Era lá que aconteciam os shows dos Harlem Globetrotters e o Holiday on Ice, ponto alto do inverno paulistano de 1965 até que o circo Orlando Orfei, comandado pelo próprio, um italiano tipicamente agitado que esteve em nossa casa inúmeras vezes, tomasse o lugar de grande atração infantil, no início dos anos 1970.

Outra lembrança que coloco no rol das maiores alegrias vividas são os tours da ATP de tênis, que, nos mesmos anos 1970, atraíam ao país estrelas do porte de Arthur Ashe, Bjorn Borg e o campeoníssimo Rod Laver.

Não me pergunte como, mas cheguei a ser juíza de linha de uma das partidas desse torneio, um dos grandes feitos de minha

vida, não fosse o fato de que não lembro quem estava em quadra nesse dia histórico.

Só guardo a lembrança de que um dos tenistas era russo, ou melhor, soviético, como se chamavam os russos sob o regime comunista.

Falando em soviéticos, eu era encantada pelo cosmonauta Yuri Gagarin e, evidentemente, pela cadela espacial Laika, o primeiro animal a orbitar a Terra, a bordo da nave *Sputnik*. Como tantas outras naquele tempo de pioneira exploração espacial, a família Gancia teve um vira-latas batizado de Laika, singela homenagem à personagem de drama fantasmagórico, posto que a cadelinha soviética ficou girando pelo espaço sideral sozinha e depois queimou junto ao satélite, na reentrada à órbita terrestre. Só tomei consciência desse fato muitos anos depois; os adultos omitiram a informação das crianças da minha geração, quem sabe a fim de evitar um trauma infantil de proporção mundial.

Até hoje, quando penso naquele pobre animal encerrado numa cápsula minúscula e sem janela, sendo catapultado em direção ao espaço sem fim, meu coração aperta. Imagino o barulhão e o medo que ela deve ter sentido no lançamento, o abandono sem explicação e o fim terrível – e não me conformo.

Quem sabe esse episódio traumático tenha influenciado meus humores, já que, nos anos da corrida espacial, eu tomei o lado dos “astronautas” contra os “cosmonautas”. Quando o astronauta Neil Armstrong esteve no Brasil, em 1970, minha mãe foi convidada para uma recepção em sua homenagem na prefeitura do Rio de Janeiro. E voltou com uma foto autografada, a qual preguei na parede do meu quarto e depois perdi, e uma caneta mirabolante, do mesmo tipo que fora usado no programa espacial e que desafiava a ausência da gravidade – escrevia até de ponta cabeça, ao contrário das esferográficas que eu conhecia. Fez um sucesso danado na escola, todo mundo queria segurar o brinde que ganhei do primeiro homem a pisar na Lua – e autor da frase mais insossa da história da exploração humana: “Um pequeno passo para o homem, um grande passo para a humanidade”.

Também fui macaca de auditório dos enxadristas russos, mesmo que, nessa modalidade, quem realmente me cativasse, e cativa até hoje, pela genialidade e singular irreverência, fosse o excêntrico norte-americano Bobby Fischer. Estudei suas jogadas durante anos, ótima maneira de me distanciar com alguma dignidade da chatice das lições de casa da escola.

E, porque nasci em outubro de 1957, automaticamente, sem qualquer esforço, virei torcedora do Santos Futebol Clube, equipe cuja casa, a Vila Belmiro, constitui a segunda vila mais famosa do mundo, logo atrás da Vila Sésamo.

Ao longo de toda a minha infância, o motorista da minha família foi o Felice Albertini, figura de múltiplos talentos. Trabalhava como sargento do Juizado de Menores em noites alternadas. E, nos fins de semana, costumava acompanhar meus pais ao circuito de Interlagos, prestando assistência logística e mecânica e, mais tarde, atuando como piloto de corridas oficial da equipe. Fez dupla com minha mãe em várias provas históricas da categoria Turismo do automobilismo nacional.

Quantas não foram as vezes em que o Felice ia me buscar nas festinhas da adolescência a bordo de uma Kombi do Juizado com gasolina paga com meus impostos? Imagine só a surpresa dos pais dos meus amigos quando ele estacionava o veículo na frente da casa deles.

O Felice costumava levar a Kika e eu para passear em Congonhas. Naquela época, era o que tínhamos: passear pelo aeroporto. O shopping Iguatemi, pioneiro no país, só chegou em 1966.

E teve um episódio em que o Felice, que era corintiano roxo – daí o motivo de a minha irmã ultra-mega-ultrachiquésima torcer por um time popular até hoje –, nos levou até o aeroporto para ver o time do Santos embarcar.

Nosso motorista era grandalhão e parrudo, tinha um bigodão de general russo e, em dois tempos, driblou toda a multidão que se aglomerava no saguão do aeroporto via músculo e carteirada, me colocando frente a frente com o maior atleta do século.

Fiquei tão desconcertada de estar na presença de Pelé, a quem tantas vezes tinha visto em campo (naquele tempo, até

menininhas iam ao estádio), que só consegui pedir um autógrafo e balbuciar a seguinte insanidade: “Sou corintiana roxa”. Ele olhou para mim com aquele sorriso estático que o mundo inteiro conhece e disse: “Que bom”. Quando iniciei a frase “Não é nada disso, eu venero o senhor, pelo amor de Deus, sou santista desde os 4 anos…”, o camisa 10 da Seleção que transformou minhas férias de meio de ano de 1970 nas melhores férias de julho de todos os tempos – salve a Seleção! –, já tinha virado as costas e ido embora.

Quatro décadas depois, eu estava almoçando no restaurante Parigi, em São Paulo. Não havia mais nenhum cliente no restaurante, só estávamos eu, minha namorada e o dono, Rogério Fasano.

Tinha chegado tarde e, como sou amigona do Rogério, não me incomodei de estender minha permanência enquanto saboreava o enésimo Drambuie com gelo picado, curtindo um semiporre da tarde enquanto os funcionários faziam a limpeza e fechavam o caixa.

Inesperadamente, a porta se abre. Entram juntos sua Majestade e seu agente, Celso Grellet. Queriam saber se ainda dava tempo de almoçar.

Porque me encontrava em estado ligeiramente inebriado, entrei numa onda que minha mãe sempre soube identificar melhor do que qualquer outra pessoa. Toda vez que começava a contar uma história que me deixasse emocionada e de olhos marejados, ela virava para mim com seu característico sotaque italiano e sentenciava: “É o álcool”. Ou seja: minha mãe não atribuía a emoção à minha supersensibilidade. Ela sabia apontar corretamente a alteração de temperamento causada pela ingestão continuada do álcool, que, no meu caso, tanto podia ser chorosa quanto eclodir num ataque de fúria.

Cansado de saber que sou torcedora do Santos, Rogério cumprimentou o rei e se aproximou da minha mesa: “Vamos lá, Barbara, que te apresento ao Pelé”.

Profusas lágrimas rolavam pela minha face. Não conseguia sair do estado de paralisia: “Não consigo, Rogério, não consigo…”. E buáááááá*…*

O Rogério bem que tentou. Mas eu só fiz acenar e chorar. Meu ídolo e eu, percebi naquele dia, nunca iríamos ficar amigos de trocar telefones: o admiro demais para chegar perto.

Outro ídolo esportivo que amo, mas de quem não só cheguei perto, como convivi por várias décadas, é o tricampeão mundial de Fórmula 1 e duas vezes vencedor das 500 Milhas de Indianápolis: Emerson Fittipaldi.

O Rato, como era conhecido naquele tempo, ou Emmo, apelido adquirido nos Estados Unidos, foi adversário do meu pai inúmeras vezes na pista de Interlagos. No finzinho dos anos 1960, resolveu tentar a sorte como piloto na Inglaterra e, de tão bem-sucedido, mudou a cara do esporte motorizado no país.

Nunca me esqueço do dia 04/10/1970. Estava no quarto dos meus pais ouvindo a Jovem Pan num radinho de pilha quando Emerson cruzou em primeiro a linha de chegada do GP dos Estados Unidos em Watkins Glen. Ninguém esperava que ele vencesse tão cedo, era sua quarta corrida na F1.

Anunciei ao meu pai: “O Rato ganhou o GP”. Meu pai disse que não era possível, que eu só podia ter ouvido errado. Insisti: o Emerson acabou de ganhar a corrida. O queixo do Piero caiu: “Não é possível, isso nunca aconteceu”.

Tanto era real que, no ano seguinte, o filho do seu Wilson e da dona Giuse sagrou-se campeão mundial de Fórmula 1, o primeiro brasileiro a realizar essa façanha. Naquela época, eu não podia prever que o caso do Fittipaldi iria contrastar em todos os sentidos com o seu início de carreira.

No meio automobilístico, todo mundo acompanhava de perto a aventura empreendida por Emerson na Europa. E todos nós torcíamos loucamente por ele.

Depois de muita luta do Piero e da Lulla e das várias associações de pilotos para reformar Interlagos com o intuito de incluir o autódromo no calendário da mais celebrada categoria mundial, Emerson venceu a corrida de estreia (a primeira corrida oficial de F1, no ano seguinte, foi vencida por Carlos Reutemann). Rato ganhou em casa, o Brasil foi ao delírio. E quem gostava de carros, pneus e gasolina, como era meu caso, praticamente entrou em órbita.

Eu desenhava o Lotus 72 na contracapa de meus cadernos, fazia caricaturas do Emerson com aqueles óculos pretos com filete dourado, imitando a pintura do seu Lotus John Player Special. Cheguei a mandar para ele, pelo meu irmão, que estava indo encontrá-lo, um cartão-postal com sua caricatura e a assinatura dele, a qual eu imitava direitinho de tanto praticar nas folhas dos cadernos da escola.

Quase quatro décadas mais tarde, Emerson já tinha casado e descasado; meu irmão tinha virado seu padrinho de casamento e de sua filha Joana, primogênita de seu segundo casamento, com Teresa; ele, por sua vez, era padrinho de casamento do meu irmão.

Em 1996, o aniversário de 50 anos de Emmo se aproximava, e Teresa, minha amigona, planejava fazer uma festa para ele em Key Biscayne, na Flórida, onde eles moravam.

“Por que você não vem, Barbara?”

Bem, sabe como é salário de jornalista, eu não tinha essa grana toda para ir até os Estados Unidos só por causa de uma festa. Teresa, que nunca foi de se encolher diante de qualquer tipo de enrosco, sugeriu: “Por que você não escreve sobre a comemoração para a *Folha*?”.

Submeti a pauta “50 anos de Emerson Fittipaldi” ao jornal e imediatamente recebi carta branca.

E, sendo a sincronicidade uma grande protagonista da minha história de vida, várias conjunções conspiraram a meu favor.

Na época dos primeiros grandes prêmios em Interlagos, a casa da família Gancia tinha movimentação intensa quando a corrida acontecia na cidade, geralmente entre fevereiro e março. Jackie Stewart, François Cevert, Mike Donahue, Niki Lauda, Jacky Ickx e Luca di Montezemolo vinham jantar sempre que passavam por São Paulo. Nossos vizinhos ficavam na rua, sentados na calçada, do lado de fora do nosso portão, esperando para ver o entra e sai dos melhores pilotos daquele tempo.

Um de meus amigos de vizinhança, o Nicolau, era filho da dona Erika e do seu Nicolau, irmão da Milly, do Peter (que me vendeu minha primeira bicicleta, uma Caloi de segunda mão), do

Jean (que virou santista comigo aos 4 ou 5 anos por decreto mútuo) e da Kuky, minha querida companheira de brincadeiras cuja amizade cultivo até hoje.

O Nicolau, ou Nic, era louco por automobilismo e sempre ia conosco ao circuito. Meu pai até o levou para dar a volta na pista dentro do seu Alfa-Romeo. E, por acaso, em 1996, estava morando em Fort Lauderdale, ao lado de Miami.

Liguei primeiro para ele a fim de saber se podia filar uma hospedagem na sua casa. Depois, liguei para a Teresa perguntando se seria possível levar meu amigo como acompanhante. Recebi um “Claro” e um “Sim, como não” como respostas e lá fui eu para a festa de aniversário do ídolo de infância.

Nic me pegou no aeroporto de Miami, e a primeira providência foi passar em uma *liquor store* para comprar uma coisa qualquer de presente para o Emerson, o que não nos impediu de adquirir uma coisinha qualquer para matar a nossa própria sede. Para o tricampeão mundial, nós escolhemos um magnum de champanhe francês – afinal, não é todo dia que a gente completa meio século. E, para nós, duas garrafas de Cutty Sark, porque a vida é curta e nós queríamos celebrar mais um encontro.

De celebração em celebração, era assim que eu vivia. Para escapar do tédio, da falta de dopamina, de uma depressão que talvez nunca tenha sido capaz de detectar e tratar devidamente. Para aproveitar ao máximo dos máximos ou para colocar mais pilha no meu hedonismo desgovernado, do qual naquele tempo eu muito me orgulhava: uma vida vivida em nome do prazer. Só não enxergava, então, que esse prazer todo tinha outro – e inevitável – lado da moeda. E que mais cedo do que tarde, moralismo incluído no pacote ou não, eu teria de chegar a termo com a famosa contrapartida faustiana.

A casa dos Fittipaldi em Key Biscayne era coisa de seriado de TV. Vários carros de época alinhados na entrada – com destaque para um Chevrolet 1957 conversível na cor turquesa Tiffany –, salão monumental e impecável gramado que se estendia até um píer, dentro da propriedade, onde o barco do

aniversariante permanecia ancorado: dava para vê-lo da sala de jantar.

Emerson estava na porta esperando os convidados, e eu lhe entreguei o magnum de champanhe, que ele agradeceu e empunhou como se fosse um dos tantos que usou no pódio para festejar suas conquistas.

Beijo, beijo, olá, tudo bem? Nic e eu fomos entrando e cumprimentando uma série de ilustres: o ex-chefe de equipe da McLaren, Teddy Mayer, o piloto galã da Formula Indy, Arie Luyendyk e… Cruzes, não pode ser! O George Harrison estava na festa, a três passos de mim, comendo um canapé e admirando o lustre para não ter que conversar com ninguém.

Eu já tinha visto o ex-Beatle no Brasil, em uma corrida de F1. Ele viera a convite de Jackie Stewart e de Emerson, de quem era amigão e para quem havia feito a música “Faster”.

Com um olho no George Harrison e outro na frigideira, eu apresentei meu acompanhante da noite ao Emerson. Contei ao aniversariante que Nic era comandante em Fort Lauderdale, a chamada capital mundial dos iates e megaiates. E que, quando estava terminando o quinto ano de engenharia na Escola Politécnica da USP, já com emprego garantido na construtora JHS, um amigo, o Clive, dono do pub Victoria, que nós frequentávamos assiduamente, o convidou para dar a volta ao mundo num veleiro trimarã. A princípio, Nic relutou, afinal, estava com a vida encaminhada, mas no fim acabou zarpando. A viagem durou dois anos, e ele nunca mais voltou ao Brasil. Terminou seu périplo pelo mundo na Flórida e ali mesmo onde aportou Nic fincou pé, até se tornar comandante e conseguir o *green card*, a permissão de residência nos EUA para estrangeiros.

Emerson ficou impressionado com meu relato e, a certa altura da festa, convidou o banqueiro Antônio Carlos de Almeida Braga, o Braguinha, que fora um dos padrinhos da gloriosa carreira de Ayrton Senna, eu e o Nic para conhecermos seu barco.

O Braguinha e o Emerson entraram na frente, e eu demorei um pouco porque o Nic, já meio alterado pelo conjunto de

emoções da noite e uns goles a mais, fez valer o protocolo marinho e me fez tirar os sapatos para subir a bordo. Assim que entramos na cabine, demos de cara com um tapete branco felpudo.

Nisso, eu ouço um ruído atrás de mim, me viro e dou de cara com o George Harrison. O Nic não teve dúvida. Como se estivesse batendo boca na feira, ordenou: “Please take your shoes off”. O George Harrison tentou argumentar que seus tênis estilo conga eram inofensivos e não iam causar dano. “Você não está vendo o tapete branco? Não se entra em barco de sapatos, *take your shoes off*, George!”

Puxei meu amigo de lado e falei baixinho: “Nic, você está louco? Caso não tenha se tocado, esse aí, olha só, é o George Harrison”, tentei advertir. Quando parei de cochichar e olhei de novo, o sr. Harrison estava sentado pacientemente desatando o nó dos cadarços de seus calçados, sem chiar.

Soltei uma gargalhada bem alto. “Olha lá, olha lá, Nic”, disse, cutucando meu amigo. “Você mandou o George Harrison tirar os sapatos e ele obedeceu!”

Até hoje relembramos o episódio com a satisfação de duas crianças peraltas que resolveram desafiar a ordem da hierarquia universal.

Na hora de ir embora da festa, atravessamos o salão e demos com a mesa da entrada em que estavam reunidos todos os presentes para o aniversariante. Diante daquela mesa repleta de mimos, fiz um raciocínio simples: o Emerson, que já tinha sorvido o néctar de todas as garrafas de champanhe possíveis nos pódios em que subiu ao longo da vida, não ia sentir falta de um mísero garrafão. Sem pensar mais no assunto, passei a mão no garrafão de champanhe e o levei de volta para Fort Lauderdale comigo.

No dia seguinte, eu ainda estava meio zureta na hora de embarcar para o Brasil, num estado de confusão mental que costumo classificar como torpor alcoólico de efeito retardado.

No portão de embarque, encontrei amigos que estavam na festa e sentei para conversar. Coloquei o *laptop* da Folha, o qual havia levado na viagem, na cadeira adjacente à minha e virei

para comentar as festividades da noite anterior. Nos chamaram para o embarque e, quando me virei para pegar o computador, cadê? Ele não estava mais lá.

No sufoco, corri até a polícia do aeroporto e fiz um B.O. Medo de perder o avião, medo de ser despedida pela falta de cuidado com material de propriedade do jornal, vergonha pela situação toda… A sensação de pânico e de culpa avassaladora que não era nenhuma novidade para mim me atormentou durante todo o voo de volta ao Brasil.

Ainda bem que a Folha não me cobrou pelo *laptop* perdido. Naquela época, custava quase um Monza zero.

Mas essa não seria a última vez que eu levantaria poeira na presença do Emerson Fittipaldi.

A segunda vez foi bem pior.

O Brasil viveu os anos 1970 como monarquia. Eram três os nossos reis, reverenciados e amados no mundo inteiro: Pelé, Emerson Fittipaldi e Roberto Carlos.

E como não há dois sem mais um, guardo lembranças aterrorizantes de outro episódio etílico, desta vez, envolvendo também o rei do iê-iê-iê. Foi um dos últimos barracos que arrumei antes de parar de beber de vez, nos idos de 2006.

Mas a história começa antes e, por incrível que pareça, inclui o bicampeão de F1 Emerson Fittipaldi.

Em 2005, o jornalista Paulo Cesar de Araújo entrou em contato comigo na Folha. Estava desesperado. Investira quase três anos de sua vida na pesquisa para um livro e, agora que o trabalho estava pronto, a obra corria o risco de ser interditada pela Justiça.

Paulo Cesar (ainda) é fã incondicional de Roberto Carlos. A ponto de ter desenvolvido um cacoete que o faz declamar trechos de músicas de seu ídolo a cada duas frases que emite. Você conversa com ele sobre, digamos, o tempo, e ele encontra um meio de dizer que “sua estupidez não o deixa ver” que amanhã irá chover ou então que ele “olha no céu e vê uma nuvem branca que vai passando” e que isso é presságio de que o tempo vai limpar.

O livro que Paulo Cesar estava tentando salvar é o famigerado *Roberto Carlos em detalhes*, que a Justiça retirou das lojas em 2007 a pedido do cantor.

Roberto não lera o livro – que não contém absolutamente coisa alguma que desabone a sua dignidade –, mas, mesmo assim, e a despeito de todo o amor e o trabalho que Paulo Cesar dedicou à biografia de seu ídolo, o rei se valeu de sua condição de biografado em ambiente jurídico incerto como o nosso, no qual (ainda) não há leis claras sobre a liberdade de expressão, e resolveu que não queria ver sua história contada.

Como se ele não fosse uma pessoa pública que vive na frente das câmeras e se beneficia disso desde os anos 1960.

Assim que Paulo Cesar me contou toda a epopeia da feitura do livro, imediatamente aderi à sua causa. Ponderei que, se todo mundo tivesse direito de censurar o que lhe aprouvesse, daqui a pouco o jornalismo não mais existiria no país.

Isso foi há uma eternidade, nos idos da primeira década do novo milênio. O “judicialismo”, junto com os desatinos das redes sociais, ainda não havia sufocado com sua acefalia irreversível a democracia, bem como toda a vida inteligente do planeta.

Fiquei espantada com o caso e o que ele significava para o país e saí escrevendo colunas inflamadas a respeito disso no espaço semanal que me era destinado na *Folha*. Sigo acompanhando os vários desdobramentos até hoje.

Pois quis o destino, esse moleque inzoneiro, que Roberto Carlos desse um show exclusivo para convidados no Theatro Municipal de São Paulo depois que eu já tinha tomado as dores do Paulo Cesar. E que, veja só, o mesmo Emerson Fittipaldi que dividia o reino com Roberto Carlos me convidasse para assistir a esse show em seu camarote VIP.

Os dois são muito amigos, e eu nunca deveria ter aceitado o convite, considerando o dissabor que passei a sentir em relação ao ídolo musical por causa da truculência perpetrada contra um livro que era praticamente uma homenagem.

Mas aceitei. E fui para o teatro já meio “calibrada”, ou seja, depois de ingerir várias doses de sabe Deus que tipo de álcool.

Foi só o Roberto Carlos começar a miar lá no palco que, estimulada pela coragem que o álcool sempre me conferiu, comecei a gritar lá de cima: “Seu perneta FDP! Tirano, filho de uma égua! Perneta déspota!”. E por aí foi.

Nem preciso dizer que hoje em dia me arrependo. Quem me viu ser arrastada pelos seguranças para fora do camarote com o show em andamento e o Emerson correr para explicar a eles que tomaria conta, que estava tudo sob controle, deve ter se perguntado como pode um ser humano virar uma besta-fera diante de um cantor que atira rosas vermelhas à plateia e exalta Jesus Cristo.

Pois foi o que aconteceu. Não foi bonito, realmente me arrependo dos impropérios vociferados aos altos brados no teatro, mas não há como negar que essa história ocorreu e que eu não tenho justificativas para o barraco que armei.

Crime e castigo

Durante muitos anos, minha dependência representou uma tragédia para a família. Até o ponto em que a falta de rotina que meus altos e baixos provocavam tornou-se método. Meu pai despertava de madrugada para ver se eu tinha chegado e, ao constatar que não, acordava meu irmão e minha irmã para que fosse um ao IML e o outro ao Hospital das Clínicas descobrir se era lá que eu tinha ido parar.

Mesmo lembrando quase nada dos meus fins de noite, os episódios que eu causava ao desaparecer de casa continuam cravados na carne, mesmo três décadas e lá vai pedrada depois.

Certa vez, o dia clareava quando apontei no nosso portão: um camarada veio de pijama me trazer em casa no seu Ford Maverick cor de laranja. Meu pai estava de pé na calçada, sabe-se lá havia quanto tempo. Ele me mediu da cabeça aos pés e, atestando que eu estava inteira, virou as costas e sumiu porta adentro. Logo chegaram minha irmã, seguida do meu irmão, vindos da habitual ronda noturna atrás de notícias minhas.

O inferno se instalava assim que eu cambaleava para dentro de casa. Ameaças, castigos infinitos, tapas, empurrões, objetos atirados contra paredes, móveis chutados e muitos berros: sobrava para mim em grande estilo. E eu fazia por merecer.

Já cansei de ouvir que adolescente “aprontão” está tentando chamar atenção. Não era o meu caso. Sempre fui o centro das atenções da casa – com direito a plateia e claque.

Ocorre que Lulla e Piero eram tão exuberantes quanto as duas araras de estimação que enfeitavam o jardim da nossa casa: venerados, lindos e extremamente charmosos, idealizados

pelos comuns mortais feito as celebridades das páginas de revistas. Eram tudo aquilo que a gente admira nos amigos ou nos ídolos, mas o glamour que os rodeava tinha apelo quase nulo para quem, como eu, estava na posição de filha e precisava de encaminhamento.

Eles tinham um estilo de educar que – nestes dias engessados do politicamente correto e de pais implorando pelo amor dos filhos – chegaria a provocar a intervenção da Delegacia do Menor (hashtag ironia). Primeiro vinham eles, os dramas deles, o trabalho deles, o sucesso deles, as brigas deles, a programação social deles, a vida esportiva deles e suas viagens constantes.

Mas veja só: falta de demonstração de afeto não era um problema na nossa família. A ponto de o meu apelido aos 6 ou 7 anos ser “Me Solta”, de tanto que eles me pegavam no colo, me abraçavam e me beijavam. Todos eles, o dia inteiro, sem parar. Chegava a dar vertigem de tanto sacolejo.

Nunca tive dúvida de que eles eram malucos por mim. Mas, criança com um buraco de carência do tamanho do Grand Canyon (vai saber…) que eu era, me ressentia do que entendia como algo próximo da negligência.

Não vejo contradição entre ter sido mimada e paparicada e, ao mesmo tempo, ser a encarnação da criança abandonada. Um desejo persistente de vingança encobria muitas das minhas arruaças daqueles tempos. Famílias são complicadas, isso nem precisaria ser dito. E a minha, por causa da ausência no país de tios, tias, avôs e avós e primos, talvez fosse ainda um pouco mais disfuncional.

Queria castigar meus pais por me deixarem na mão o tempo todo. Por não participarem da minha vida escolar e de todas as instâncias que requerem atenção paterna.

Hoje, depois de alta rodagem em divãs de analista, não me restam dúvidas: meus pais sempre me deram toda a atenção do mundo. Quando estavam presentes. Ou seja, uma vez na vida e outra na morte.

Quem sabe minha infância não teria sido um pouco mais regrada se eles impusessem limites – pelos quais eu parecia

implorar – e não tivessem praticamente delegado a minha custódia às faxineiras, aos copeiros, às cozinheiras, aos motoristas e aos meus irmãos menores de idade.

Talvez, por esse motivo, nas vezes em que era requisitada a presença de alguém da família, adquiri o hábito de apresentar nosso motorista, o Felice, como sendo o meu pai.

A despeito de tanta ambiguidade, do fato de acusar Lulla e Piero disto ou daquilo durante metade da minha existência, a verdade é que quem bebeu, quem magoou e quem causou estrago fui eu, não eles.

Existem vários fatores que contribuem para que o indivíduo se torne um alcoólatra consagrado. Predisposição hereditária, a influência do meio social e características psicológicas. Mas, se a gente for esmiuçar, tudo na vida depende de alguma combinação. No grupo dos Narcóticos Anônimos (NA) a que recorro quando a estabilidade balança, mas não cai, ninguém tem o menor interesse em destrinchar o frango sobre o que levou a pessoa a beber. Se foi um amor mal resolvido, uma doença na família, excentricidade, maluquice, fatalidade, pouco importa. Da mesma forma que ninguém discute o sexo dos anjos para saber o que levou o doente a desenvolver um distúrbio neurológico ou diabetes, de nada serve tentar descobrir a origem do problema. O que importa é que certas pessoas – no meu caso, entre outros, por necessitar de toda a atenção do mundo e ter baixíssima resistência à frustração –, acabam modificando o metabolismo de tanto beber e se tornam alcoólatras.

Apontar o dedo buscando culpados também é perda de tempo. Para mim, isso faz ainda menos sentido a essa altura, passada mais de década do meu êxodo do balcão do bar.

Meus pais faziam o melhor que conseguiam, por mais capenga que fosse o resultado. E, como para quase todo mundo, a maturidade veio dirimir minhas suspeitas sobre as boas intenções de ambos.

Naqueles anos 1980, não creio que tivesse consciência de que a minha atitude perante a família fosse uma reação ao comportamento deles, nem me lembro de planejar os meus atos de forma calculista com o propósito de antagonizá-los. Não agia

movida por maldade. Eu acreditava piamente que minha conduta pendia mais para instável do que para criminosa.

Especialmente tendo vista o fato de que meus pais tinham atitudes insensatas como viajar deixando a cargo do meu irmão com tendências autoritárias, por quem eu nutria pavor e adoração (ainda hoje sinto medo dele até em porta-retratos), a tarefa de me disciplinar.

Carlo e Kika também não receberam acompanhamento paterno tão próximo como aquele que viriam dar aos seus filhos. Mas comigo, que cheguei bem depois deles, quando meus pais já estavam beirando os 40 anos, mais prósperos e com menos paciência, o pouco caso parece ter sido escancarado de tão largo.

Tudo era terceirizado, por assim dizer. A Kika me levava ao médico, me aconselhava, acompanhava o meu dia a dia, a ponto de assinar a minha caderneta na escola. O Carlo dava castigos a granel. E fui eu mesma quem, aos 16 anos, me inscrevi, de próprio punho, para dar continuação aos meus estudos em um colégio interno no Canadá. Eles nem palpite sobre a escola deram. Ninguém demonstrou preocupação com o fato de que, naquela época, as diretrizes do MEC e o sistema de ensino da escola britânica de São Paulo, na qual estudei desde o jardim da infância, eram incompatíveis a partir do segundo grau.

Dali para frente, quem quisesse prosseguir os estudos teria de ser transferido para um colégio brasileiro, perdendo um ano letivo, ou ir estudar fora do país.

Meus irmãos foram estudar no exterior, e eu, a caçula, fiquei ainda mais desassistida.

***

Isso nem de longe atenua a minha responsabilidade. Meu egoísmo quando estava tomada era retumbante, só dava eu. Nas vezes em que me lembrava, lá pelas tantas, de achar um orelhão para ligar para casa dando notícias, eu pensava: *Quer saber? Foda–se. Vai vir aquele caminhão de estrume para cima de mim, melhor nem lembrar que eles existem, até o próximo confronto*.

Garçom, vê mais um Johnnie Walker com gelo, copo alto e um club soda, faz favor?

E o próximo embate se apresentaria sistematicamente, como se eu fosse ré num julgamento interminável, a cada refeição, quando a família estivesse reunida. Seria retomado de onde fora largado ou até em modo *rewind* para as encrencas mais antigas, estando eu bêbada ou sóbria havia meses. Sempre tinha algum novo crime a me imputar.

Não que eu não fizesse por merecer. Fui artífice de um pesadelo que ninguém em sã consciência ousaria infringir às pessoas mais queridas.

Só de imaginar o desespero deles naquelas longas horas sem informação – numa época em que a comunicação telefônica era precária e implicava carregar consigo fichas de orelhão em formato de moedas e encontrar algum aparelho da Telesp que estivesse funcionando –, madrugada após madrugada, especialmente levando em conta o meu histórico ao volante…

Ainda hoje sinto um pesar sem fim pela angústia que causei a todos, amigos incluídos.

Se você pedir para a minha irmã rememorar os meus sumiços, pode ter certeza de que a voz dela vai estremecer e os olhos ficarão umedecidos. Ela nunca esquece e eu, a responsável por tanto sofrimento, mesmo sem conseguir me lembrar da maioria das situações, sinto minhas cicatrizes, emocionais e físicas, latejarem.

E, mais uma vez, dou graças a Deus por ter tido o bom senso de não querer filhos. Dar à luz nunca passou pela minha cabeça, nem no pior dos fogos que eu possa ter tomado no precipício do *delirium tremens*. Sempre considerei ser demais da conta a enormidade da tarefa de trazer um ser vivo – saído do meu ventre – para este mundo. Tinha plena consciência da limitação que a bebida me impunha em relação à maternidade. Em razão dessa minha pecha de “eterna adolescente”, “capeta em forma de guri” (ou “Shame and Scandal in the Family”, dependendo de qual versão do hit dos anos 1960 você preferir), só fui perceber a importância do amadurecimento quando tinha quase 40 anos. Minha mãe me rogou uma praga numa dessas

brigas ao raiar do sol: “Espero que você tenha uma filha igualzinha a você”. Quanto mais sintéticas, mais certeiras as mães conseguem ser. Deve ser uma característica que vem com a água da placenta. A frase continua a penetrar o meu fígado feito estilete até hoje.

Nem sempre eu voltava. E muito menos inteira. Os tempos eram outros, por certo. A fiscalização era ínfima, não havia bafômetro, fumava-se até em berçário, não existiam campanhas de educação no trânsito, e menores de idade compravam bebidas alcoólicas em qualquer estabelecimento que as vendesse.

Coloco em contexto porque, se fosse hoje, eu certamente teria de responder à Justiça. Lembrando que a bebida não serve como atenuante perante a lei, e sim como agravante. Mas, nos 1970 e 1980, o perigo que beber e dirigir representavam era coisa secundária. Falo dos tempos em que ninguém sequer conhecia as estatísticas das mortes que o simples uso do cinto de segurança é capaz de evitar.

Além disso, verdade seja dita, havia uma moçada –, inclusive tenho vários amigos que morreram cedo demais por causa de imprudências semelhantes –, que se permitia agir assim porque tinha, como eu, as costas quentes, pais influentes que os livrariam de enfrentar as consequências de suas irresponsabilidades criminosas.

Se hoje é impensável beber e dirigir e, mais ainda, beber, dirigir e dar perda total em acidentes sequenciais, naquela época a questão era relevada como manifestação de rebeldia herdada dos anos 1960.

Num intervalo de dez anos, consegui liquidar uma frota de Fiats 147. Meu pai lidava com automóveis, pilotava carros de corrida, vendia Alfa-Romeos, Ferraris e Lamborghinis, e a paixão por velocidade que nos envolvia acabou servindo de subterfúgio para mim.

E eu sei, como me chamo Barbara, que meus excessos etílicos ao volante nada tinham a ver com tentativas de suicídio. Nadinha. É claro que meu beber estava relacionado com o desprezo por tudo, por todos, pela vida.

Mas, para mim, pilotar é arte: sinônimo de desafio e prazer de ser mais veloz do que os outros. Pode até ter a ver com morte no sentido estético de consumação da energia vital ou do erotismo que acaba culminando na chamada “pequena morte”, expressão que os franceses usam para definir o orgasmo. O campeão mundial Jackie Stewart descreve o ato de pilotar um F1 como se estivesse seduzindo uma mulher. O problema é que ninguém “pilota” em vias públicas, longe das competições. Para quem tinha gasolina no sangue como eu, pisar no acelerador era êxtase. E a bebida me conferia coragem de leoa.

Estatelei o primeiro carro que ganhei na esquina de uma das ruas mais movimentadas da zona sul de São Paulo. Passei chutada num sinal vermelho e cheguei a ver o outro carro vindo ao meu encontro; não freei porque achei que ia passar raspando, toda poderosa, mas calculei errado. Já viu bêbado fazendo cálculo? Pois é.

No momento do impacto, só vi rodopiar um carrossel de bombas de gasolina ao meu redor. Quando o carro estacionou, fumaça saindo do motor, me dei conta de que havia invadido um posto de gasolina. Por sorte, não acertei nada nem ninguém. Mas, assim que recobrei um mínimo de lucidez (nada como um grande susto para curar um porre), virei para meu amigo Gino, que estava no banco do passageiro, e disse: “Tem uma garrafa de vodca debaixo do seu banco e um baseado no cinzeiro, dá um jeito nisso”.

As pessoas do outro carro já tinham vindo tirar satisfação, e não tive tempo para pensar. Só fiquei olhando para a avenida, vendo os carros e imaginando: onde será que está o Carlo? Só meu *bro* mais velho, *expert* da conversa de posto de gasolina, mecânica e borracharia (que o levaria a fundar a segunda experiência brasileira na F1 com a equipe Forti Corse), do alto de seus 1,95 metro de altura, poderia me tirar daquele enrosco.

Naquele tempo, eu não parava para questionar qualquer fenômeno além da compreensão. Se alguém me falasse sobre sincronicidade ou dissesse que todas as coisas estão interligadas e que existe causa e efeito em cada manifestação do universo, eu provavelmente cairia na gargalhada. Não tinha nenhuma

expectativa sobre o despertar da minha espiritualidade nem a respeito da epifania que viria a me resgatar do abismo anos mais tarde.

Por sorte, aquele meu anjo da guarda que deve ser primo em primeiro grau do Incrível Hulk, que já era para estar com artrite ou debilitado da coluna, ainda estava dando expediente.

Ele esteve firme ao meu lado durante a minha via-crúcis sem nunca me deixar na mão. E foi assim, com a ajuda do divino, que ele fez se materializar. Não pergunte como nem por que, mas eu continuava olhando para a avenida e pensando em como sairia daquela encrenca, quando as forças do universo resolveram jogar no meu time. O barulho de uma freada brusca, pouco antes da esquina, me fez virar. Um Opala preto vinha freneticamente ao meu encontro de marcha a ré. Carlo depois contou que estava indo de uma farra para outra, era madrugada de uma sexta-feira. Ele nunca passava por aquela via. Estava meio cochilando no banco traseiro do Opala, quando reconheceu meu Fiat azul empinado sobre uma bomba de gasolina feito o “cavallino rampante” da Ferrari. “Para, para! Aquele é o carro da minha irmã.”

Nunca arranhei um carro sóbria; pode ser que tenha ralado, vá lá, um ou dois para-choques ao manobrar. Em compensação, estava totalmente chumbada em todas as perdas totais que causei. Meu histórico de destruição de automóveis compara-se ao de um *demolition derby* no Meio Oeste americano.

E, como a bebida havia me feito trancar o equilíbrio e a sensatez no fundo de um armário e jogado a chave fora, eu não parecia enxergar a extraordinária gravidade dos meus atos.

Foi só quando o peso da ressaca moral se tornou insuportável, lá pelo início dos anos 2000, que eu comecei a cair na real, ter crises de pânico, suores frios e vontade reiterada de pular pela janela sempre que lembrava que, na noite anterior, de novo, eu tinha dirigido bêbada. Levou mais de vinte anos para a ficha cair.

Até conhecer os 12 Passos do AA, vivi chafurdada na confusão. Sofri e me torturei por minhas cagadas durante anos a fio. O ciclo vicioso de crime e castigo só foi rompido quando

assumi minha parcela de responsabilidade na história e parei de beber de vez.

Na minha vivência dos 12 Passos, o caminho de transformar culpa em responsabilidade não se deu de forma imediata. Não passei apenas uma vez pelo processo de admitir e relacionar as coisas erradas que fiz para depois pedir desculpas às pessoas que magoei e, com isso, chegar a termo com minha condição humana.

Mas, antes de a ficha cair, colecionei outras tantas experiências pouco abonadoras.

Certa vez, acabei na cama de um famoso fotógrafo que eu considerava, seriamente, o cara mais belo da face da Terra. Nem conseguia olhar direito para ele de tanto brilho que aquele anjo bendito emanava. O camarada parecia um mix de querubim de afresco renascentista e caubói da Marlboro, esplêndido, retumbante, longilíneo, delicado e rude, uma coisa assim agridoce, um Tadzio (de *Morte em Veneza*) maior de idade, uma coisa de louco. Pois eu fiquei tão extasiada de ter passado a noite com ele que, na volta para casa, estampei meu segundo Fiat 147 num poste da avenida Brasil. Fui, empolgada feito um Schumacher, fazer a curva e *paf*!

Ao volante do terceiro Fiat 147, promovi a liquidação da Jotapetes. Bebi, dirigi e dormi na direção, então entrei com tudo na loja instalada numa esquina, liquidando vitrine, carpetes, capachos, tapetes, móveis e lustres.

Novamente, meu irmão Carlo entrou em cena. Dessa vez, ele foi menos solícito. Assim que chegou à cena do crime, avisado pelo policial que atendeu à ocorrência, partiu pra cima de mim, tomou a carteira de habilitação que eu estava rendendo ao guarda e a picou em mil pedacinhos. “O senhor que lide com ela, pra mim chega”, esbravejou, batendo em retirada.

Coincidiu de meus pais estarem passando uma temporada longa na Suíça. Então Carlo, autoproclamado chefe da família, tomou a iniciativa de me expulsar de casa. Minha mãe não ficou muito contente com a decisão. “Melhor tê-la por perto do que aprontando no Capão Redondo”, devia ser a lógica que ela empregava, mas acabou sendo desse jeito. Eu já estava bem

grandinha e tão enterrada na minha dependência que era hora de me deixar procurar a minha turma. Daí para frente, era cuidar do meu futuro e andar com minhas próprias pernas.

Fui buscar abrigo temporário na casa de Nádia, aquela paixão cujo sadismo era alma gêmea do meu masoquismo. Fiquei lá por um tempo, até que ela também se encheu da minha previsível imprevisibilidade e me jogou de volta na rua. Passei um período em um apart-hotel, um martírio para quem, como eu, adora ter o seu próprio canto cinco estrelas.

Só depois de oito ou dez meses da trombada na Jotapetes é que eu fui morar sozinha. Num apartamentinho simples que arrumei “do lado errado da avenida Rebouças”, como dizia o querido Telmo Martino, só para estar próxima da Nádia, que morava do lado certo. Eu andava mais perdida do que pum em bombacha.

Costumo contar como se tivesse sido uma bênção ambígua meu pai ter perdido todo o dinheiro que passou a vida trabalhando para juntar. Se para ele a concordata foi o estopim do Alzheimer, para mim interrompeu uma vida vadia de filha caçula, mimada e riquinha, que passava a tarde no clube jogando golfe, bebendo e depois jogando dados. Se continuasse naquela toada, certamente teria ido embora cedo num acidente doméstico ou, mais provável, de carro, naquele tipo de colisão que vira notícia do *Jornal Nacional*.

Bêbados, de fato, têm anjos da guarda generosos.

Vale tudo

Acho razoável tentar descrever a experiência da interrupção do uso do álcool usando as imagens mais dramáticas do meu arsenal de analogias marcantes.

Em algumas das minhas tentativas mais ineptas de parar de beber, cheguei a fazer promessa ajoelhada em prantos na igreja e até acendi velas que, enfileiradas, iriam da praça da Sé paulistana até Aparecida do Norte, ida e volta, umas três vezes. Nos momentos mais tenebrosos, em que o mundo exterior e todo o resto do cosmos me cobravam uma mudança de atitude, o desespero muitas vezes me deixou a pé no meio do deserto.

A cada novo episódio de bebedeira intercalado por pisadas na bola, eu me embrenhava nas tentativas mais fúteis de interromper o consumo de alcoólicos, como se parar de beber não fosse se dar por método testado empiricamente, mas por um milagre.

São tantas as vezes em que teci juramentos sinceros de que ia parar para pai e mãe, irmã, namorada e até para o cachorro da família, que também me evitava quando eu voltava para casa torta, que não me sobrou quase nenhuma compostura.

Todas, acredite, foram tentativas reais, com intenção verdadeira de me ver livre do meu calvário.

Mas, passadas uma ou duas ou três semanas, eu acabava voltando à farra – que a certa altura não era mais divertimento, só um jeito de me entorpecer e dar no pé do acúmulo de consequências nefastas que meu comportamento errático gerava. E que todos ao meu redor percebiam e passaram a

fundir com a Barbara sóbria, uma criatura muito diferente daquela bruxa falastrona que eu me tornara.

Teve uma época em que eu teria feito qualquer pacto faustiano com o chifrudo para dar um jeito no meu problema.

Pouco tempo antes de minha primeira internação na clínica de reabilitação Recanto Maria Tereza, a de Cotia, cheguei a pagar uma fortuna para ser submetida a um ritual de purificação que me foi apresentado como sendo um ebó, mas que, eu desconfio, tinha quase nada a ver com o candomblé. E tudo a ver com picaretagem do tipo mais rasteiro.

De antemão, mandaram que eu fizesse um depósito exorbitante em uma conta de banco com o propósito, segundo me explicaram, de comprar mantimentos que seriam doados às entidades que me ajudariam a promover uma faxina no espírito.

Cheguei ao local em que seria realizada a cerimônia (exorcismo?) e logo percebi que tinha me metido numa roubada. Alguém já viu terreiro localizado numa quitinete no oitavo andar de um edifício do largo do Arouche, no centro de São Paulo? Pois é, eu também não. Eu só não sabia que estava prestes a viver uma das experiências mais equivocadas da minha vida.

Fizeram-me entrar numa salinha e mandaram que eu ficasse de calcinha e sutiã. Estranhei um pouco. Mas, vá lá, entidades do além podem ser excêntricas. Ou taradas, que sei eu?

Vendaram-me os olhos. Epa, opa… Sinal amarelo piscando. A coisa transcorria sob clima cerimonioso, imaginei que deuses ou orixás ou caboclos ou quem sabe o Zé Arigó e o doutor Fritz estivessem contentes, mas me vendar os olhos? Ninguém tinha me contado sobre essa parte.

Em seguida, alguém começou a esfregar o que suponho ter sido uma erva, de odor repulsivo, sobre toda a superfície do meu corpo, que à época, juro, tinha proporções continentais.

Amarraram longos pedaços de palha trançada em cada um dos meus braços – que demorei meses para desembaraçar – e, para completar o “look Xingu”, me empastaram de urucum fedido com o qual tive de conviver por dias, sem sair de casa, sobre torso e dorso.

A esbórnia seguia em um crescendo e, de uma hora para a outra, comecei a sentir o que achava serem várias mãos, femininas e masculinas; àquela altura não sabia mais o que deduzir, esfregando pipoca nas minhas pernas, nádegas, costas e nos meus peitos, como se eu estivesse sendo submetida a uma sessão esfoliante num *spa*. Para finalizar a lambança com o maior impacto possível, ouvi quando encaminharam um bode para dentro do recinto: ele berrava e se agitava. De repente, silêncio, nada mais de bode na sala ou, quiçá, no plano terreno. Apenas um líquido quente escorrendo pelos meus pés.

Só não saquei a venda e saí em direção ao telefone mais próximo com o propósito de convocar a Saúde Pública, a Zoonose ou a Sociedade Protetora dos Animais para autuar os filisteus curandeiros, porque minha humilhação naquele momento – uma cretina de cabresto, calcinha e sutiã, toda emporcalhada tal e qual um suíno no seu chiqueirinho – era bem mais intensa do que minha paixão pela causa da dignidade animal.

Depois dessa experiência, eu não bebi por três longos meses, certamente induzida pelo medo de sofrer represálias de criaturas do além e também para evitar que outros animais inocentes morressem por uma causa que parecia perdida. Mas assim que as lembranças vis daquele dia começaram a se dissipar, lá fui eu para a padaria da esquina promover o reencontro com os orixás que preferem rabo de galo.

Até a próxima tentativa de parar.

Algumas vezes eu consegui domar na ponta da lança o dragão da compulsão por mais tempo. Mas essas eu conto nos dedos da mão.

***

As primeiras setenta e duas horas sem qualquer vestígio de álcool no organismo, sensação que produz efeitos físicos e fisiológicos dos mais variados e desagradáveis, estão entre as piores de uma vida cheia de momentos medonhos, a maioria deles causada exclusivamente por esta digníssima que vos fala.

O leitor do sexo masculino está impossibilitado de experimentar a sensação de uma crise aguda de menopausa. Para o resto de nós, o meu testemunho fará bem mais sentido.

A interrupção repentina do consumo compulsivo de álcool já me fez sentir como se vivesse o auge de uma crise de amenorreia avassaladora e incessante, intercalada por calafrios e elevações da temperatura corporal tão extremas que seriam capazes de inferir que a cabeça vai ferver e explodir a qualquer momento.

Essa montanha-russa de pavorosos delírios febris costuma vir acompanhada por tonturas, náuseas, tremores e ataques de sudorese de encharcar uma gaveta cheia de camisolas. Pior, ela sempre vem de mãos dadas com uma sorte de culpa avassaladora. Eu tinha absoluta certeza de que aquele inferno era reflexo de eu ter dessacralizado a vida que me foi concedida com amor e que eu deveria ter tratado como bem supremo. Sentia que estava a dois passos de morrer de forma vergonhosa, de modo a emporcalhar o nome da família até o fim dos dias, sem qualquer possibilidade de redenção.

E, ainda por cima, sem ter ninguém com quem trocar uma ideia para entender melhor o que estava acontecendo e quais eram as calamidades que estariam por vir. Eu havia feito todo mundo sofrer, minha mãe perder o brilho nos olhos, meus amigos me tratarem como *persona non grata*. Mas será que era isso mesmo?

Sentia como se tudo transcorresse em um cenário sinistro idealizado por Hieronymus Bosch, pintor do século XVI, com roteiro de autoria do mestre do terror Stephen King e direção do cineasta David Cronenberg.

Sentiu?

Nem o sono gerava alívio. Dizem que só quem conhece o *delirium tremens* tem pesadelos terríveis. Mas meus sonhos, povoados por ratos do esgoto e outros monstrengos imundos e assustadores, pareciam viagens causadas por absinto. Isso seguia por dias a fio.

Antes de me internar na clínica de reabilitação, eu achava que esse inferno era uma experiência exclusiva minha, porque só

eu tinha transgredido a esse ponto.

É o tipo de assunto que você reluta em compartilhar com quem quer que seja, inclusive porque a maioria das pessoas com quem você teria abertura para falar já está muito puta e poderia ficar ainda mais preocupada.

Fora a vergonha, que volta imediatamente a cada vez que você desperta do sono ou de um cochilo. E ressurge com intensidade brutal para quem já está fragilizado há anos.

No ambiente controlado da clínica de reabilitação, descobri que havia coisa pior do que esses pesadelos a que estava acostumada: uma insônia que durou precisamente uma semana inteirinha. Note que fui eu que insisti em me internar, a contragosto da família, que achava que eu não era alcoólatra e sim algum tipo de mau-caráter. Vivi ali a experiência de um pânico que temia se tornar crônico.

Um sentimento de acerto de contas com a esfera que se sobrepõe a nós, que também atende pela alcunha de Poder Divino, parecia me perseguir dia e noite. E eu adquiri a percepção de que iria dali para o enxofre do inferno a qualquer momento. Sentia como se a interrupção abrupta do álcool ao dar entrada na clínica fosse causar a minha morte. Que não conseguiria me safar de ter machucado meu corpo, meu coração, meu espírito e minha memória por tanto tempo, de forma tão intensa.

Sentia que estava me afogando sem qualquer substância líquida à minha volta.

Pela graça da redenção humana, parei de beber por longos períodos depois das duas primeiras internações. E, definitivamente, espero, na derradeira internação, na clínica Vila Serena de São Paulo, em 01/03/2007.

Mesmo depois que fiz a importante transição da abstinência (quando você já não bebe, mas ainda sente falta da bebida no organismo) para a sobriedade (quando você não bebe mais, não sente saudade nenhuma de bebida e está sempre reavivando a memória para se lembrar dos motivos pelos quais deixou de beber), tive de superar vários obstáculos.

Sempre me prestei ao papel da pessoa mais debochada do recinto em todas as ocasiões. Lembro-me de um Carnaval no Rio de Janeiro, no desfile das Escolas de Samba, nos primórdios do Sambódromo da Marquês de Sapucaí.

A fim de atender ao público dos desfiles, a prefeitura do Rio tinha instalado ao longo da avenida arquibancadas provisórias e uns camarotes bem capengas, nada a ver com as instalações do sambódromo de hoje ou com o celebrado camarote da Brahma. Os daquela época eram atendidos por banheiros que iam de fétidos, no começo da noite, para absolutamente infrequentáveis quando o desfile terminava, cerca de catorze horas depois. Naquele tempo, o desfile ia do fim da tarde de sábado até meio-dia de domingo, não era dividido em duas noites como hoje.

Cabiam, no máximo, doze pessoas em cada camarote, mas eu costumava assistir aos desfiles do camarote de um amigo querido, a quem considero da família, o Luiz. Durante anos, ele frequentou o Carnaval e sempre conseguia enfiar no mínimo umas vinte pessoas no espaço que alugava, entre as quais a absoluta maioria era de famosos e bacanas internacionais que vinham ao Rio do exterior para ver o Carnaval.

Ficávamos todos de olho na bateria de qualquer escola que estivesse se apresentando, com especial atenção para a Padre Miguel, a mais ilustre de todas as baterias. Quando o corpo de percussionistas finalmente chegava e estacionava por um par de minutos diante do trecho em que os camarotes estavam perfilados, todo mundo sacava sua ampola de lança-perfume, *made in Argentina* (mas provavelmente confeccionada na periferia de alguma grande cidade brasileira), molhava a manga ou a barra da camiseta e deixava rolar o zunido junto com o batuque promovido por coisa de quatrocentas mãos vibrando sobre tambores, bumbos e surdos bem na sua frente. A sensação era “superfantástica, no Balão Mágico, o mundo fica bem mais divertido” e *trá–lá–lá*… A festa incendiava.

Até hoje, o Luiz dá festas incríveis. Fartas, boa música, ambientes espetaculares, pessoas bacanas… Ele gosta de dar risada, é *bon–vivant*. Na casa dele, conheci o Wim Wenders, o

Franco Zeffirelli e muitos, muitos outros que minha memória sacana não guardou para que eu registrasse aqui.

Foi como convidada do camarote dele que eu aprontei as piores arruaças. Não sei como me convida até hoje.

Era começo dos anos 1980, época em que a Beija-Flor via o seu apogeu. Já tinham transcorrido umas oito horas de desfiles, o sol começava a dar as caras, e os banheiros dos camarotes já estavam pra lá de impraticáveis. Meu amigo Rodolfo Scarpa, talentoso arquiteto, que morreu em 1987, percebeu um inchaço anormal no forro do teto do camarote. Rodolfo era gago, tão gago que, certa vez, minha empregada anotou um recado dizendo: "Sr. Rorrorrodolfo ligou".

Ele apontou para o revestimento de plástico do forro: "Ooooolha!". Bati o olho na bolha que estava inchando em cima de nossa cabeça e, sem pensar duas vezes, ou melhor, sem pensar, saí correndo, peguei um espeto do bufê e, com um movimento ágil de braço, pulei e abri um talho de uns 20 centímetros no forro. Pra quê? As cataratas do Iguaçu, só que não de água, mas de merda, desabaram sobre os ocupantes do espaço VIP. A bolha no teto havia sido ocasionada pela ruptura do cano de um banheiro vizinho ao camarote, e eu desencadeara o apocalipse sobre todos os convidados do meu amigo. Estrangeiros, autoridades, boêmios e peruas, todos foram alvejados. Não sei se o pessoal se deu conta de quem foi que fez o quê. Só sei que nós demos no pé, e Rodolfo ficou mudo por uns dois dias.

Pessoal tende a amenizar o problema, acha que você está exagerando quando diz que é alcoólatra, porque, na cabeça deles, ser alcoólatra é acordar e pegar a garrafa debaixo da cama e beber o dia inteiro feito aqueles coitados que andam por aí falando sozinhos, e dormindo ao relento e que, por sinal, na maioria das vezes, são doentes mentais que bebem.

Uma parcela alarmante das pessoas com quem convivo – não apenas socialmente, note – emite sinais que posso identificar como sendo falta de limite para a bebida ou em processo de transformação do metabolismo a caminho da dependência.

As pessoas que percebo estarem nesse limbo são as que mais reagem mal quando eu digo que parei de beber.

Homúnculo

Num período de no máximo dois anos, que se estendeu de junho de 1984 até o fim de 1986, fui contratada e dispensada da Folha e depois recrutada novamente pelo jornal para assinar, no caderno cultural “Ilustrada”, uma coluna chamada Bares.

Em termos de excessos, a sucessão de eventos na minha vida profissional naquele intervalo traduz de maneira adequada o que então ocorria na minha vida pessoal.

Fui procurar o que fazer depois de ter sido ejetada da Folha devido à minha incompatibilidade com a confecção de colunas sociais e a lida diária com gente interesseira e ávida por poder (na minha versão) ou (na versão do resto do mundo) por ter publicado na coluna, como se fosse verdade, piada contada ao redor do bebedouro da redação por Boris Casoy.

Segundo Casoy, que era nosso editor-chefe, o governador paulista Franco Montoro, conhecido à época por se atrapalhar com nomes, havia chamado o então ministro Pimenta da Veiga de “Pimenta do Reino”. Soube depois que houve o agravante de alguém do gabinete do Bandeirantes ter, com toda a razão, aliás, ligado para a Folha e pedido a minha cabeça aos berros.

O jornalista Luis Carta, que editava a *Vogue* no Brasil, devia estar ciente de todos esses acontecimentos, pois era um homem extremamente bem informado.

Eu já tinha trabalhado para ele confeccionando textos bárbaros e extravagantes para a sua revista. Típico *bon–vivant* dos anos 1970, ele vinha a ser um dos três da Editora Três, junto com Fabrizio Fasano e Domingos Alzugaray.

Também era muito amigo dos meus pais e costumava jantar na nossa casa da avenida República do Líbano com certa frequência. Achava a maior graça em mim e morria de rir quando eu inventava alguma desculpa esfarrapada por não ter entregado dentro do prazo algum texto prometido para a editora da revista, minha querida Célia Svevo.

A coisa era tão descontraída que por vezes minha mãe vinha puxar minha orelha: "O Luis Carta me ligou dizendo que você o deixou na mão de novo".

Hoje, depois de ter trabalhado na Folha, no Estado de S. Paulo, na editora Abril e no UOL, não me passaria pela antessala da mente cometer esse pecado que, no jornalismo, é considerado infração gravíssima. Especialmente no meu ramo, tempo é dinheiro. O jornal que mais vende é sempre aquele que chega às bancas primeiro. Na Folha, houve um período em que esse tipo de mancada ia parar no seu prontuário e poderia complicar sua vida na hora de uma promoção ou na eventualidade de um aumento.

O meu pouco caso com o trabalho era encarado por Luis Carta como traço de irreverência, manifestação de inquietude, um bom sinal para quem almejava viver de escrever.

Apesar de minha deplorável folha corrida, ele fez questão de me arrumar emprego assim que fui defenestrada da Folha.

Numa conversa durante um daqueles épicos jantares oferecidos pela gloriosa dona Lulla, percebi que ele queria me domar e tentei me evadir, dizendo: "Fui alfabetizada em inglês, Luis, não sei escrever em português".

Ele respondeu com uma frase que para mim virou lei e que usei de muleta toda vez que senti vontade de me jogar pela janela depois de ver publicado algum texto meu que eu não considerasse à altura da publicação em que trabalhava: "Mais importante do que saber escrever é saber pensar".

Menos de um mês depois de minha demissão, Luis me chamou para dizer que seu irmão, Mino Carta, jornalista de grande prestígio, fundador da *Veja* e do *Jornal da Tarde*, tinha ido tocar a revista *Senhor*, na Editora Três, e que eu deveria me

apresentar na redação da revista *Status* na segunda-feira seguinte.

"O Domingos tem um novo projeto para a *Status*; você começa por lá e vai fazendo umas colaborações para o Mino na *Senhor*, vamos ver o que acontece…"

Bem, aconteceu de tudo um pouco. Menos o avanço da minha carreira profissional. Originalmente, a *Status*, nascida mais de uma década antes da minha chegada, era uma revista de sacanagem, naquele modelo clássico configurado por Hugh Hefner, mais para *Hustler* que para *Playboy*.

No aspecto profissional, não era exatamente o convite dos sonhos. Não me recordo de ter produzido naquela redação nenhum grande marco jornalístico, mas eu também não estava lá com essa bola toda.

No *Réveillon* de 1985 para 1986, em Búzios, Rio de Janeiro, arrumei uma namorada por quem me apaixonei perdidamente. Nossa compatibilidade de neuroses transformou o que deveria ter sido um encontro breve num punhado de anos vividos dentro de um ringue de luta livre mexicana. O cupido me flechou quando a vi saindo do mar de *topless* depois de uma prática de nado *crawl*. Eu nunca tinha visto alguém nadar de *topless* e fiquei maravilhada com sua, digamos, "irreverência".

Aos poucos, Nádia se revelou uma pessoa instável, possessiva e que encarava o meu trabalho como rival. Ela foi minando minha autoconfiança, e quanto mais me rejeitava e depois me resgatava da beira do abismo; quanto mais me corneava, mentia e me humilhava, mais eu achava impossível viver sem ela.

Comprei feito uma pata a ideia vendida por Nádia de que o trabalho interferia na existência de intensas paixões que ambas fantasiávamos. E fui descendo a ladeira.

Pela graça de Deus, esse foi o último relacionamento problemático da minha vida. Se tivesse tido outros, talvez nunca conseguisse atingir a sobriedade.

Eu tinha na época 27 anos e poucos recursos emocionais para lidar com uma encrenca da magnitude daquele relacionamento tão cheio de altos e baixos. Até então, meu

histórico sentimental contava dois namorados adoráveis na adolescência, o Churchill e o Richard, além de minha primeira paixão feminina, a Nikki, pessoa das mais amenas. Mas eu já tinha tido um caso (*toc, toc, toc!*) para esquecer, com uma ex-namorada do Chiquinho Scarpa, que poderia ter servido de indicativo do que estava por vir.

Quando namorei o Richard, ainda não bebia com frequência, dava no máximo uma escorregada aqui e outra ali. Minha personalidade ebuliente e meus 16 anos da época não permitiam que aqueles deslizes disparassem o alarme vermelho do perigo iminente.

Depois de formado nos Estados Unidos, Richard foi trabalhar no exterior. Quando nos vimos de novo, duas décadas tinham se passado, ele havia se casado, sido pai de três filhos e virado presidente de marketing de uma grande empresa farmacêutica.

Eu o convidei para vir à minha casa. Ele estendeu a mão para cumprimentar minha namorada, dizendo: “Meus parabéns, você ganhou na loteria”. Como se eu ainda fosse aquela menina intocada que ele conheceu em 1973, não a mercadoria prejudicada em que tinha me transformado no período em que não tivemos contato.

A maneira como saí da *Status* é um reflexo do tempo desperdiçado naquela redação. A revista tinha um publisher jovem, sujeito culto e de talento, mas que não contava com temperamento para conduzir uma equipe.

Um dia, Fernando Paiva, colega de quem mais tarde tornei-me madrinha de casamento, chegou para mim e disse que toda a redação tinha recebido aumento. Tomei a notícia como uma descarga de 220 volts na moleira. Eu não tinha sido contemplada com nenhum abono ao salário, que história era aquela? Fui reclamar com o tal editor, que encontrei reclinado na cadeira, fumando um charuto.

Perguntei por que fora a única excluída do aumento, ao que ele respondeu sem um pingo de incômodo: “Você é rica, não precisa de aumento”.

Entre a frase terminar de sair da boca do chefe e o início do esboço de seu sorriso cínico de Monalisa, virei com toda a

tranquilidade e fui muda esvaziar as minhas gavetas. Sem manifestar qualquer tipo de emoção, me despedi como em qualquer outro dia da semana e nunca mais coloquei os pés no prédio da Editora Três. Não voltei nem mesmo para assinar a rescisão do meu contrato.

Minha saída daquele emprego foi a conclusão natural para uma relação de desgaste mútuo entre empregado e empregador. Não fosse o fato de que na redação da *Status* eu fiz excelentes amigos, até hoje muito próximos, diria que minha passagem por lá se resumiu a ar quente. Apenas fumaça que se dissipa no ar, mesmo tendo conhecido uma de minhas pessoas preferidas no planeta, a melhor diretora de arte do país, Maria Cecília Marra, que me concedeu a graça de executar a direção de arte deste livro.

E foi lá que aprendi outra coisa importante: a conviver com Mino Carta. E ele comigo. Nossa relação terminou como terminam todas as relações pessoais e profissionais de Mino Carta: em atrito. Muitos anos depois, um belo dia, do nada, para atingir meu empregador, Otavio Frias Filho, com quem ele já tinha implicado em ocasiões anteriores, Mino resolveu usar o espaço na sua revista, a *Carta Capital*, para me atacar pessoal e gratuitamente. Chamou-me de pau-mandado do patrão, como se não conhecesse meu caráter com alguma intimidade. Além de ser amigo de família e um mentor a quem um dia eu havia admirado, nós formáramos o que eu considerava uma amizade, chegando a passar fins de semana com a mulher dele, Angélica, a filha Manuela e nossos amigos jornalistas, a Ciça, o Fernando, o Nirlando Beirão; estávamos sempre todos juntos.

Certa vez ficamos hospedados na casa de um amigo de Mino em Campos do Jordão, e nunca me esqueço de que o camarada tinha dois Van Dyck pendurados na sala e um piano Steinway programado para reproduzir o toque do Count Basie. Numa época em que ainda não existiam celulares nem computadores pessoais, aquela joia de piano tinha um programa que reproduzia o contato das mãos do grande *bandleader* com as teclas, que subiam e desciam como se conduzidas por um pianista invisível.

No balanço geral, aprendi muitas lições com Mino Carta. Ele é dos melhores professores com quem alguém pode conviver dentro de uma redação. Divertidíssimo, inclusive. Quantas vezes eu não cruzei o corredor da porta da redação da *Status* para a entrada da redação da *Senhor* e não flagrei o Mino de pé sobre a mesa, ameaçando atirar de lá de cima uma máquina de escrever, apenas com o propósito de arejar os miolos? Mino é italiano, esquentado e mede menos de 1,70 metro. Se ele resolvesse jogar uma máquina de escrever estando de pé no chão, não causaria muito mais do que um pequeno arranhão.

Do jeito que ele aventava sua ira, nós todos nos sentíamos no palco do La Scala em meio à execução da *Aida*, de Verdi.

Além de se gabar de ser um tenista de primeira linha e alegar já ter vencido uma partida contra o romeno Ion Tiriac, jogador combativo do circuito WCT dos anos 1970, Mino se considera páreo para Francis Bacon, a quem emula como pintor, tendo várias vernissagens no currículo. E, ainda por cima, o danado cozinha bem, o que lhe confere o direito autoproclamado de se comparar aos melhores *chefs* do mundo.

Nos meus anos de convivência com ele, era comum que inventasse de cozinhar e chamasse o pessoal da *Senhor* para compartir de suas santas ceias.

Numa noite dessas de sábado, fui convidada para jantar na casa do Mino e da Angélica, sua segunda mulher, que faleceu alguns anos depois, na companhia de Luiz Gonzaga Belluzzo e de mais algum Bresser ou Bracher, um desses figurões respeitabilíssimos da economia, que minha memória me impede de situar para conferir uma menção à altura.

O vinho na casa do Mino era sempre de primeira e servido com generosidade. E eu, que naquela época vivia com sede como se chegasse desidratada do deserto do Saara, demorei pouco além dos aperitivos para ficar completamente bêbada.

Antes mesmo do jantar, fui ao lavabo jogar uma água fria no rosto; minha cabeça já estava girando, e achei que não ia dar conta de segurar a onda na frente de convidados tão ilustres. No banheiro que era usado pelas visitas, havia uma banheira

coberta por um tampo de madeira bem rija, com pilhas de revistas, vasinhos e ornamentos arranjados em cima.

Acomodei no chão os objetos empilhados, liberei a banheira e deitei por alguns minutos até recobrar a forma para voltar ao jantar.

Pois, tal e qual um Rip Van Winkle, aquele personagem dos contos infantis que bebeu com duendes e dormiu na floresta para acordar vinte anos mais tarde, despertei com um chacoalhão.

Duas horas haviam se passado. Belluzzo, Mino e Angélica, preocupadíssimos com meu estado, tinham levado um tempão para arrombar a porta depois de tentar sem sucesso algum tipo de comunicação comigo.

Pareciam desesperados. Eles me tiraram de lá, me ofereceram um café. O jantar já tinha acabado fazia um tempão.

Naquela noite, eu tinha chegado à casa de Mino e Angélica na maior fossa. Para variar, Nádia me dera um pé no traseiro; ela fazia comigo um jogo perverso de nunca me dar nada que eu, porventura, pudesse interpretar como sendo uma entrega de sua parte. Vivia das suas migalhas, eternamente miserável, à deriva, refém de seus humores e daqueles produzidos pela minha ingestão de álcool em excesso.

Ao mesmo tempo, por mais que a tristeza da minha vida sentimental teimasse em transbordar e causar estrago em outras áreas, eu sabia que não tinha o direito de culpar a Nádia pela situação.

It takes two to tango – ou seja, são necessárias duas pessoas para dançar de rosto colado. Naquela altura dos acontecimentos, eu já estava ciente do meu *handicap* em relação ao álcool e plenamente consciente de que não podia beber.

Se insistia, a responsabilidade era somente minha.

Esse episódio na casa do Mino foi um vexame silencioso. Houve outros bem mais barulhentos. Se eu bebo, acaba toda a censura minimamente necessária para o meu convívio social.

Eu era de falar as piores coisas. Ainda falo muita coisa que não deveria, simplesmente porque me dou à liberdade luxuosa de não me enxergar de rabo preso a nenhuma causa que não considere legítima.

Com o passar do tempo, me dei conta de que minha honestidade beirava o patológico, que meu superego precisava se aprumar e não apenas produzir um tipo de culpa paralisante, que me impedia de evoluir.

Claro que continuo sendo adepta da verdade, não sei ser diferente. Acho inclusive que uma das poucas coisas positivas que o alcoolismo me trouxe foi, de certa forma, uma licença para falar o que ninguém ousaria, mas que precisa ser dito.

Este livro precisou existir, pois não é possível que ninguém no país tenha coragem de falar sobre seus problemas com o álcool, comuns a tantas e tantas pessoas necessitando de ajuda.

Mesmo porque não tenho talento e nem memória para mentir.

É refrescante e vou dormir mais livre e feliz comigo mesma.

“TB”

Desde quando ele fazia o papel do mordomo Gordon, no formidável humorístico *Família Trapo*, da TV Record, admiro profundamente o Jô Soares.

Conheci o Gordo ainda menina. Jô sempre foi fissurado por máquinas, fossem carros luxuosos, fossem motos como aquelas das quais tombou algumas vezes, causando séria redução no movimento articular de seus braços.

Meu pai era concessionário exclusivo para o Brasil das marcas Ferrari, Lamborghini e Alfa-Romeo numa época de *boom* brasileiro em que a sua loja vendia mais automóveis da marca do “cavallino rampante” do que a principal revenda de Milão. Era incrível o ritmo de vendas da Jolly Automóveis.

Caso corriqueiro era entrar gente para comprar de uma vez dois ou três carros. Teve um fazendeiro do Mato Grosso que encomendou três Ferraris Dino: uma para si, outra para o filho e mais uma para o sobrinho.

Meu pai perguntou onde ele pretendia andar com os carros, posto que o cliente morava em fazenda, e o camarada respondeu: “Não tem problema, minha propriedade é toda asfaltada”.

O Jô comprou vários carros do meu pai ao longo daquele período do governo militar em que nós nos iludíamos de que o bolo ia crescer a ponto de todos os brasileiros desfrutarem de um pedaço só seu.

E eu procurava estar por perto quando ele ia à loja.

Ele morava a poucos quarteirões dos Gancia, e eu e meus amigos de bairro, o Churchill, o Mané Pinto e o Marcelo Richter

(filho da dona Nadir, que eu queria trocar por dona Lulla pela sua rotina, pela normalidade e pelo lanche da tarde que ela servia), sempre encontrávamos um jeito de dar uma paradinha na frente da casa dele para espiar pela fresta entre o portão e o muro, por onde podíamos ver as iniciais "JS" inscritas de forma extravagante, em tinta branca e caligrafia rebuscada, sobre as duas janelas ovais da sala que davam para a frente da casa.

Muitos anos depois, quando saiu da Globo para fazer seu programa de entrevistas no SBT, assim como todo mundo mais as torcidas do Flamengo e do Corinthians, eu me tornei parte empolgada de sua audiência de fim de noite.

E um dia chegou a minha vez de ser entrevistada pelo Gordo. Eu já era bem grandinha, tinha por volta dos 30 anos, e nós já ultrapassáramos meu tempo de admiradora a distância para virar amigos. Fiquei radiante com o convite, porque, entre outras alegrias, tinha a garantia de que estava em boas mãos, que o Jô seria um *gentleman* comigo.

Existia um padrão de funcionamento no *Jô Soares Onze e Meia*. Logo depois de confirmar o convite para participar do programa, o convidado recebia um telefonema e era submetido a uma pré-entrevista, feita por um redator/jornalista e que depois era transformada nas perguntas que constam nas fichas que o Jô usaria para se orientar durante a conversa.

Uma mocinha muito simpática me ligou, conversou comigo por um bom tempo, quis saber de mim e do que eu gostaria de falar, perguntou um monte de coisas amenas, e assim ficamos.

No dia marcado, coloquei minha melhor roupa, uma calça Armani cor de laranja, um colete Kenzo de veludo florido, uma camisa branca da agnès b. e uma sapatilha italiana corretíssima que o Jô elogiou no ar dizendo que era o sapato mais bonito que ele havia visto naquele palco. Italiano costuma ser bom de sapato.

Mesmo sabendo que o Jô gostava de mim e que a conversa transcorreria de forma confortável, eu tinha chegado aos estúdios do SBT num estado de nervos que inspirava cuidados. Etílicos. Achava eu, muito da espertinha, que assim amenizaria a ansiedade de estar naquele tão concorrido sofá. Tipo dois

coelhos com uma só metralhadora. Levei comigo uma garrafinha de uísque, daquelas curvas, de metal, feitas especialmente para moldar no bolso de trás do jeans do caubói. Provavelmente para que possam esfriar a moleira depois de um contato inesperado com uma cascavel ou quando são forçados a combater bandidos de diligência e outras emoções comparáveis. Hoje, sei que essas garrafinhas servem a muitos propósitos e que um dos piores usos que alguém poderia fazer delas é esvaziar todo o seu conteúdo de álcool destilado antes de entrar ao vivo na TV aberta.

A entrevista caminhou num ritmo bombástico do “boa noite” em diante, até que o Jô, inesperadamente, perguntou-me se eu ainda tinha mania de escrever “TB” nas costas das folhas de cheque. A pergunta me pegou de surpresa, ninguém tinha me avisado que entraríamos em águas tão territoriais. Anos antes dessa entrevista, o Jô, cavalheiro que é, tinha me visto cambaleando numa festa e feito questão de me levar até em casa. No caminho, eu contei a ele que meus cheques estavam sendo recusados pelo banco porque o caixa não reconhecia minha assinatura. De fato, beber costuma alterar não só a articulação da língua e das pernas, como também a caligrafia, e eu estava tendo problemas com os cheques que escrevia depois de certa hora da noite.

Relatei ao Jô que um amigo tinha me sugerido algo genial, que eu havia adotado para resolver o problema.

Combinei com o gerente do meu banco, o Mário, que, quando estivesse meio alta, escreveria atrás do cheque a seguinte sigla: TB – “Tô bêbada”.

Como é que o Jô tinha se lembrado daquela conversa de tantos anos atrás, sendo que ele também estava meio “alegrinho” naquela noite?

Na hora de responder, não tive piedade: “Ora, Jô! Além de porte de elefante, você tem memória de elefante!”.

Daí pra frente, a conversa enveredou para o humor mais debochado possível (por anos as pessoas me paravam no supermercado para comentar), até que a dada altura minha boca secou tão completamente que eu não conseguia mais falar.

Peguei a caneca do Jô da mesa e dei uma talagada do que imaginava ser água. Não era. Quando terminei de beber, exclamei: “Ahhh, quer dizer então que é isso que o Jô bebe no programa?!”. Eu reconheci porque também era cliente. Mas antes que eu pudesse revelar o conteúdo de sua famigerada caneca, Jô tapou minha boca e chamou os comerciais.

Muito tempo depois, ele me disse que aquele fora um dos melhores encerramentos de entrevista que o programa já teve.

E confirmou o que hoje sei ser praxe na TV aberta: que eu não poderia ter escancarado o líquido contido na caneca porque não se mencionam marcas comerciais sem autorização do departamento comercial.

Aqui a gente pode contar sem prejuízo pra ninguém, não é? Pois então. Durante todos aqueles anos, o Jô refrescou os lábios com Coca-Cola light.

“Mr. May”

Com ele eu assisti à chegada do homem à Lua, e foi ele, orgulho-me em dizer, que me ensinou tudo sobre o humor mais cáustico e escrachado que um ser humano pode aprender com exemplo que vem de cima.

Luís Carlos Street era o pai do Churchill, por quem eu tinha paixão. E da Cicila, amiga e irmã camarada. E marido da May, a melhor “sogra” que uma adolescente poderia desejar.

Gigante pela própria natureza, com seus quase 2 metros de altura, ele se impunha com seu vozeirão de sirene de navio dois quarteirões antes de chegar a qualquer parte.

Quando eu era menina – e sua vizinha da rua Colatino Marques, no Jardim Paulista –, era o Luís Carlos quem me dava bronca quando eu jogava ovo na parede da casa dele, depois de alguma discussão com seu filho que, note, vinha a ser meu namoradinho de infância.

Minha mãe odiava o Luís Carlos. E adorava a May. Assim como a Lulla, May era uma das mulheres mais deslumbrantes e desejadas da cidade, sempre a frequentar listas das “dez mais” isso e aquilo que espocavam nas publicações de estilo daqueles tempos em que a palavra “glamour” ainda significava alguma coisa e se pronunciava em inglês.

Só muitos anos depois vim a saber que o Luís Carlos cantava minha mãe sistemática e debochadamente, daí o desprezo dela.

Há de se dar um desconto generoso ao meu querido amigo. O camarada era um farrista, das pessoas mais engraçadas de que se tem notícia desde a era pré-diluviana, tão “hilariabundo”

que entra na seleta lista daqueles que influenciaram meu notável e mundialmente famoso senso de humor (hashtag ironia) junto com o grupo Monty Python, Mel Brooks, Hergé, os Muppets, P. G. Wodehouse, os irmãos Marx, Ronald Golias e Didi Mocó Sonrisépio Colesterol Novalgino Mufumbo.

Dono de um desdém escandaloso diante das normas sociais, ele era inimigo mortal da hipocrisia, rei da pegadinha, um indivíduo capaz de ir ao enterro da tia de sua mulher e desenhar um vistoso bigode de Dalí no retrato da falecida que estava próximo ao caixão – sem que ninguém ousasse reclamar.

Eu era fascinada pelo Luís Carlos, por sua espirituosidade que misturava o humor inglês de sua origem ao sangue latino espalhafatoso da minha. Para além do temperamento, tínhamos em comum a noção de falta de importância do ser humano perante a imensidão do cosmos. Bastava notar que havia plateia atenta que a gente começava a rajada de disparates.

As inúmeras afinidades, a proximidade geográfica, um afeto desinibido (seu filho morreu muito jovem e eu sei que a minha presença o reconfortava, o fazia matar as saudades), vários fatores nos aproximavam. Eu me sentia sua filha, e ele me dispensava um carinho que proporcionava alento a quem sempre estava atrás do apoio de uma figura paterna. Os Street sempre foram como minha segunda família.

Disfuncional por disfuncional, preferia estar em um meio que me acolheu desde sempre sem fazer qualquer julgamento a estar na minha casa, cheia das normas e das regras e das neuroses da Segunda Guerra Mundial, as quais não pareciam me dizer respeito.

Não fosse o cuidado que meus adoráveis vizinhos demonstraram para comigo, talvez eu tivesse me metido em encrencas ainda mais cabeludas.

Com eles vivi lances memoráveis. Um dia o Churchill manifestou o desejo de aprender a tocar violão, e o Luís Carlos imediatamente ligou para o Antônio Carlos – ou terá sido o Jocafi? Enfim, para um dos membros da dupla que naquele ano liderava as paradas de sucesso com “Você abusou”, pedindo indicação de um professor.

Não sei bem como a coisa se deu, mas me encontrei toda semana com o Churchill tendo aula de violão com o Tom Zé. Juro por Deus. O Tom Zé.

O estilo do Luís Carlos sempre foi superlativo, pras cabeças. Era do tipo que se tomava por um humor qualquer e decidia, de um dia para o outro, passar seis meses morando no Waldorf Astoria, em Nova York.

Não que sobrasse dinheiro. Naquele tempo, o pessoal tinha mesmo esse tipo de desprendimento, sabe? "Depois a gente resolve", estilo Jorginho Guinle.

Não é à toa que, muitas décadas mais tarde, um dia atendi ao telefone da casa dele e, do outro lado, um sujeito me perguntou se podia falar com o "Sr. May".

"Como assim?", perguntei, antes de me certificar de novo: "Com quem o senhor deseja falar?". Lá do quarto, o Luís Carlos gritou: "É pra mim, é pra mim, não desliga".

Experiente na arte de sobreviver aos percalços da vida com criatividade e garbo particulares, ao se encontrar com escasso crédito na praça, Luís Carlos resolveu buscar empréstimo no banco usando o CPF da mulher e se fazendo passar por ela, na maior cara dura.

May nunca levou muito a sério as traquinagens dele. Na maioria das vezes, ela ria tanto quanto a gente.

Mas então o Churchill morreu, foi embora jovem demais, aos 36 anos, em consequência de uma diabetes infantil que o fizera sofrer desde os 11 anos. Os corações da May e do Luís Carlos se partiram por completo. Nunca mais eles foram os mesmos.

Quando a tragédia se deu, a relação dos dois ficou meio abalada, nada mais natural, e o Luís Carlos resolveu dar um tempo e morar longe da May.

Um dia estou eu em casa trabalhando, e o porteiro me interfona anunciando que tinha uma pessoa que queria falar comigo.

"Alô, italiana! Luís Carlos falando, estou me mudando para o seu prédio."

Procurando apartamento para alugar, ele entrou no saguão do edifício Sônia (também conhecido pela minha patota como

“edifício Insônia”), viu sobre a mesa do porteiro uma correspondência endereçada a mim e decidiu ali mesmo que seria meu vizinho novamente.

Lá na imensidão das estrelas, o Churchill deve ter dado uma gargalhada.

E não é que “Mr. May” foi ocupar justamente o imóvel do andar abaixo do meu?

Passamos a viver em sistema de república, um sobe e desce dos infernos. Desce na hora da novela, sobe pra fumar um “cigarrinho do demônio”; desce para degustar a famosíssima, por mim batizada, *soupe de merde*, uma mistura macabra que o Luís Carlos perpetrava com tudo o que encontrava na despensa mais uma pitada de curry, galões de creme de leite e a indispensável garrafa inteira de vodca Smirnoff que ele dava um jeito de incluir em todas as suas receitas caseiras, inclusive nas sobremesas. Minha namorada e eu éramos obrigadas a engolir aquela gororoba repugnante com colher de prata nas louças finíssimas dos antepassados de seu milionário avô, Jorge Street, a quem Luís Carlos evocava como se falasse do almirante Nelson ou de Isaac Newton.

Meu quarto dava para a piscina do prédio vizinho e, nos fins de semana que nós promovíamos no edifício Sônia, eu ia dormir quando já era praticamente dia – sabe aquele inferno de passarinho cantando e você sem conseguir pegar no sono? Pois então.

E, não sei por que cargas d’água, o zelador do tal prédio com a piscina tomou uma decisão catastrófica. Definiu as manhãs de sábado como sendo a melhor hora para limpar a beirada da piscina com um aparelho de pressão capaz de incomodar até as focas que procriam no estreito de Drake.

Com meu pavio curto de bebedora compulsiva e a tolerância de um potro indomado, chegou um dia que aquilo me deu de tal forma nos nervos que catei os doze ovos que estavam na prateleira da porta da geladeira e arremessei um por um na direção da piscina.

Conto com um histórico de arremessadora de ovos, a Galinha Pintadinha que me perdoe pelo desperdício, mas minha

vocação sempre foi conhecida, especialmente pelo cão pastor que latia para mim quando eu passava distraída pela calçada e me fazia cair de susto da bicicleta.

A síndica do prédio atingido não entendia a natureza do meu protesto. Ela não relacionava o barulho causado pela máquina de pressão com a violência que vinha sendo cometida contra seu condomínio.

Por acaso, eu a conhecia desde meu tempo de menina; seu irmão havia sido namorado da minha irmã.

Se você está estranhando o grau de coincidências, só tenho a dizer que é assim que se dão as relações sociais entre os habitantes de uma São Paulo que se resume ao famoso "quadrilátero dos Jardins". Na minha crença, todo mundo que vive nesse espaço ínfimo está sob o efeito da teoria dos "seis graus de separação", que professa serem necessários, no máximo, seis laços de amizade para que duas pessoas quaisquer estejam interligadas.

Fato é que a síndica e eu nos encontramos em um restaurante muitos anos depois dos ataques, e espontaneamente resolvi lhe contar sobre os ovos. Ela começou a rir. "Pela angulação, eu sabia que o bombardeio vinha do seu prédio. E meus principais suspeitos, obviamente, sempre foram você e o Luís Carlos."

Aqui se faz, aqui se paga.

Se nesse episódio dos ovos Luís Carlos foi incriminado injustamente, houve uma ocasião em que o inverso ocorreu deixando um legado traumático.

Foi um episódio que me tirou a paz por muito tempo.

O único porteiro com quem eu não me dei na minha vida destratou um convidado meu por algum motivo irrelevante. Barrado do baile, meu amigo me ligou da calçada e desci para ver o que estava acontecendo. Rolou um papo ríspido com o funcionário. Ele acabou abrindo o portão para o meu amigo e não se falou mais nisso.

O porteiro teve brevíssima passagem pelo prédio, acabou despedido por motivos que nada tinham a ver comigo. Ocorre que, alguns meses depois dessa altercação, me chega uma

intimação da delegacia do bairro com acusações graves de racismo e agressão física.

Vai vendo…

Evidentemente, fiquei para lá de alarmada e resolvi pedir ajuda a um compadre e superamigo advogado, que trabalhava no mais prestigioso escritório de advocacia criminal do país.

Contei a ele o que ocorrera, e ele achou por bem, entre outras medidas, escrever uma carta formal ao administrador do condomínio para informar o que estava se passando.

Meu amigo baixou na minha casa munido do elegante papel timbrado do seu escritório, e nós nos pusemos a escrever.

A situação pedia rigor não só pela injustiça, como pela gravidade das acusações.

Note que todo esse meu drama já era de conhecimento do Luís Carlos, que na época ocupara, simbolicamente, um lugar ainda mais preponderante na minha vida, posto que meu pai sofria com os primeiros sintomas do Alzheimer que o abateu sem misericórdia.

Meu amigo advogado e eu íamos começar a confeccionar a importante peça da minha defesa quando me dei conta de que não sabia o nome do administrador. Lembrava apenas que ele se chamava Romeu. Mas das quantas eu não tinha ideia.

Liguei para o Luís Carlos, contei que estávamos escrevendo a carta e perguntei qual era o nome completo do Romeu administrador.

Ele respondeu e eu transmiti a informação ao meu amigo: “Escreve aí: H, ponto, Romeu Pinto”.

Assim foi feito, e nós confeccionamos uma peça juridicamente impecável, digna de Ruy Barbosa e carregada de termos técnicos que só os juristas sabem usar.

Encerramos a carta com os contatos do meu amigo, que se colocava inteiramente à disposição para quaisquer esclarecimentos, imprimimos naquele precioso papiro timbrado de letras esmaltadas em relevo e encaminhamos o envelope.

Vários dias se passaram sem notícias do sr. Romeu. Eu lia e relia a carta para ver se tinha sido clara nos meus argumentos, e a cada vez que confirmava a excelência daquele escrito, mais me

admirava o silêncio do sr. Romeu. Que administrador era esse, meu Deus, que não entendia a dimensão do problema?

Muitas semanas depois, ainda preocupada, eu falava com minha mãe ao telefone, reclamando da omissão do sr. Romeu, e ela pediu que eu lesse a carta para ela.

Comecei a ler. Imediatamente minha mãe me interrompeu: “Mas, Barbara…”. Recomecei pedindo que ela deixasse os comentários para o fim. De novo, ela exclamou: “Mas, Barbara…”.

Minha mãe sabia o quanto eu podia ser néscia. “O nome do seu administrador é mesmo esse?”

Foi só aí que eu me toquei que havia um problema sério. Li mais uma vez o começo da carta e pulei da cadeira: “Vou matar o Luís Carlos!”, berrei, enquanto minha mãe convulsionava de rir do outro lado da linha.

Desliguei o telefone, desci as escadas pulando os degraus e fui bater na porta do inconsequente.

Ele abriu com a expressão blasé de um Alec Guinness. Já devia ouvir meus gritos desde lá de cima. “Como é que você me faz uma coisa dessas, que agarra o meu pinto o quê?!”

Ele ficou impassível.

“A culpa é sua de acreditar no que eu falo e de não conhecer uma piada velha como essa.” E bateu a porta na minha cara.

Até hoje não obtive resposta da administração do condomínio, e ainda bem que não dependi dessa carta para ser inocentada.

Meu amigo doutor resolveu o caso em dois tempos ao perceber que havia um espaço de quatro meses entre a noite dos acontecimentos no prédio e o exame de corpo de delito que o acusador apresentara contra mim na delegacia.

Bem que minha mãe sempre me disse: “Beber deixa as ideias embaçadas”.

“Quero rir ao me ver tão bela neste espelho”

Nos idos de 1990, em Veneza, conheci Aprile Millo, uma cantora lírica tão corpulenta e temperamental quanto a personagem Bianca Castafiore, de *As aventuras de Tintim*.

Para variar, eu me encontrava numa fossa de dar pena. Não sei qual dos tantos pés na bunda dados pela Nádia eu lamentava na ocasião, só me lembro de perambular pelos becos venezianos trançando as pernas e cantarolando “Que c’est triste Venise…” tal e qual um Charles Aznavour que bebesse como o capitão Haddock.

Assim que apontei na direção da *piazza* San Marco, dei de cara com o arquiteto Paulo Montoro, amigo de longa data, mais o seu parceiro, Kelley White.

Eles me convidaram para uma festinha que começaria num passeio de *vaporetto* e prometia virar uma grande noitada pela preservação de Veneza, patrocinada por um grupo de endinheirados de Nova York capitaneados por Woody Allen, então apenas um cineasta de renome.

Topei na hora, mas, em vez de ir para o hotel esfriar a cabeça, tomar um banho e diluir o porre da tarde, dei meia-volta e me dirigi ao Cipriani, restaurante que criou o carpaccio e o bellini, drinque que mistura espumante com pêssego e desce facinho, facinho. Quer lugar mais emblemático para alegrar ainda mais a *happy hour*?

Era sempre isso. Em vez de cair minha ficha de que beber um a mais só faria estragar a minha noite e a de todos que se encontrassem num raio de 250 quilômetros, mais uma vez

embarquei na aposta perdedora de que desta vez eu só ia curtir, sem virar o centro das atenções.

Aprile Millo foi chamada para entreter o grupo de grã-finos. Note que, no início dos anos 1990, atentar para a circunferência do semelhante ainda não era conduta que levasse ninguém à danação eterna. Mesmo assim, o caldo engrossou.

A diva apresentou-se no embarque com a mãe, igualmente troncuda, a tiracolo. O barquinho-táxi gemeu. Percebi que estava na iminência de conhecer as profundezas do Gran Canale. Virei para Montoro e disse: “Se essa mulher soltar um pum num saco de confete, é Carnaval o ano inteiro”.

Pois não é que dona Aprile fala português? Como é que eu ia saber? Nas vezes em que esteve no Brasil, ela não desgrudou da Tomie Ohtake. E Tomie, vamos e venhamos, por mais magnífica que fosse como artista, não era exatamente conhecida por sua fluência na língua dos mestres Houaiss e Aurélio.

O comentário caiu feito uma bigorna jogada do sino da torre da igreja de San Marco. Millo mãe veio tirar satisfações na base da bolsada no lombo, e eu “ui” e “ai”, enquanto a filha, que parecia tomada por um touro miúra, fumegava pelas narinas. O barquinho sacudindo, eu me segurando, os gringos sem entender nada, Paulinho e Kelley em pânico. Tentei pedir desculpas: “Se soubesse que a senhora entende português, não teria falado tão alto”. Aí, sim, a coisa fedeu de vez.

Aprile pulou no meu pescoço, e eu só sobrevivi graças à galante intervenção de Montoro, que conteve os ânimos das ofendidas.

Finalmente desembarcamos em um *palazzo* daqueles esplendorosos dos anos de glória da “Sereníssima”.

A apresentação de Aprile Millo foi à altura da pompa da noite. E eu, culpada de ter feito aquela malcriação no barco, tentava me redimir do jeito que meu estado alterado me permitia. Ela começava a cantar e eu levantava: “Aêeee, bravo!”, aplaudindo, evidentemente, sempre na hora errada. Ela me olhava do centro do salão querendo me fuzilar. Os outros convidados não podiam crer naquela presença deslocada no meio de gente tão solene.

Muitos anos depois, Paulo e Kelley voltaram de Nova York e me ligaram para contar que tinham estado com Aprile Millo e que ela perguntara de mim: “E aquela amiga de vocês, tão bem-educada, como vai?”.

Minha vida de cachorro VIP

A bebida, é bom esclarecer, não deixou minha vida mais interessante do que ela poderia ter sido fosse eu uma mulher dócil e sóbria. Num arroubo imodesto de sinceridade, diria que o privilégio e o acesso que me foram proporcionados desde cedo estão restritos a 1% da população.

E garanto que não foi apenas a boemia que me fez conviver com algumas das pessoas mais singulares do mundo.

É tudo bastante inacreditável. Com a vida que meus pais tiveram e as pessoas com quem nos relacionamos, os relatos ganham ares de empáfia. Mas o que que eu posso fazer?

O diretor de jornalismo na minha época de rádio BandNews FM, André Luiz Costa, tirava um sarro gigantesco da minha cara a esse respeito. Toda vez que alguma personalidade internacional aterrissava no Brasil, ele dizia: “Manda a Barbara, aposto que o pai, a mãe, a avó ou o tio dela brincavam com essa pessoa quando eram crianças”.

Na primeira vez em que fui ao cinema com minha melhor metade, Marcela, assim que aquela figura da Columbia Pictures surgiu na tela vestindo toga e de tocha em punho, virei com toda a naturalidade e disse: “Essa mulher era amiga da minha mãe”. Marcela rebateu com ironia: “Engraçado, pensava que era uma reprodução da mitologia grega ou uma referência à Estátua da Liberdade”, comentou, crente de que eu estava me gabando. Expliquei que não. Existem muitas versões para a origem do rosto da deusa impávida que aparece na abertura dos filmes da Columbia Pictures. Pois a figura foi inspirada em Marina Dodero,

de excelsa família do Uruguai, por quem o chefe do estúdio, conhecido predador de estrelas, se encantou.

Nossa casa vivia cheia de artistas, esportistas, jornalistas, umbandistas, fashionistas, sanitaristas e até um ou outro tropicalista. Minha existência está repleta de casos de "seis graus de separação" com pessoas importantes – nem todas elas de boa índole e reputação ilibada, concedo.

Passei quase todas as festas de fim de ano durante minha infância e minha juventude no *chalet* Samambaia, construção erguida do zero por meus pais na encantadora Gstaad, aldeia nos alpes suíços que mais parece coisa de sonho.

Para dar uma ideia do brilho em que esta vítima da celebridade (até parece) passava suas férias, ofereço uma pequena amostra dos pitorescos vizinhos que cercavam o *chalet* dos Gancia, no bairro Oberbort.

Em um raio de aproximadamente 250 metros subindo e descendo a montanha, invernavam, entre outros, os irmãos Flick (leia-se Mercedes-Benz), o mercador de armas Adnan Khashoggi – cujo filho certa vez escreveu uma carta ao Papai Noel que acabou emoldurada e pendurada no saguão do melhor hotel de Gstaad, o Palace: "Dear Santa, if you need anything, please let us know" [Querido Papai Noel, se precisar de alguma coisa, por favor entre em contato]; o cunhado e sócio de Khashoggi e também dono da loja de departamentos inglesa Harrods, Mohammed (Mumu) Al-Fayed, e seu desventurado filho Dodi (morto em acidente com a princesa Diana), com quem eu jogava boliche no *chalet* deles, o Ursa; Elizabeth Taylor (cujo lavabo era decorado por uma tela de Picasso) e Richard Burton (Kika e eu vimos o celebrado casal depois do almoço num dia fora de temporada, de porre, se pegando a tapa, na saída do restaurante Olden – uma cena tão épica quanto qualquer dos filmes estrelados pelo duo); o criador de moda Valentino; a viúva do pintor Kandinski (pobrezinha, acabou estrangulada por assaltantes sardos que invadiram seu *chalet* enquanto minha mãe, minha irmã e eu preparávamos o jantar a 30 metros de distância. Os bandidos fugiram atravessando a fronteira entre a Suíça e a Itália de esqui, pelo Matterhorn/Cervinia); o economista

canadense John Kenneth Galbraith (com quem minha mãe adorava conversar); Marcel Dassault, do conglomerado que produziu o jato *Mirage*; o desenhista René Goscinny, criador, com Albert Uderzo, das aventuras dos gauleses Asterix e Obelix; os atores Peter Sellers (Deus me livre e me guarde da filha dele e daquela modelo sueca de temperamento antiescandinavo. Victoria Sellers quebrava, por assim dizer, metade da mobília da casa quando o casal se ausentava por mais de um par de horas, não deixando ninguém dormir), Roger Moore, Curd Jurgens e Julie Andrews; os diretores de cinema Blake Edwards (marido da Andrews) e Roman Polanski; o *publisher* alemão Axel Springer, dono de *Die Welt* e *Bild*; o tenista Roy Emerson; e outros superastros eventuais como Jack Nicholson, David Bowie e Paul McCartney, que virava e mexia passavam temporada esquiando por lá.

Vivi essa época, mas nem por isso fiz parte dela. Minha irmã, *superjet–setter*, e meus pais e meus tios, hiperdescolados, iam a todo canto com essa gente. Festa era o que não faltava. Eu não me enturmava de jeito nenhum.

Não consigo manter diálogo café com leite nem se derem com um gato morto na minha cabeça até o gato miar. A questão é que minha vivência demonstra o contrário. Quem vê pensa que eu fui talhada para a vida de salão.

Claro que, se preciso for, sei me virar com facilidade em cinco línguas e até com a realeza. Já mantive conversação com o rei da Itália, Vittorio Emanuele, que anos depois cairia em desgraça. Ele se hospedou na nossa casa em São Paulo e eu, ainda criança e para profundo desgosto da minha mãe, numa brincadeira, belisquei seu majestoso *derrière*.

Também já troquei amenidades com a rainha Beatriz, da Holanda – quis o Senhor que fosse em momento abstêmio meu. Recordo que confabulamos, enquanto entuchávamos meia bandeja de minirrissoles cada uma, sobre as agruras do acúmulo de adiposidade e suas consequências, que afligem com idêntico despudor cinturas reais e plebeias.

Das cabeças coroadas com que já topei, nenhuma supera em emoção o (breve) encontro com Elizabeth II. Sou

particularmente tarada por essa abnegada funcionária pública, que Deus a salve e a mantenha eternamente vitoriosa, feliz e gloriosa, como reza o hino.

Ao percorrer minha escola, em visita de Estado ao Brasil no ano 1968, a rainha britânica parou na minha frente e, contra toda a orientação cuidadosa sobre o protocolo real que nos havia sido passada pelos professores, me empolguei e gritei a plenos pulmões, como se estivesse em um show do Led Zeppelin: “HAVE A NICE TRIP!” [Boa viagem!], ao que ela virou-se e, perpetrando seu tradicional aceno real, respondeu sorridente: “Thank you” [obrigado]. Tenho noção de que nossa interação não foi das mais extensas. Mas tem formato de conversa, não tem? Assunto encerrado.

Então, como ia dizendo, sou de conversar com todos e qualquer um, inclusive com postes, em diversos continentes. Mas alguma coisa acontece comigo quando o assunto resvala para a conversa polida de salão – papinho, desconfio, que vem embebido de hipocrisia e salpicado por lascas de superioridade – e me trava a língua. Não sei lidar, parece que a qualquer minuto um nariz de Pinóquio vai crescer no meio da minha cara e furar o olho do meu interlocutor. É sempre um risco, entre uma platitude e outra, que eu deslize numa casca de banana imaginária e solte uma frase totalmente imprópria. Essa situação me causa imenso incômodo. Sejamos honestos: beber, de fato, dilui a tensão.

Parafraseando Dorothy Parker, Winston Churchill e todos os outros bêbados a quem são atribuídas frases de efeito, Ruy Castro sempre ensinou que nós bebíamos para achar os outros divertidos.

Que seja. Fato é que papo confortável para mim é o de botequim – ambiente em que minha irmã nunca pisou na vida, juro, ela tem pavor de gente feia e sem classe – ou aquele que se joga fora na farmácia, no dia a dia, no táxi, na real.

Abomino a futilidade de conversinhas assépticas, que desprezam a empolgação diante do inédito e privilegiam a indiferença como se todas as coisas tivessem iguais causa, efeito e valor: ir ou não para as ilhas Maldivas, conhecer a Antárctica ou o Burning Man, assistir à entrega do Oscar sentada ao lado da

Meryl Streep, descer o rio Roosevelt com Elon Musk, jogar tênis com Bill Gates… Para certas pessoas, dá tudo na mesma. Para mim, não. Enxergo um valor na jequice da empolgação com a novidade.

Não estou dizendo que os bacanas com quem convivi sejam uma gentalha pavorosa. Não é assim, claro que não. Tanto é que conto amigos do peito, acredite, até entre quatrocentões (hashtag ironia).

Uma coisa não tem nada a ver com a outra, mas foi muito em razão de um tipo de gente que só se mostra solidária na alegria da noitada e com a qual você jamais poderá contar para nada que não seja risada, brinde, vida dos outros ou sexo que eu acabei me dando muito mal.

A esse subgrupo da espécie humana, que em geral tem mais pose do que caráter, me refiro pela alcunha de "gente de festa", a quem só interessa estar onde outros não podem ir e ter o que será invejado.

Quantas vezes não me encontrei semiconsciente e jogada em algum bueiro, completamente embriagada, sem que mão amiga me levantasse e me acompanhasse até em casa? Por mais que eu tenha sido intratável, a recorrência das ocasiões em que fui deixada na mão diz tanto sobre o meu comportamento quanto sobre o de quem me deixou para trás.

Para "gente de festa" tudo é embalagem, nada é conteúdo. Valores são circunlóquios, não existe cotidiano maçante, só aparências e experiências exclusivas. Nem problemas reais, gente de carne e osso ou a menção a qualquer coisa que diga respeito a uma vida pequena.

A admissão da precariedade humana só será levada em consideração na eventualidade de uma nomeação ao posto de Embaixador da Boa Vontade da ONU. Todo o restante da esfera existencial – a doença, a tristeza, o envelhecimento, a dificuldade financeira, a dermatite, as lágrimas, a unha encravada e o luto – será inominável.

Meu calcanhar de aquiles, desprotegido e acessível a flechas de fogo, muito além dos ambientes exclusivos, da futilidade ou da formalidade, reside na simples equação eu +

uísque = encrenca. É forçoso que eu faça aqui mais um *mea culpa* e admita que, por conveniência, passei trinta anos bebendo com alpinistas sociais de todas as nacionalidades e todos os desvios de caráter.

A infelicidade foi que enchi a cara e me expus durante três décadas diante de pessoas que torciam para que eu ateasse fogo no circo. Quem bebe não é mau-caráter, mas a bebida em excesso, ao longo do tempo, ajudou, sim, a esfolar a minha integridade. Quanto mais eu causava, mais a noite repercutia. E pouco importavam os apelos desesperados dos meus pais ou dos amigos que realmente me queriam bem para que eu mudasse de turma. Os alertas passavam por ruídos. Eu não me preparava para lidar com a turba notívaga nem encarava as consequências daquele estilo de vida. Hoje considero a ingenuidade daqueles tempos e minha baixa guarda como indesculpáveis.

A síntese dos fatos é que transformei minha vida, boa parte dela, em material de se jogar no ventilador na companhia de gente que não tem nada a ver comigo – ou comigo sem bebida. Elas só têm significado para mim quando as relaciono à minha queda rumo ao fundo do poço.

Não faço segredo do fato de que as companhias que escolhi para conviver lá pelo fim da adolescência, tirando poucas almas caridosas, foram as piores possíveis, decisivas para que eu me afastasse da família e começasse uma derrocada que demorou quase uma vida para estancar.

Como o diploma da conclusão do colegial oferecido pela escola britânica naquele tempo não era reconhecido pelo nosso ministério da Educação, o MEC, no fim do ensino médio muita gente ia estudar no exterior.

Eu mesma escolhi um colégio igualmente inglês, no Canadá, mais precisamente em uma cidadezinha de pouco mais de 10 mil habitantes chamada Sainte-Agathe-des-Monts, na província de Quebec, aproximadamente 128 quilômetros ao norte de Montreal.

Quando concluí os estudos, depois de passar mais um ano na Inglaterra, num fim de mundo chamado Ipswich, retornei ao

Brasil e me encontrei sem amigos. Uns tinham vindo para cá, outros tinham ido para lá: no fim das contas, minha esfera social havia evaporado. Eu estava completamente desenturmada.

Para uma moleca metida de 20 anos, muito mais *naive* do que fazia supor a postura invocadinha que disfarçava sua parca experiência, São Paulo se mostraria tão temerosa quanto a Bagdá pós-invasão americana.

Eu teria continuado na Inglaterra. Mas já estava enchendo a cara de forma escancarada no colégio interno e já tinha chamado a atenção dos meus pais. Quando a primavera começou a cobrir de verde o jardim ao redor da escola, alguns alunos por mim liderados foram garimpar mais de mil garrafas de vinho vazias, que tinham sido jogadas na neve com o propósito de eliminar provas que pudessem levar à expulsão.

E, ainda por cima, eu tinha ficado com a primeira mulher com quem me relacionei, a Nikki, e meu pai achou por bem me trazer de volta para o Brasil e depois ver o que fazer.

Voltei sem ter amigos, não fossem aqueles da infância. Achava todo mundo careta, ninguém falava dos assuntos que me interessavam. Conheci um, conheci outro, aos poucos fui me tornando parte de uma turma da pesada, da qual boa parte era formada pela tal "gente de festa". Eu era convidada o tempo todo: jantares, inaugurações, estreias, vernissages. E uma festa atrás da outra.

O cenário era sempre muito atraente, coisa de gente grande e que eu nunca tinha experimentado. Numa festa, porque toda a turma de bacanas estava mais interessada em conversar sobre as fofocas do seu mundinho e escapar para o lavabo para aspirar carreiras de cocaína em vez de se esforçar para elevar o nível da conversa, me encontrei num salão imenso, mais precisamente a galeria de arte da casa de um amigo (esse sincero, somos bons amigos até hoje) na Chácara Flora, na companhia de Gore Vidal.

Aproximei-me do escritor e puxei assunto: "Mr. Vidal, I presume" [Sr. Vidal, eu suponho], disse, "It is an honor to meet you" [É uma honra conhecê-lo]. Ele deu risada. Conversei com o homem praticamente a noite toda, um privilégio inigualável. No

dia seguinte, a seu convite, fui assistir à palestra que ele daria no auditório do Masp.

Cheguei ao Masp calibrada. Vidal, raposa velha, se ligou na hora. Na noite anterior, ele tinha me tratado com deferência. O escritor morava em Ravello, na Costa Amalfitana, e tinha intimidade com famílias italianas tradicionais; seu esnobismo é conhecido. Quando lhe disse meu sobrenome, ele ficou felicíssimo. Acontece que, na palestra, quem deu as caras não foi a *signorina* Gancia, mas *la signora* Hyde. Adoraria fornecer informações específicas sobre o que houve, mas não lembro. Só sei que fiz barulho, causei uma interrupção. E o escritor pontuou a seguinte dedicatória no exemplar do livro que levei para ele autografar: "Nos vemos em Long Beach", depois de me dar uma bronca dizendo que eu não parecia alguém da família Gancia, mas sim uma tia malcriada dele, que vivia na cafona praia da Califórnia.

Presenças ilustres eram frequentes em passagem por São Paulo, e meu acesso a elas era garantido pela falta de empenho que a "gente de festa" demonstrava em entretê-las ou sequer falar com elas. O importante era estar onde os VIPs estavam, ninguém fazia questão de sair de sua rodinha de conversas vazias para falar com os convidados de honra.

Por causa do meu inglês na ponta da língua, fui cicerone de John Cage em São Paulo quando ele veio para a Bienal. Passamos vários dias almoçando e passeando juntos. Ele, o gênio, e eu, a menina maluquinha que não entendia patavina de arte nem tinha noção da importância da incumbência.

Albert Sabin, Bobby McFerrin, Dionne Warwick, Jeb Bush, fosse quem fosse a bola da vez, eu sabia que teria chance de trocar uma ideia, porque ninguém mais, estando mais ou menos sóbrio do que eu, teria disposição para puxar papo.

Laurie Anderson foi uma das que virou "chapa". Ela tirou da bolsa um caderno e pediu que eu escrevesse algo que fosse importante para mim. Sentindo-me honrada, arranquei o caderno de suas mãos e registrei entusiasmadamente o meu dilema. "Depois do advento da pílula anticoncepcional, por que o incesto

continua a ser tabu?” Ela leu e me olhou de sobrancelhas levantadas, sem dizer nada.

Odaliscas

Agosto de 2006, era uma quinta-feira, disso eu bem me recordo, mas não de muito mais. Analu chegou com ares de visita oficial à minha casa no fim da tarde e me encontrou ruinosamente alcoolizada. A rotina de ela voltar do trabalho e dar com um ser que não conjugava uma frase com a outra conseguira finalmente esgarçar o que restava de seu amor por mim. Eu já não sabia mais em que planeta estava morando, meu mundo tinha virado uma confusão.

O álcool funciona como agente depressor e altera a percepção não só do tempo, como dos acontecimentos. Dia e noite viraram um embaralhado, eu não conseguia manter compromissos, minha palavra não valia mais nada.

Apagava da minha caixa de e-mails todos os convites superexclusivos que recebia antes que a Ana os visse e me forçasse a sair da toca. A paralisia foi roubando o melhor de mim. Entorpecida, sem conseguir concatenar as ideias, com a autoestima no subsolo do subterrâneo do bueiro do inferno, "tiro na cabeça, tiro na cabeça", meu mantra suicida, martelava incessantemente na minha moleira.

Meu caminhãozinho andava perigosamente rente ao precipício. Sentia desdém por estar viva e, mesmo sem tomar nenhuma atitude mais dramática, me vi entrando numa *trip radical, tipo aquele filme Despedida em Las Vegas*. Era mais fácil do que enfrentar a assombrosa missão de dar um basta naquela inconsequência e mudar de vida. Achava que queria mais era morrer de tanto beber.

Para piorar, ao mesmo tempo que a quantidade de bebida ingerida aumentava, eu já não conseguia mais sentir seu efeito entorpecente como antes. Por mais que mamasse uma garrafa de Punt & Mes antes do almoço e quase outra inteira de Johnnie Walker depois, naquele período não havia substância etílica ou cocaína batizada que me deixasse numa fluência satisfatória.

Quando Ana voltava, depois de um dia inteiro fora de casa trabalhando e cuidando da vida, me encontrava com o mesmo pijama e na frente do mesmo computador em que tinha me deixado oito, nove ou doze horas antes. Eu já não tomava mais banho, escovar os dentes me causava ânsia de vômito e, no espaço de tempo em que ela ficara longe, eu provavelmente tinha bebido, eventualmente cheirado e certamente fumado maconha e no mínimo dois maços de cigarro.

Pois a mulher tomou um bode tão fenomenal de mim que, atente, me trocou por ninguém menos do que a minha ex, a Nádia.

Horroroso, não?

Em benefício meu, não consigo ver essa paixão das duas como um movimento de aproximação natural. Você, ilustre leitor, pode achar que quero me iludir, mas suspeito de que esse amor tenha sido forjado por motivos ulteriores. É comum entre lésbicas que fiquem todas amigas quando a relação termina. Depois de nossa separação, Nádia foi morar no exterior. Quando voltou, eu já estava com a Ana, e ela passou a frequentar a minha casa e a encontrar a Ana com alguma frequência. Mas quero crer que não foi amor sublime e desapegado o que juntou as duas odaliscas do meu harém, e sim um forte instinto de sobrevivência da Ana, o qual se manifestou para protegê-la contra o desvario que continuar querendo bem a uma pessoa no meu estado poderia representar. Ana foi lá e se apaixonou pela última pessoa na sua lista de possibilidades. Naquele momento, pela mais proibida das mulheres, a minha controvertida ex.

Eu me lembro apenas de uns poucos detalhes daquela quinta-feira nebulosa do mês de agosto que marcou o nosso afastamento. Ana chegou no fim da tarde, como sempre, mas entrou pela porta com uma formalidade que eu não conhecia.

Ordenou que eu me sentasse e, com palavras inequívocas, informou que estava indo embora.

Foi uma surpresa. Embora não devesse ter sido, convenhamos. Uma década antes da Ana, Nádia também batera em retirada por conta do meu comportamento autodestrutivo por todas as drogas e o álcool. Suspeito de que a união bem-sucedida de bebum seja a "cabeça de bacalhau" dos casamentos.

Especialmente no grau de destruição a que eu chegara, era difícil alguém querer ser cúmplice do atentado que eu promovia contra a minha vida.

Bem no finzinho do meu tempo com a Ana, numa madrugada, fui ao posto de gasolina perto de casa para comprar mais bebida. Naquela época, eu só conseguia pregar o olho quando já estava praticamente apagando. Tinha de implorar para que a Ana me deixasse beber mais; e ela não conseguia entender o sentido da minha compulsão, mas acabava cedendo diante de minha insistência desesperada.

Na noite em questão, eu havia aspirado uma cocaína bem podre, mais impura impossível, e entrei na lojinha 24 horas do posto com as duas narinas cobertas de "pó de giz". Em algum local longínquo da mente, tinha consciência de que não podia dar bandeira. Mas fui capaz de colocar em xeque até esse último resquício de autopreservação.

Um policial fardado estava na loja quando entrei. Coisa de gente chata, bêbada e cheirada, que joga sem noção com o perigo, resolvi puxar assunto justamente com ele. Pela expressão, podia ver que o camarada não estava de brincadeira, que sabia exatamente do que se tratava – minhas narinas brancas podiam ser avistadas lá de cima do pico do Jaraguá. Insisti na conversa, perguntando uma besteira atrás da outra. Para variar, meu anjo da guarda incansável segurou a minha onda. O policial simplesmente me ignorou e, sem responder a nada do que eu havia lhe perguntado ou tirar qualquer tipo de satisfação, se mandou.

Será que, se eu fosse negra e o encontro com o policial tivesse se dado numa loja de conveniência da periferia, o

tratamento dado a mim seria o mesmo?

Já exaurida com esse tipo de traquinagem, Ana chegou naquela quinta-feira decidida a me dar o cartão vermelho. Não me lembro de ter reagido, apenas ouvi calada o que ela tinha a dizer. Tomei um susto, sim, mas só um cego, surdo e mudo não perceberia que daquele jeito não dava mais. Meus pés finalmente haviam tocado o fundo do poço. Escuridão total, parafuso mental, horror, horror, horror. Não conseguia pensar com clareza sem entrar em desespero, era chegada a hora de decidir se eu ia viver ou morrer uma morte inglória e solitária.

Ana se foi em agosto e eu ainda me arrastei pelo oitavo ciclo do inferno por mais alguns meses.

Em fevereiro do ano seguinte, 2007, minha ficha finalmente caiu. Mas foi preciso bater a cabeça uma derradeira vez para que eu me rendesse à minha impotência perante o álcool.

No meio dessa queda livre, eu ainda conseguia funcionar profissionalmente. Aos trancos e barrancos. Nunca bebi todos os dias (não por me refrear, mas por um limite físico, tinha dias em que o uísque simplesmente entalava). Sempre fui o que a literatura médica classifica como “bebedor funcional”. Quando tinha de escrever coluna para o jornal, eu não bebia antes de terminar o texto. Também não bebia antes de aparecer ao vivo na TV.

Como conseguia manter por um fio minhas obrigações profissionais, toda semana minha coluna era publicada na *Folha* e, na TV, eu também segurava minimamente a onda, o pessoal do trabalho, minha família e meus amigos percebiam que eu estava com problemas, mas ninguém tinha ideia do tamanho da encrenca.

No entanto, minhas regras foram afrouxando. Uma tarde, o sujeito que me supria de fumo veio em casa trazer maconha e, naquele ritual de apertar e fumar um fininho com o fornecedor, me empolguei e convidei o camarada para vir comigo assistir ao programa que eu gravaria no Grupo Bandeirantes naquele fim de tarde. Pergunta se todo mundo não estranhou a chegada da dupla Rê Bordosa e Fat Freddy?

Aos poucos fui jogando o que restava da minha precaução no lixo. Justo na hora em que alguns colegas começavam a perder emprego e reputação por dar bandeira e parar em vídeo do YouTube. A possibilidade de ser filmada enquanto estava alterada e passar vergonha em alguma rede social me aterrorizava. Mesmo assim, eu continuava a testar a sorte.

Até o fatídico dia em que, como fazia quando não tinha coluna do jornal para escrever, fui almoçar com meu amigo Fernando. Mesmo sabendo que às 19 horas eu deveria entrar ao vivo no programa *Parabólica*, que apresentava no canal de TV paga BandSports, resolvi encher o carão no almoço.

Além dos bebes acompanhando a refeição, devemos ter enxugado uma garrafa de Fernet branca como digestivo. Só sei que, assim que o programa terminou, meu celular tocou. Era minha mãe. Bastou uma pergunta dela pro meu mundo vir abaixo: “Você está bêbada?”.

Respondi que sim. Como ela sabia? Bateu um frio na espinha, senti o impulso de sair gritando e arrancando os cabelos, pânico, vergonha e vontade de sumir do mapa.

Terminamos de falar e, sem refletir, atravessei a redação do BandSports. Cheguei para o editor-chefe do programa, Ricardo Fontenelle, e disse: “Posso tirar uma licença médica? Preciso me internar em uma clínica de reabilitação, não estou mais segurando a barra”.

O Ricardo foi mais do que batuta. Sem interrogatório nem pedido de explicações, na mesma hora me liberou para ir quando quisesse. Só perguntou se podia fazer alguma coisa por mim e me garantiu que estaria ali quando eu voltasse.

Sei que hoje a lei dita que alcoolismo precisa ser tratado como qualquer outra doença pelo empregador, mas devo notar que o Grupo Bandeirantes me deu todo o apoio e mais um pouco, sem exigir nada de mim. A mesma coisa aconteceu na Folha. Apenas informei que me ausentaria por vinte e oito dias para me tratar da dependência, que eles já estavam cansados de conhecer, e a chefia de redação imediatamente consentiu.

A pergunta da minha mãe foi a gota que fez a represa transbordar. Decisão tomada, o universo começou a conspirar a

favor desta rabuda que vos fala.

Procurei na internet informações sobre a clínica Vila Serena, que utiliza os 12 Passos como referência na orientação do seu tratamento. Sabia da boa reputação deles, embora Raul Seixas e Renato Russo tenham passado por lá sem grande resultado. Liguei para combinar preço e internação, mandei meus cães para o hotel (além do meu cão e *personal trainer* Pacheco Pafúncio, eu na época tinha outro salsicha, o Ziggy Stardust, um presente de despedida da Ana para que eu não morresse de “sofrência” e solidão na sua ausência) e recorri a uma amiga que eu já tinha encaminhado para tratamento, pedindo uma carona até a clínica, que fica nos arredores de São Paulo, na beira da represa Guarapiranga.

Existe certa distância entre minha casa e a Vila Serena, mas não é uma viagem tão extraordinária que não possa ser concluída em coisa de, no máximo, duas horinhas.

Pois a Adriana e eu levamos a tarde e quase a noite inteiras para chegar lá. A saideira foi elaborada. Como havia feito nas duas internações anteriores, cumpri o ritual de beber todo o álcool existente entre a minha casa e a clínica. A cada boteco da avenida Santo Amaro, uma parada. Fizemos escala de panificadora em panificadora, de boteco imundo em boteco imundo. A Adriana, que estava sóbria naquela altura, teve uma paciência de Jó.

Estranhamente, eu estava feliz. Dessa vez não me internaria com dúvidas nem pesar como se estivesse a caminho do matadouro. Sabia que seria dureza, que teria de me confrontar com a abstinência e suas consequências, da angústia até um desejo tão ferrado de beber que você poderia se encolher num canto e chorar.

Não dá para esquecer jamais a sensação de derrota ao cruzar o portão de uma clínica de reabilitação no momento da internação. Nas duas vezes anteriores, passei imenso apuro. Desta vez, porém, estava cheia de disposição. Aquele telefonema da minha mãe deu o clique. Minha decadência estava fadada a terminar ali mesmo, na entrada da Vila Serena, naquele 01/03/2007.

Aos trancos e barrancos, finalmente, conseguira reunir a força necessária para dar esse passo.

Cheguei à clínica torta, mas cheia de esperança. Alguma coisa dentro de mim me dizia que aquela seria a última saideira da minha vida.

Sustentabilidade uma ova!

Cidadania. Preservação. Inclusão. Empatia. Nas últimas décadas, a sustentabilidade tomou vulto e encheu a boca do tal do marketing de valores grandiosos.

As megacorporações hoje querem nos convencer de que não visam só o lucro, que se interessam verdadeiramente por questões sociais, ambientais e éticas.

Para criar projetos que as tornem (ou ao menos façam parecer) mais amigáveis e engajadas, elas lançam mão de verbas gigantescas e de departamentos de estratégia comercial inchados de funcionários.

A indústria parece ainda tatear o terreno à procura de uma identidade "sustentável". Algumas práticas como a reciclagem já foram incorporadas ao comportamento do dia a dia, como se o indivíduo agrupar lixo em categorias diversas fosse salvar as abelhas, as rãs e os ursos-polares da extinção. Até que ponto esse tipo de mudança de atitude serve apenas para aplacar a culpa da sociedade e alimentar a esperança de que a destruição do mundo ainda é reversível, isso eu não consigo equacionar.

Fala-se em uma "razão cínica", ou seja, no indivíduo ter plena consciência de que o comércio predatório está levando à exaustão dos recursos naturais, à emissão de gases poluentes na atmosfera e ao aquecimento global, mas nem por isso ele consegue frear seus impulsos consumistas. Documentários como *A carne* é *fraca* e *The True Cost* mexeram comigo; as denúncias que eles escancaram ficaram gravadas na minha alma. Mas o despertar da consciência não foi capaz de causar as devidas alterações no meu comportamento. Continuo, debochadamente,

participando da destruição do mundo ao comer carne e adquirir trapos mil nas lojas de *fast fashion*. Minha veia obsessiva, a mesma que detonou a dependência do álcool, segue vivamente estimulada pela propaganda.

Há avanços. É louvável que a indústria de pneumáticos recicle seu produto em vez de deixar entupir de pneus velhos todos os bueiros do mundo; que os fabricantes de linha branca recolham geladeiras e aparelhos de ar-condicionado contendo o venenoso gás CFC e que aquelas indústrias que mais contaminam ar e água ora se ocupem com ações compensatórias.

As empresas de bebidas (inclusive a pertencente à minha família por mais de século) ficaram na moita por anos demais sem se responsabilizar pelos danos sociais que o mau uso da bebida pode causar, seja pela dependência, seja por acidentes de trabalho, no trânsito ou pela violência que o álcool ajuda a disseminar.

Mesmo sendo produtos distintos, o caminho de processos e indenizações pelo qual a indústria do tabaco enveredou acabou obrigando os produtores de bebida a modificar seus conceitos.

Ninguém mais tenta vender cigarro e bebida associados ao esporte nem muito menos transformá-los em produtos atraentes para jovens em formação.

A indústria do álcool passou a distribuir bafômetros para inspeção de motoristas, a treinar garçons para não servir menores, a incentivar programas como o “motorista da vez” e outras “iniciativas positivas”, mesmo que em doses insuficientes para informar devidamente o usuário e sanar o enorme problema que o abuso de álcool representa – especialmente – em nosso país.

Até onde foi a mudança das convenções sociais, o aprimoramento da legislação e da regulamentação ou o pragmatismo das empresas a empreender tais mudanças, isso pouco importa.

A boa notícia é que o pessoal adotou uma visão proativa. Concluiu-se ser melhor manter os consumidores vivos para comprar seus produtos por décadas a fio do que matá-los pela

ingestão daquilo que fabricam, arriscando ser responsabilizados por assassinato culposo.

A propaganda de cigarro foi praticamente banida do mundo ocidental, e a indústria de bebida ficou esperta.

Embora habitem universos paralelos, costumo fazer uma analogia para distinguir o cigarro da bebida. Eles equivalem, respectivamente, pelo perigo que representam, a armas de fogo e facas. No caso, as armas de fogo servem apenas para imobilizar, abater e ferir, não existe uso social benevolente para elas. Não é assim com facas. Podem ser uma arma letal, mas podem servir para cortar bolo ou passar manteiga no pão.

A bebida é usada há mais de 3 mil anos para festejar nascimentos, casamentos, conquistas esportivas, fechamentos de contrato e lançamentos de navios, entre outros.

E apenas uma porcentagem das pessoas que bebem com assiduidade acaba tendo problemas.

Veja bem: isso não quer dizer que eu não creia que o consumo de bebida não deva ser regulamentado. É conveniente que seja, e com medidas muito bem implementadas, num trabalho que inclua toda a sociedade.

Mas, à exceção do mundo islâmico – que é regulado por leis severas –, todas as outras tentativas de erradicar a bebida da face da Terra redundaram em fracasso.

De 1920 a 1933, os Estados Unidos viveram a Lei Seca, na qual foram banidos a fabricação, o transporte e a venda de bebidas alcoólicas. Num primeiro momento, a chamada “Proibição” foi amplamente aprovada pela população. Mas logo o comércio ilegal de álcool virou um grande negócio para o submundo, que passou a lucrar com a venda clandestina, em esquema semelhante ao usado pelos cartéis que hoje dominam a venda e a distribuição de drogas. A Lei Seca foi extinta por Franklin Roosevelt.

***

Quando finalmente coloquei um ponto-final em minha jornada de bebedora assídua, fui tomada por uma euforia bem

característica, a de querer compartilhar com o mundo o sucesso da minha empreitada.

Isso evidentemente não é aconselhável, porque sempre existe a chance de recair – em especial quando se está radiante e empolgado.

Ocorre que uns dois anos depois de encerrar minha odisseia alcoólica, o governo federal começou a enfatizar a proibição de consumo de bebida por menores de idade. Surgiu a Lei Seca para os motoristas e vieram outras medidas, como o treinamento de caixas de supermercado para pedir a identidade de quem comprasse alcoólicos, estratégia bem-vinda em outros países, mas que foi rejeitada pela população brasileira.

Enfim associados, governo, indústria, educadores e Saúde começavam a se mexer para mudar a liberalidade dos nossos costumes em relação à bebida. Isso ocorreu no governo liderado pelo "bom de copo" Lula, num país que ostenta mais de 100 mil mortes ao ano diretamente ligadas ao abuso de álcool e onde menores de 18 anos conseguem comprar até destilados em bares e supermercados sem grandes problemas.

Como podemos controlar o abuso quando os fabricantes ainda se safam ao oferecer produtos como vodcas e pingas *ice* que já vêm misturadas com xarope de frutas para agradar justamente ao paladar da molecada?

Há anos, mesmo bebendo, eu já fazia essas perguntas e rotineiramente cobrava a indústria de bebidas em minha coluna da *Folha de S.Paulo*.

Depois de parar de vez, resolvi colocar minha exuberante celebridade (hashtag ironia) a serviço de uma causa.

Animada pelos novos tempos e incentivada por uma amiga que mantém relações corporativas com a Ambev, a produtora de bebidas dos mil tentáculos que chegou a passar a Petrobras como (o que é muito emblemático) a maior empresa do país, eu me armei de um argumento imbatível e fui conversar com o diretor de relações corporativas e comunicação da empresa.

"A indústria de pneus recolhe seus produtos usados, a indústria de geladeiras também", disse a ele. "Eu sou o lixo que a indústria de bebidas produz, sou alcoólatra e perdi a visão de um

olho dirigindo bêbada; vocês não podem se omitir da sua parcela de responsabilidade.”

Pouco tempo depois, eu já estava trabalhando com as psicólogas da empresa a fim de formatar uma palestra itinerante.

Durante três anos e lá vai pedrada, contei minha história em chão de fábrica, em comunidade pacificada ou não, em escola frequentada pela classe A, em CEUs, em escritórios e associações de bairro, no Sesi, no Senac, na Festa do Peão de Barretos, aos professores da Escola Paulista de Medicina (Unifesp), no morro do Alemão, em Heliópolis, na escolinha de futebol do Zico na Rocinha e dentro da fábrica da Ambev, em Jaguariúna, São Paulo.

Foi essa peregrinação que me incentivou a escrever este livro. Ela não só me ajudou a me manter sóbria, como me fez aprender muito sobre a vida de brasileiros que têm o mesmo problema que eu, mas vindos de mundos muito diferentes.

Depois de um par de meses aprimorando a minha palestra diante de um público-teste composto de funcionários da Ambev, fiz a minha estreia no auditório do CEU de Heliópolis, aberta aos moradores da comunidade e aos executivos da Ambev que haviam se aventurado em apoiar a minha iniciativa.

Foi minha primeira vez diante de um público de cerca de duzentas pessoas: jovens, aposentados, donas de casa. Havia lá um microcosmo da sociedade, e o treino me foi útil para o que veio depois, inclusive para a minha atuação na TV.

O que aconteceu naquele dia traçou um padrão: a plateia começava desconfiada, olhando para o chão sem me encarar, cheia de julgamento sobre aquela velha que estava ali lavando roupa suja, mas ia se descontraindo com meu depoimento na medida em que se identificava comigo.

Todas as palestras eu abria dizendo a mesma coisa: “Boa noite (ou bom dia), meu nome é Barbara e eu sou uma alcoólatra em recuperação”. Eu dava uma introdução sobre quem sou, depois falava um pouco sobre o que é o alcoolismo e daí entrava de cabeça na minha vida relatando o primeiro porre aos 3, o segundo aos 6, o terceiro aos 9, e assim por diante, entremeando as histórias mais pitorescas com o sofrimento que causei a mim e

aos outros. Mais ou menos como neste livro, só que com cinquenta minutos de duração, mais outros quinze minutos dedicados às perguntas da plateia.

Logo de cara, a reação em Heliópolis deixou o pessoal da Ambev animado. Quando a conversa enveredou para as perguntas, uma senhorinha levantou a mão.

“Eu não bebo”, disse. “Trabalho fora o dia inteiro e, quando volto para casa, encontro minha filha de 13 anos e meu companheiro, que não é o pai dela, bêbados.” E prosseguiu: “Quase todos os dias, eu tomo uma surra deles. O que devo fazer?”.

Um silêncio constrangido ocupou a sala. Disse a ela para procurar o Al-Anon, grupo que é uma continuidade do tratamento do AA e dá apoio a familiares e cônjuges dos dependentes.

Nisso, outra mulher, de modos elegantes, se manifestou. “Sou a professora que está ajudando a alfabetizar esta senhora e não sabia que tínhamos uma tragédia em comum”, desabafou. Ela se abriu e revelou que ia com regularidade ao Al-Anon porque também apanhava do marido bebedor contumaz. Ao fim de seu depoimento, ela se dispôs a levar a senhorinha às reuniões.

As duas se abraçaram, o auditório inteiro aplaudiu. E eu fiquei maravilhada com o potencial desse tipo de encontro.

Dali em diante, toda vez que encerrava a palestra e abria para perguntas, onde quer que eu estivesse, mas especialmente em comunidades mais pobres e escolas públicas com menos recursos, eu aprendia alguma coisa valiosa.

Saímos eu e o Rodrigo Moccia, o jovem executivo da Ambev designado para me supervisionar, rodando o mundo para disseminar a “palavra”.

Num galpão mal-ajambrado em alguma estrada vicinal ligando Sumaré a Hortolândia, no interior do estado de São Paulo, nós encontramos um herói, um batalhador desses que reúnem energia e boa vontade em doses cavalares e de fato mudam o destino de um monte de gente ao seu redor.

Cansado de ver jovens serem recrutados pelo tráfico, da bebedeira e da violência dos fins de semana, dos altos índices de

gravidez indesejada entre as adolescentes de sua comunidade, numa região em que a oferta de atividades de lazer era praticamente zero, ele resolveu quebrar o ciclo vicioso.

Conseguiu um barracão emprestado, os vizinhos o ajudaram, em mutirão, a limpar e aprumar o local. A paróquia da redondeza doou um daqueles aparelhos três em um com duas caixas de som e, por fim, alguém descolou uns salgados e litros de “refris” para atrair a garotada.

Por meio de associações de bairro, a Ambev, que patrocinava eventos semelhantes, recebeu convite para participar de uma dessas baladas a seco que aquela nobre alma organizara, muitas vezes com dinheiro do próprio bolso.

Ele nos recebeu efusivamente, cheio de agradecimentos pela nossa ilustre presença. Não que soubesse quem eu era, a ele pouco interessava o meu nome para além do fato de que “uma jornalista famosa” iria conversar com seus pupilos.

Fiz a minha palestra como de costume. Na hora das perguntas, me dei conta de que estava diante de uma audiência de iniciados no tema da dependência, eles conheciam o riscado. Percebi que alguns eram filhos de traficantes e que outros tinham os 12 Passos na ponta da língua. Eu tentara ser o mais honesta possível em meu depoimento, e eles resolveram retribuir se abrindo comigo. Nós tínhamos mais em comum do que supõe a filosofia da luta de classes.

Em comunidades carentes não é incomum encontrar famílias inteiras que já tenham frequentado grupos de ajuda para dependentes de álcool e drogas. Funcionários públicos e de grandes empresas são encaminhados para tratamento por assistentes sociais. A igreja ajuda. Eu não apresentei nenhuma novidade para aquela meninada.

Assim que a palestra terminou, uma menina de uns 14 anos se aproximou e, antes de se apresentar, deu início a um relato tão apressado que se esqueceu de tomar fôlego e pontuar sua fala: “Meu pai era alcoólatra e morreu atropelado, no dia em que ele morreu nós brigamos de manhã, ele já estava bêbado, fiz a cabeça dele sangrar, ele saiu de casa e nunca mais voltou”.

Depois de despejar essa bigorna no meu colo, ela emudeceu e ficou me fitando feito o *emoji* assustado.

“Seu pai não morreu por culpa sua. Ele bebia, certo?”, foi o que eu consegui dizer.

Quando penso no poder do compartilhamento de experiências, essa história da menina me vem à cabeça. Imagino quanto tempo ela não guardou o seu drama para si achando que ninguém entenderia o que ela estava sentindo.

Um grupo de quatro meninas fazendo a maior fuzarca se aproximou. Café com bolo já estavam sendo servidos, mas elas fizeram questão de falar comigo.

Percebi que ali estava rolando um *bullying*. Uma delas segurava o braço de outra com ar emburrado enquanto o resto gritava: “A mãe dela bebe e treme”. “A mãe dela bebe e treme.” A cada vez que elas repetiam a denúncia, a emburrada reagia: “Minha mãe não treme. É mentira, minha mãe não treme.”

Puxei a que estava sendo agredida de lado: “Não estou entendendo, sua mãe bebe ou não bebe?”.

Veio a resposta: “Não bebe e não treme; ela está presa”.

Em locais mais brandos, não é sempre que o pessoal tem essa mesma bagagem.

Em palestra na fábrica da Ambev, me dei conta de quão desinformadas as pessoas podem ser sobre o assunto, mesmo quem trabalha produzindo e distribuindo cerveja.

Ninguém ali parecia entender sobre alcoolismo e, ao fim do meu relato, mais de uma pessoa que veio conversar comigo me perguntou: “Você tem mesmo certeza de que é alcoólatra?”. Como se o fato de eu ser uma bebedora funcional – ou seja, que não está jogada na sarjeta toda esfarrapada com uma garrafa na mão, mas trabalhando de segunda a sexta – transferisse o meu problema para outro departamento.

Num desses encontros que Rodrigo Moccia e eu realizamos em nome da Ambev, dessa vez numa ONG para assistência a jovens carentes, no bairro de Pinheiros, em São Paulo, mencionei no meu depoimento que foram inúmeras, incontáveis e diversas as vezes em que jurei de pés juntos aos meus pais ou à cara-metade que pararia de beber. E que, a cada vez que eu

dizia isso, era mesmo do fundo do coração, eu não estava mentindo. Minha vontade, especialmente naqueles momentos tenebrosos do pior remorso da ressaca, era de encerrar aquele pesadelo de vez.

Uma das psicólogas sociais da empresa, que nos acompanhara para documentar o trabalho, abordou-me ao fim da palestra. Seus olhos estavam vermelhos. Muito emocionada, ela me disse: “Meu filho já fez a mesma coisa, me prometeu de joelhos que ia parar e nunca parou, sempre achei que estava mentindo e perdi a confiança nele, hoje nossa comunicação praticamente não existe”.

A Ambev me levou a congressos, troquei ideias sobre o meu drama com alguns dos maiores especialistas do país. Gravei vídeos para o treinamento interno da empresa, participei do treinamento de garçons, de ações para promover a conscientização de jovens e desenvolver conceitos como o “beber responsável”. E também fiz parte da divulgação de uma importante cartilha, *Papo em família: como falar sobre bebidas alcoólicas com menores de 18 anos*, bancada pela multinacional e desenvolvida por médicos da USP e da Unifesp com supervisão de Rosely Sayão, psicóloga, professora e consultora educacional, usando normas traçadas pela OMS. O grande atrativo da peça é a produção visual, obra do criador da Turma da Mônica, Mauricio de Sousa.

Não adianta impor coisa alguma para gente que está passando por enormes mudanças fisiológicas e tentando forjar uma identidade nem, muito menos, para quem tende a agir mais por impulso do que movido por reflexão, como é o caso dos adolescentes. Isso eu aprendi empiricamente na vida e reafirmei dando as palestras.

Falamos em Heliópolis em várias ocasiões, uma delas no início da Copa do Mundo de 2014. Uma senhora muito da sem molejo, vestindo jaleco – vê se pode? –, juntou-se ao grupo da Ambev e aos membros da associação de moradores. De qual cartola ela saiu, não me aventuro a adivinhar. Só sei que se pôs a falar sobre o comportamento dos jovens e a pontificar como eles devem agir. Até que, ao fim do seu monólogo, me dei conta

de que a sirigaita sanitarista tinha espantado toda a audiência da minha palestra, que começaria a seguir.

A molecada escafedeu-se, com toda a razão. Ninguém aprende nada por imposição. O máximo que você pode fazer com adolescentes, ou mesmo com velhos e reiterados infratores, é oferecer orientação e bom senso. E a gente sabe que a única orientação que presta é aquela que nos faz refletir por identificação.

E, assim, o que nos resta – e isso requer o empenho de toda a sociedade – é estabelecer a questão do consumo de álcool por jovens como pauta para as famílias.

Mais de 100 mil cópias da cartilha *Papo em família* seriam impressas e distribuídas em escolas pelo Brasil. Seu lançamento foi marcado por um evento no shopping JK, em São Paulo, com a exibição de um filme de animação produzido pelo estúdio de Mauricio de Sousa. Quem fez as honras no palco antes do início do filme foi a Mônica, sim, ela mesma, em carne e osso, a garota que inspirou o pai a criar a dentuça arretada.

Fui convocada para participar entrevistando os convidados na fila do cinema para um vídeo interno da empresa. Ambiente festivo, pipoca e coisa e tal e eu lá na fila investigando o que o seleto público sabia sobre as maneiras de conversar com jovens sobre bebidas alcoólicas.

Muita gente levou os filhos; a plateia era composta basicamente por executivos das áreas de marketing e vendas da Ambev, educadores e representantes do poder público.

Era de esperar que esse pessoal, especialmente eles, já conhecessem o assunto na ponta da língua, não? Acontece que a proposta da OMS era uma novidade para todos, nada parecido havia sido tentado antes e, ao menos no Brasil, ninguém nunca ouvira falar em educar pais e educadores para transmitir informações corretas.

Eis uma amostra das perguntas que fiz naquele dia. Não teve ninguém, nem uma única pessoa, que acertou ao menos uma das respostas.

“Com que idade você acha que os pais devem iniciar a conversa sobre consumo de álcool com as crianças?”

A maioria respondeu: “Aos 18 anos”.

Errado. Aos 6 anos a criança começa a compreender o conceito de certo e errado, e é nessa altura que os pais devem iniciar o papo em família.

“Por que o menor não pode beber? Existe algum motivo para que a linha tenha sido definida aos 18 anos e não, digamos, aos 16?”

Repeti a mesma pergunta diversas vezes, e o máximo que as pessoas conseguiam especular era que isso é o que diz a lei e pronto.

Pois é, mas a lei não foi traçada por alguma divindade mística. Há uma questão de saúde a ser considerada. O organismo do adolescente está em desenvolvimento, e as sinapses do cérebro ainda não estão inteiramente conectadas. O sistema nervoso central está em formação, e o uso do álcool pode prejudicar esse processo.

Quanto mais tarde o jovem experimentar bebida ou drogas, menos chance ele terá de se tornar dependente. É isso o que dizem os números. Pode haver exceções, mas a regra é essa.

“Os amigos são as principais influências?” Olha só que interessante. Para os *millennials* (nascidos na virada do ano 2000), ou geração Y (nascidos entre 1980 e 1995) e a geração Z (de 1995 a 2010), isso é menos verdade do que foi para a geração do, digamos, James Dean, o rebelde sem causa.

É certo que os filhos, mesmo com menos de 18 anos, podem ter acesso à bebida alcoólica. A oportunidade surgirá, e a decisão será só deles. O que as pesquisas nos mostram é que cada vez mais jovens têm os pais como amigos e confidentes, o que torna mais propícia a troca de informação e a credibilidade da conversa.

Vale lembrar que, no Brasil, 37% dos menores de idade experimentam a bebida por influência de familiares, e 42,1%, por influência dos amigos.

E sobre aquele papo-furado que a molecada que está despertando para a balada aplica, alegando que “bebida alcoólica é servida em todas as festas de 15 anos das meninas

da escola e, então, na minha também vai ter”: só tenho a dizer que NÃO é NÃO.

A resistência pacífica do Mahatma Gandhi produziu a independência da Índia e a retirada das tropas inglesas, e, se isso funcionou com um camarada coberto por um lençol retalhado que passava o dia tecendo num tear, você também há de encontrar motivação para resistir bravamente aos caprichos do seu rebento.

“O álcool afeta homens e mulheres da mesma maneira?” Foi outra pergunta que deixou o público em dúvida.

Como as mulheres têm mais gordura no corpo que os homens, o álcool é distribuído e metabolizado mais rapidamente, apresentando efeitos de forma mais intensa.

“Os pais devem ser honestos sobre os seus hábitos etílicos?” Essa é fácil. Bebendo ou não, tendo bebido antes dos 18 ou sendo abstêmio, é importante dizer a verdade e deixar que os filhos perguntem livremente o que quiserem.

Mas é bom ressaltar que a conversa acaba sendo redundante se o exemplo de comportamento e o discurso não forem condizentes.

No meu caso, meus pais não bebiam; aliás, eu nunca via ninguém da família beber. Mas o exemplo que me levou a tomar decisões erradas e a meter o pé na jaca foi o da falta de diálogo e de informação, coisa que, na casa de dois jovens pais recém-saídos da Segunda Guerra Mundial, drama que os modificou profundamente, seria considerado firula, supérfluo. Um “papo de família” na mesa de jantar dos Gancia seria só pretexto para o início de mais uma batalha da qual ninguém sairia vencedor.

Consumo em excesso é tudo o que vai além das quatro doses diárias – mais de quatro vezes por semana. A partir daí começa a inadequação no comportamento, a língua enrolada, a agressividade, o exagero e a inconsequência que moldaram trinta anos da minha vida, por assim dizer.

Minha experiência trabalhando para a Ambev foi luxuosa; aprendi muito, meu coração ficou apertado de tantas trocas intensas. Também fiz amizades que ficaram comigo e sei que prestei um serviço bacana.

Muito já foi feito, mas a estrada está aberta e o caminho é longo.

Na minha modestíssima opinião, para ser levada a sério a sustentabilidade da indústria de bebidas teria de empregar ao menos 33% da verba publicitária unicamente na prevenção do abuso de álcool.

Tratamento e aconselhamento

A conquista da minha sobriedade se deu de forma tão pessoal que eu não poderia indicar uma receita pronta para quem deseja parar de beber. Foi preciso bater ponto nas 14 estações da via-crúcis, cair e levantar diversas vezes, depois encontrar um jeito próprio de carregar minha cruz e, finalmente, empreendida a mudança, persistir até atingir a "ressureição".

Praticando os 12 Passos e gastando todo o meu latim nos Narcóticos Anônimos (prefiro aos Alcoólicos Anônimos, porque as pessoas são mais jovens e mais abertas), em uma sala abafada na parte dos fundos da paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no Jardim Paulistano, em São Paulo, comecei a perceber que o ontem ficava melhor quando eu não bebia, o hoje ficava tolerável e o amanhã começava a prometer.

Pastei para descobrir o que estava fazendo ali. Primeiro tive de superar a desconfiança sobre a autenticidade dos relatos que ouvia nas reuniões e o inevitável julgamento moral que acabava tecendo sobre o que meus colegas diziam. Depois veio a fase do tédio e da repetição. Tinha a impressão de ouvir sempre a mesma conversa mole, uma coisa insuportável. Vou te contar, viu? Só com muita culpa no lombo para aguentar as *madalenas arrependidas* do NA repetindo suas *jeremiadas* dia após dia. Foram anos até me dar conta de que é justamente nesse processo lento, tortuoso e, por vezes, lacerante que estão os ensinamentos mais preciosos que o grupo tem a oferecer.

Qualquer irmandade que utilize os 12 Passos como ferramenta de recuperação – Alcoólicos Anônimos, Neuróticos Anônimos, Narcóticos Anônimos, Al-Anon, Mulheres que Amam

Demais ou até mesmo Vigilantes do Peso – funciona mais ou menos nos mesmos moldes.

No caso do NA de que sou freguesa, a reunião costuma durar cerca de uma hora e meia. Qualquer pessoa que se disponha a parar de beber é bem-vinda. A única restrição é que os interessados não tenham bebido naquele dia.

A sala de AA ou NA serve ao dependente como o confessionário serve ao católico. Quem está com a palavra conta dos seus sentimentos, pode falar do que aconteceu há décadas ou de coisas prosaicas vividas naquele mesmo dia, reclamar disto ou daquilo, não precisa ser nada muito elaborado. Mas precisa dizer respeito a quem está falando. Quem é membro de AA ou NA fala sempre na primeira pessoa, não generaliza o comportamento do alcoólatra, não fala em nome de ninguém.

Não há obrigações ou metas a cumprir, não se trata de aula ou palestra e, contrariamente ao que muita gente pensa, os encontros têm doses equivalentes de lamúria e de pitoresco. A sala também pode ser um lugar de divertimento em que a gente dá risada de si mesmo, da estupidez da condição humana e das situações grotescas em que nos metemos porque bebíamos. Existe sabedoria em optar por rir em vez de chorar. Quem está ali está porque parou de beber ou se esforça para parar – o que é um progresso gigantesco em relação à condição anterior e, por si só, motivo para celebração.

A reunião é conduzida por um voluntário, alguém que se dispôs a doar seu tempo para a irmandade. Ele toca os trabalhos, e quem quiser dar o seu depoimento tem no máximo seis minutos para fazê-lo. Falam quantos o tempo permitir, na ordem de chegada, basta levantar a mão. Desempates são decididos na base da votação, tudo feito de forma muito simples e clara a fim de evitar brigas dentro de um recinto de potencial explosivo, sempre cheio de gente com baixa tolerância para a frustração e os nervos à flor da pele.

Antigamente, o pessoal fumava sem parar nas reuniões, os cinzeiros transbordavam de “bitucas”, era uma nojeira. Mesmo depois de o cigarro ser restrito por lei em ambientes fechados, os Alcoólicos e os Narcóticos ainda permitiam o fumo, uma vez que

é sobre-humano esperar que alguém pare de beber e de fumar ao mesmo tempo. Hoje, o povo fuma na calçada, muitos saem para fumar e depois voltam. Compulsão é mesmo um bicho-papão que fala alto.

Ninguém espera que o depoente seja um orador gabaritado. Quem se pronuncia faz isso para ajudar a si mesmo. Quem escuta também. Ali dentro, a solidariedade em relação ao próximo tem uma função específica: a desgraça alheia remete ao exame da sua própria conduta. O mero ato de estar presente e se dispor a ouvir traz benefícios que, no início, a gente não consegue identificar.

Voltar para aquela sala é um precioso exercício de tolerância e de humildade, fundamental no processo de transformação. Incontáveis vezes me vi forçada a confrontar meus próprios valores e preconceitos ali dentro. Você está quieto ouvindo e cochichando com seus botões que o companheiro não passa de um babaca ao quadrado, quando, de repente, *paft!*, ele solta uma frase que arde como um "tapão" na orelha e você se pergunta: "Como pode um beócio desses ser tão parecido comigo?".

É assim que a coisa funciona. A cada reunião o mosaico ganha uma nova lasquinha. Aos poucos, comecei a perceber a diferença entre força de vontade e conscientização. Não é preciso se empenhar loucamente, porque a ficha vai cair com naturalidade se, apenas, você voltar para mais uma reunião.

Deixei de ser o centro do mundo e ganhei quilometragem na aceitação. Acredite, esse ensinamento é uma dádiva para quem estava na minha situação. Depois de anos bebendo e massacrando meu sistema nervoso, ter saco de ouvir o outro é uma vitória. Você vai praticando a escuta e o respeito ao próximo e aprende também a ouvir sua própria voz.

Há depoimentos que levam você ao inferno, ida e volta, dão vontade de sair correndo dali. Mas também existem aqueles relatos que inspiram. Na reunião, você sempre vai cruzar aqueles que conheceram há muito a sobriedade, que já estão sem beber há bastante tempo. Eles continuam voltando para reforçar o seu propósito e não correr o risco de ver a peteca cair.

Quando descrevem as maravilhas que aconteceram e a reviravolta que a vida deu porque hoje eles não beberam, você sente que também pode chegar lá.

Tudo dentro da sala atende a um propósito. Por isso, ao falar, as pessoas se apresentam sempre da mesma forma, ouvindo o som da própria voz e lembrando o que as levou até ali: “Boa noite, meu nome é Barbara e eu sou uma alcoólatra em recuperação”. Sou uma alcoólatra. Puxa. Dito assim, parece pesado. Mas essas três palavrinhas representam uma revolução: a rendição ao fato de que tenho um problema incurável.

É como se admitisse que, depois de tentar negociar com a bebida infinitas vezes, eu me rendi ao fato de que não exerço controle sobre o álcool. Exatamente como está inscrito em pedra no Primeiro Passo: “Admitimos que somos impotentes perante o álcool”.

E o Primeiro Passo está no plural (admitimos), não é “eu admito”, para reforçar a ideia de que você não precisa carregar o fardo sozinho, que dentro daquela sala encontrará quem fale a sua língua, o entenda e o ajude sem julgar. Enfim, que estamos na mesma barca.

A Bíblia diz que Deus nunca dá um fardo maior do que se possa carregar, e os ensinamentos dos Alcoólicos Anônimos servem para aliviar o peso. A liturgia sagrada está refletida nos 12 Passos de maneira sutil; não são dogmas impostos, mas, se você não aceita as sugestões, pode apostar que será bem mais difícil parar de beber.

Ou seja, não dá para ser seletivo na escolha das recomendações e das tradições do programa. Não é possível seguir apenas alguns dos 12 Passos e descartar outros. Ou bem você acata as orientações como pacote ou não terá garantia de que irá conseguir permanecer sóbrio. Não existe imposição de nada nem a obrigação de adotar esta ou aquela conduta. Mas o programa vem sendo testado há quase cem anos e há farta evidência de que não é possível parar no longo prazo se você optar por fazer só uma parte do que lhe for proposto.

Não se engane: não existe caminho fácil para parar de beber. Seguindo os passos e ouvindo os companheiros com mais

tempo de sala, a tarefa se torna mais simples. É aquilo e é aquilo, não adianta inventar moda, sinto informar. E, se não for no Alcoólicos Anônimos ou no Narcóticos, além de mais complicado e demorado, vai custar um bom tutu.

A parte em que cada um se apresenta na reunião como estando “em recuperação” serve para reforçar o fato de que seu problema (chame-o como queira: doença, aflição, neurose, compulsão ou tique nervoso) necessita de cuidado constante e de que você está ligado que, mesmo tendo desistido de beber há um mês, um ano ou dez anos, se não quiser voltar a tropeçar e começar a jornada da recuperação lá do comecinho mais uma vez, não deve baixar a guarda.

Você não precisa ser religioso para entrar no AA, mas há grande chance de que o sucesso no tratamento faça despertar de alguma forma a sua espiritualidade. O respeito a algo maior do que nós mesmos, a esperança calcada no reconhecimento de um plano mais elevado, o simbolismo, a natureza ecumênica dos Passos, que pegam emprestado da liturgia, da psicologia e da tradição, acabam atendendo a todos os paladares.

Pessoalmente, não acredito ser possível empreender a grande transformação que parar de beber representou para mim se não tivesse vivido um despertar espiritual. Parece meio surreal mudar hábitos, amigos e lugares sem se sentir tolhido e sem lamentar profundamente as perdas inerentes ao processo. No entanto, há mais de década sem beber, não consigo enxergar as perdas. Só vejo ganhos.

Há algo de extraordinário nessa reviravolta, e a esse mistério eu atribuo uma intervenção divina.

Não no sentido daquele imã de geladeira que diz “Encontrei Jesus, ele estava escondido atrás do sofá esse tempo todo”, nada disso. Sou católica, estou cansada de saber que Jesus é o cara. Mas não foi uma conexão religiosa o que me aconteceu, e sim um mergulho para dentro da alma. Ou melhor, a percepção de que uma corrente de ajuda está disponível para quem a deseja de verdade.

O psicanalista suíço Carl Jung se deu conta, nos idos de 1930, de que um dos caminhos para a recuperação de

dependentes se dá pela transformação espiritual. Ela implica em se despojar do ego naquele momento de desolação avassaladora em que o doente entende que seu problema não tem cura, que sozinho não sairá do buraco. Quando você se liga de que não há tratamento ou pílula mágica, são maiores as chances de se render a qualquer alternativa acima do seu entendimento que o faça enxergar a esperança.

Para chegar a ela, tive de sair do isolamento, daquela posição desesperada em que a bebida havia me enfiado e entregar minha sorte a algo (naquela altura, qualquer coisa) que percebia como maior do que eu. No meu caso, foi a ajuda de uma corrente de pessoas que eu nem sequer conhecia, mas com as quais passei a contar para me manter sóbria.

Carl Jung trocou correspondência com Bill W., fundador do grupo Alcoólicos Anônimos – leia a carta ao fim do livro. Suas experiências no tratamento de pacientes com compulsão e dependentes de álcool (que ele considerou irrecuperáveis) serviram como base para a concepção do AA.

Na carta revelada publicamente há poucos anos, ao discorrer sobre a busca da espiritualidade como agente de autoconhecimento e sua aplicação no tratamento, ele conclui dizendo que, em latim, a palavra *alcohol* significa "espírito", a mesma que os ingleses usam para designar destilados: *spirits*. "Veja você que 'álcool' em latim significa 'espírito'; no entanto, usamos a mesma palavra tanto para designar a mais alta experiência religiosa como para definir o mais depravador dos venenos. A receita então é *spiritus* contra *spiritum*", escreve. Ou seja: espiritualidade contra a "marvada".

Na falta de um Deus que conforte, há o álcool. Inversamente, para interromper o ciclo de dependência e sair do vazio, existe a enlevação do espírito e o encontro com uma força superior.

Até parar de beber pela primeira vez, nunca tinha me aproximado da minha dimensão espiritual. Hoje, se você me perguntar que cara tem Deus, responderei que sinto sua presença, mas não conheço suas feições. O meu Deus se manifesta para mim como um onda amorosa que se vale de uma

inspiradíssima e harmoniosa ordenação matemática para relacionar todas as coisas.

Sinto que fui privilegiada e desisti de querer morrer porque algo além de mim me inspirou a usar meu livre-arbítrio para resgatar a Barbara que andava tão imersa no álcool a ponto de eu quase não ter contato com ela.

Aos poucos, me dei conta de que aquela ogra que eu me tornava quando bebia me levava cada vez para mais longe da minha natureza autêntica.

Pela primeira vez na vida senti o desejo de descobrir a verdade mais profunda a meu respeito, aquela que o filósofo holandês Baruch Espinoza relaciona ao propósito de vida, a uma vitalidade essencial, a uma tomada de consciência que dá forma, plenitude e harmonia à existência.

Foi só reconhecer a influência desse poder para que o universo começasse a conspirar a meu favor (sim, isso existe!) e colocasse a vibração amorosa em moto.

Passei a entender que todas as minhas ações, e as reações que elas provocam, obedecem a uma lógica bondosa, em que estar alinhado com a própria verdade é fundamental para exercitar a coerência. Descobri também que é só encontrar o pé desse caminho para que as coincidências sinalizem uma direção extremamente clara a seguir.

Hoje posso dizer que é com impressionante frequência que coloco a cabeça no travesseiro sentindo uma plenitude – não fosse o temor da morte e a dor do mundo – quase absoluta, sinto um contentamento caloroso por saber que vou numa direção que minha intuição agradece e meu coração reconhece como sendo a expressão primordial de quem eu sou.

Agora só falta parar de xingar os motoristas que cruzam o meu caminho no trânsito e de comer duas barras de chocolate ao dia (olha a compulsão!) para ver se conquisto a pulseirinha que dá direito ao camarote VIP lá de cima.

O 7 x 1 de Contardo

Os Narcóticos Anônimos evidentemente reúnem um monte de malucos beleza, e um se reconhece no outro. Logo me dei conta de que não podia estar em lugar mais adequado para tratar minha compulsão. Os caras lá falavam a minha língua, ninguém se escandalizava quando o companheiro chegava à sala humilhado, com o rabo entre as pernas, e relatava em detalhes escabrosos seus pecados mais inconfessáveis.

Aprendi a identificar o que no grupo nós chamamos de “defeitos de caráter”, mas que nada mais são do que características humanas comuns a todos nós. Esses traços, se não comprometem, colocam em xeque o processo de recuperação no qual me sinto ativamente envolvida hoje e sempre.

O programa de 12 Passos representa um esforço contínuo para não se deixar levar por esses cacoetes emocionais, é uma tentativa, só por hoje, de ser uma pessoa melhor e atenta aos seus movimentos.

Na minha experiência, as recaídas ocorreram em dois momentos distintos: quando estava contente, achando que a tormenta tinha ficado para trás, e me via distante da realidade de não poder beber. Ou então quando, ao contrário, me encontrei descrente, por baixo ou em crise de “sofrência” amorosa e resolvi revidar – anta que sou – jogando minha fossa na conta de quem a provocara.

O baixo astral é perigoso para quem não pode beber, isso é certo. Mais traiçoeira ainda, porém, pode ser a ilusão do distanciamento do problema. Quando você acredita que o perigo

ficou para trás, corre o risco de tropeçar sobre o próprio rabo. Toda vez que isso acontece, a recaída vem a galope.

Outra armadilha que vira e mexe volto a enfrentar é a da miragem em que a bebida aparece com contornos positivos: a lembrança de bem-estar, o conforto do copo na mão, a coragem ilusória. A essa sensação damos o nome de "memória eufórica". Trata-se de uma manifestação natural – lembra quando a gente falou que o corpo trabalha sempre em estado econômico? De tanto beber, minhas células foram marcadas pela memória de que o estímulo virá de fora, de que meu organismo não precisa trabalhar para produzir opiatos naturais, basta mandar umas talagadas pra dentro.

Em vez de me lembrar da condição perversa a que a bebida me conduz, decupo a memória e deixo só a primeira parte do efeito do álcool, o *frisson* inebriante delicioso. O frescor da cerveja gelada, a alegria proporcionada pelo champanhe borbulhante e os primeiros dez minutos de leveza e descontração, quando tudo ainda é festa e sedução. Bebedor sistemático não pode confiar na memória, a lição foi aprendida.

Mesmo que ninguém mais saiba, você tem ciência daquilo de que foi capaz. Bateu, apanhou, vomitou, defecou nas calças, urinou na cama, se esfolou inteiro, caiu de cabeça, derrubou o móvel, quebrou o vaso, acordou cheio de hematomas ou com algum escroto ao seu lado a quem, sóbria, você jamais dirigiria a palavra. E é um alívio finalmente lidar com o peso da culpa, falar abertamente e ouvir o desabafo de sua própria voz, sem temer sermões moralistas. E mais: sabendo que pode contar com o apoio dos companheiros se porventura voltar a se meter em apuros.

Quando na vida eu iria me sentir à vontade para falar sobre minhas transgressões etílicas com minha analista, me diga? Quem não bebe mede escândalo com outro metro. Além disso, meu temor seria de ela me enxergar exclusivamente pela lente da singularidade, marca da psicanálise, que se opõe ao tratamento em grupo, atribuindo todas as manifestações da minha compulsão a fatores relativos à psique e a ocorrências

relacionadas ao passado, omitindo o peso da sabotagem metabólica que a doença comete com seu corpo.

Chega a ser raridade o psicanalista, o psiquiatra ou o psicólogo que se renda ao fato de que existe diferença entre tratar estruturas neuróticas corriqueiras e lidar com casos de dependência.

Há o fator ético, que é dilema entre psiquiatras, entre medicar ou não pacientes que sofrem de dependência, e uma quantidade assustadora de profissionais simplesmente ignora o chamado "corpo físico", ou o aspecto fisiológico da dependência. E acrescento por minha conta que a falta de humildade desse povo configura caso para o divã.

A postura inflexível dos "psis" em relação aos métodos do AA mereceu comentário empolgado de minha parte em coluna publicada na *Folha*. A reação dos leitores foi péssima, uma goleada contra mim.

Explico:

Se tem um colunista de jornal que eu leio de joelhos, este é Contardo Calligaris, mestre em desvendar a cabeça contemporânea. Mas até o fenomenal psicanalista, escritor, dramaturgo e, por anos, meu colega de *Folha de S.Paulo*, chutou na trave ao escrever sobre alcoolismo em coluna publicada na quinta-feira, 12/07/2012, no caderno "Ilustrada".

Cito o caso do freudiano Calligaris porque há muitos profissionais como ele que desconhecem a dinâmica dos Alcoólicos Anônimos.

Meti o bedelho, paguei o pato e estou até hoje lamentando a reação do leitorado, porque ela demonstra a falta de consideração que há no país quanto à seriedade do alcoolismo e suas consequências – e como continuamos a adiar a inclusão dessa conversa na pauta de escolas, faculdades e no sistema público de saúde em geral.

Na referida coluna, Contardo sentiu-se à vontade para falar como se a doença do alcoolismo fosse apenas mais um apêndice do capítulo "Desejo". Cita o exemplo de um amigo alcoólatra estimulado a voltar a beber pela mulher. Dá a entender que o

camarada havia se curado: “O homem frequentou o AA e deu certo”. Ué, simples assim?

Ora, o programa funciona, quando muito, por vinte e quatro horas – só por hoje, não há garantia nenhuma e nem se fala em cura definitiva. Dependendo do contexto, eu mesma, há mais de década sem beber, posso voltar à ativa daqui a vinte minutos se estiver desatenta, pois é da natureza da doença. Estou em recuperação “só por hoje” e amanhã, se Deus quiser, renovo o meu propósito.

Contardo parece não levar essa filosofia muito a sério. Prossegue seu texto dizendo que, aconselhado pelo grupo de AA, o amigo alcoólatra (ou ex-alcoólatra, segundo ele) passou por uma “internação de um ano”.

Bem, bem, bem.

Você pode pesquisar nos cinco continentes, debaixo d’água inclusive. Garanto que não encontrará qualquer evidência de grupo de orientação legítima nos 12 Passos que interne dependentes do álcool pela duração de um ano. Isso não existe.

Um dos propósitos dos AAs e NAs é que o dependente que deixa de beber seja reinserido o quanto antes na sua vida cotidiana.

De que adianta ficar protegido por trás dos muros de uma clínica de reabilitação durante longas temporadas, se resguardando do álcool, se na hora de retomar a rotina vai dar de cara com o satanás engarrafado a cada esquina, no supermercado, na *night*, no aeroporto, no clube e na padoca?

O álcool é eliminado do organismo em cerca de setenta e duas horas. A maioria das drogas também. O que o AA sugere são noventa dias e noventa reuniões para quem deseja encarar o início da recuperação em casa ou, então, em internações-padrão de vinte e oito dias – que podem se estender a alguns meses caso o dependente apresente as dificuldades das dependências cruzadas, ou seja, álcool mais cocaína ou álcool mais crack.

Na minha modestíssima opinião, clínicas que praticam internações longuíssimas se prestam a três propósitos: a) extrair a maior quantidade possível de tutu de cada paciente; b) dar uma longa folga aos pais ou a outros parentes daquele membro

problemático da família que já torrou os “pacovás” de todo mundo, ou c) ver os dois propósitos acima atendidos ao mesmo tempo.

Na nossa cultura prevalecem as relações hipócritas, distantes, superficiais. Somos polidos por fora e desinteressados por dentro, abominamos o que consideramos intrometimento na vida alheia. E, assim, o conjunto de informações preciosas que jogam luz sobre o alcoolismo é desprezado ou ocultado debaixo do tapete. Só as aparências importam: deixa disso; melhor não se meter; cada um com seus problemas; em briga de marido e mulher ninguém mete a colher e, enfim, eu lavo as minhas mãos. Não fica bem admitir que Huguinho, Zezinho ou Luizinho possam ter problemas com a bebida.

É por isso que clínicas caça-níqueis de reabilitação abrem e fecham a torto e a direito e ninguém parece se incomodar.

Como se já não bastassem as curas miraculosas propostas por autoproclamados pastores, profetas e bispos dos ramos mais esconsos do cristianismo e o histórico de sequelas criminosas que essa categoria de pajelança deixa no seu rastro, ainda somos obrigados a nos render ao delírio furioso de “madalenas arrependidas”.

O cantor Rafael, do grupo Polegar, resolveu montar sua própria clínica ao sair de uma internação. Dava a crer ter descoberto a fórmula da sobriedade. E, assim como ele, outros tantos que saem de uma internação têm a mesma ideia brilhante e abrem a própria clínica de recuperação. Onde está a Saúde Pública para homologar essas empreitadas, eu mesma não saberia responder. Mas convém se informar sobre a seriedade das instituições antes de cair numa arapuca.

É mais ou menos como aquela senhora dos Jardins, em São Paulo, que abre uma *pet shop* porque gosta de cachorros. Ou do estudante que opta pelo curso de comunicação na faculdade porque gosta de assistir à televisão.

Minha segunda internação foi numa instituição aventureira desse tipo, entrei de gaiata na recomendação da amiga de uma amiga com quem, hoje, eu não deixaria meu cão para dar uma volta no quarteirão.

Na hora do desespero, acabei apelando e me dei mal. Fui parar no que mais parecia um hotel cinco estrelas: piscina, comida de restaurante de primeira, colchão macio, cobertores felpudos. Mas a parte clínica… vou te contar.

Comecei a farejar o embuste logo depois de dar entrada na clínica, quando um paciente veio se apresentar e me contou que já estava ali havia quase um ano e que aquela era sua segunda internação longa naquele lugar. Dois minutos depois, soube que o pai dele era um grande industrial e que ele fazia contrabando de xarope pelo muro da clínica. Camarada curtia o barato do xarope e, pelo visto, os pais preferiam pagar caro a tê-lo por perto.

Rompi relações com aquela instituição poucos dias depois, quando o médico proprietário recomendou que eu passasse a tomar lítio para controlar melhor o meu humor. Saca lítio? É um remédio para tratar de desordens causadas pelo comportamento bipolar com efeitos colaterais barra pesada, sobretudo para os rins. Não sofro de transtorno bipolar. Já passei por inúmeros médicos, os mais sérios do país em matéria de tratamento de dependência, entre eles os doutores Jair Mari (Unifesp), Ronaldo Laranjeira (autor de boa parte da literatura sobre o alcoolismo de que dispomos no país) e Jorge Figueiredo (o craque que me acompanhou na minha primeira internação), e nenhum chegou nem perto desse diagnóstico. Vai vendo o perigo de uma avaliação dessas, quando eu precisava mesmo era de parar de beber. Antes que a embromação fosse adiante, minha mãe chegou para me levar para casa e eu voltei à minha rotina de AA (naquela época ainda não havia NA) para tentar a recuperação, pela enésima vez.

Note que o tratamento nos Alcoólicos Anônimos é gratuito. Se você deseja contribuir, basta colocar qualquer soma em espécie no saquinho que passa de mão em mão durante a reunião, como ocorre na missa dos católicos. Não há honorários médicos nem a possibilidade de ganhos por internações que se estendam durante anos.

Tradicionalmente, as salas onde ocorrem as reuniões são cedidas por igrejas, que, como bem sabemos, não pagam

impostos.

Confesso que fico admirada com o ceticismo em relação a uma experiência tão palpável, abrangente e democrática como a dos grupos de autoajuda por parte de profissionais que contam com dependentes entre seus pacientes.

Mas não são só os “psis” que demonstram resistência ao AA. O que tem de hepatologista, gastroenterologista e cardiologista, entre outras especialidades, que topam com doentes alcoólatras o tempo todo e não conhecem bulhufas de alcoolismo é um escândalo, como se as recomendações da OMS não existissem.

Entendo que quem encara o alcoolismo como sintoma nem sempre o faça por oportunismo, claro. Sei que, na maioria das vezes, é uma questão ética, filosófica ou mero ponto de vista.

Apoio a ideia de que o alcoólatra deve se tratar com psicanálise, se for possível. Acredito que a análise ajude a promover o autoconhecimento em todas as fases da existência e estou convencida de que conhecer a própria verdade é uma das principais ferramentas para responder às questões fundamentais da humanidade: Quem sou? De onde vim? Para onde vou?

Para mim, fazer análise não está relacionado a resolver problemas nem a curar as doenças da alma. Faço para entender os meus processos, meu objetivo é sempre a conquista daquele tipo de contentamento a que os anglo-saxões dão o nome de *fullfilment* [realização]. O objetivo é sempre a conquista da felicidade, por mais efêmera que ela possa parecer. Um dia de cada vez, no mesmo passo que o AA. É um luxo que dou a mim mesma de presente, um privilégio conquistado.

Hoje faço psicanálise lacaniana, mas, por muitos anos, antes e depois de descobrir os 12 Passos, me consultei com uma psicóloga de inclinação junguiana. E nunca, em todos esses anos, tratei do meu problema específico com a bebida no divã das duas profissionais, Dorothee Rudiger e Christiana Pires da Costa, ambas merecedoras de monumentos equestres em alguma praça da escolhas delas.

Sei que uma das funções da psicanálise é a ressignificação e que o corpo físico também responde a tratamento psicológico.

Parece-me insuficiente, porém, tratar daquilo que Lacan chama de “pulsão de gozo” (a busca insaciável pelo preenchimento do vazio) sem atentar para as consequências físicas da dependência e as peças que elas são capazes de pregar no inconsciente.

Vejo duas searas distintas, e a tragédia de tudo isso é que o pouco caso dos psicanalistas e dos psiquiatras com os grupos de autoajuda acaba prejudicando enormemente aqueles que precisam de auxílio para parar de beber.

Até entendo que a ideia de um grupo de funcionamento rudimentar e resultados sofríveis em números absolutos pareça primitivo para profissionais versados e diplomados. Só 3% das pessoas que entram no AA ou no NA param de beber na primeira tentativa; a maioria, como eu, percorre o caminho da recuperação e da recaída algumas vezes, e boa parte não consegue parar nunca. De toda forma, dos últimos vinte anos na ativa, dez eu passei sem beber. E, se isso não pode ser considerado uma vitória, não sei o que poderia.

Eu, que sou menos lida e estudada, porém convivo com o problema, considero prepotência achar que a psicanálise tem a resposta para todos os males. Por acaso algum diabético deita no divã para tratar da vontade incontrolável de comer doces? Que eu saiba, para isso existe o endocrinologista, não?

No dia seguinte à publicação do texto de Contardo, escrevi minha coluna na mesma *Folha de S.Paulo* defendendo o pensamento explicitado até aqui. Devo ter recebido mais de duas centenas de mensagens com críticas das mais ferozes e apoiando apaixonadamente o psicanalista.

O pessoal escreveu para me xingar, para evocar Freud, para me acusar de falsificar minha experiência e me chamar de profeta de araque. Ninguém, absolutamente ninguém, se manifestou a meu favor. Não estava preparada para reação tão enfurecida, não podia imaginar que meu testemunho pessoal sobre um tema aberto à discussão pudesse gerar tamanha controvérsia.

Daí então fui à minha reunião seguinte do NA. E o povo quase me carregou no colo feito o Pelé na Copa de 1970; virei

heroína dos frascos e comprimidos. Da publicação em diante, tornou-se lugar-comum encontrar pela vida companheiros de sala que ainda se lembram desse caso.

Contardo nunca se manifestou. Encontrei-o num evento social depois disso e fui pedir desculpas por não o ter alertado antes de publicar o meu texto. Não deu tempo. Li a coluna dele de manhã, escrevi a minha depois do almoço e a enviei ao jornal no fim da tarde. O processo industrial comprometeu a minha elegância.

Bom dia, tristeza

Os ingleses dizem que pássaros com penas semelhantes voam juntos. Gente gregária que gosta de festa e de farra também circula entre os mesmos copos.

Um querido amigo, Guncho Maciel, que por muitos anos trabalhou comandando as casas de Ricardo Amaral, o rei da noite carioca, encarava a boemia de maneira cautelosa, ciente de que o demônio está nos detalhes.

Depois do almoço, quando alguém lhe oferecia um cafezinho, ele agradecia polidamente: “Não, obrigado, não tomo café”. E expunha suas razões. “Se tomar, posso acabar todo lanhado e até arrisco a vida”, dizia, deixando o garçom intrigado.

Sua lógica calava fundo entre meus colegas de boteco. Guncho explicava de forma descomplicada os perigos a que um mísero cafezinho pode expor quem gosta de entornar umas e outras. “Se eu tomar café, dizia, vou querer fumar. Se fumar, vou querer beber. Se beber, vou querer cheirar cocaína. Se cheirar cocaína, vou querer oferecer o rabicó a granel. E, se oferecer, arrisco acabar tomando porrada.”

Nada mais natural.

Entendo a lógica do seu raciocínio. Mesmo quando a bebida é a sua “kriptonita”, como no meu caso, até um insignificante café pode detonar um mecanismo capaz de causar mais estrago que um meteorito.

Eu me lembro de *O voo*, do diretor Robert Zemeckis, que fez um filme genial atrás do outro, entre eles *Uma cilada para Roger Rabbit*, *Forrest Gump* e *De volta para o futuro*. O tema, só fui

perceber perto do fim do filme, é o alcoolismo. E há uma cena que me impactou como nenhuma outra em uma sala de cinema.

Na trama, era a véspera do depoimento do personagem principal, um piloto comercial interpretado por Denzel Washington, diante do comitê de inquérito da Federal Aviation Administration, que apuraria as causas do acidente aéreo em que ele esteve envolvido.

Temendo ter de acionar o seguro, o que lhe custaria milhões de dólares, a cúpula da companhia aérea para quem o tal piloto trabalhava o hospeda num quarto de hotel à prova de riscos – sem acesso à bebida.

Tudo o que ele tem de fazer é sobreviver àquela noite sem beber. Só que, atente, ele é dependente. E meu estômago revira toda vez que eu me lembro dessa sequência do filme. O piloto percebe que a porta que conecta seu quarto ao ambiente vizinho, onde os diretores da companhia estão reunidos, está entreaberta. A câmera fecha numa cortina esvoaçante debaixo da qual, aos poucos o espectador se dá conta, há um frigobar.

Antes mesmo de saber se a geladeira do quarto adjacente está abastecida de "goró", se ele irá resistir à tentação ou cair de boca, eu me rendi. Levantei e saí do cinema correndo, não aguentei ver cena tão familiar para mim.

Só fui saber que ele reproduzira o comportamento que eu mesma adotara centenas de vezes, em cada quarto de hotel em que estive a trabalho, em viagens a dois ou em férias familiares, quando o filme saiu em DVD, e eu peguei na locadora para ver como a história terminava.

E, vá lá, por mais que *O voo* não termine de forma trágica, no fundo o que Zemeckis mostra é que, no longo prazo, não existe história de bebedor compulsivo com final feliz. Mesmo naquelas em que ninguém morre nem causa a ruína do outro, sempre sobra desgraça e muito arrependimento.

Se eu não tivesse aberto aquela garrafinha miniatura que mais parece um brinquedinho tirado do minibar do quarto do hotel, aquela noite e todas as outras antes dela, e todas as que vieram depois em que repeti o gesto, teriam sido bem mais palatáveis. Mas, como muitas vezes acontece, e talvez esse

também seja o meu caso, minha história poderia ter terminado pior. No fim das contas, consegui fazer uma saideira definitiva, a última de todas, a que encerrou os trabalhos. E hoje é só isso que importa.

Sem querer moralizar, e já moralizando, minha vida *on the rocks* poderia ter sido encerrada antes. Se a ficha tivesse caído na primeira ou, quem sabe, na segunda vez em que tentei largar a bebida. Só que levou mais tempo.

Mesmo assim, e a despeito dos anos desperdiçados e das mágoas acumuladas, por fim tenho triunfado. Consegui colocar um ponto-final em drinques de intenção inofensiva ingeridos displicentemente em quartos de hotel espalhados por aí, cujo acúmulo acabava inevitavelmente em noites escangalhadas e manhãs enlutadas no dia seguinte. Nem que isso tenha me custado, ao todo, mais de trinta anos de lucidez, o fato é que superei o problema e estou aqui para contar como foi.

Por falta de cautela no consumo de álcool, esgotei várias vidas que me foram reservadas. Se o critério tivesse sido meritocrático, meu anjo da guarda, tadinho, deveria reencarnar como o George Clooney. Foram tantas as confusões…

Teve aquela noite em particular que poderia ter terminado malíssimo. Eu vinha acelerando e cortando alegremente uma avenida de São Paulo depois da outra quando acabou a gasolina do carro novo, cujo padrão de consumo eu desconhecia. Chamei um táxi vermelho e branco, que me levou até o posto e depois de volta ao carro. Assim que terminei de abastecer o tanque com o litro levado do posto, que me permitiria chegar em casa, percebi o táxi sair apressado, queimando pneu. Virei e dei de cara com uma pistola apontada a um centímetro da minha fuça.

Três adolescentes brincando de sequestro relâmpago resolveram rodar a cidade tentando extrair da Ana e de mim todos os nossos ouros e infinitas riquezas. Só que ficaríamos devendo. Oferecemos o carro. Não queriam. Nos mandaram retirar dinheiro do caixa eletrônico, nenhuma das duas tinha crédito. Puxa, que novidade. Assinei um cheque no posto de gasolina, estávamos novamente de tanque vazio, o rapaz que nos sequestrou ao volante, a Ana ao seu lado no banco do

passageiro, eu atrás entre a sequestradora loirinha e a morena. Bem, para encurtar o assunto, depois de as duas meninas fazerem um rapa na minha casa enquanto a Ana esperava no carro junto com o rapaz armado, eles decretaram que iríamos levá-los até a casa deles.

No caminho, pensei o pior. A imagem que me vinha à cabeça era dos nossos corpos esbranquiçados com um furo de bala no meio da testa, atirados em alguma quina da serra da Cantareira. Para disfarçar o medo e afastar essa visão, desandei a falar sem parar. De novo: puxa, que novidade. Até que a loirinha de cabelos encaracolados perdeu a paciência. Com o metal gelado do revólver encostado na minha bochecha, ameaçou: "Se você não calar a boca, vou dar um tiro na sua cabeça". Não me abalei nem perdi o fôlego: "Você sabe quantas vezes já ouvi isso na vida, minha filha?". O comentário pareceu tão deslocado que, depois de um átimo de silêncio, o carro inteiro caiu na risada.

O dia já estava apontando quando eles decidiram nos dispensar, não sem antes nos fazer descer do carro e posar para foto com a câmera Polaroid que afanaram da gente. "Vamos tirar uma foto com as freguesas", ditou o chefão da operação, um garoto de seus 20 e poucos anos, com aparelho fixo nos dentes, a quem eu perguntara se seu trabalho não apresentava riscos um pouco exagerados e ele respondera que sim, pode ser, mas que todos nós morremos, mais cedo ou mais tarde.

Fizemos o caminho de volta lá da PQP onde eles moravam como quem retorna da Guerra dos Cem Anos, exauridas demais para sentir a brisa do alívio.

Depois desse episódio do nosso "pseudosequestro" (até isso vira escracho), eu traumatizei. Durante um baita tempo, não tive coragem de sair de casa.

Isso quer dizer que consegui unir o útil ao desagradável, passando para uma fase ainda mais aguda da doença, a de ficar entocada bebendo. Não queria ser vista nem muito menos ouvida por ninguém. Entramos na era daquele sentimento perverso para o qual os alemães deram até nome, *schadenfreude*, o prazer de ver os outros se ferrarem.

Começavam a viralizar registros indiscretos gravados no celular e espalhados pela internet para gáudio de todos os *voyeurs* e espíritos de porco da humanidade. Um colega jornalista foi exposto bêbado na frente das câmeras, e eu entrei em pânico. Sabia que era só questão de tempo até a minha vez chegar.

A ressaca moral já atingia picos insuportáveis de desconforto. Agora a paranoia vinha se juntar à receita da humilhação que cozinhava num panelão de fervura branda.

Temia o pior se não parasse logo, tinha crises de sudorese e tremedeira quando alguma imagem fatalista da minha cabeça resolvia me assaltar.

Não havia mais manhã que não me visse acordar e tocar o interfone para o adorado porteiro Alves para perguntar se meu carro estava na garagem.

Não fazia nem sequer sentido fingir para os funcionários ou os vizinhos que eu levava uma vida normal.

Numa das minhas últimas grandes bebedeiras, dirigi completamente atrapalhada até o portão do prédio, puxei o freio de mão e desmaiei ali mesmo, rosto pregado no volante. Não fosse o Alves ter vindo galantemente me acudir e recolocar o carro na vaga, talvez tivesse sido o guincho a me levar embora. A lembrança até hoje me causa calafrios.

Hoje sei que era de conhecimento geral da nação o que rolava lá em casa. Apesar do tratamento mais do que acolhedor que o Codorna e o Ricardo, respectivamente funcionário e proprietário da padaria Beija-Flor, vizinha ao meu prédio, sempre me reservaram, não há como me iludir de que eles não soubessem que a moradora da unidade 61 do edifício Sônia estava completamente fora de controle.

Em nome de certo decoro, eu ainda fazia questão de dissimular. Pedia um litro de leite e dois filões de pão para acompanhar o restante da encomenda, que constava basicamente de pacotes de Marlboro caixinha e galões de Johnnie Walker. E todo mundo fingia que acreditava que eu não tinha ido até a padaria só para suprir o estoque de nicotina e de álcool.

Uma vizinha, artista plástica e colega da Folha, “figuríssima” e minha companheira de balada, não teve a mesma sorte que eu. Quase todo sábado ela empurrava com o cotovelo a porta de ferro da padaria antes mesmo do horário da abertura (!) para fazer o seu pedido: um litro de leite, meia dúzia de pãezinhos, uma garrafa de Smirnoff e uma provisão de Marlboro. Até que um dia, o senhorzinho da padaria disse a ela: “Olha só, dona Helena, por que a senhora não pede só a vodca e o cigarro? A gente já se conhece há tantos anos”.

Outro amigo, praticamente meu *brother*, o Conrado, costumava esconder as garrafas vazias da empregada, a Luzia, que era uma fera. Um dia fui visitá-lo, ele estava me esperando. Quando anunciei meu nome na entrada, o porteiro disse que o sr. Conrado não estava, tinha ido viajar.

“Como assim?”, devolvi.

“Bem, ele acabou de sair com uma mala”, respondeu o porteiro.

Uma mala, sei…

Que viagem coisa nenhuma. Ele guardava todas as garrafas vazias numa enorme mala e de quando em quando a levava para fazer a desova do vasilhame numa caçamba da esquina. Todo um malabarismo para a Luzia não ver.

Minha funcionária, a Claudinha, também não tinha nenhuma ilusão. Especialmente na fase final da minha bebedeira, em que ela acorria a todos os membros do templo evangélico que frequenta para que rezassem por mim. Ela relembra que tinha de esfregar com água e detergente o entorno do canto em que eu trabalhava ao computador para tirar o amarelado da nicotina impregnada no teclado e nas paredes ao redor. E nunca se esqueceu da conta da padaria, que todos os meses batia na casa dos mil reais!

Anote aí, porque isso é condição fundamental: a força de tanta gente que gosta de mim foi essencial na minha recuperação. Sem amor e apoio, sem a paciência de quem torce pela gente, não existe terreno possível de onde escavar a motivação de que qualquer dependente necessita para buscar outra forma – menos tumultuada – de viver.

Colunista da *Folha*

Sou muito rabuda. Sabe rabuda tipo o Gastão, primo sortudo do Pato Donald? Esse é o meu naipe de sorte.

Sei que não parece bem assim para quem me vê a frio. Não sou linda nem magra, muito menos sedutora. Hoje, nem mais "Barbara, a lésbica" eu sou. Pessoal agora me vê como "Barbara, a veia". Diria que tenho cara de Muppet.

Acontece que, por dentro e pras minhas negas, eu sou um raio de sol. Não destrato o meu carma, mimo a minha sorte de tudo que é jeito, e, assim – não sei explicar se isso tem a ver –, as melhores coisas parecem sempre reservadas para mim.

Duvida? Então saca só como me tornei jornalista.

Eu tinha uns 22 ou 23 anos e tudo caminhava para que eu me tornasse Barbara G., drogada, prostituída e assaltante de banco – ou quem sabe até pior. Quando me perguntavam (meu pai, dia sim, dia não) sobre meus planos para o futuro, não me acanhava em dizer em voz alta que minha intenção era passar o maior tempo possível na horizontal. Quando algum amigo da família perguntava o que eu fazia, dizia na maior caradura que era piloto de provas de uma fábrica de colchões.

Eu achava graça no meu jeito traquinas de ser, ainda que minha vagabundagem já começasse a incomodar até a mim mesma.

Foi quando um anjo alado chamado Antonio Bivar, dramaturgo e escritor, caiu de uma nuvem para me salvar.

Para ser sincera, até então eu não gostava de jornalistas. Quando meu professor de Literatura no colégio inglês insistiu para que eu me candidatasse a um estágio no jornal de uma

cidade do interior da Inglaterra (sabiamente, lá eles não têm curso superior de jornalismo), passei a evitá-lo como o chifrudo evita a água benta. Na minha visão estreita de mundo, existiam motivos palpáveis para não ir com os cornos da profissão que, já naquela época, mostrava ser a minha vocação.

Meu pai corria de automóvel ao menos um fim de semana por mês em Interlagos, circuito que ele ajudou a modernizar. Desde pequena, eu ia junto. Minha mãe coordenava os trabalhos, e era tão cativante que os mecânicos acatavam sorrindo tudo o que ela dizia. Minha irmã, a que menos gosta de velocidade na família (Kika nunca recebeu uma multa nem nunca engatou a quinta marcha por medo de que o carro saísse em disparada), fazia com grande competência as vezes de cronometrista.

E meu irmão ficava para lá e para cá, cheio de graxa nas mãos, nas roupas e no rosto, descabelado, discutindo muito com um e com outro. Ninguém nunca soube me explicar qual atividade ele desempenhava com tanto dispêndio de energia, mas fato é que, tirando a graxa, até hoje ele anda metido em corridas e zanzando para cima e para baixo pelas pistas do planeta. Eu ficava ali encolhida, odiando o barulho e espiando tudo. Na segunda-feira, quando víamos os jornais, eles haviam distorcido tudo o que eu presenciara bem diante dos meus olhos. Ao menos essa era a minha impressão.

Mesmo tendo editado a revista da escola, *The Paulean*, durante alguns anos e produzido a maior quantidade de fotos que nela apareciam, eu não me via jornalista. Talvez me sentisse melhor na pele de fotógrafa. Tirava mais de quinhentas fotos por semana, tinha aula de fotografia com Maureen Bissilliat e Cristiano Mascaro numa escola chamada Enfoco, comprava filme por rolo e vendia minhas fotos (que eu saiba, nunca nenhuma foi publicada) para a *National Geographic* e o Image Bank.

Daí aconteceu que a Kika foi morar em Nova York e virou uma dessas *socialites* que, na época, brilhavam em colunas de jornal e páginas cintilantes de revistas só pelo fato de existir. Hoje, as *socialites* transferiram residência para o Instagram, mas

basicamente a atividade delas continua a mesma. São garotas charmosas que despertam atenção pelo tipo de vida que levam.

Kika tinha um vidão em NYC. Morava com uma amiga na 5a Avenida, no Upper East Side – lógico –, trabalhava com moda de dia e à noite podia ser encontrada na companhia de Andy Warhol, Bianca Jagger, Halston, Carmen d'Alessio, Liza Minelli, Oscar de la Renta e comparsas chacoalhando o esqueleto no Studio 54, inferninho que fez história nos anos 1970.

Eu, com meu jeito nerd de ser, morava com meus pais em São Paulo e jogava golfe, muito pê da vida por ter voltado na marra da Inglaterra, onde deixara minha primeira namorada.

No Brasil, o editor Claudio Schleder lançava a versão brasileira da revista *Interview*, publicação de veia artística criada por Andy Warhol nos Estados Unidos.

Lá pela décima edição, recebo um telefonema do Antonio Bivar, em nome da *Interview* tapuia, dizendo que queria me entrevistar. "Ué, me entrevistar por quê? O que foi que eu fiz que ninguém me contou?"

Bivar foi franco, disse que eu era a irmã "diferentona" da *socialite* e que isso podia "dar caldo" na revista. Talvez tenha sido a sua candura que me fez aceitar tomar um café com ele. Lembro que chegou à casa dos meus pais segurando um guarda-chuva. Mandei que ele o deixasse na entrada, falei que ia buscar um papel e uma caneta e já voltava. Ele não entendeu direito o que estava acontecendo. Voltei armada de um bloquinho e um lápis: "Olha, você fica aí sentado que eu vou escrevendo aqui as perguntas e as respostas da sua entrevista comigo". Camarada experiente e super-humorado, Bivar achou graça na minha autossuficiência e deu corda.

Em dois tempos, preenchi várias folhas e entreguei ao meu entrevistador. Ele leu de cabo a rabo ali na minha frente. Quando terminou, levantou os olhos e disse: "Em duas semanas começo a trabalhar numa revista nova, chamada *Gallery Around*, você quer vir comigo?".

Veja bem: por mais que eu encarasse meu ócio como ofício, tinha de concordar que o nome do que me fora então oferecido era trabalho, e isso era tudo de que eu precisava para dar um

tempo nas cobranças paternas. Também suspeitei que aquilo poderia ser divertido.

Virei colunista colaboradora da revista de Joyce Pascowitch. Dei ao meu primeiro texto publicado o título de “W.C.”. Falava sobre as delícias da privacidade que o banheiro oferece. Estampada acima do título, só para confundir, não quis uma foto minha. Só o Bivar riu quando mostrei a foto que queria ver na coluna: era da escritora rococó Barbara Cartland, que naquele tempo ainda se destacava por escrever melífluas novelas femininas e não por ser mãe da madrasta da princesa Diana.

Fui ficando na revista e escrevendo uma besteira atrás da outra até que… Bem, minha querida amiga Claudia Matarazzo, que nasceu no mesmo quarto que eu no defunto hospital Matarazzo, da alameda Rio Claro, vizinha à avenida Paulista, começou a namorar (veja como é a vida) o Ruy Castro. Ele, por sua vez, tinha sido uma das estreladas contratações da *Folha de S.Paulo* na gestão que se iniciava, a de Otavio Frias Filho, que mudou os rumos do jornalismo brasileiro. Ruy disse para a Claudia que a Folha estava precisando de novos talentos. Ela então começou uma campanha para que ele apresentasse na redação o nome da sua talentosa amiga Barbara.

“Manda seus artigos para ele, não seja preguiçosa”, incentivava Claudia, e eu nunca achava tempo para enviar. Ainda tenho vontade de cortar os pulsos e sair correndo, gritando e esfregando o sangue pelo corpo quando penso nas numerosas oportunidades perdidas por: a) inércia, b) ressaca ou c) alienação.

Foi de tanto a Claudia insistir que um dia acabei encontrando o Ruy Castro pessoalmente e dando a ele um recorte de papel picotado com um original da minha coluna da revista. Ele leu, gostou e indicou o meu nome ao Caio Túlio Costa e ao Matinas Suzuki Jr., secretários de redação na época áurea da Folha que se iniciava, quando os jornalistas ainda faziam barulho, eram lidos, comentados, ditavam moda e davam furos sensacionais. Hoje é tudo bem mais difícil, prestígio e peso são duas coisas que não caminham mais necessariamente juntas. Na minha modestíssima opinião, a Folha ainda leva a dianteira porque,

depois de se modernizar, soube se manter em compasso com as exigências do nosso tempo.

Durante quinze anos, publiquei uma coluna na última página da “Revista da Folha”, chamada “Barbara Responde”, em que dava às perguntas estapafúrdias dos leitores as respostas mais absurdas possíveis. A inspiração da coluna foi minha: sempre fui fã da seção “cartas do leitor”. Eu era aquela criança que semanalmente escrevia para alguma publicação: uma contestadora em gestação. Por muitos anos, troquei correspondência com o veterinário responsável pela coluna de cães da revista italiana *Corriere dei Piccoli*, uma publicação juvenil nos moldes da *Spirou* francesa. Aos 15 anos, uma carta minha foi publicada na revista *Time*. E sempre me encantou aquela coluna “Dear Abby”, que saía em dezenas de jornais americanos desde os anos 1960. Só que a Abby das respostas era uma senhorinha de extremo bom senso, que tratava de assuntos delicados e era levada muito a sério.

Já eu… queria fazer algo novo e bem-humorado, algo que não coubesse nas fronteiras delimitadas pelos confins impostos às colunas daquela época. E, como sempre havia me ressentido da falta de habilidade do leitor em distinguir ironia de agressão, resolvi fazer algo bem explícito, que servisse como crítica e exercício forçado de humildade. O Paulo Francis tinha toda razão quando dizia que quem escreve para jornal ou revista não bate bem da moleira. Propus ao Caio Túlio que fizéssemos uma coluna nos moldes da “Dear Abby”, só que as perguntas teriam de ser bizarras e as respostas, devastadoras. Para ditar o tom, Caio propôs que eu pedisse a gente famosa para escrever as primeiras perguntas. Eu disse que eu mesma poderia bolar as perguntas e as respostas, e ele me proibiu: “Você não”, decretou, lembrando que, na redação, meus bilhetes de amigo secreto eram tão autorais que todo mundo descobria em dois minutos que eu os tinha escrito.

A brincadeira pegou, e em pouco tempo passei a receber cartas que diziam coisas como: “Olá, meu nome é tal de tal, estudo na 6a série A do colégio tal de tal e acho que sou gay”. O meu passado de criança indomável me dizia que aquele tipo de

missiva só podia ter sido perpetrada como trote pelos amiguinhos do suposto autor da carta.

Sei que a coisa evoluiu a tal ponto que a coluna passou a ser a mais lida do jornal aos domingos, o dia de maior vendagem. No auge, eu recebia cerca de 100 cartas por dia. Adquiri tamanho treino que raramente alguém me passava a perna com alguma pergunta-pegadinha. E o desafio era este: ser mais espertinho do que a resposta que eu pudesse dar. Uma vez que caí foi quando me fizeram a pergunta: “Por que urso-polar não come pinguim?”. Aquilo ficou entalado até hoje. A resposta certa para essa pergunta é bastante simples: “Porque um mora no Polo Norte e o outro, no Polo Sul”. Sem entender o raciocínio, dei alguma outra resposta engraçadinha. A repercussão de gente “tirando uma onda” da minha cara foi tão imensa que passei a estudar todas as perguntas como se participasse de uma caça ao tesouro ou uma gincana. A cada semana, quanto mais eu destruía o leitor nas minhas respostas, mais a molecada se empolgava para me escrever.

Um dia um garoto me enviou uma pergunta dizendo que os pais iam viajar e ele teria de ficar na companhia do irmão menor e da avó, a quem detestava profundamente. Respondi alguma coisa nesse tom: “Ora, garoto, tem coisa muito pior, se dê por contente que seus pais não mandaram você para o internato dos salesianos em Campinas”. Note que minha mãe foi a mais fervorosa devota de Dom Bosco, o patrono dos salesianos, padre italiano de uma bondade ímpar que foi santificado e e é respeitado pela maioria dos turineses. Os salesianos de Campinas mantiveram um internato que aterrorizou o imaginário da minha geração. Sempre que um adolescente aprontava, os pais diziam: “Vamos mandar você para os salesianos de Campinas”.

Muito bem. Passa um ou dois meses dessa minha inocente resposta, e o departamento jurídico da Folha me envia a informação de que eu estava sendo processada por calúnia pelos salesianos. Acredite se quiser, fui condenada pela Justiça, e a Folha teve de se retratar e pagar uma indenização de muitas cestas básicas. E eu, que imaginava que os salesianos de

Campinas tinham mais a fazer do que se ater a idiossincrasias, descobri que, em vez de se recolher em oração ou ajudar ao próximo, eles passavam o domingo lendo a minha coluna.

Tive dezenas de processos na Folha, e o jornal sempre ficou ao meu lado. Fui processada por gente como o legista Badan Palhares, a deputada Heloísa Helena e um prefeito do Guarujá de quem não me recordo o nome. Só do Paulo Maluf foram oito processos, sem contar aquelas tentativas que acabaram rejeitadas pelo juiz e que facilmente triplicariam essa conta. Hoje condenado pela Justiça, Maluf foi o primeiro a usar um trunfo que viraria uma pedra no sapato da liberdade de expressão no país: em vez de processar a Folha de S.Paulo, como era praxe, ele passou a me acionar pessoalmente.

O político símbolo da roubalheira em obras viárias de São Paulo – a quem eu na infância costumava chamar de “tio Paulo” por ser amigo dos meus pais e frequentador da chamada “alta sociedade paulistana” – conseguiu uma vitória, que aceito de cabeça baixa, uma vez que decisão de juiz não se contesta. Apesar disso, sei que não cometi injustiça. Tinha informações de bastidor que não puderam ser utilizadas na época.

Durante meses, dediquei algumas poucas linhas da minha outra coluna na *Folha*, mais séria, publicada às quartas e às sextas-feiras no caderno “Cotidiano”, para perguntar quando Maluf apresentaria o resultado do exame de DNA que esclareceria a denúncia da filha de um segurança que trabalhava para ele, que alegava ser o político o pai de seu filho recém-nascido. A moça era menor de idade, e o caso gerou uma barulheira. Maluf levou meses para produzir o atestado dizendo que não era o pai da criança. E eu me estrepei apenas por repetir semanalmente a pergunta: “Dr. Paulo, quando é que o senhor vai nos mostrar o resultado do exame de DNA?”.

Foram vários os casos em que causei comoção na cidade.

Uma das mais divertidas foi quando o filho da ministra Dorothea Werneck, dos governos Collor e FHC, entrou em primeiro lugar em três universidades: PUC-Rio, UnB e Unicamp, respectivamente em ciências exatas, física e computação. Por conta do feito, foi entrevistado nas prestigiosas páginas amarelas

da *Veja*, onde, entre outras barbaridades, disse que “Picasso é só rabisco” e que “Não há diferença entre o desenho de uma criança e um quadro de Miró”.

Diante do despautério, escrevi um texto ponderando o seguinte: “Se o primeiro colocado em vestibulares tão bem cotados exibe esse nível de ignorância, imagine o que passa pela cabeça do 45º colocado da FMU”.

No dia seguinte à publicação dessa minha coluna, bem cedo, recebo um telefonema da então editora do caderno “Cotidiano”, Suzana Singer, que depois virou *ombudsman*, uma das melhores profissionais com quem já trabalhei: “Não venha para a Folha hoje sob hipótese nenhuma”. Cruzes, mas o que houve? Será que descobriram que sou uma fraude e não me querem mais?

Suzana prosseguiu: “Deve ter umas oitenta pessoas aqui na frente do jornal, gritando, com cartazes na mão e chamando você das piores coisas”.

“Mas quem são e o que querem?”, perguntei, no sufoco.

“São alunos da FMU e trouxeram a 45a colocada no vestibular da universidade; estão aqui protestando e exigindo que você se apresente.”

Deu reportagem na *Folha* do dia seguinte. E eu tirei o dia de folga.

São tantas as histórias… Eu realmente me diverti horrores ao longo dos meus 32 anos no jornal. Nós que trabalhamos naquela época na Folha não nos dávamos conta do quanto éramos privilegiados. Fazer parte da melhor e mais dinâmica redação do país foi o mesmo que tirar a sorte grande.

Eu ganhei a Copa do Mundo

Pode ser, dileto leitor, que você não tenha sido informado, mas é forçoso que saiba de uma coisa fundamental a meu respeito.

Eu, Barbara Maria Vallarino Gancia, brasileira, nascida em São Paulo, capital, em 10/10/1957, ganhei a Copa do Mundo de 1994.

Isso mesmo. Ganhei a Copa. Não fiz isso sozinha, por certo. O Romário ajudou bastante.

E nem sou eu quem diz. Foi o Parreira, num dos primeiros telefonemas dados assim que fincou pé em solo brasileiro após a conquista do tetra.

Uma ressalva antes de fazer um *flashback* desse dia de glória da chegada da Seleção ao Brasil trazendo a taça, com direito às saudações de Romário pela janela do cockpit do avião, assim que a Seleção aterrissou neste Brasilzão de meu Deus.

Veja só: a partir de 2002 e ao longo da década que se seguiu, apresentei um programa chamado *Dois na Bola*, com o Silvio Luiz, no canal de TV paga BandSports. Tratávamos de todos os esportes. Adoro tênis, golfe, automobilismo, atletismo, Jogos Olímpicos em geral, então apelava para meus conhecimentos prévios, me virava ou ia pesquisar. Não tenho a menor afinidade com futebol, nunca joguei, só me interessam o Santos e a Seleção sob o aspecto comportamental, afetivo e humano. Quem falava sobre esse assunto no programa era, lógico, o *expert*, meu *partner* Silvio Luiz.

Só que, por falta de entender que o nome do programa era uma referência ao título do disco de Elis Regina e Jair Rodrigues chamado *Dois na Bossa* – e também pelo fato de eu ser

pansexual, não tenho dúvida –, o pessoal acha que entendo de futebol. Nada mais equivocado. Nunca fui do futebol, não tenho a menor paciência para aquela empolgação toda nem sei dizer quando é falta ou impedimento. Sempre acho que o juiz está fazendo mau juízo das intenções do jogador quando marca falta.

Mas, porque me especializo em discorrer sobre o comportamento humano, acabei destacada pelo meu editor na Folha à época, Matinas Suzuki Jr., para cobrir diversos eventos com os quais não tenho a menor intimidade: a Festa do Peão de Barretos (da qual acabei sendo resgatada da morte por um querido amigo, o fotógrafo Marcos Rosa, que trabalhava na Veja. Ele me agarrou pelo braço e me alçou do picadeiro quando me joguei lá dentro para correr atrás dos touros, empolgada que estava depois de tomar todas no camarote da Brahma); a final do Campeonato Brasileiro, entre Corinthians e Palmeiras, que foi jogada em Ribeirão Preto, porque os estádios da capital estavam impraticáveis; e até um amistoso entre Brasil e Argentina, disputado em março de 1994, a poucos meses do início da Copa.

Lembro que havia uma baita crise política na época. Brasília, para variar, estava pegando fogo. Ao mesmo tempo, o Brasil inteirinho, em uníssono, resolveu encrencar com o Carlos Alberto Parreira.

Naquele março de 1994, eu estava na cabine do estádio, ao lado do Osmar Santos – que tinha feito a gentileza de me acomodar num lugar melhor do que a minha credencial permitia –, na hora em que a Seleção entrou em campo.

Quando jogadores e técnico se apresentaram para a partida, o público se uniu e começou a gritar em coro contra a figura de Parreira: “Burro! Burro! Burro!”. Por um momento que me pareceu interminável, a gritaria chegava a abafar os microfones: “Burro! Burro! Burro!” Aquela unanimidade raivosa me intrigou. Não costumo prestar atenção no futebol, minha matéria-prima é gente – e as coisas estúpidas que as pessoas fazem sem se dar conta. É dessa fonte que extraio o meu ganha-pão.

Voltei para São Paulo e tomei pé da situação: não havia nenhum cronista esportivo, nenhunzinho da silva, que estivesse contente com o desempenho do técnico. O público, então, estava

possesso. Todos achavam que o Brasil havia perdido a alegria de jogar, que Parreira sufocava o estilo dos brasileiros e impunha uma lógica burocrática que se sobrepunha ao talento dos nossos craques, que tecnicamente estava tudo errado, enfim. Carlos Alberto Parreira não podia contar com uma só pessoa para defender a sua estratégia.

De minha parte, eu achava aquilo estranho. Mesmo sem saber julgar se as pessoas estavam certas ou erradas, algo me parecia fora de esquadro. Quando via Parreira dando declaração na TV, ele passava a impressão de homem de respeito, sensato, sério, sóbrio e dedicado.

Cheguei à conclusão de que as pessoas estavam reagindo aos resultados mornos apresentados pela Seleção nas eliminatórias para a Copa dos EUA com emoção demais e zero de razão.

Resolvi escrever uma coluna defendendo Parreira. Disse que, se o futebol é assunto sobre o qual crianças e adultos são capazes de discutir em pé de igualdade, não pode ser levado tão a sério e que, portanto, nada justificava toda aquela agressividade em relação ao treinador.

A coluna deu o que falar. Caio Túlio inventou de me atiçar. Graças a Deus, diga-se, porque o seu apoio foi essencial nessa história – e em muitas outras ao longo da minha carreira na Folha. Ele já tinha sido secretário de redação e *ombudsman* do jornal quando lançou a “Revista da Folha”, um ano antes de assumir a direção-geral do UOL, que ajudou a fundar em abril de 1996.

Naquela época, a redação da revista ficava no 9º andar; a do jornal, no 4º. Pois bem. Eu descia para escrever minha coluna no computador da editoria do caderno “Cotidiano” e o Caio vinha atrás. “Escreve aí sobre o Parreira, vamos, escreve”. Eu poderia ter dito que não escreveria. Ele não tinha autoridade sobre mim, pois eu atuava para outra editoria, e estava ali mais como o grande amigo que acabou sendo na minha vida. Além do mais, nenhum editor pode interferir no que o colunista escreve. Ele tem, sim, o poder de vetar alguma coluna, na maioria das vezes para evitar que o jornal seja processado ou que se publique uma

informação errada. Mas dar palpite no que o colunista escreve não é assunto da direção do jornal.

Mesmo assim, ele descia atrás de mim e ficava cutucando a onça com vara curta. Me dava a maior força para defender o Parreira e ainda sugeria: “Escreve aí: recorte e guarde esta coluna…”. E eu, que gosto de ser testada, escrevia. Até o dia em que me empolguei e comecei a dizer que o Brasil ia ganhar a Copa, que os cronistas e os subcronistas de futebol eram uma gente infantilizada que torcia mais do que analisava.

A coisa foi num crescendo até a Copa estrear. Daí em diante, me mantive firme em cima da corda bamba. A cada jogo do Brasil, uma nova coluna: “Recorte e guarde esta coluna, o Brasil vai ganhar a Copa”.

Vieram os pênaltis na final contra a Itália. Eu assistia ao jogo com meu “chapa” Rogério Fasano, que fechara o restaurante Gero especialmente para acompanhar o jogo entre o país dos nossos antepassados e nosso país de adoção, ou melhor, o nosso país, junto dos amigos mais próximos.

Na hora dos pênaltis, não consegui olhar. Fui para o toalete feminino e quase enfiei a cabeça na privada. *Minha carreira acabou*, pensei. O resultado foi aquele que sabemos: 3 a 2 para o Brasil e a quinta estrela na camisa da nossa Seleção.

No dia seguinte, já entrei pela porta da redação da “Revista da Folha” cagando regra sobre a vitória do Brasil. Estava feliz da vida e, junto com os colegas que tinham sofrido comigo, assisti ao pinga-pinga triunfal da chegada do avião que trazia a Seleção de volta, parando em todas as capitais que encontrou na sua rota.

Devia ser pouco depois das 16 horas quando o telefone tocou. Atendi e a voz do outro lado disse: “Boa tarde, posso falar com a Barbara?”. Perguntei quem era e a pessoa disse pausadamente: “Carlos Alberto Parreira”. Ah tá. Respondi que eu era a rainha da Inglaterra e ele se apressou em dizer: “Não desliga, a CBF te escreveu uma carta a meu pedido e…”.

De fato, eu tinha recebido uma carta da CBF agradecendo a força. Mas não era possível que aquele sujeito ao telefone fosse o Parreira. Aquele mesmo que no dia anterior tinha conseguido a

façanha de ganhar a Copa do Mundo? Como poderia me ligar se tinha acabado de chegar em casa depois de mais de mês longe?

“Você recebeu a carta que eu lhe mandei, não recebeu?”, perguntou. Mudando de tom para um bem menos pernóstico, respondi que sim.

Era mesmo o Parreira! Coloquei a mão sobre o bocal do telefone e gritei para toda a redação ouvir: “Gente, é o Parreira!”. O povo se juntou ao meu redor; Caio Túlio era o mais exaltado. “Estou ligando para agradecer o seu apoio”, prosseguiu. “Você foi a única jornalista do país, a única”, enfatizou, “que acreditou na gente”. Meu coração anunciou com um espasmo que estava prestes a explodir. “Queria te dizer que eu lia seus textos nas preleções dos jogos e que você nos ajudou a ganhar a Copa do Mundo.”

Pela primeira vez na vida, emudeci. A ficha caiu de forma inequívoca: *eu ganhei a Copa do Mundo de 1994*. Junto com o Romário, o Mauro Silva, o Cafu, o Raí, o Parreira e o resto do pessoal. Caio Túlio cochichou no meu ouvido: “Pede para ele te convidar para ir ao Rio, diz que quer entrevistá-lo”. Ainda meio abobalhada, fiz como o chefe mandou e na quarta-feira já estava apertando a mão do técnico e posando com ele e a medalha de ouro para a foto que aparece neste livro.

No domingo seguinte, assinei a matéria de capa da revista, uma exclusiva com o Parreira. Até hoje o pessoal me para na rua e diz que recortou e guardou as colunas petulantes que escrevi naquele período.

“Caixão lacrado”

Imagino que haja várias quebradas em cada uma das capitais brasileiras conhecidas pela alcunha de “buraco quente”, em referência a pontos de venda de drogas.

O meu ficava perto de casa, na região do aeroporto de Congonhas, e era comandado por um traficante que tinha a expressão do quadro “O grito”, de Edvard Munch. Eu o cruzava uma ou duas vezes ao mês e a cada encontro percebia que ele estava entre um dia ruim e outro pior ainda.

Chumbinho era ardido. Não levava desaforo para casa e não tinha a menor abertura para sarcasmos ou trocadilhos que abundam em minha maneira de me comunicar. Quase toda vez que o encontrava, no *point* da entrada da favela, eu sempre cheia de gás, lógico, caso contrário não me passaria pela cabeça ficar dando sopa naquele lugar de serenidade improvável no meio da madrugada, sentia que nossa conversa poderia terminar com uma “azeitona” estalada no meio dos meus olhos.

Já faz uns vinte anos que não o vejo; de lá pra cá, o asfalto atropelou a favela, e a população que ocupava o espaço foi removida para bem longe, como sempre acontece no caos da falta de planejamento urbano das nossas cidades. Apostaria um picolé de limão como Chumbinho se afogou nos números da violência que assola o país, “tá tudo dominado”.

E não me venha dizer que sou eu, burguesinha do Jardim Paulista, a culpada pela sorte dos pobres coitados que se veem fisgados para dentro do tráfico de drogas. Sim, eu fiz parte da demanda sem a qual não haveria comércio de substâncias ilícitas. Mas são as políticas fracassadas que vêm desde os anos

1930 as responsáveis pelo sangue derramado, não a minha condição humana, mais do que humana, de ser chamada a lidar com as angústias advindas da modernidade e do materialismo que me faz ansiar pelo entorpecimento. Não aceito que se jogue a culpa por mais essa desgraça nacional sobre a minha cabeça.

Se a política em relação às drogas fizesse algum sentido, se tivesse encaminhado a questão para algum tipo de alento, eu não teria recorrido ao comércio ilícito.

O meu anseio, e imagino que o de muitos jovens que buscam drogas na favela (porque isso é uma das coisas que os jovens fazem, muitas vezes sem maiores consequências), teria sido encarado como assunto pertinente à área da Saúde Pública, não matéria que integra a esfera criminal.

O fato de eu não vestir as sandálias da humildade naquilo que me diz respeito na questão das políticas públicas de segurança não me isenta de culpa na esfera pessoal. Não por consumir drogas ilegais – mesmo porque o fumo da favela costuma ser bosta de vaca comprimida, e a farinha, um composto de bicarbonato, anfetamina e laxantes, ambos bastante inofensivos para estômagos de cabra como o meu –, mas, sim, por minha presença num local de alta periculosidade no meio da madrugada só mostrar quanto fui capaz de “sair de giro” quando bebia além da conta.

Nunca, nem sequer por curiosidade, me passaria pela cabeça comprar cocaína para uso recreativo. Odeio a sensação causada pelo “demônio ralado”. E muito menos me passaria pela cachola arriscar a vida a troco de nada.

Mas a euforia que a alteração de humor me proporcionava era mais forte do que tudo. Não à toa, a impulsividade que cresceu de maneira exponencial junto ao consumo de tudo o que me tirasse do enfado habitual a que o ser humano é obrigado a sucumbir me colocou no papel da pessoa da turma que é capaz de qualquer coisa.

Francesca, italiana ponta firme, cavalo raçudo que muitas vezes me mostrou o caminho das pedras no que diz respeito à política e à filosofia, até hoje se mantém firme no posto de minha melhor amiga da vida.

Foi ela a primeira a saber quando eu resolvi transar com meu namorado igualmente virgem aos 16 anos, na virada do ano de 1976; era ela quem me acudia quando eu metia os dois pés na jaca, como na vez em que beijei a festa inteira em um aniversário em que o irmão do namorado supracitado estava presente; foi ela que me escreveu quando fui estudar no Canadá para relatar que a coisa aqui estava preta e que o Vladimir Herzog tinha morrido nas dependências do DOI-CODI em São Paulo. E era para ela que eu perguntava o significado de palavras como "dialética" e "etnografia", posto que, não por acaso, Francesca fora a primeira da classe e capitã do time de esportes na escola e já estava inscrita na faculdade de sociologia da USP, enquanto eu ainda terminava o segundo grau.

A Francesca foi a primeira das minhas amigas a morar sozinha. Seus pais resolveram voltar para a Itália depois que o pai dela se aposentou do laboratório De Angelis e a deixaram muito bem instalada em um apartamento na esquina da rua Juquiá com a alameda Gabriel Monteiro da Silva, no Jardim Paulistano, a dois passos da escola em que estudamos a vida inteira e na qual ela passou a lecionar.

Quem a vê hoje, em sua elegância minimalista *ton sur ton* não teria como imaginar que Francesca havia sido aquele tipo de universitária com um pôster de Gramsci colado na porta do quarto e larga militância em agremiações estudantis nos tempos da ditadura militar. Inclusive hospedando um exilado político entre seus lençóis no retorno do cidadão ao país, depois de um exílio sem tomar banho nem ir ao dentista durante muito tempo. Ou assim me parecia na época.

O pouco de educação política que desenvolvi na juventude foi graças à Francesca, embora hoje eu me refira a ela como a primeira comunista consumista que conheci.

Mas quem sou eu para falar? Francesca responderia que isso é bobagem e que Enrico Berlinguer, chefe do outrora importantíssimo Partido Comunista italiano, era um marquês que andava de Rolls-Royce.

Minha amiga sempre foi mais estudiosa, mais disciplinada na escola e nos esportes (joga tênis um zilhão de vezes melhor do

que eu; golfe idem) e nunca chegou nem perto dos meus feitos que dizem respeito ao grau de transgressão resultante do consumo de substâncias entorpecentes.

Ela foi viver em Miami com o marido e os dois filhos depois de longa temporada morando em Buenos Aires por causa do trabalho dele, que era CEO de uma grande corporação norte-americana.

A última vez em que nos vimos antes de eu começar a escrever este livro foi nas Olimpíadas do Rio de Janeiro, em agosto de 2016.

Naquela noite, Usain Bolt conquistaria a medalha de ouro nos 100 metros rasos e eu estaria na arquibancada do Engenhão vibrando.

Nós nos encontramos de tarde, saímos andando pelo Leblon e entramos num restaurante desses de bairro. O garçom nem bem tinha colocado a manteiga e o pãozinho do *couvert* na mesa, e a Francesca já estava relembrando uma sua célebre profecia não realizada. Pela graça de Nosso Senhor Jesus Cristo.

“Você lembra, Barbara, que eu dizia que você ia terminar num caixão lacrado?”

Ora, claro que eu lembrava. Como poderia esquecer diante da quantidade de vezes que ela repetiu essa previsão sobre o encerramento com chave de ouro de minha missão na Terra, inclusive para terceiros?

Francesca enfiara na cabeça que eu ia morrer de forma violenta: numa briga, num acidente de automóvel ou caindo pelada do topo de um prédio depois de um mergulho na piscina da cobertura de algum mafioso siciliano. Ou algo que o valha, nem sei.

Não via como eu escaparia de um destino trágico que me transformasse num “presunto” tão dilacerado que não pudesse ser velado num caixão aberto como a maioria dos corpos.

No entanto…

“Veja como são as coisas”, ponderou, entre uma garfada e outra da “feijuca” que tanto ama. “Você está prestes a completar 60 anos e não só a profecia não se cumpriu, como você não

bebe mais, não fuma e está casada com uma executiva com dois filhos criados de maneira tradicional, formando uma grande família moderna.”

“Pois é, Franfra”, respondi. “Periga eu morrer de velha, dormindo, daqui a muitos anos.”

Que papo de caixão lacrado é esse, “mermã”?

A dádiva da persistência

Já faz mais de década que não bebo e não cogito algum tipo de maquinação que me faria reverter para meus métodos antigos. Nada me animaria a voltar para aquela rotina de desespero. Parar foi um processo dolorido demais para arriscar comprometer tantos anos de progresso.

A vida que levo hoje me mostra a cada momento como é mais interessante estar aqui, processando as mazelas do dia a dia, do que com o cérebro mergulhado numa garrafa e alheio à passagem do tempo.

Vivo à procura do tempo perdido. Sei que consegui um feito que para muita gente é inatingível e me dou conta de que houve fatores determinantes para que eu sobrevivesse até aqui.

Família é componente importante para alcançar o sucesso no tratamento. Ela funciona como *network*, uma rede em que cada membro está interligado. Nesse contexto, os integrantes da família podem agir de modo que reforce o uso de substâncias pelo dependente. Os comportamentos facilitadores são muito perigosos.

Deixar estar é puro desconhecimento do mal da dependência: “Se ele quer se matar, problema dele, foi sua escolha”. Não, não e não.

Não me contaram, eu vivi: quem mergulha na dependência não tem escolha própria. Depois de certo ponto, são as células programadas para receber cada vez mais álcool, ou seja lá qual for a droga, que dão as cartas. O codependente faz parte do problema. É muito comum o camarada que parou depois de muitos anos bebendo terminar seu relacionamento com aquela

“amélia” submissa e devotada que aguentava suas malcriações e lhe dedicava cuidados especiais.

Na minha família, nunca existiu essa mãe generosa que estocava o bar de bebidas ou o pai que dava festas de aniversário regadas a bebidas alcoólicas para menores.

No fim das contas, encaro como persistência amorosa o braço forte deles a cada embate, a cada vez que eu saía do controle.

Por mais que nosso contato fosse atribulado e menos frequente depois que saí de casa, eles nunca cederam, nunca fecharam os olhos. E nunca me abandonaram. Sei que teria encarado como abandono se eles aceitassem a situação como eu a apresentava. Se por um lado nós vivíamos às turras, por outro eu sabia que tinha na minha família um esteio para todas as horas.

Minha mãe contou-me antes de morrer que a certa altura meu pai especulou a possibilidade de romper relações comigo, como último recurso, já que nada mais havia funcionado. Ela descartou a proposta de imediato, e eu lhe serei eternamente grata por mais essa.

Minha família nunca aprendeu patavina sobre meu problema – nem antes e nem depois de eu parar. Quem se empenhou em resolver minha vida fui eu. Mas, sem o apoio incondicional deles, não sei como teria sido.

Igualmente importante foi a persistência, que até hoje, folgada que sou, não consigo entender de onde tirei. Muitos médicos já me confirmaram que o fato de eu ter interrompido o uso do álcool por períodos extensos ao longo do caminho foi o que evitou que eu desenvolvesse lesões no fígado, no pâncreas, na bexiga e tal. Parava de beber por um ou dois anos e depois recaía…

Essa matemática, no fim das contas, fez com que, nos últimos vinte anos bebendo, eu só conte dez na ativa. Ou seja, todo e qualquer afastamento do copo foi bem-vindo quando visto da minha atual perspectiva.

Mesmo tendo dificuldade em imaginar como seria possível achar graça na vida depois de parar de beber, a saudade que eu

sentia da sobriedade a cada vez que recaía era um indicativo importante de que eu tinha de persistir no propósito.

Foi uma bênção já ter parado de beber quando meu pai adoeceu de Alzheimer. Não gosto nem de pensar em mim chegando alterada para visitá-lo nos quase três anos de entra e sai do hospital, na dor que minha mãe teria experimentado.

Quando ela partiu, eu já não vivia mais no meio-fio do perigo iminente havia tempo. Estava sóbria, estável na minha profissão e acompanhada de uma mulher a quem ela adorava. Lulla descansou em paz, coisa que, aposto uma queijadinha, nunca imaginou que fosse acontecer.

Flashback

Foi meu segundo (e catastrófico) relacionamento com uma mulher. Ela era bem mais velha, estava na vida para dar a volta ao mundo e trazer o troco, e eu ainda agia feito a bobalhona do colégio inglês. Naquela noite, 26/03/1981, ela tinha me largado na calçada do Gallery e ido embora de carro com um dos donos da boate.

Sem ter para onde ir, resolvi afogar as mágoas na casa do meu amigo Rodolfo. Eram 2 horas da manhã e eu virei umas quatro vodcas para dentro; não queria pensar no que estava acontecendo, onde a tal namorada estaria naquele momento.

Bebi o que consegui e resolvi dar a noite por encerrada. Avisei ao Rodolfo que estava indo, e ele não teve nem tempo de me levar até a porta e eu já estava ao volante do meu Fiat 147 subindo a rua Peixoto Gomide, na região central da cidade.

Na esquina da avenida Paulista, a colisão. De uma hora para outra, a via sumiu junto com o retrovisor do carro e as feições do meu rosto.

Sangue jorrando por toda parte, começou a juntar povo, e eu tentando mostrar controle: “Comigo está tudo bem, alguém se machucou?”.

Vindo de não sei onde, um casal gente fina me levou até o Hospital das Clínicas, que ficava próximo. Entrei andando, me mandaram sentar numa maca. Apareceu um enfermeiro com uma prancheta: “Você bebeu? Está de estômago vazio?”. Eu não fazia ideia.

Veio um camarada de cigarro na boca costurar meu braço. Deitei de barriga para cima, ainda sentia o sangue escorrendo do

meu supercílio.

Não sei de onde, surgiu outro paciente do ambulatório. Muito empolgado, com uma faixa enrolada ao redor da cabeça, ele falava pelos cotovelos. Contou-me que estava num baile no centro da cidade e que, de repente, alguém o acusou de roubar um anel. Houve um tumulto e, na fuga, sua orelha foi decepada por um facão.

Ainda estava rindo daquela cena de desenho animado quando meu cunhado e minha irmã, seguidos do meu pai, entraram no pronto-socorro. Assim que me viu, meu pai encostou na parede e começou a deslizar em direção ao chão. Minha mãe entrou logo depois e não se abalou. Estava pronta para uma noite na trincheira. Veio imediatamente segurar minha mão e informar que eu seria operada a poucos quarteirões dali, no hospital Santa Catarina, no qual atuava um dos melhores oftalmologistas do mundo, o dr. Tadeu Cvintal.

Fizemos a transferência de hospital de ambulância e correram comigo. A cirurgia foi mais longa do que o esperado: seis horas de plástica no rosto e mais três tentando consertar o olho.

Levei bastante tempo para voltar da anestesia. Quando entendi o que estava acontecendo, percebi que minha cabeça estava toda enfaixada, como se eu fosse uma múmia. Sem ver nada ao redor, eu só ouvia pessoas com vozes trêmulas falando baixinho e choramingando. Achei melhor ficar quieta na minha.

O dr. Tadeu entrou no quarto para conversar com meus pais. Ninguém percebeu que eu estava consciente. “A operação foi bem, mas ela ainda tem 80% de chance de perder o olho”, disse, com solenidade. “O processo de recuperação vai ser longo.”

Última internação

Primeiro de março de 2007. Indo para a Vila Serena, clínica de reabilitação de bom nome e com vista amena para o Clube de Campo de São Paulo e a represa de Guarapiranga, eu tinha certeza de que ali se encerrava a pior década da minha vida.

Não havia mais como levar adiante aquela rotina de perigo constante e autodegradação. A corda quebrou no telefonema de minha mãe no estúdio de gravação do BandSports.

No dia seguinte, eu já estava a caminho da clínica.

De carona com minha amiga Adriana, cumpri por inércia o ritual de parar em cada bar ao longo do caminho para tomar a derradeira.

A verdade é que vinha gradualmente tomando um bode tão homérico daquela situação toda que já não conseguia entrar no papel da bebum. Não via a hora de voltar a ter algum domínio sobre mim; a fase da busca pela dignidade perdida estava começando.

Em tese, o dia da internação numa clínica que trata a dependência não pode ser de glória. Em geral, quem mais precisa de um lugar desses é quem menos quer ir.

Muitos são coagidos a se internar pelo assistente social das empresas em que trabalham, que optam por recuperar o funcionário em vez de ter despesa treinando um substituto.

Há também aquelas famílias que obrigam o parente problemático a se tratar, não importando se surtirá efeito. Seja qual for o motivo, a internação é sempre um dia para ser esquecido.

Veja como são as coisas: para mim, aquele 01/03/2007 me viu acordar cheia de entusiasmo, parecia que era Natal e eu era uma criança atrás da sua bicicleta.

Entrei pela porta da clínica alcoolizada até a tampa e fiz questão de cumprimentar um a um os outros internos. Alguns estranharam: “Aonde ela acha que está chegando, ao Paiol Grande?”.

Estava eufórica por finalmente me encontrar diante da linha de chegada.

Dali não passaria. Mas primeiro tinha de viver o processo.

Queria um incentivo para me ajudar a contar carneirinhos, na forma de remédio para dormir, mas o exame clínico comprovou que não havia necessidade de medicamentos para controlar humor, pressão *etc.*

Colocaram-me no quarto com uma “garota interrompida” de uns 20 e poucos, craqueira em início de jornada.

Ela não dormia nem parava quieta. Mas eu era uma mulher com uma missão e não deixaria que ninguém interferisse no meu propósito. Mesmo encontrando muita dificuldade para pegar no sono, deitava, fingia dormir, e só voltava a falar com ela na manhã do dia seguinte: “Posso ir ou você quer usar o banheiro?”.

Antes do café da manhã, cada paciente tinha de cumprir uma tarefa, faz parte da terapia. A mim estava designado varrer o terraço da piscina e todo o entorno da casa.

Cumpri a obrigação nos primeiros seis ou sete dias. Depois, os “parças” de quem fiquei “chapa” não mais deixavam que a “senhora asmática” pegasse no breu.

Essa internação descortinou um mundo para mim. A meu favor, sempre fui uma pessoa que conversa com todos, todos mesmo, em qualquer situação e sobre qualquer assunto. Talvez por acanhamento de pertencer a um país tão injusto e fazer parte do lado em que as pessoas se acham diferentes (melhores) do que as outras, sempre saí do meu caminho para deixar claro que não faço esse tipo de distinção entre seres humanos.

Desde sempre, falo de igual para igual e transito entre diversos grupos sociais. Algum predicado, diante de tantos

defeitos, eu tenho de ter, não é mesmo? E me colocar no lugar do outro talvez seja um dos meus maiores talentos.

Na clínica, logo de cara, cheguei ao pessoal que tinha sido encaminhado para lá pela assistência social. Como o Lucas, dependente de cocaína e reincidente na clínica, funcionário da Eletropaulo, uma filha de colo, pais que dependiam dele e mulher que já tinha pensado em deixá-lo, mas que não perdiam uma visita.

Ou o Mateus, pacato funcionário público de meia-idade, barrigão de chope, família numerosa, o tipo de sujeito que não chama atenção nem quando se está sozinho com ele. Mas bastava começar a contar os "causos" que ele pegava pesado na bravata, desandava a falar sobre dar porrada, armas e quantos tiros já tinha dado neste e naquele churrasco quando estava loucão.

Ou o Santo, o mais inteligente do grupo, cicatriz em formato circular na bochecha, resultado de uma briga de bar em que o oponente lhe enfiara um copo americano na cara. Guitarrista, lutador de artes marciais, leitor voraz de clássicos cabeçudos, ele citava os filósofos e deixava transparecer um fatalismo sombrio. Tinha certeza de que seu passado de drogas injetáveis, crack, cocaína, brigas e encrencas com a lei acabaria emparelhando com ele. O filho pequeno com a mulher de sua vida, que o tinha abandonado por conta da dependência, era o único alento. Virou um ritual, entre uma sessão e outra de terapia na Vila Serena, sentarmos juntos na varanda da piscina que dava para a represa para ouvir um programa de jazz num radinho de pilha que descolamos jogado numa sala da clínica.

Santo virou meu confidente, e eu me abria com ele, que tinha idade para ser meu filho. Percebia que alguma coisa o atormentava. Acabou me contando que tinha se metido numa briga e matado um cara. Não haveria alternativa: um dos dois tinha de morrer.

Daí tinha o Pedro, meu parceiro alma gêmea, três filhos pequenos, despejo recente, operador de escavadeira da Sabesp, o tipo de sujeito com quem gosto de conversar, humor fluído, bagunceiro; foi identificação imediata.

Seu negócio era crack, e ele tinha todo um élan para lidar com sua tragédia particular.

Contou-me que fora escalado para trabalhar na obra do Rodoanel e que contraíra uma dívida na biqueira de crack mais próxima. Sem dinheiro para pagar e ameaçado de morte, numa noite juntou todos os seus pertences, inclusive a cama em que dormia, colocou tudo na pá da escavadeira e saiu dirigindo aquele veículo enorme no escuro.

Foi internado dias depois; e podia ter acontecido bem pior. A temporada na Vila Serena provavelmente também o livrou de morrer assassinado.

Na frente da equipe da clínica e dos pacientes que tinham dinheiro, os rapazes se comportavam com sobriedade, ninguém ali dava pinta de maluco ou de malandro, todo mundo falava pouco e sério. Mas, quando estávamos só nós, no intervalo entre uma e outra programação do tratamento, eles eram mais espontâneos. Falavam com uma clareza reveladora sobre como é viver na periferia e sobre suas relações com autoridades, que mais ameaçam do que protegem. Aprendi que não tem otário na periferia. Ali o perigo é constante e iminente e vem sempre de cima para baixo. Ninguém pode se dar ao luxo de bobear, nem funcionário da Sabesp, do Metrô, da Petrobras, pai de família estabelecido ou de reputação intocada.

Sobreviver nas franjas num país como o nosso requer o exercício diário de vários talentos. A lógica do mocinho e do bandido não existe no chão esburacado de áreas sem iluminação, saneamento e meios das nossas periferias.

O rico sempre disposto a defender a tal “meritocracia” não entende como funciona a rede de proteção das igrejas pentecostais nem do crime organizado.

Ninguém ali está preocupado em dar pinta de ser “gente de bem”. Ser negro, pobre, morador da periferia é o que é: por via das dúvidas e em qualquer eventualidade, a culpa será sempre sua. Você é o ignorante, o inculto, o que não articula e que levará desvantagem em qualquer comparação. Sua lógica nunca é compreendida pelo lado de lá do muro do *apartheid*, eternamente intimidado de que a periferia se rebele e cause tumulto.

A vida desses meus colegas de clínica era tão diferente da minha que fica difícil entender como cabemos na mesma cidade ou na mesma cultura.

Aprendi que, a partir do seu lugar na sociedade, dizer o que pensa é uma estupidez, não leva a nada. A indignação de burgueses e dos ricos contra o estado das coisas não passa de futilidade para quem todo dia enfrenta o pior e não pode contar com nenhuma solidariedade. A cidadania é uma piada, nem sequer CEP os caras têm para receber entrega das Casas Bahia. Dá para discutir dignidade ou meritocracia diante desse abismo?

Comecei a entender várias coisas nessa minha internação e dou graças a Deus por ter conhecido esses caras – de quem obviamente não revelo o nome verdadeiro. Hoje sou uma velha louca sóbria que está a serviço da causa da periferia e de suas expressões culturais. Quando penso que já me manifestei dizendo que achava o hip-hop coisa de bandido, sinto imensa vergonha. Eu estava errada. E os caras me abriram os olhos sem nem saber que estavam fazendo isso. Só por me aceitar e falar comigo abertamente.

A comida da clínica, de quase toda clínica de reabilitação, é farta e deliciosa. O paciente entra lá debilitado, precisando ganhar forças, e a comida precisa ser abundante nessa fase.

E ninguém se preocupa com o cigarro. Isso fica sempre para bem mais tarde. Não dá para querer se ver livre de tudo de uma vez só, é questão de prioridade. Acredite.

A programação é focada. Salas de terapia de grupo, depois exercícios de concentração, ginástica, meditação, horário dedicado à leitura da literatura sobre alcoolismo e muitos e muitos exercícios escritos para ajudar a lidar com as culpas e os medos.

Na primeira saída do grupo, nos levaram a uma sala de Narcóticos Anônimos no Campo Limpo, ou seja, bem longe da minha realidade. Eu que só conhecia as salas do centro da cidade e dos Jardins. Fiquei intrigada com um carinha que chegou de Ducati, capacete igual ao do Valentino Rossi debaixo do braço e relógio Audemars Piguet no pulso. Dei risada durante o seu depoimento quando ele reforçou o mandamento da

irmandade que se refere ao anonimato. Para você ver: o programa dos 12 Passos é tão abrangente e democrático que é capaz de reunir na mesma sala as mais improváveis pessoas. Contanto que elas tenham um propósito em comum.

Na saída dessa reunião, uma das coordenadoras, uma senhora mais velha, me puxou de lado e falou: “Se tivesse de apostar, diria que você está pronta e não vai mais recair”. Nunca esqueci a sua força.

Depois de vinte e oito dias, saí de lá serena. Para nunca mais beber.

Kanreki

No Japão, a entrada nos 60 anos é chamada de *kanreki* e celebrada como uma das etapas mais alegres da vida. Para nós, o marco dos 60 é melancólico, a arapuca da terceira idade, a partir da qual entramos em modo de “contagem regressiva”, pensando menos no que ainda temos pela frente do que no tempo que ainda nos resta. Ou, como diria o outro, “com a boca escancarada cheia de dentes (talvez nem tantos assim) esperando a morte chegar”.

Para os japoneses, o *kanreki* é o despertar de uma nova infância, o início de uma fase de despreocupação em que você volta a viver apenas o dia a dia sem grandes complicações de uma criança.

Estava prestes a completar 60 anos quando descobri essa história de *kanreki*. Fez todo sentido para mim: depois que parei de beber, deixei a vida me levar.

Meus pais morreram, eu me apaixonei de novo e consegui um trabalho que me deu uma projeção pública que trinta e dois anos de jornalismo escrito, a despeito de todo o prestígio, sempre muito bem-vindo, não foram capazes de proporcionar.

Assim que parei de beber, passei um bom par de anos sem saber qual era a minha essência. Não me conhecia mais sem a energia destrutiva, ficava muito vulnerável quando me via exposta, sensível ou até mesmo feminina de um jeito que eu não reconhecia.

Passei por um período completamente travada, tudo me dava vergonha, sentia vontade de chorar por qualquer coisinha. Quem mandou esperar até a menopausa para parar de beber

definitivamente, não é mesmo? Agora eu tinha dois estágios de altos e baixos para lidar ao mesmo tempo, uma coisa assim montanha-russa do parque da Universal Studios.

O programa de recuperação sugere que a pessoa esteja bem consolidada no propósito de não beber antes de se aventurar romanticamente. Melhor não arriscar uma recaída por decepção amorosa, pois sabemos que a fossa e a bebida andam de mãos dadas, *né*, Maysa?

Há quem diga que o alcoólatra em recuperação deve cuidar primeiro de uma planta, depois de um animal de estimação e, só depois de se certificar de que é capaz dessas duas coisas, arrumar alguém para namorar.

No filme *28 Dias*, com Sandra Bullock, há uma cena memorável de um dos dependentes numa floricultura. Ele está desesperado diante de um vaso, dizendo: “Pelo amor de Deus, me diga que a minha planta não morreu!”.

Quando saí da Vila Serena, eu tinha 50 anos. Coloquei três marcos como meta da nova vida: a primeira vez que eu encarasse uma pista de dança sóbria; a primeira vez que cantasse sóbria num karaokê e a primeira vez que transasse com alguém de quem gosto sem beber.

Demorei mais dois anos para realizar os três feitos, todos mais ou menos ensejados na mesma época e relacionados à mesma pessoa.

Marcela é o tipo de mulher que não passaria nem sequer na mesma calçada da Barbara doidona que deixei para trás. Melhor assim. O personagem bombástico que construí ao longo dos anos não me cai mais bem. Definitivamente não sou mais aquela pessoa em que a bebida me transformava. Eu também não namoraria a Barbara falecida.

Mas, atente: ainda passo a vida tentando domar meus instintos compulsivos, comer pouco, falar menos, ser menos sistemática. Continua a ser um desafio diário manter a compulsão em níveis camaradas.

Também tenho de dar especial atenção ao meu pavio curto, à minha tendência de me frustrar por qualquer coisinha e à

necessidade de ser o centro das atenções. Meus humores continuam a dar trabalho.

É claro que o álcool deixou sua marca no sistema nervoso e eu preciso estar sempre alerta para não me exaltar e para manter o estresse sob controle.

Mas é só. Não sobraram degenerações físicas, e, mais importante de tudo, não sinto vontade nenhuma de beber. Nunca. Nem me lembro de que bebida e cigarro existem. Não ficou aquele buraco a ser preenchido por outra coisa. Tenho consciência do que aconteceria comigo se eu bebesse. E não quero arriscar voltar para esse lugar “nem a pau, Juvenal”.

Quando entro no supermercado, desvio automaticamente do corredor das bebidas – dou risada quando me pego fazendo isso.

Continuo indo a festas, mas não fico mais a noite inteira. Meu fuso horário mudou em função do da minha mulher, que tem filhos que acordam cedo para ir à escola.

Não ligo que bebam na minha frente. Ao contrário, me solto junto com quem está bebendo e aproveito para falar absurdos e para rir. Continuo gostando mais de rir do que de sorvete, modo de dizer. Afinal, na maioria das vezes, sigo sendo a mais espalhafatosa de cada ambiente em que me encontro.

Não sou mais aquela boêmia, mas não perdi a vocação que Deus me deu de divertir as pessoas. Meus amigos me contam que acham incrível que eu, a seco, ainda seja a mesma engraçada-tiradora de sarro.

Relaxei, e estou adorando a sensação. A ansiedade para mim era veneno, sem contar o baixo astral que me fazia sentir. Não tenho mais aquele afã de engolir o mundo, desacelerei e ultimamente não ando precisando de mais nada para ficar ali uma “Madalena, sentada numa pedra, comendo farinha seca”.

Renovei a minha biblioteca, porque minha visão melhorou consideravelmente depois de operar de novo meu olho danificado no acidente da avenida Paulista, com o mesmo dr. Tadeu Cvintal, trinta anos depois da primeira cirurgia.

Dos 60 anos em diante, meus planos são ler e reler os livros que me interessam e viajar um pouco com minha mulher e seus dois filhos, a quem tenho como sobrinhos.

Não quero muito mais. Aos 60 você já entendeu que as coisas ruins vêm e depois passam, daí vêm de novo. Não existem mais sobressaltos quando a gente precisa enfrentar outra fase tenebrosa, porque essa também vai passar. O que sobra de tudo, sempre, o que a gente leva como valor e a única coisa que importa de verdade, por incrível que pareça, é mesmo o tal do amor, a amizade e se você conseguiu impactar positivamente a vida das pessoas ao seu redor.

Não é à toa que gente como Bill Gates e Warren Buffett entenderam que usar suas vastas fortunas para ajudar a humanidade traria recompensa maior que ficar sentado em cima de uma montanha de cacarecos.

O Prêmio Nobel de Economia de 2015 foi para Angus Deaton, especialista em desenvolvimento econômico e desigualdade, pelo estudo em que conclui que não é o dinheiro o componente mais importante para determinar a felicidade, mas a sensação de ser útil para o próximo.

Aos 60 anos, descobri que a vida é isso e não muito mais. Que grandes expectativas só servem para nos frustrar. O bacana é conseguir se empolgar com a vida pequena, não precisar devorar o mundo para ser feliz. Uma vida simples do tipo que eu antigamente teria desdenhado.

Enfim entendi que importante é focar nos detalhes e nos sentimentos. E, sobretudo, que vale a pena se doar, nem que seja simplesmente prestando atenção no que a outra pessoa tem a dizer.

Não sou mais refém de nenhuma droga, não preciso investir tempo precioso de vida às voltas com a obtenção de substâncias ou situações que me tragam o barato que eu por tantos anos valorizei acima do bem e do mal.

Comemorei meu aniversário de 60 anos em Nova York. Minha irmã me ligou do Brasil para dar os parabéns: “Você está entrando nos 60 muito melhor do que entrou nos 40 ou nos 50”.

O pesadelo acabou, não vivo mais acuada. Há mais de uma década não acordo vestida numa cama que não sei de quem é, não sinto medo, nem culpa, nem desespero, e sei exatamente o que fiz na noite anterior.

Há mais de dez anos não conheço a sensação de ressaca e não tenho de ficar forçando a memória para lembrar porque estou tendo um mau pressentimento sobre as coisas que fiz. Há quatro mil dias acordo sabendo que meu carro está na garagem – e intacto.

Não gasto mais uma fortuna em cigarros, uísque de origem duvidosa da padaria ou da loja de conveniência do posto de gasolina e nem preciso correr riscos estúpidos em encontros fortuitos com gentalha e drogas batizadas.

Sei muito bem que não tenho controle sobre nada, mas me garanto renovando a cada 24 horas o meu propósito de não beber. A serenidade caminha comigo e todo o esforço feito em nome dela valeu a pena.

O desejo de equilíbrio, que sempre invoquei ao avistar a primeira estrela no céu, e que a vida inteira pareceu tão inatingível, agora está ao alcance da mão.

Só por hoje.

Os 12 Passos de Narcóticos Anônimos

1º Admitimos que éramos impotentes perante a nossa adição, que nossas vidas tinham se tornado incontroláveis.

2º Viemos a acreditar que um Poder maior do que nós poderia devolver-nos à sanidade.

3º Decidimos entregar nossa vontade e nossas vidas aos cuidados de Deus, da maneira como nós o compreendíamos.

4º Fizemos um profundo e destemido inventário moral de nós mesmos.

5º Admitimos a Deus, a nós mesmos e a outro ser humano a natureza exata das nossas falhas.

6º Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.

7º Humildemente pedimos a Ele que removesse nossos defeitos.

8º Fizemos uma lista de todas as pessoas que tínhamos prejudicado, e nos dispusemos a fazer reparações a todas elas.

9º Fizemos reparações diretas a tais pessoas, sempre que possível, exceto quando fazê-lo pudesse prejudicá-las ou a outras.

10º Continuamos fazendo o inventário pessoal e, quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente.

11º Procuramos, através de prece e meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, da maneira como nós O compreendíamos, rogando apenas o conhecimento da Sua vontade em relação a nós, e o poder de realizar essa vontade.

12º Tendo experimentado um despertar espiritual, como resultado destes passos, procuramos levar esta mensagem a outros adictos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades.

Carta de C. G. Jung a Bill W.

PROF. DR. C. G. JUNG

KÜSNACHT-ZÜRICH
SEESTRASSE 228

January 30, 1961

Mr. William G. Wilson
Alcoholics Anonymous
Box 459 Grand Central Station
New York 17, N.Y.

Dear Mr. Wilson,
your letter has been very welcome indeed.
I had no news from Roland H. anymore and often wondered what has been his fate.
Our conversation which he has adequately reported to you had an aspect of which he did not know. The reason, that I could not tell him everything, that those days I had to be exceedingly careful of what I said. I had found out that I was misunderstood in every possible way. Thus I was very careful when I talked to Roland H. But what I really thought about, was the result of many experiences with men of his kind.
His craving for alcohol was the equivalent on a low level of the spiritual thirst of our being for wholeness, expressed in medieval language: the union with God.[1]
How could one formulate such as insight in a language that is not misunderstood in our days?
The only right and legitimate way to such an experience is, that it happens to you in reality and it can only happen to you when you walk on a path, which leads you to higher understanding. You might be led to that goal by an act of grace or though a personal and honest contact with friends, or through a higher education of the mind beyond the confines of mere rationalism. I see from your letter that Roland H. has chosen the second way, which was, under the circumstances, obviously the best one.
I am strongly convinced that the evil principle prevailing in this world, leads the unrecognized spiritual need into perdition, if it is not counteracted either by real religious insight or by the protective wall of human community. An ordinary man, not protected by an action from above and isolated in society cannot resist the power of evil, which is called very aptly the Devil. But the use of such words arouse so many mistakes that one can only keep aloof from them as much as possible.
These are the reasons why I could not give a full and sufficiant explanation to Roland H. but I am risking it with you, because I conclude from your very decent and honest letter, that you have acquired a point of view above the misleading platitudes, one usually hears about alcoholism.
You see, Alcohol in Latin is "spiritus" and you use the same word for the highest religious experience as well as for the most depraving poison. The helpful formula therefore is: spiritus contra spiritum.

Thanking you again for your kind letter
I remain
yours sincerely
C. G. Jung.

[1] "As the hart panteth after the water brooks, so panteth my soul after thee, O God." (Psalm 42,1)

30 de Janeiro de 1961

Caro, Sr. Wilson,

A sua carta foi-me realmente bem-vinda.

Não tive mais notícias de Roland H. e muitas vezes desejei saber o seu destino. O diálogo que mantivemos, ele e eu, e que ele muito fielmente lhe transmitiu, teve um aspecto que ele mesmo desconheceu. A razão pela qual não pude dizer-lhe tudo foi que naquela época eu tinha de ser cuidadoso com tudo o que dizia. Eu havia descoberto que estava sendo de todas as maneiras mal interpretado.

Portanto, tive de ser muito cuidadoso ao conversar com Roland H. Mas o que eu realmente concluí de seu caso foi o resultado de minhas inúmeras experiências com casos semelhantes ao dele. Sua fixação ao álcool era o equivalente, num grau inferior, à sede espiritual do nosso ser pela totalidade expressa em linguagem medieval, pela união com Deus. Como poderia alguém, naqueles dias, expor tal pensamento sem ser mal interpretado? O único caminho correto e legítimo para tal experiência é que ela aconteça para você na realidade, e ela só poderá lhe acontecer se você procurar um caminho que o leve a uma compreensão mais alta. E você poderá ser conduzido a esta meta pela ação da graça, pela convivência pessoal honesta com os amigos ou por meio de uma educação mais elevada da mente, para além dos limites do mero racionalismo.

Vi pela sua carta que Roland H. escolheu pela segunda opção, que nas suas circunstâncias era, sem dúvida, a melhor.

Estou firmemente convencido de que o princípio do mal que prevalece no mundo conduz às necessidades espirituais, que, quando negadas, levam à perdição se ele não é contrabalanceado por uma experiência religiosa ou pelas barreiras protetoras da comunidade humana. Um homem comum, desligado dos planos superiores, isolado de sua comunidade, não pode resistir aos poderes do mal, muito propriamente chamado de Demônio. Mas o uso de tais palavras nos leva a enganos; por isso, temos de nos manter afastados delas, tanto quanto possível.

Eis as razões pelas quais não pude dar a Roland H. plena e suficiente explicação. Estou arriscando-me a dá-la a você por ter concluído, pela sua carta decente e honesta, que você já adquiriu

uma visão superior do problema do alcoolismo, bem acima dos lugares comuns que, via de regra, ouvem-se sobre ele.

Veja você que “álcool” em latim significa “espírito”; no entanto, usamos a mesma palavra tanto para designar a mais alta experiência religiosa como para designar o mais depravador dos venenos.

A receita então é “spiritus” contra “spiritum”.

Agradecendo-lhe novamente por sua amável carta, eu me reafirmo,

Seu sinceramente, C. G. Jung

Os outros que ajudam (ou não)

Contardo Calligaris
Folha de S.Paulo 12/07/2012

Muitos anos atrás, conheci um alcoólatra, que, aos 40 anos, quis parar de beber. O que o levou a decidir foi um acidente no qual ele, bêbado, quase provocara a morte da companheira que ele amava, por quem se sentia amado e que esperava um filho dele.

O homem frequentou os Alcoólatras Anônimos. Deu certo, mas, depois de um tempo, houve uma recaída brutal. Desanimado, mas não menos decidido, com o consenso de seu grupo dos AA, o homem se internou numa clínica especializada, onde ficou quase um ano – renunciando a conviver com o filho bebê.

Ele voltou para casa (e para as reuniões dos AA), convencido de que nunca deixaria de ser um alcoólatra – apenas poderia se tornar, um dia, um “alcoólatra abstêmio”.

Mesmo assim, um dia, depois de dois anos, ele se declarou relativamente fora de perigo. Naquele dia, o homem colocou o filhinho na cama e, enfim, sentou-se na mesa para festejar e jantar.

E eis que a mulher dele chegou da cozinha erguendo, triunfalmente, uma garrafa de “premier cru” de Château Lafite: agora que ele estava bem, certamente ele poderia apreciar um grande vinho, para brindar, não é?

O homem saiu na noite batendo a porta. A mulher que ele amava era uma idiota? Ou ela era (e sempre tinha sido) companheira, não da vida do marido, mas de sua

autodestruição? Seja como for, a mulher dessa história não é um caso isolado.

Quem foi fumante e conseguiu parar, quase certamente encontrou um dia um amigo que lhe propôs um cigarro “sem drama”: agora que você parou, vai poder fumar de vez em quando – só um não pode fazer mal.

Também há parentes e próximos que patrocinam qualquer exceção ao regime que você tenta manter estoicamente: se for só hoje, uma massa não vai fazer diferença, nem uma carne vermelha. Seja qual for a razão de seu regime e a autoridade de quem o prescreveu, para parentes e próximos, parece que há um prazer em você transgredir.

Em suma, há hábitos que encurtam a vida, comprometem as chances de se relacionar amorosa e sexualmente e, mais geralmente, levam o indivíduo a lidar com um desprezo do qual ele não sabe mais se vem dos outros ou dele mesmo.

Se você precisar se desfazer de um desses hábitos, procure encorajamento em qualquer programa que o leve a encontrar outros que vivem o mesmo drama e querem os mesmos resultados que você. É desses outros que você pode esperar respeito pelo seu esforço – e até elogio (quando merecido).

Hoje, encontrar esses outros é fácil. Há comunidades on-line de pessoas que querem se livrar de seu sedentarismo, de sua obesidade, do fumo, do alcoolismo, da toxicomania *etc.* Os membros de uma comunidade registram e transmitem, todos os dias, seus fracassos e seus sucessos. No caso do peso, por exemplo, há uma comunidade cujos membros instalam em casa uma balança conectada à internet: o indivíduo se pesa, e a comunidade sabe imediatamente se ele progrediu ou não.

Parêntese. A balança on-line não funciona pela vergonha que provoca em quem engorda, mas pelos elogios conquistados por quem emagrece. Podemos modificar nossos hábitos por sentirmos que nossos esforços estão sendo reconhecidos e encorajados, mas as punições não têm a mesma eficácia. Ou seja, Skinner e o comportamentalismo têm razão: uma chave da mudança de comportamento, quando ela se revela possível, está no reforço que vem dos outros (“Valeu! Força!”).

Já as ideias de Pavlov são menos úteis: os reflexos condicionados existem, mas, em geral, se você estapeia alguém a cada vez que ele come, fuma ou bebe demais, ele não parará de comer, fumar ou beber – apenas passará a comer, fumar e beber com medo.

Volto ao que me importa: por que, na hora de tentar mudar um hábito, é aconselhável procurar um grupo de companheiros de infortúnio desconhecidos? Por que os próximos da gente, na hora em que um reforço positivo seria bem-vindo, preferem nos encorajar a trair nossas próprias intenções?

Há duas hipóteses. Uma é que eles tenham (ou tenham tido) propósitos parecidos com os nossos, mas fracassados; produzindo nosso malogro, eles encontrariam uma reconfortante explicação pelo seu.

Outra, aparentemente mais nobre, diz que é porque eles nos amam e, portanto, querem ser nossa exceção, ou seja, querem ser aqueles que nós amamos mais do que nossa própria decisão de mudar. Como disse Voltaire, “Que Deus me proteja dos meus amigos. Dos inimigos, cuido eu”.

Um convite a Contardo Calligaris

Barbara Gancia
Folha de S.Paulo 12/07/2012

A coluna do Contardo Calligaris de ontem, que menciona seu amigo alcoólatra estimulado a voltar a beber pela mulher foi um clássico. Um clássico equívoco a ser evitado.

Costumo ler o Contardo de joelhos. Mas não ontem. Ali ele trivializou um assunto que não só conheço bem, como sou testemunha diária dos efeitos devastadores que produz, inclusive pela negligência com que é tratado. Não dá para entender a má vontade dos profissionais do país com os Alcoólicos Anônimos, uma irmandade reconhecida no mundo todo pelos excelentes serviços que presta.

O texto de Calligaris me remeteu ao hepatologista de Tarso de Castro, que chegou ao cúmulo de liberar o jornalista, dependente, para tomar uma taça de vinho ao dia.

Não sou especialista, apenas alguém que padece de uma doença que a Organização Mundial da Saúde define como "incurável, progressiva e mortal". E posso atestar que o texto serviu de luva para reafirmar o propósito de que problemas relativos ao álcool devem ser tratados dentro da sala dos Alcoólicos Anônimos, bem longe do divã do psicanalista.

Veja. Quem conhece minimamente os 12 Passos dos AA sabe que o programa não oferece garantias. Mas, a dada altura, por negligência ou mero infortúnio, Contardo diz o seguinte: "O homem frequentou os AA e deu certo". Ora, para nós, membros dos AA, ao contrário, o programa funciona, se muito, "só por

hoje", nunca "dá certo", inexiste esse conceito. Eu posso voltar à ativa daqui a vinte minutos, corro esse risco, é da natureza da doença.

Um dos maiores predicados dos AA, inclusive, é esse. O de me colocar o tempo todo no presente para que eu consiga reduzir a angústia que a lembrança do passado me traz e diminuir a ansiedade que o peso do futuro pode vir a me causar.

Mas de que importa a filosofia dos AA? Bom mesmo é teorizar, não é para isso que serve psiquiatra? Calligaris menciona ainda que, aconselhado pelo seu grupo, o sujeito passou por uma "internação de um ano". De onde tirou um absurdo desses, só Deus sabe. Internação longa nos AA? Em vinte anos de Alcoólicos Anônimos nunca vi essa picaretagem. Aliás, é cada vez mais comum no país a prática criminosa da internação longa que isola o dependente da família e coloca o médico como intermediário todopoderoso, sem que ninguém fiscalize.

Adoro ler o Contardo, ele me explica muitas coisas. Mas não me explica tudo. A psicanálise é aleijada da dimensão espiritual, um caminho muito indicado, senão imprescindível, para alguém como eu, que produz pouca endorfina, dopamina e outros opiatos naturais por conta dos anos que passei mamando destilados. Jung já advertia sobre isso a Bill e Bob, os dois sujeitos que fundaram os Alcoólicos Anônimos. Está documentado.

Fico me perguntando a quem Calligaris refere os casos mais graves de dependência. Não gosto nem de pensar na resposta. Em todo caso, uma atividade não interfere na outra, não é mesmo? O colunista é um, o médico é outro. Vamos deixar assim.

E deixar também um convite para que o amigo Contardo venha assistir a qualquer próxima edição que eu for dar da palestra "Do fundo da garrafa ao domínio da minha vida", em que conto um pouco sobre meu trágico envolvimento com o álcool e como consegui sair desse inferno. Quem sabe ele não se anima a vir conhecer uma sala dos AA por dentro? Só por hoje. Funciona.

Agradecimentos

Ana Lúcia Ribeiro
Ruy Castro
Maria Cecília Marra
Márcio Alemão
Sérgio Dávila

Christiana Pires da Costa
Dorothee Rudiger
Jair Mari
Jorge Figueiredo
Tárcio Mesquita
Ronaldo Laranjeira
Maria de Fátima Braga
Kitty Coelho

Família Frias de Oliveira
Patrice de Camaret
Caio Túlio Costa
Matinas Suzuki Jr.
Luiz Fernando Pacheco
Claudia Matarazzo Miele
Domingos Carlos “Carlito” Batista Milton Seligman
Rodrigo Moccia
Eduardo Logullo
Silvio Luiz
Denise Rossi

Clau Ferreira
Antônia Simone da Silva
Ricardo Fontenelle
Antonio Bivar
Eduardo Ramos
Roberto de Oliveira
Adriana Rivera

Aida Veiga
Cassiano Elek Machado

in memoriam
Fernando Zarif
Luís Carlos e May Street
William T. Mitchell

E, finalmente, à minha família, sem a qual nada disso teria sido possível.

Playlist A saideira

“Rebel Rebel”, David Bowie

“Louras Geladas”, RPM

“O escândalo em família” (“Shame And Scandal In The Family”), O melhor da Jovem Guarda (Sam Elliott) “Mosca na sopa”, Raul Seixas

“Cocaine”, J.J. Cale

“Ovelha negra”, Rita Lee

“Paso”, The Nini Anthem

“Não quero mais andar na contramão” (“No No Song”), Raul Seixas

“Coming Into Los Angeles”, Arlo Guthrie

“Epitaph”, King Crimson

“Carpet Crawlers”, Genesis

“Shine On You Crazy Diamond”, Pink Floyd

“Creep”, Radiohead

“Sober”, Childish Gambino

“Adicto”, Mano Brown

“Cocaína”, Sabotage

“Super Rich Kids”, Frank Ocean

“Love Lockdown”, Kanye West

“Comfortably Numb”, Scissor Sisters

“Mesmo que seja eu”, Marina Lima

“Tears in Heaven”, Eric Clapton

“Runaway”, Kanye West

“Good Vibrations”, The Beach Boys

“The 59th Street Bridge Song” (Feelin’Groovy), Simon & Garfunkel “No No Song”, Ringo Starr

“Friday I’m In Love”, The Cure
“Só por hoje”, Legião Urbana

“Pegue o roteiro musical que Barbara Gancia sugere no fim deste livro, componha uma playlist, instale os fones e comece a ler. Você verá como as saideiras foram em demasia, como as vergonhas não foram poucas e como, merecidamente, a sorte bafeja uma vida. A saga começa com ‘Rebel Rebel’, do David Bowie, e termina com ‘Só por hoje’, da Legião Urbana. Embalado pelos acordes das canções e pelos compassos de uma pena leve, coloquial, irritantemente verdadeira, redundante quando necessário e monumentalmente didática, você não vai conseguir parar de ler.

Alcoólatras em abstenção encontrarão força para dominar uma doença incurável, progressiva e fatal. Futuros alcoólatras pisarão em ponte segura para não se animar a cair de boca na sarjeta. E todos os outros conhecerão o lado negro da força. Barbara lacrou! Ela explica bem como dominou sua vida caótica e surge toda radiante em nova plataforma, o livro, depois de ter dominado revistas, jornais, televisão e internet. Revela-se uma aristocrata, de fato e de espírito, daquelas capazes de se abrir totalmente tanto nos grandes sucessos como nos enormes fracassos. Conta como o permanente combate ao alcoolismo se impõe quando há mais que vontade: há resiliência. Levou tempo, produziu constrangimentos, tristeza, risadas para todos os lados – mas Barbara venceu. Até aqui e não só por hoje. Sóbria, Barbara Gancia continua uma festa.”

Caio Túlio Costa, jornalista, ex-chefe de Barbara Gancia

A jornalista **Barbara Gancia** nasceu em São Paulo, em 10 de outubro de 1957. Foi colunista da *Folha de S. Paulo* por 32 anos (de 1984 até 2016). Trabalhou também nas editoras Três e Abril e no Caderno 2 do jornal *O Estado de S. Paulo*. Na televisão aberta, participou como *ombudsman* do programa de Otávio Mesquita e, de 2002 até 2011, apresentou no canal Bandsports o programa *Dois na Bola* ao lado do mitológico narrador Silvio Luiz. Foi ainda colunista na rádio Bandnews FM, de 2008 até 2015. Desde 2013 integra o elenco do canal GNT, no qual participou como apresentadora do programa *Saia Justa*, de 2013 até 2016.

Família alpina: meu pai, Piero, eu e meu avô Carlo esquiando na Suíça, em 1965.

Minha mãe e sua gargalhada hipnotizante.

Entrevista com o psicólogo Timothy Leary, ícone da contracultura, para a Revista da Folha, 1991.

Encerramento abrupto de minha primeira entrevista para Jô Soares, quando o Programa do Jô ainda era exibido pelo SBT, em 1992.

A piloto Lulla Gancia em pose para a revista Cláudia, *circa* 1966.

Volante do ano – meu pai na capa da revista Autoesporte, na edição de fevereiro de 1967.

Toda-toda exibindo a medalha da conquista do tetra com Carlos Alberto Parreira, Rio de Janeiro, 1994.

Travessura do jornalista e escritor Ruy Castro, Rio de Janeiro, 2008.

Enterro de Ayrton Senna, 5 de maio, 1994, cemitério do Morumbi, São Paulo (foto Juan Esteves).

Jantar em família com minha irmã, Kika e minha mãe, em 2009.

Selinho da Hebe nos bastidores do Fashion Week de São Paulo, 1999.

Na redação da revista *Status*, 1986.

Na editoria de Cotidiano da *Folha de S.Paulo*, em agosto de 1993.

Marcela, a felicidade é loira e gata, 2010.

Com Roberto Muylaert e Bob Fernandes no programa *São Paulo*, *Brasil*, minha primeira passagem pelo canal GNT, em 1996.

Com meu mestre Osmar Santos, digo, Silvio Luiz.

Entrevista com Paulo Maluf, em 1996, quando ele era prefeito de São Paulo.

Equipe *Saia Justa*.

“Há pessoas cujas vidas imploram para ser escritas. O problema é que, para que isso aconteça, essa pessoa precisa estar viva. E Barbara Gancia preferia flertar com a morte, a bordo de copos e mais copos e ao volante de carros suicidas.

Em sua fase esbórnia, Barbara viveu vários filmes de ação, cheios de alçapões invisíveis, quedas no abismo e ataques de ratos. Mas nenhum tão emocionante quanto sua luta pela sobriedade.

Um dia, finalmente, depois de muitas recaídas, Barbara conseguiu parar a história. O resultado é *A saideira*, um livro que só ela poderia ter escrito. E cuja leitura encerra lições para todos nós que, tantas vezes, achamos que os prazeres que a vida nos oferecia estavam sendo dados de graça.”

Ruy Castro, escritor

DOM ORANI TEMPESTA
KATER FILHO
SE QUISER FALAR com DEUS
Os caminhos para se comunicar com o Criador por meio da oração
Planeta

Se quiser falar com Deus

Tempesta, Dom Orani
9788542214857
208 páginas

[Compre agora e leia]

Um guia real para uma oração eficaz Deus sempre nos ouve? Essa é uma pergunta feita com frequência. E é claro que Deus sempre ouve tudo e a todos. Diferentemente de nós, Ele não tem descanso ou pausa. Jesus, antes de ser preso, julgado e condenado à morte na cruz, orou e suplicou ao Pai no Monte das Oliveiras. Assim como o Filho de Deus, é necessário aquietar o coração, usar da comunicação e, a partir dos sinais visíveis que Deus pode enviar, conhecer a vontade do Pai, mesmo em situações de extrema angústia. A oração também é uma ferramenta essencial para falar com o Criador nos momentos de gratidão, de alegria. Em Se quiser falar com Deus descubra o processo de comunicação espiritual, qual a importância dela na sua vida diária, os tipos de oração e manifestação do Espírito Santo no cotidiano e como se transformar em uma pessoa que ora ativamente. O mais

importante é fazer com fé, na certeza de que Ele sempre quer o melhor para todos e de que virá em nosso auxílio.

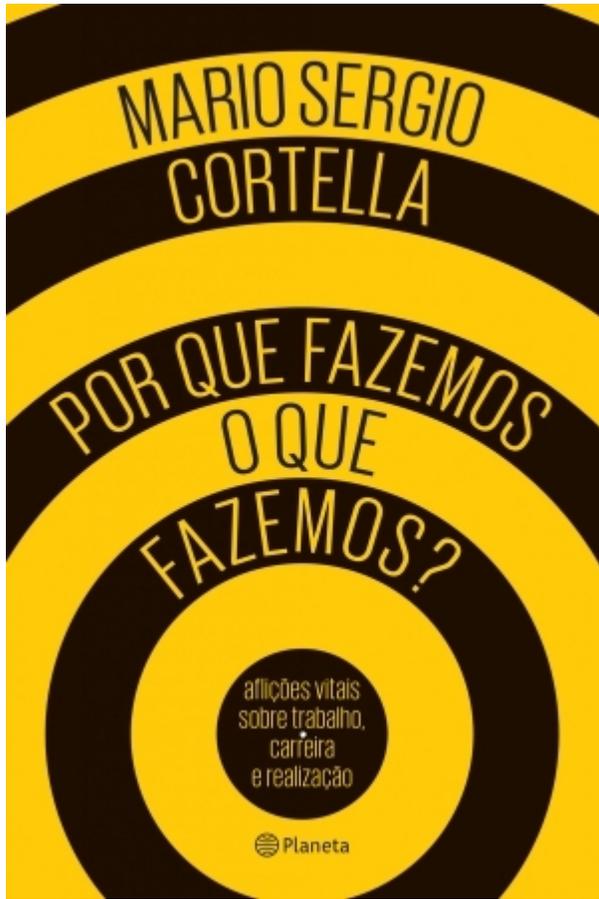
Pe. FÁBIO DE MELO
e LEANDRO KARNAL
PREFÁCIO DE MÁRIO SERGIO CORTELLA
CRER
OU NÃO
CRER
UMA CONVERSA SEM RODEIOS
ENTRE UM HISTORIADOR ATEU
E UM PADRE CATÓLICO
Planeta

mais amados do país com um dos mais populares historiadores. Uma obra que irá agradar e enriquecer milhões de leitores.

Compre agora e leia

WAGNER G. BARREIRA
LAMPIÃO & MARIA BONITA
UMA HISTÓRIA DE AMOR E BALAS
Planeta

seu romance. A saga dos dois é uma história verdadeira que, até hoje, alimenta a mística do cangaço e continua mexendo com o imaginário popular.

MARIO SERGIO
CORTELLA
POR QUE FAZEMOS
O QUE
FAZEMOS?
aflições vitais
sobre trabalho,
carreira
e realização
Planeta

Por que fazemos o que fazemos?

Cortella, Mario Sergio
9788542208160
84 páginas

Compre agora e leia

Bateu aquela preguiça de ir para o escritório na segunda-feira? A falta de tempo virou uma constante? A rotina está tirando o prazer no dia a dia? Anda em dúvida sobre qual é o real objetivo de sua vida? O filósofo e escritor Mario Sergio Cortella desvenda em Por que fazemos o que fazemos? as principais preocupações com relação ao trabalho. Dividido em vinte capítulos, ele aborda questões como a importância de ter uma vida com propósito, a motivação em tempos difíceis, os valores e a lealdade – a si e ao seu emprego. O livro é um verdadeiro manual para todo mundo que tem uma carreira mas vive se questionando sobre o presente e o futuro. Recheado de ensinamentos como "Paciência na turbulência, sabedoria na travessia", é uma obra fundamental para quem sonha com realização profissional sem abrir mão da vida pessoal.

Trabalhe 4 horas por semana

Ferriss, Timothy
9788542208603
336 páginas

Esqueça o velho conceito de trabalho. Não espere chegar a aposentadoria para começar a aproveitar a vida. Se o seu sonho é escapar da rotina, experimentar grandes viagens pelo mundo, ter uma renda mensal de cinco dígitos ou apenas viver mais e trabalhar menos, Trabalhe 4 horas por semana é o livro de que você precisa. Este guia para um novo estilo de vida ensina: Como Timothy Ferriss passou de 40 mil dólares por ano e 80 horas de trabalho por semana para 40 mil dólares por mês e 4 horas por semana; Como treinar seu chefe para que ele valorize desempenho em vez de presença; Como trocar uma longa carreira por pequenos períodos de trabalho e mini aposentadorias frequentes; Mais de 50 dicas práticas e estudos de caso de leitores (inclusive família) que dobraram sua renda, superaram obstáculos em comum e reinventaram si mesmos usando as dicas do livro original como

ponto de partida; Modelos do mundo real que você pode copiar para eliminar seus e-mails, negociar com chefes e clientes, ou conseguir um chef particular por menos de 8 dólares por refeição; Como alguns princípios do estilo de vida podem ser substituídos e adequados para imprevisíveis tempos de crise; Os mais novos truques e ferramentas, bem como atalhos de alta tecnologia, para viver com um diplomata ou milionário sem ser nenhum dos dois.

Table of Contents